

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARCELO DA CRUZ CORTES

O Estado, a ciência e a revolução na história em Peter Kropotkin

Porto Alegre

2017

MARCELO DA CRUZ CORTES

O Estado, a ciência e a revolução na história em Peter Kropotkin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a aquisição do título de mestrado.
Orientador: Prof. Dr. Arthur de Lima Ávila.

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Cortes, Marcelo Cruz

O Estado, a ciência e a revolução na história em
Peter Kropotkin / Marcelo Cortes Cruz. -- 2017.
295 f.

Orientador: Dr. Arthur Ávila De Lima.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2017.

1. Peter Kropotkin. 2. História do anarquismo.
3. Teoria da história. 4. Historicidade. I. De Lima
, Dr. Arthur Ávila, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Arthur de Lima Ávila (UFRGS)

Prof. Dr. Cesar A. B. Guazzelli (UFRGS)

Prof. Dr. Fernando Nicolazzi (UFRGS)

Prof. Dr. Bruno Lima Rocha (UNISINOS)

RESUMO

Proponho apresentar alguns conceitos fundamentais do pensamento de Peter Kropotkin. Este trabalho buscou encontrar um caminho satisfatório para a compreensão da percepção de Peter Kropotkin, naquilo que transcorre sua concepção da história. Peter Kropotkin parte diante da história do anarquismo, para dar forma e conteúdo a sua teoria da história. Estudamos as interpretações do autor, sobre pressupostos como: a ética, a moral, o Estado, a ciência, o evolucionismo e a revolução na história. Sendo que todas essas noções foram entendidas dentro de uma perspectiva histórica, anunciando os conceitos de Peter Kropotkin. Na primeira parte da dissertação é construída uma abordagem biográfica sobre o autor, mostrando alguns acontecimentos que marcaram suas escolhas ideológicas e seu engajamento revolucionário. Nesse primeiro momento podemos perceber a trajetória do atuante construída por meio de um debate, que leva em consideração algumas elaborações evidenciadas em seu contexto, através de uma análise crítica sobre a construção de uma ética e de uma moral, diante das consequências que tais meios revolucionários podem acarretar, deturpando os seus fins. Na segunda parte do trabalho são discutidos os conceitos de Peter Kropotkin, sobre um ponto de vista que coloca as abordagens do autor em diálogo com outras formas de pensar a história, possibilitando aproximações e afastamentos diante desses enfoques, nos trazendo uma discussão um pouco mais profunda diante dessas problemáticas. Portanto, podemos observar tanto a importância de Peter Kropotkin, dentro daquilo que ele ainda pode nos oferecer, para se pensar alguns conceitos de história, quanto sugerir alguns dos limites que suas colocações podem ocasionar, de sorte que ao mesmo tempo destacamos o seu legado diante de seus contestadores.

Palavras-Chaves: Peter Kropotkin - História do anarquismo - Teoria da história - Historicidade.

ABSTRACT

I propose to present some fundamental concepts of Peter Kropotkin's thought. This work sought to find a satisfactory path for the understanding of Peter Kropotkin's perception, in the course of his conception of history. Peter Kropotkin sets out on the history of anarchism to give shape and content to his theory of history. We study the interpretations of the author, on assumptions such as: ethics, morality, state, science, evolutionism and revolution in history. Since all these notions were understood within a historical perspective, announcing the concepts of Peter Kropotkin. In the first part of the dissertation is constructed a biographical approach on the author, showing some events that marked his ideological choices and his revolutionary engagement. In this first moment we can perceive the trajectory of the actant constructed through a debate, which takes into account some elaborations evidenced in its context, through a critical analysis on the construction of an ethics and a moral, in the face of the consequences that such revolutionary means can be detrimental to their ends. In the second part of the paper the concepts of Peter Kropotkin are discussed, from a point of view that puts the author's approaches in dialogue with other ways of thinking about history, allowing approximations and departures from these approaches, bringing us a somewhat deeper discussion facing these problems. So we can see both the importance of Peter Kropotkin, in what he can still offer us, to think of some concepts of history, as to suggest some of the limits that his positions can cause, so that at the same time we highlight his legacy before our answering machines.

Keywords: Peter Kropotkin - History of anarchism - Theory of history - Historicity.

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a formulação desse trabalho. Acredito que o esforço desenvolvido nessa atividade, embora tenha sido produzida em grande parte em condições reservadas, tem suas raízes vinculadas a uma substância coletiva. Com afetos, para muito além de aspectos puramente freudianos agradeço: aos meus pais, Elias dos Santos Cortes, Iliane Maria da Cruz Cortes, meus tios Antônio Carlos Cortes e Egidio Ribeiro Cortes Filho; pessoas que muito admiro, junto de meus amigos, amigas, familiares e colegas que tive a oportunidade de conhecer e receber os manifestos de uma troca de saberes. Os frutos desses conhecimentos passaram por meu orientador Arthur de Lima Ávila, em sua envergadura e as contribuições disciplinares cursadas na instituição UFRGS, para auxiliar de forma coesa a construção deste trabalho. Agradeço as organizações e os movimentos sociais que conheço, participei e participo, onde cedo madrugamos para fazer parte da história não por sorte ou subterfúgios, mas para sermos coerente em ajudar a construir aquilo que acreditamos, sem trocar os fatos pelas causas. Ratifico a transparência e a sinceridade das partes que compõem este trabalho, das críticas construtivas aos alertas necessários, que montam um quadro na busca de construir o papel do historiador quando escreve suas convicções.

Na história, a uma ignorância ignorada.

Uma carniça perfumada.

Em toneladas.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Peter Kropotkin na história	26
1.1. A relevância de uma vida para a história.....	26
1.2. A moral em Peter Kropotkin como último suspiro.....	90
2. O Estado, a ciência e a revolução na história em Peter Kropotkin	128
2.1. O Estado em um formato resignado e crítico.....	128
2.2. Uma ciência contra o cientista.....	152
2.3. O evolucionismo e o apoio mútuo.....	187
2.4. A revolução como condição.....	218
2.5. A História em Peter Kropotkin.....	252
3. Considerações finais	265
4. Fontes de Peter Kropotkin	268
5. Referências gerais	271

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de analisar como Peter Kropotkin compreendeu alguns aspectos importantes, para se pensar uma sociedade em construção ou em ativação. Pretendemos visualizar o anarquismo analisando esse fenômeno dentro daquilo que ele oferece como orientação política e de concepção de mundo, que anuncia as interpretações de Kropotkin em particular. Procuramos, subsequentemente, perceber como o pensador anarquista russo trabalhou o entendimento de alguns conceitos a partir de suas noções.

Analisamos o pensamento de Kropotkin sob a ótica de um debate que leva em consideração seus adversários, adeptos e perspectivas que dialogam com seu pensamento, nos mostrando a importância e a profundidade junto da riqueza e complexidade de suas ideias. Segundo Fernand Braudel a história está sempre recomeçando e as intervenções sociais e interpretativas dessas dinâmicas não esgotam os conteúdos dessas relações históricas.¹

Em um primeiro momento foi feita uma confabulação relacionando alguns aspectos biográficos do autor, destrinchados sob a feição histórica e das atividades políticas promovidas em seu contexto. Uma biografia ativa que promove uma reflexão sob essas condições históricas e sociais destacadas. Os pontos biográficos e históricos aqui descritos, junto de seus alongamentos, fazem parte de uma concepção da história que passa por autores como Wilhelm Dilthey, quando esse coloca a importância deste tipo de abordagem e construção histórica, onde se leva em consideração a vivência como medida intersubjetiva junto da memória em sua historicidade e sua negociação com as ciências.²

Kropotkin pôde desencadear escolhas éticas e morais junto das implicações que essas atribuições trazem para um pensamento histórico. Isso porque o escritor russo sinaliza uma contribuição sob os pressupostos éticos e morais para os revolucionários, devido a sua trajetória e as consequências que a Revolução Russa trouxe, pois logo no início da revolução, Kropotkin desenvolveu uma posição autocrítica diferenciada diante da conduta revolucionária.

A moral em Kropotkin está relacionada com a liberdade, estando fora dos padrões religiosos e utilitaristas. A temporalidade em destaque seria a do contexto histórico em que o agente está inserido e, como dentro desses parâmetros culturais esse pensador pôde construir

¹ BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1987. p.75.

² DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. São Paulo: UNESP, 2010.

e defender suas posições. Os arranjos levantados por Kropotkin é defendido em condicionamentos bem delineados.

Em um segundo momento, fomos construindo uma abordagem vinculada a uma teoria da história sobre seus conceitos fornecidos, montando um enfoque que coloque seu pensamento de forma específica e ao mesmo tempo fazendo aberturas de seus posicionamentos, sobre noções ainda pouco trabalhadas. Os conceitos desenvolvidos, seriam o papel dessas esferas na história: o Estado, a ciência, o evolucionismo e a revolução. Cada seguimento, do pensamento do autor, junto das conexões e debates é fornecido dentro de cada campo ou conceito determinado, respeitando a sua formação, que estabelece pontos interdisciplinares e complexos, sem perder de vista a orientação política e militante que esse pensador carrega. Podemos sugerir, assim, por onde passa o pensamento de Kropotkin: suas ideias, ideais, influências, atividades, mostrando sua força e de outro lado tirando o disfarce dessa imagem que busca isolar o pensamento anarquista na sociedade contemporânea, prejudicando suas pretensões como ideologia e legado histórico. Entretanto, podemos colocar alguns limites das abordagens de Kropotkin, questão essa atribuída a qualquer pensamento audacioso que promove rupturas significativas no pensamento e na história.

As necessidades que justificam o porquê de estudar Kropotkin, seriam pelo fato de que a literatura anarquista na história tem sido pouco estudada. Os motivos que explicam essa desconfiança e lugar de descaso em que o anarquismo foi colocado, tanto como projeto de organização social quanto campo de estudo mais aprofundado, são vastos e complexos. Os projetos políticos que foram produzidos pelos primeiros contratualistas modernos como Hobbes,³ por exemplo, que a palavra *anarquia* vem sofrendo um processo de desqualificação, pois o Estado é colocado como o regulador social mais importante para a construção de uma sociedade moderna. Sendo assim, em grande parte, a palavra *anarquia* começou a ser entendida como sinônimo de desordem social, vinculada a crises de uma sociedade na forma de se organizar. O termo *anarquia* é de origem grega *anarkhos*, significando questões que nos trazem acepções que anunciam pressupostos: contra a hierarquia, ausência de governo e negação de poder. Alexander Berkman assinala essas considerações.⁴ Temos aqui uma palavra que aos poucos, na história, vai ganhando manifestações que formularam noções para um conceito, segundo Reinhart Koselleck.

³ WOLLMANN, Sergio. *O conceito de liberdade no Leviatã de Hobbes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

⁴ BERKMAN, Alexander. *El ABC del comunismo libertario*. Buenos Aires: La Malatesta; Tierra del fuego, 2009. p.199.

A transformação de uma palavra em conceito pode, também, ter um carácter homogeneizante, conforme seu uso na língua examinada. Isso se deve, primeiramente, à ocorrência de polissemia, da qual compartilham tanto as palavras quanto os conceitos – quanto entendidos “apenas” como palavras. Reside aí também sua qualidade histórica comum. Contudo, pode-se entender a polissemia de maneira diferente, dependendo da possibilidade de se compreender ou não uma palavra como conceito. Ainda que os significados abstratos e concretos estejam associados a seus significantes (as palavras), eles se nutrem também do conteúdo suposto, do contexto falado ou escrito e da situação social. Isso vale inicialmente para ambos, palavras e conceitos. O sentido de uma palavra pode ser determinado pelo seu uso. Um conceito ao contrário, para poder ser determinado deve manter-se polissêmico. Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias políticas sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela.⁵

Reinhart Koselleck ratifica como uma palavra ou conceito vai ganhando uma dimensão histórica, recebendo formulações políticas e sociais. Aos poucos o anarquismo foi auferindo forma e se estabelecendo como projeto político e social, indo além do significado de uma palavra. Todas essas prerrogativas, em seu sentido pejorativo, levaram o anarquismo a ser visto e interpretado como uma negação da sociedade. Dentro dessas questões o anarquismo se complexificou, dificultando o seu entendimento. No entanto, não estamos interessados em considerar culpados dentro desses processos históricos. Portanto, o anarquismo seria uma construção histórica, por onde passam diversas forças que promoveram sua construção, sendo ainda hoje um debate significativo e aberto em um processo de edificação.

O anarquismo tem suas várias correntes e não teve um fundador como uma espécie de religião, de matriz monoteísta, que glorifica e facilita uma interpretação mitológica em relação a seu fundador. Michel Onfray nos traduz as medidas dessa forma de pensamento e suas consequências e, no caso, quais seriam os estímulos que uma visão monoteísta impacta sobre nós como cultura.⁶ Mircea Eliade também nos ajuda a pensar esses fenômenos religiosos. A relação dos homens e mulheres na modernidade, muitas vezes, disfarça suas raízes religiosas, camuflando noções sagradas que estão sendo sustentadas por um discurso secularizado; C. S. Rohden assim sustenta essa interpretação sobre o autor.⁷ Um

⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Passado e futuro: contribuição da semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. pp.108-109.

⁶ ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. p.66.

⁷ “A relação do homem moderno com o transcendente é central na modernidade. Sabemos que o mundo do homem moderno se constitui precisamente na recusa de um apelo a uma realidade transcendente. A religião, considerada ora como uma etapa na história do pensamento, ora com alienação ou neurose, foi pouco a pouco abolida dos espaços do mundo moderno. Entretanto, nesse mesmo mundo, crítico voraz da religião, deparamos-nos com o fenômeno do retorno do sagrado. Essa questão vem desafiando teólogos, filósofos e pesquisadores no campo das ciências humanas. Na obra do filósofo e historiador das religiões Mircea Eliade, o retorno do sagrado aos espaços do nosso mundo moderno dessacralizado encontraria de certo modo a sua justificação de fundo no fato de o sagrado ter sobrevivido camufladamente e, dessa forma, jamais ter sido totalmente abolido na

pensador como Kant, igualmente observou essa relação: de uma simples razão se comportar como um fenômeno religioso.⁸ O pensamento religioso pode estabelecer uma forma sistemática e racional, aliás, a própria razão pode se manifestar através de princípios religiosos. Marx não, mas o marxismo, segundo Cornelius Castoriadis: em seu nome, ao monopolizar o movimento operário, por certo período, muito fez dessa doutrinação militante, uma crença “evangélica”.⁹ Uma identificação, que para propor e romper algumas de suas “verdades”, já não vistas, era uma assimilação difícil, fazendo muitos desmoronar e perder suas esperanças, devido ao fato dessa construção estar muito próxima de uma assimilação religiosa, sobre os acontecimentos históricos, impedindo uma autocrítica construtiva ou não.

O próprio “socialismo” teve uma série de vulgarizações, e seus pensadores e pensadoras mais importantes, nem sempre permaneciam a favor daqueles que supostamente estavam agindo em seu nome. O próprio Karl Marx diria que não era um marxista.¹⁰ De tal modo, Bakunin se referia à palavra “anarquia”, de maneira um pouco distante da forma como alguns anarquistas gostariam que ele fizesse; René Berthier assim nos demonstra essa questão.¹¹

As pessoas, na história moderna, que se identificavam com essa nomenclatura, *anarquismo*, eram vistas como pessoas subversivas e que causariam muitos problemas para a sociedade ou aquilo que Michel Foucault identificaria, no caso, as táticas de uma sociedade punitiva sobre determinados grupos sociais.¹² As revoluções modernas acabaram sempre tendo dentro de suas histórias, ideias sociais que percorrem e se definem com várias noções e temas centrais que o anarquismo defende, tanto como método de ação social quanto de concepção de mundo. Essas ideias se encaixavam dentro de uma perspectiva revolucionária e foram ganhando forma através da história moderna, dando a possibilidade do anarquismo se colocar como uma filosofia social e política.

Em sua origem, o “anarquismo” como orientação política nunca teve como preocupação formular mecanismos para se preservar, enquanto filosofia social, na busca de se defender aos ataques formulados por seus contestadores, na forma de um construto “ortodoxo”. Essas posturas acabavam referenciando um lado “voluntarista” ao tom

vida do homem moderno”. ROHDEN, C. S. *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p.9.

⁸ KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. São Paulo: Escala, 2007.

⁹ CASTORIADIS, Cornelius. *A criação histórica o projeto de autonomia*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 1991. p.25.

¹⁰ MARX, Karl; GUESDE, Jules. *The Programme of the parti Ouvrier*. www.marxists.Org.

¹¹ BERTHIER, René. *Prefácio*: SAMIS, Alexandre. *Negras tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011. p.13.

¹² FOUCAULT, Michel. *La vida de los hombres infames*. La Plata: Altamira, 2008. p.37.

construtivo, mas de outro lado se concebe como uma formulação “enfraquecida” em seu sentido autodestrutivo, um beco sem saída, devido a cultura que o abraçava. Desse modo, o “anarquismo” acabou não se precavendo das perseguições, nem de uma justificativa argumentativa coerente que justificasse suas atitudes, dificultando o entendimento de suas propostas, como assim René Berthier percebe.¹³ De outro lado, os seus adversários apelavam e se aproveitavam dessas dificuldades explicativas, se colocando como propostas de sociedades muito acima das ideias e dos princípios anarquistas. Consagrando essas condições, seus adversários negavam o anarquismo enquanto possibilidade de se colocar como um modelo que pode ser usado, se não como um todo, em parte. Pelo fato do anarquismo ter surgido no meio de pessoas simples, ou seja de pessoas destituídas de certo tipo de poder político garantido; as considerações produzidas por esses agentes acabaram sendo subjugadas pela falta de uma história do povo naquele momento. Sendo assim, a história do anarquismo acaba sendo uma consequência, em grande parte, de um mesmo fato. Jules Michelet, nos alerta da falta de uma história que seja constituída pelo povo e sobre seu ponto de vista naquele contexto.¹⁴

A partir do século XIX, o anarquismo começa a se formular como uma proposta política revolucionária e ao mesmo tempo uma visão que busca emancipar o ser humano. Tanto o comunismo como o anarquismo absorveram as ideias e as noções do socialismo. Sabemos das dificuldades em perceber esses movimentos, devido ao fato do anarquismo e do socialismo serem usados como fenômenos antagônicos e, em outros momentos, esses mesmos termos acabam sendo empregados como sinônimos. Errico Malatesta, já naquela época, reconhecia os limites no campo da linguagem, que embarçam nossa comunicação, prejudicando um entendimento mais evidente dessas escolas revolucionárias e do sentido histórico que essas articulações poderiam reproduzir.¹⁵

Aos poucos essas teorias começaram a se misturarem e a se dividirem ao mesmo tempo, sobre pontos específicos, formulando conceitos que podem estar contidos uns nos outros em um mesmo caminho, mas de maneira geral se postam a formular suas divergências mais significativas, com o passar do tempo, no campo estratégico da ênfase política. Sendo

¹³ “É deliberadamente que coloco o termo “anarquismo” entre aspas, por várias razões. De início, porque acho que o termo é particularmente mal escolhido. Designar-se por um termo que cria inevitavelmente a confusão, entre pessoas às quais nos dirigimos, é realmente buscar a dificuldade”. BERTHIER, René, *Prefácio*: SAMIS, Alexandre. *Negras tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011. p.12.

¹⁴ MICHELET, Jules. *O povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

¹⁵ MALATESTA, Errico. *Anarquistas, socialistas e comunistas*. São Paulo: Imaginário, 2014. pp.43-44.

assim, o anarquismo foi se definindo e divergindo do modelo capitalista de sociedade, do próprio socialismo e do comunismo de tradição marxista.

Não há dúvida de que, enquanto concepção de vida política, o anarquismo é um fenômeno relativamente recente. Coincidindo com o aparecimento do nacionalismo e do estatismo e em reação contra estes movimentos, as suas primeiras manifestações ideológicas e práticas datam do século XIX.¹⁶

Jean Préposiet nos indica que o anarquismo é um fenômeno recente na história, enquanto concepção política, uma reação contra o estatismo e o nacionalismo. As escolas socialistas do século XIX começaram a se definir por meio de programas políticos e teóricos. O próprio anarquismo em sua história foi tendo suas escolas internas, se dividindo em correntes chamadas: individualistas, mutualistas, coletivistas, anarco-comunistas e ainda outras. Todas essas perfilações acabam nos mostrando que existem tantas aproximações quanto afastamentos irreconciliáveis, que fazem o anarquismo ser um conteúdo complexo, tanto em relação às correntes que ele se contrapõe, quanto em suas próprias relações internas, criando dissensos políticos de como protagonizar suas lutas e objetivos de cunho prático e teórico. Percebemos na história do anarquismo que não existe uma orientação doutrinária uníssona, existem sim “anarquismos”, partes, que se complementam, mas que não buscam a pretensão de harmonizar um discurso absoluto e linear único. Isso, no entanto, não quer dizer que o anarquismo não tenha uma pauta comum, um único conceito, em princípios que o arrastam para um caminho ligado a outras direções, sem perder o seu conteúdo definidor.

Os anarquistas aceitam as condições que impossibilitam a construção de um saber racionalizado, no sentido de uma comprovação que alcança as categorias de verdades absolutas. A própria “verdade” tem sido utilizada como instrumento de poder, justificativa para opressão social, chantagem psicológica e vontade perversa para a manutenção da ordem. Ou seja, a verdade não é justa e o poder não é inocente. Autores como Michel Foucault, Pascal Engel e Richard Rorty aceitam esse paradoxo; pois o conceito de verdade anuncia uma consequência direta das relações de poder, que se exerce mais para dominar do que para libertar.¹⁷

O anarquismo não busca construir teorias e sistemas científicos racionais como reduto último da certeza do conhecimento. O anarquista é coerentemente percebido dos limites que a própria razão nos oferece não por erro, mas por sua estrutura cognitiva. Nos estudos de Gilles Gaston Granger, podemos entender tal questão pela seguinte ordem:

¹⁶ PRÉPOSIET, Jean. *História do anarquismo*. Lisboa: Edições 70, 2005. p.17.

¹⁷ ENGEL, Pascal; RORTY, Richard. *Para que serve a verdade?* São Paulo: UNESP, 2008.

O racional “epistêmico” aparece no próprio processo de conhecimento, quando esse processo encontra inesperadamente uma propriedade de seu objeto que impede de prosseguir esse processo tal qual. Trata-se então, nesse domínio, de um caso típico de irracionalidade como obstáculo, considerado no *ato* de conhecer.¹⁸

Gilles Gaston Granger nos demonstra que a irracionalidade faz parte do próprio conteúdo da racionalidade, onde o ato de conhecer pode estar sendo refém de uma irracionalidade. Esses procedimentos não colocariam o anarquismo como um apologista do irracional e de um relativismo ingênuo, situando acepções terminológicas que anunciam esses sinônimos da palavra em questão, mas nos apontariam que as questões racionais e científicas têm seus limites consolidados de antemão, fazendo parte do próprio processo de raciocinar.

Kropotkin estaria dentro das heranças teóricas do socialismo como proposta política de sociedade, e dentro disso se denominava anarquista comunista ou aquilo que foi a grande teoria criativa, dentro da história do anarquismo, depois de Bakunin. No começo do século XX, Kropotkin e Karl Marx, entre outros, eram pensadores populares almeçados no cenário das lutas socialistas e sindicais, pois forneciam programas políticos bem estabelecidos. Kropotkin foi bastante influenciado pelo seu tempo e, os movimentos sociais de sua época, pelos revolucionários anarquistas e socialistas.

A partir da Revolução Russa, temos no campo chamado de “esquerda” revolucionária, um padrão de medidas que, justificadas ou não, colocaram-se como as únicas formas de transformar a sociedade para algo além do capitalismo, como Joaquim José Felizardo identifica, no caso, um saldo prático e revolucionário, o marxismo-leninismo.¹⁹ Uma verdade “comprovada”, como uma análise de laboratório, testada na história. Portanto, as estratégias e métodos políticos foram petrificados dentro de um absoluto único, uma verdade, como proposta que, de alguma forma, consistiram em se transformar na única iniciativa que pode nos levar a uma emancipação social, por estarem ancoradas numa interpretação que decifra as realidades construídas em nosso mundo “atual”, se pensarmos esse último século que se passou.

No caso, as propostas revolucionárias que “venceram” seus adversários no século XX, não levam em consideração, muitas vezes, quais foram os meios dessa empreitada e as consequências diretas desses fatos. Eduardo Colombo, sobre este ponto, acaba retomando uma passagem de Walter Benjamin, em uma de suas lições sobre a história, dizia: quem quer que domine é sempre herdeiro de todos os vencedores.²⁰ Nesse sentido, é interessante notar

¹⁸ GRANGER, G. G. *O irracional*. São Paulo: Editora UNESCO, 2002. p.15.

¹⁹ FELIZARDO, Joaquim, José. *As duas grandes revoluções*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978. p.99.

²⁰ COLOMBO, Eduardo. *Democracia e poder: escamoteação da vontade*. São Paulo: Intermezzo, 2016. p.112.

que o próprio Marx admitia as noções desse acúmulo aonde se muda o modo de destruição, mas se mantém a violência como forma de desenvolvimento histórico.²¹

A ideia de tomada do poder, um etapismo, no sentido marxista-leninista, para depois disso mudar o mundo, por meio desse protótipo, nos parece hoje uma ideia se não obsoleta fadada a limites.²² Posições, essas, que não parecem empolgar mais os corações críticos, de grande parte dos grupos e pessoas comprometidas pela busca de uma mudança sólida, diante da sociedade.

Os limites colocados pelos modelos e caminhos políticos que foram impostos em nossa sociedade, por essas estratégias revolucionárias, pautadas no século XX, que acabaram se transformando em uma concepção de mundo que foi “derrotada”, não em seu conteúdo, mas em sua forma, isso acabou trazendo certo desestímulo à luta pautada por uma transformação estrutural da sociedade. Onde um crescimento da chamada política de “direita” no mundo não é por uma adesão a ela, mas possivelmente por um desencanto com a “esquerda”, que não consegue fazer as pessoas, e o povo, se identificar nela, não em seus valores, mas pela forma que sua identidade está construída, causando certa aversão, a nível cultural, colocando um passado que não se comunica com o presente, devido sua herança, em parte, estar ligada à Revolução Russa e demais revoluções comunistas no século XX. E seria bom lembrar aqui, que essas ressalvas não trabalham na ideia de que o povo, ou seja, aqueles grupos que constituem a massa social, teriam sempre razão diante das minorias, mas o que não podemos esquecer é que isso não isenta os fatos vistos por essa perspectiva.

Podemos perceber que a história dos anarquistas, em suas propostas políticas e teóricas para a sociedade, confunde-se com a história de Kropotkin, em certa medida, sobre momentos decisivos dessas “ideologias”. Através das ideias desse autor, podemos inspirar e fornecer um campo de estudo para a história. Fizemos um esforço de anunciar por onde o escritor anarquista russo pode nos ajudar a pensar a história sobre conceitos que ainda são importantes. Onde os historiadores possam utilizar as perspectivas de seus pensadores sem precisar recorrer exageradamente a outras disciplinas, para organizar suas teorias como campo disciplinar conceituado, e sem exatamente construir um exclusivismo metodológico,

²¹ MARX, Karl, *O capital: crítica da economia política volume I tomo II*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. pp.379-380.

²² Nesse livro traduzido por Renato Guimarães sobre os textos de Lênin quando esse esteve no poder de 1917-1923, nos demonstram como esses processos se desencadearam, onde os sujeitos são muito mais usados pelo poder do que usam o poder. GUIMARÃES, Renato (org). *Lênin no poder (1917-1923) textos pós-revolução de V.I. Lênin*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

que serve somente para satisfazer uma vaidade intelectual, como o filósofo brasileiro Mathias Aires nos alerta.²³ Agora vejamos:

O problema da objetividade da verdade histórica, obrigamos a considerar nos nossos desenvolvimentos epistemológicos preliminares não só o modelo da relação cognitiva, mas também a verdade. Porque é dela que se tratará no contexto do conhecimento histórico; ora, ela constitui um problema tipicamente filosófico. Uma vez mais, vê-se como são precárias as razões da aversão dos historiadores pela filosofia; a situação de fato demonstra que a ciência histórica, como, aliás, todas as outras ciências colocam problemas que são filosóficos por excelência e que se podem honestamente resolver sem recorrer ao patrimônio da filosofia.²⁴

Adam Schaff nos ajuda a pensar o problema da objetividade na história, deixando uma argumentação favorável para se pensar uma história social vinculada a uma teoria da história. A história, enquanto disciplina, pode consultar outros campos do saber e ao mesmo tempo produzir conceitos coesos no campo da teoria, para sustentar-se como campo autônomo de conhecimento.

As ciências humanas têm como característica transmitirem-se em um diálogo permanente entre várias áreas; onde termina a contribuição de uma, pode começar o aporte da outra. Aonde muitas vezes, determinados conceitos são disputados numa relação de poder, que em outros momentos esses mesmos pressupostos podem ser partilhados e compartilhados, na busca de tentar solucionar problemáticas que interessam a ambos os campos de estudos.

Por exemplo, a questão do discurso e seus desdobramentos podem ser situados por Bachelard e as consequências dessa representação na maneira de pensar a construção do conhecimento, como assim problematiza Vera Lucia G. Felicio.²⁵ Sobre essa mesma temática, a propósito do conhecimento histórico, podemos observar as contribuições de Hayden White, em relação aos obstáculos que nos trazem pensar uma história científica, sem levar em consideração a sua descrição narrativa e as diferentes formas de discursos em que essas escritas estão inseridas. No caso, a constituição dos gêneros literários como forma de narração histórica.²⁶ Nesse sentido o discurso histórico pode ser visto como um estorvo, para a elaboração de um conhecimento científico audacioso, e ao mesmo tempo pode tentar potencializar a constituição de um conhecimento, que nos forneça uma substância

²³ AIRES, Mathias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens e carta sobre a fortuna*. São Paulo: Editora Escala. p.34.

²⁴ SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p.91.

²⁵ FELICIO, Vera Lucia G. *A imaginação simbólica nos quatro elementos bachelardianos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. pp.9-10.

²⁶ WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

considerável e bem delineada. De um lado, saber as origens de determinados acontecimentos não nos garante êxito sobre como entender os seus desenvolvimentos. De outro lado, o conhecimento histórico pode nos fornecer nomenclaturas que fortalecem nosso saber imediato, diante do mundo e da ciência, possibilitando um espaço mínimo de lugar adquirido no tempo como saber reconhecido.

Fizemos abordagens que mostram por onde Kropotkin pode ser compreendido, no sentido de mostrar e atualizar suas ideias e descobertas, anunciando um debate com vários autores, que de alguma forma refletem sobre seus pensamentos, em que uns trabalham suas ideias de forma bastante identificada, enquanto outros autores trabalham em cima de noções e heranças mais indiretas sobre seus conhecimentos. Todos esses pressupostos promovem a grandeza do pensamento do revolucionário russo e do próprio anarquismo.

Dentro desses parâmetros, intuímos que seria necessário fazer uma crítica sobre a história do socialismo, pois nestes últimos séculos a ideologia, em seu sentido negativo ou positivo, pôde fazer uma história impregnada de “fanatismos”, senão exagerados, uma cegueira conveniente, que acaba prejudicando a história desses movimentos revolucionários e suas contribuições. Assim, o socialismo fica à mercê de interpretações que pecam em fazer uma autocrítica criativa, pois compreendem que tal postura colocaria seus adversários em maiores vantagens. Ataques esses, feito ao “socialismo” e a sua história, pois alegam que esses pressupostos, acabaram refletindo no campo da disciplina da história e, a partir desses procedimentos, por causa disso, negam à história um espaço digno de existência, tanto como cultura de conhecimento quanto da sua condição de ciência, já que essas pressuposições socialistas alcançaram bastante influência na epistemologia da história. Karl Popper seria um dos adversários do historicismo.

Os historicistas modernos não parecem, porém, dar-se conta da vetustez de sua doutrina. Acreditam que – e a que mais poderia levar a deificação do modernismo? – Que o tipo de historicismo por eles professado corresponde à mais recente e mais ousada realização do espírito humano, realização tão desconcertantemente original que só umas poucas pessoas suficientemente esclarecidas chegam a aprender. Acreditam, com efeito, que foi por eles descoberto o problema da transformação – que é um dos mais antigos problemas da metafísica especulativa. Estabelecendo contraste entre o pensamento ‘dinâmico’ de que se valem e o pensamento ‘estático’ de todas as gerações precedentes, acreditam que o avanço por eles conseguido se deve a circunstâncias de que, agora, ‘vivemos uma revolução’ que acelerou a velocidade do desenvolvimento até o ponto de hoje ser possível, no espaço de uma vida humana, fazer a experiência, da transformação social. Isso é mitologia pura.²⁷

Embora Karl Popper se coloque contra e admirado por posições densas no campo do conhecimento de cunho historicista, no entanto ele próprio incumbe esse mesmo

²⁷ POPPER, Karl. *A miséria do historicismo*. São Paulo: Cultrix, 1975. p.125.

movimento “axiológico” em seu pensamento. Pois na busca de fazer revelações precisas com seus conceitos de falsificação e falseabilidade, sobre essas formulações, acaba ele não oferecendo nenhum mecanismo que neutralize essas posições.²⁸ Ou seja, ao mesmo tempo, Karl Popper desconfia dos ditos conhecimentos concisos em si mesmos, não percebendo tal contradição que está inserido, sendo ele um dos autores que mais leva em consideração as posições sobre o método científico e a lógica que ele estabelece. Habermas nos auxilia nesse ponto para desconstruir certos exageros feitos por Karl Popper.²⁹ A obra de E.P. Thompson *A miséria da teoria*, também tenta responder a essas desqualificações feitas por Karl Popper e outros autores diante das “verdades” das realidades históricas.³⁰

Deve haver, e há, uma grande vantagem desses adversários, do historicismo, que se colocam contra o conhecimento histórico, em grande parte, seja pela falta de um posicionamento autocrítico dos historiadores, já que o pensamento de Marx e Engels, unido do “socialismo” que foi supostamente vitorioso devido ao impacto da Revolução Russa, em um dado momento, acabou tendo por alguns autores desta modalidade, uma grande influência na disciplina da história, durante o século XX em diante; ou naquilo que Hobsbawm chamaria em um de seus textos: *O que os historiadores devem a Karl Marx?*³¹ A pergunta aqui pode, também, ser invertida: o que Karl Marx deve aos historiadores? Esses “limites” autocríticos podem ser “hoje” bastante evidentes se pensarmos essas últimas décadas, sobre os caminhos seguidos por essas lutas sociais em sua herança com o passado, de quem se reivindicou como os continuadores de Karl Marx.³² Esquecendo que tanto a história, como outros campos que se colocam quanto ciência, ou que se sentem como um conhecimento que

²⁸ POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2013. p.76.

²⁹ HABERMAS, Jürgen. *La lógica de las ciencias sociales*. Madri: Tecnos, 1996. p.49.

³⁰ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

³¹ HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.200.

³² Quando saiu o *Livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão*, no final do século XX, com a colaboração de vários autores, uma polêmica se levantou, muitos foram os que colocam neste livro um conteúdo que estaria dando margem e justificando o capitalismo. Essas posições esquecem que a “esquerda” pode ter suas críticas internas, em que suas avaliações podem ser usadas por um capitalista, digamos oportunista, interessado somente em fazer uma crítica apelativa sem um conteúdo organizado, apenas com o interesse de utilizar essas ideias como meios para manter somente as suas ideias, distorcendo o conteúdo interno dessas críticas. Mas isso não quer dizer que estas denúncias não sejam evidências coerentes contra o “comunismo” colocado em prática na história. Tentar polemizar respondendo a esses problemas argumentando com um *Livro negro do capitalismo*, pode ser muitas vezes uma maneira de minimizar posições que devem ser reconhecidas como equívocos que não podem ser menosprezados. Trazendo-nos um pensamento de soma zero, onde um mais um acabam sendo zero ao invés de dois. Usando uma justificativa que desqualifica e empobrece o debate estratégico dos movimentos sociais. O movimento revolucionário não é um projeto puro, seus erros são necessários devido às condições históricas em que estamos inseridos; denunciar e reconhecer determinados caminhos do passado, que esses movimentos tiveram pode ser uma maneira de evitar uma defesa ideologizada que só contamina e prejudica uma criação autocrítica importante, para se avançar sobre a história do socialismo, do comunismo e do próprio anarquismo, para estes, então, não caírem nos mesmos equívocos.

pode dar suporte às ciências devem por esses mesmos motivos, estarem resguardados a terem momentos de desconstruções críticas bastante significativas na forma de narrar e repensar o passado; Renato Aloizio de Oliveira Gimenez e Margareth Rago nos colocam esses pressupostos.³³

A documentação para atingir esses objetivos, aqui anunciados, compreende uma passagem investigativa por toda a obra de Kropotkin de possível acesso, em que vamos destacar os textos, cartas, artigos e livros que o autor se dedicou. Sendo assim, vemos os demais livros e referências de seus comentadores, que podem justificar as questões que são levantadas nesta ocasião. Pontuamos também que os trabalhos que se dedicam ao pensamento de Kropotkin são escassos, quando não trabalhos didáticos e generalistas. Temos trabalhos que se tornaram importantes sobre o revolucionário anarquista russo, pois o esforço em trabalhar esse autor acaba sendo o privilégio desses empenhos, devido aos poucos trabalhos disponíveis. Essas obras seriam: *La Revolución en Kropotkin* de Jesús Civit, *Pedro Kropotkin* de Luis Blaco Hernandez, *El pensamiento de Kropotkin: ciencia, ética y anarquía* de Ángel Cappelletti, *Peter Kropotkin: From Prince to Rebel* de I. Avakumovic e G. Woodcock e *Kropotkin and the rise of revolutionary anarchism (1872-1886)* de Caroline Cahm e textos reunidos e organizados, como; *Kropotkin* de Maurício Tragtenberg, *Teoria e método: Piotr Kropotkin* de José William Vesentini e *Kropotkin's Revolutionary Pamphlets* de Roger Baldwin. Embora reconheça a seriedade desses trabalhos, o desenvolvido aqui tanto utiliza esses trabalhos como coloca Kropotkin em um debate com autores que estão para além do anarquismo, situando pontos de convergências epistemológicas. Nesse sentido, as demandas levantadas nesse estudo buscam contribuir de tal maneira como os trabalhos anunciados aqui, agentes que foram importantes, auxiliando na construção das abordagens alcançadas nesse esforço dissertativo. Sendo assim, promovemos uma interpretação de Kropotkin pelo viés histórico, na busca de penetrar no pensamento do autor por uma análise que resgate uma teoria da história sobre seus conceitos, abrindo caminhos que inspire possíveis novos trabalhos sobre esse pensador.

O anarquismo comunista de Kropotkin não seria um recorte anarquista sobre o comunismo marxista, mas sim um comunismo anarquista que não fica dependente das formalizações feitas por Karl Marx e F. Engels sobre esse tema. Kropotkin nos coloca que seu comunismo anarquista estaria situado naquilo que percorre uma herança, um período até

³³ RAGO, Margareth; GIMENEZ, Renato Aloizio de Oliveira (org). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas, SP: UNICAMP/ IFCH, 2014. p.6.

os moldes de mais ou menos a data de 1795, um comunismo que ainda buscava-se construir sobre uma tomada de ação baseada na atuação “federativa”. Aqui a concepção de comunismo de 1793 era mais vasta do que a que foi perpetuada em 1848, pois apoiava uma hora à tomada revolucionária e ao mesmo tempo se sustentava sob as forças locais, sem excluir os aspectos dessa pluralidade de interesses. Um autor como Maréchal Sylvain,³⁴ seria um dos expoentes que teria anunciado aquilo que mais tarde foi denominado de comunismo anarquista.³⁵ Após esse cenário, o comunismo começou a se orientar como estratégia determinante, enquanto conquista do poder, considerações que se iniciam com as propostas de Babeuf, que procurava introduzir o comunismo na “democracia” parlamentar. Essas estratégias trariam as concepções de mundo que arrastaram os comunistas para dentro dos parlamentos e, da luta representativa, em nome da revolução, onde a conspiração política e a tomada ao poder passaram a ser a grande prioridade, no caso, a centralização como forma de governar. Questões essas que levariam Bakunin a divergir de algumas medidas reformistas e burocráticas adotadas na Primeira Internacional dos Trabalhadores, e de Lênin por motivos semelhantes em suas críticas ferinas a Segunda Internacional dos Trabalhadores.

Para Kropotkin a anarquia nos leva ao comunismo, assim como o comunismo nos conduz à anarquia, sendo ambas as tendências das sociedades modernas para a procura da construção da igualdade e da liberdade, organizadas dentro da solidariedade que é impulsionada pelo apoio mútuo. O anarco-comunismo, da quarta metade do século XIX, se tornou uma das correntes do anarquismo, onde essa formatação obteve muitos adeptos, e pode contribuir para aquilo que foi denominado como parte de suas pensadoras e de seus pensadores clássicos. Segundo Max Nettlau os primeiros anarquistas comunistas, no final do século XVIII e ao longo do século XIX, aos poucos foram se desenvolvendo como uma orientação que buscava sanar as necessidades das classes trabalhadoras, por caminhos cada vez mais amplos, abordando os problemas em seu sentido geral, sem ficar restritos aos caminhos dos socialismos de saint-simonianos, dos fourieristas e de ainda outros autores.³⁶ O anarquismo comunista tinha como base conciliar essas tendências, no sentido de um programa político, tentando muito mais organizar essas convergências do que contrapô-las. Dito de outro modo, ou seja, uma sociedade nem pautada em um pilar da liberdade e muito menos por um igualitarismo forçado, mas numa articulação dessas disposições. Carlo Cafiero

³⁴ SYLVAIN, Maréchal. *El manifiesto de los iguales*. Omegalfa, 2015.

³⁵ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. pp.505-506.

³⁶ NETTLAU, Max. *História da anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008. pp.99-100.

nos traz pontuações importantes sobre essa questão, seguindo caminhos alocados por companheiros como Reclus e Kropotkin.

No se puede ser anarquista sin ser comunista, porque la más perfecta idea de la limitación contiene en sí misma los gérmenes del autoritarismo. Cualquier limitación que se intente engendrará inmediatamente la ley, el juez y el policía. Debemos ser comunistas porque es en el comunismo donde realizaremos la verdadera igualdad. Debemos ser comunistas, porque el pueblo, que no comprende los sofismas colectivistas, comprende perfectamente el comunismo, como lo han demostrado ya nuestros compañeros Reclus y Kropotkin. Debemos ser comunistas, porque somos anarquistas, porque anarquía y comunismo son los dos términos necesarios de la revolución.³⁷

Carlo Cafiero nos coloca que o anarquismo e o comunismo eram tendências necessárias para a revolução. Segundo Kropotkin, o historiador deve ser um atuante engajado nas transformações da sociedade. Para ele, o Estado cria e interfere na produção dos modos e relações da vida, de forma determinante, impedindo uma afinidade intensa entre os seres humanos. O Estado garante o uso do poder e sua manutenção transfigurando-se como cultura principal de construções socioculturais e históricas. Notamos aqui que o Estado em sua “natureza” é anexionista como Proudhon percebia.³⁸

O conflito está dado historicamente, o próprio município foi sempre um campo de batalha entre a sociedade e o Estado. A humanidade não vive nos Estados e sim em cidades, pois o Estado é uma abstração administrativa; essa relação cria uma tensão entre ambos. O município é a medida para a cooperação comunal alinhada no apoio mútuo, concepção que Kropotkin valoriza como sendo o princípio básico da humanidade contra o Estado, as corporações privadas e o autoritarismo.

A ciência para o escritor russo é atributo da humanidade, e seu lugar é no meio do povo e não como uma atribuição privilegiada, mas operativa dentro da sociedade. A ciência pode se desenvolver em qualquer lugar do mundo, como Miguel Nicolelis argumenta.³⁹ Para Kropotkin a ciência deve ser construída em uma ação social e não um produto vinculado a uma classe específica, um privilégio, pois o conhecimento é fruto da atividade humana, elaborada por todos os seus agentes e não um patrimônio de classe. Nesse aspecto, o autor russo seria um recorte crítico em relação à posição de Thomas Kuhn, onde esse percebe a ciência como sendo uma comunidade fechada. Para Thomas Kuhn a comunidade científica

³⁷CAFIERO, Carlo. *Anarquía y comunismo*. Recuperado el 26 de julio de 2013 desde laalcarriaobrera.blogspot.com Texto presentado en el Congreso de la Federación del Jura de la AIT celebrado en 1880 en La Chaux-de-Fonds. Se publicó por primera vez en el periódico ginebrino Le Révolté. La Biblioteca Anarquista. es.theanarchistlibrary.org, p.7.

³⁸PHOUDHON, Pierre Joseph. *El principio federativo*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2008. p.74.

³⁹NICOLELIS, Miguel. *Muito além de nosso eu: a nova neurociência que une cérebro e máquinas e como ela pode mudar nossas vidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

presta um serviço à coletividade, sendo vista como um grupo fora da “sociedade” nesse sentido.⁴⁰

As ciências naturais ganham um destaque em Kropotkin e o evolucionismo é trabalhado em considerações novas, se levarmos em conta o sentido último de sua interpretação sobre esse tema, no caso o seu conceito de apoio mútuo. O revolucionário anarquista dialoga sobre as tendências egoístas e altruístas da natureza à sociedade humana.

A revolução, na história, recebe uma ênfase bem delineada na argumentação de Kropotkin. Na vida das sociedades, há épocas em que a revolução se torna uma necessidade imperativa onde ela se impõe. O autor encarna o ser revolucionário, pois somente a revolução pode fazer certos cortes paradigmáticos para a emancipação humana.

A revolução é destaque em sua teoria da história, pois as revoluções acabam dando e fornecendo os caminhos para as transformações de seus séculos seguintes, e somente as “revoluções” podem alterar estruturas históricas, culturais, políticas e sociais que estão enraizadas na sociedade.

Deste modo, esse revolucionário construiu uma interpretação da história materialista, vinculando várias áreas de conhecimento, através de suas definições metodológicas indutivas e dedutivas. Colocando-se contra um movimento socialista que trouxesse qualquer justificativa por meios autoritários, pois as consequências de tais medidas são irreversíveis, distorcendo seus fins de maneira peremptória. A história, para Kropotkin, não teria nenhuma necessidade estatal e privada, mas sim seria ela uma decorrência da cultura instalada pelo Estado, na forma de organização social, e é isto que traz tal realidade. O Estado conduzido por tais ideais busca organizar a sociedade, todavia, anuncia um poder provocativo e singular diante da história. É sobre um modelo perpetuado aos padrões e regras deste dito Estado que a história moderna vem se construindo, fomentando instituições privadas e isto seria um foco de estudo para nossas gerações.

Para o escritor russo, ainda estamos vivendo um período de construção do dito “ser humano”, e a ideia de clímax humano ainda não teria chegado, podendo ainda mais nem mesmo chegar. Fortemente influenciado pela historiografia de anarquistas, socialistas, naturalistas, geógrafos, historiadores, e das formulações da ciência de sua época, ele organiza sua concepção da história. Esse pensador nos diz que devemos fazer a revolução, mas também colocar direcionamentos nesta, para que não aconteça que ela própria venha a destruir os ideais que impulsionaram ela a se desenvolver.

⁴⁰ KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. p.201.

No final de sua vida, Kropotkin percebe o processo revolucionário, e sua experiência diante das consequências da Revolução Russa. Sendo assim, ele acaba nos consentindo posições morais e éticas bastante maduras, para fugirmos de uma avaliação histórica maniqueísta, que busca de um lado acusar determinadas conjunturas históricas, e de outro lado justificá-las como um processo naturalizado, dentro de perspectivas “pragmáticas” e meramente sistemáticas. Jean Préposiet nos alerta que Kropotkin estaria longe dos esquemas marxistas, feitas por alguns autores que utilizaram Marx com o propósito de anunciar uma visão histórica de cunho determinista.⁴¹

A problematização de determinados conceitos históricos como o Estado, a ciência e a revolução é tema fundamental para a construção da humanidade. O pensador anarquista russo, em seu tempo, buscou ultrapassar certos limites colocados por sua época. A contribuição de Kropotkin seria parte de estudos para a história e seus desdobramentos, questões que buscamos evidenciar aqui, para possibilitar uma interpretação favorável e compensatória ao trabalho proposto.

⁴¹ PRÉPOSIET, Jean. *História do anarquismo*. Lisboa: Edições 70, 2005. p.311.

1. Peter Kropotkin na história

1.1. A relevância de uma vida para a história

Um sujeito histórico carrega consigo, além de si mesmo, uma relevância construída pelo ritual social que lhe proporciona as condições para exercer tais passagens. As pessoas são supostamente únicas e ao mesmo tempo a expressão dessa unidade se materializa em sua previsibilidade, constituindo o ser humano e as suas relações sobre a natureza, seu meio social e histórico, definindo o sentido dessa complexidade paradoxal. Muito dessas ações e maneiras de perceber a interferência de um sujeito na história, são bastante comuns nas estratégias de transformação social no período em que Kropotkin viveu. G. V. Plekhanov, em um de seus trabalhos, permeou essas desenvolvimentos, a seu modo, sobre o papel do indivíduo na história.⁴²

Temos aqui a história de um personagem que foi um ser crítico e revolucionário, que não se resumia em entender o mundo a partir do que ele é somente. Quando se explica o mundo por aquilo que ele é, acabamos explicando somente o que ele realizou. Expressamos uma parte do mundo, não sua totalidade. Logo, o que ele ainda não realizou é o argumento que sustenta grande parte da relevância de uma vida na história, que questiona para realizar, interferindo naquilo que ainda não é mais pode vir a ser.

Piotr Alexeyevich Kropotkin nasceu em Moscou, na Rússia, no ano de 1842, num período em que ocorriam grandes transformações não somente no seu país, como em grande parte da Europa. Sendo ele de família abastada, logo acabou tendo uma formação de grande impulso. Filho do príncipe Alexei Petrovitch, Kropotkin cresceu na mansão Kaluga; sua família era poderosa, seus antepassados foram grandes príncipes e descendiam da antiga casa real de Rurik, que governou Moscou antes de Romanov. Seu pai foi responsável por sua entrada no exército. Como general rigoroso e severo, que tinha servido ao Tzar Nicolau I, traria seu pai consequências diretas para a vida de Kropotkin.⁴³ Desde muito cedo o autor russo foi criado pelos servos e empregados, não tendo uma relação próxima dos seus pais, sendo essa relação pautada somente por meio da autoridade, fazendo Kropotkin perceber a relação entre senhores e empregados, senhores e escravos. Seu pai mantinha sua casa como se fosse uma fábrica.⁴⁴

⁴² PLEKLANOV, G. V. *O papel do indivíduo na história*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

⁴³ WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas volume I*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p.215.

⁴⁴ BALDWIN, Roger. *Kropotkin's revolutionary pamphlets*. New York: Dover Publications, 1970. p.15.

Kropotkin nasceu em um período histórico de rupturas e continuidades ideológicas e da busca de uma efervescência, daquilo que poderíamos chamar: os desdobramentos da história do socialismo em seu desenvolvimento criativo. Um contexto rico de ideias que ainda oferece ferramentas para denominações modernas e contemporâneas, como tradição referencial que assimila e identifica a noção de “esquerdismo”. Embora essas menções sejam reduzidas a campos específicos através dos séculos, elas são muito mais que um empreendimento fechado e acabado, como Richard Gombin nos coloca.⁴⁵ Neste contexto, as revoluções de 1830 e 1848 dariam o enfoque objetivo que criariam perguntas e problematizações teóricas, das dificuldades às soluções, para que os movimentos operários, na Europa, em seu esforço de proporcionar olhares retroativos aos poderes constituídos daquela época, pudessem dar conta dessas implicações. O impulso criativo e inebriante se arrastava pela herança idealista do pensamento alemão naquele contexto.

La Filosofía de Hegel ha ejercido una gran influencia, no solamente en Alemania, sino en todos los países, sobre todo en Rusia. Pero su influencia fue debida principalmente no a sus construcciones lógicas, sino al fuerte sentimiento vital que se nota en sus escritos. Gracias a ello, la Filosofía hegeliana despertó a los espíritus y produjo un sentimiento revolucionario, aunque al mismo tiempo constituyó una reconciliación de la filosofía con la realidad, tendiendo a la aceptación de todo lo que existe, puesto que según Hegel todo lo que existe es racional. Había en Hegel algunos principios progresistas, lo que permitió a los hegelianos de la izquierda servirse de ellos para justificar sus ideas revolucionarias. Pero la izquierda hegeliana tropezó con el carácter indeciso de la doctrina de Hegel y con su inclinación ante la autoridad del Estado que no admitía crítica de ninguna especie.⁴⁶

Um pensador como Hegel, acabou sendo o grande interlocutor do debate político dos setores progressistas e conservadores das décadas que anteciparam a revolução de 1848.⁴⁷ A Rússia, nesse contexto histórico, seria um caso a parte; a aristocracia russa manteve praticamente durante todo o século XIX sua vocação para o serviço de Estado e sua aversão pela questão agrária e camponesa. O exército era constituído de servos em questões ocasionais, e a nobreza hereditária dominava a estrutura de comando.⁴⁸ Kropotkin pertencia a

⁴⁵ GOMBIN, Richard. *As origens do esquerdismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1972. p.14.

⁴⁶ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net. 1945. p.231.

⁴⁷ Segundo Robert S. Hartam: “O ministro da educação da Prússia, Von Allenstein, chamou Hegel a Berlim para tratar a imaturidade política dos jovens através de uma filosofia que pacientemente explicaria a evolução das realidades sociais e políticas. Não apenas estudantes, mas também funcionários e oficiais assistiram suas aulas e, por mais de uma década, ele foi o que alguns chamaram de Filósofo da Corte Real da Prússia. Isto não fala contra Hegel, mas antes contra o Estado prussiano. Pois que Estado, antes ou depois, pensou em encontrar a cura para seus males políticos no ensinamento de um filósofo, reconhecido como o maior de seu tempo em espírito, independência e integridade, subvencionando-o para uma produção tranqüila, satisfeito antes de o seguir do que de comandá-lo? Assim, enquanto Hegel se tornava o pai da revolução do século XX, ele apaziguava a do século XIX”. HEGEL, F.W. *A razão na história: uma introdução geral da filosofia da história*. São Paulo: Centauro, 2001. pp.12-13.

⁴⁸ ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.346.

essa classe dominante, ocupando esses espaços nessa sociedade. A história da Rússia era constituída de um distanciamento da Europa, sendo desconhecida até o século XVI, e detentora de uma política pautada pela servidão, como René Rémond argumenta.⁴⁹ Este cenário originaria um lugar propício para a proliferação das ideias libertárias e socialistas.

O movimento socialista do século XIX olhava o seu passado recente como nunca; as lutas sociais eram experiências acumuladas pelas revoluções burguesas. Quando examinamos as chamadas revoluções burguesas, o que não podemos perder de vista é seu caráter burguês e seu comportamento pouco “revolucionário”, pois a burguesia, de alguma forma, é uma classe que não faz a revolução, ela não carrega o processo revolucionário com ênfase. Entretanto ela tem a capacidade de se apropriar de suas estruturas e colocar sentido a elas. Ou seja, ela se torna revolucionária na medida em que influência alguns dos valores que a revolução estabelece.

A burguesia apenas participa desses movimentos, mas acaba triunfando, de alguma forma, no sentido de fazer seus interesses serem protagonizados pela sua investida teórica, porque são capazes de elaborar e pôr em prática um projeto social novo. Trazem dentro de si a possibilidade de uma realização “diferente” para a construção de uma nova sociedade. Mesmo não tendo o tom revolucionário dentro de si, ela tem uma proposta não exatamente automática e garantida, mas tem o poder de substituição do “novo” pelo velho, devido às crises sociais, dando o formato inovador que a sociedade precisa e espera, diante à situação problemática que a história põe em suas mãos.⁵⁰ E dentro desse formato, a burguesia se torna uma classe que se impõe com grande força teórica e prática. Questão essa que muito deslumbrava, mesmo, os próprios revolucionários. Podemos lembrar-nos das referências de Marx e Engels sobre a burguesia no *Manifesto Comunista*, das importantes abordagens que anunciam o papel revolucionário da classe burguesa.⁵¹

De outro lado é o mesmo século XIX que estabeleceu colocar, agora para si, as próprias respostas e propostas para o movimento revolucionário, estabelecendo programas e elaborações que se libertam em certa medida da tradição burguesa. O *socialismo utópico*, assim chamado, seria um desses expoentes mais ilustrativos e significativos no sentido de proposições inovadoras de envergadura teórica. Essa etapa do socialismo é vista e construída em torno de um grande debate ainda cheio de polêmicas.

⁴⁹ RÉMOND, René. *O Antigo Regime e a Revolução 1750-1815*. São Paulo: Cultrix, 1974. p.44.

⁵⁰ FLORENZANO, Modesto. *As revoluções burguesas*. São Paulo: Brasiliense, 1981. pp.8-9.

⁵¹ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

Podemos dizer que até a metade do século XIX, as teorias envolvidas com uma espécie de melhoramentos sociais, em seu sentido reformista, estavam vinculadas com as noções socialistas. O comunismo e o anarquismo já seriam formulações mais radicais, na busca de uma mudança estrutural da sociedade. No caso da democracia: ela seria um elo entre o socialismo e o liberalismo, um lugar de encontro dessas posições, não em seu sentido amigável, mas estavam num mesmo campo e se complementavam. No entanto, a democracia começou a ter significados ao mesmo tempo mais radicalizados por um lado e, às vezes, se situava de maneira reformista por outro, sendo um conceito que se definia, como significado, conforme o interesse dos envolvidos.

Existe uma abundância literária sobre a história do pensamento socialista, numerosas são as obras que retratam esses autores denominados socialistas utópicos; Saint-Simon, Owen, Fourier ou Cabet. Porém, suas contribuições não podem ser vistas em uma visão sintética. A maioria dos historiadores não quis ver neles senão elos que os conduziam inevitavelmente a um caminho chamado de *socialismo científico*, como aperfeiçoamento dessas ideais, sem perceber que assim reduziam as utopias ao papel de simplesmente precursoras ao arcabouço teórico de Marx, Engels ou de Lênin, levando essas utopias a uma mutilação em seu pensamento original.

O dito *socialismo utópico* foi de fato, verdadeiramente, uma corrente de pensamento que tem suas raízes em fontes remotas, oriundas do processo de industrialização e das revoluções dos séculos XVII e XVIII. Infelizmente, não temos um estudo mais preciso e exaustivo sobre a história dessa corrente de pensamento, em suas origens até seu desenvolvimento mais recente no período contemporâneo, que seja unânime dentro das correntes do socialismo mais proeminentes, ou do chamado “comunismo” e do “anarquismo”, como J. C. Petitfils argumenta.⁵² As revoluções modernas e, propriamente, a Revolução Francesa, trouxeram e inspiraram materialidade para essas propostas classificadas de socialistas. Essas ideias estavam longe de exercer uma prática simplesmente de cunho idealista, poderiam ter a utopia em seu horizonte, mas não em sua interpretação da sociedade, passando por fora das realidades vividas e das necessidades que os contextos históricos colocavam para uma intervenção socialista, democrática e revolucionária.⁵³ Podemos dizer que as rupturas e continuidades desses pensamentos nos trazem campos que permeiam um

⁵² PETITFILS, Jean-Christian. *Os socialistas utópicos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977. p.9.

⁵³ BABEUF, Gracus; SIMON, Henri de Saint; FOURIER, Charles; BLANQUI, Auguste. *Os socialistas pré-marxistas*. São Paulo: Editora Global, 1980.

arcabouço de interpretações, todas justificadas em certa medida, quando pensamos as suas propostas políticas, para domesticar as pretensões dos poderes como exercício de dominação.

Numa interpretação de verossimilhança, Marx seria um Saint-Simon corrigido, no sentido de buscar colocar em mãos dos operários o poder político e econômico, para fugir das amarras de uma classe dominante, como Gérard Lebrun nos coloca.⁵⁴ Cornelius Castoriadis observa que esses projetos emancipatórios, promovidos pelo estamento racional, técnico, organizacional, assegurado pelo progresso industrial, se encontravam em autores como Saint-Simon. No entanto, por meio de Marx que essas ideias penetrariam no movimento operário e socialista, buscando uma centralidade da economia e da produção.⁵⁵ Seria pertinente também aceitar a divisão feita por Engels, entre o *socialismo utópico* e o *socialismo científico*, onde o socialismo moderno, por mais que tenha seus instrumentos ancorados nos grandes ilustradores franceses do século XVIII, estaria em uma nova fase, absorvido pela visão materialista, dialética e científica da sociedade.⁵⁶

Os historiadores libertários também reconhecem as diferenças entre o socialismo utópico e o movimento que se denominou como anarquismo. Ángel Cappelletti faz a leitura de que esses movimentos trazem os mesmos autores para uma discussão sobre a história do socialismo em suas etapas.⁵⁷ Tanto os comunistas como os anarquistas tiveram suas raízes nas mesmas fontes e nos mesmos personagens históricos. O próprio Kropotkin reconheceu a importância dessa etapa do pensamento nomeado como utópico, sobre o aspecto do Estado, por exemplo, como Félix Garcia Morriyón nos lembra.⁵⁸

Em uma época em que a servidão passava por todos os confins da Europa, no sentido de só mudarem as configurações de como extrair essa opressão, sendo ela doméstica, operária, camponesa, administrativa e escrava. Ou seja, esse contexto traria a Kropotkin uma profunda influência sobre seu pensamento. Ele passaria por uma geração que deu à Rússia escritores e revolucionários como Turguêniev, Tolstói, Herzen, Bakunin, Orgarev, Dostoievsky, Gogol, Púshkin e outros. Sendo que o próprio Kropotkin se dedicou a escrever sobre a literatura russa dando conferências, aulas e palestras sobre a importância desse legado

⁵⁴ LEBRUN, Gérard. *O que é o poder*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p.99.

⁵⁵ CASTORIADIS, Cornelius. *A criação histórica: o projeto da autonomia*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 1991. p.22.

⁵⁶ Publicado por primera vez en el libro: «*Socialism Utopian and Scientific*», London, 1892, y con algunas o misiones en la traducción alemana del autor en la revista "Die Neue Zeit", Bd. 1Nº1, 2, 1892-1893. Traducido del inglés. Se publica de acuerdo con el texto de la edición inglesa, cotejado con el de la revista.

⁵⁷ CAPPELLETTI, Ángel, J. *Etapas del pensamiento socialista*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2007.

⁵⁸ (KROPOTKIN: 1977, II, p. 130). GARCIA MORIYÓN, Félix. *Del socialismo utópico al anarquismo*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008. p.30.

cultural.⁵⁹ Kropotkin nesse caso penetrava na cultura artística e literária daquele país. Leon Trotsky havia admitido, certa vez, da necessidade do proletariado de construir suas próprias referências culturais.⁶⁰

Foi em São Petersburgo, na casa de sua tia, que Kropotkin teve acesso à revista clandestina “*Estrela Polar*” (*Poliarnaia Zvezda*), publicada por Herzen no exílio. A capa de um de seus números trazia a efígie dos cinco “*decebristas*”, enforcados depois do levante de dezembro de 1825, por ordem de Nicolau I. Kropotkin estava inserido nesse contexto de agitações profundas, em que a servidão estava por ser abolida em 1861. Ele terminou seus estudos na academia militar onde faria carreira.⁶¹

Durante sua vida militar Kropotkin pôde, em certa medida, definir suas últimas conclusões que o levariam a abdicar de vez de sua farda. Os maus-tratos que os camponeses sofriam, e não somente isso, a crueldade por via da autoridade, fazia com que ele tivesse horror às condições de diálogo que o governo impunha aos trabalhadores. Sua investida militar lhe deu uma formação que passava das ciências exatas às ciências humanas. Foi na Sibéria que Kropotkin pôde desenvolver seus conhecimentos sobre a geografia dessa região; estudou também matemática, astronomia, história e outros temas.⁶²

Kropotkin rejeitava as honrarias colocadas pela instituição governamental. Ele começou a ter contato com os círculos revolucionários, o movimento populista (*Narodnik*) e outros movimentos relacionados a seu contexto. Todas essas movimentações começaram a colocar os caminhos que Kropotkin já principiava a construir por si mesmo. Começou a ter contato com a *intelligentsia* da época, que se vinculava a aspirações políticas alternativas, buscando formar grupos organizativos que dessem não só o caminho para determinadas questões na sociedade em sua reforma, mas que também contribuíssem para a formação de novos círculos ideológicos permeados de sentimentos revolucionários.⁶³

A Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) de 1864 foi um organismo de acordo internacional, que objetivava poder reunir em seu seio interesses comuns, para dar caminhos precisamente diferentes do que já se tinha organizado como perspectiva combativa. O movimento socialista nesse momento começa a melhor definir suas escolas. Temos aqui o

⁵⁹ KROPOTKIN, Peter. *Ideals and realities in Russian literature*. New York: Alfred A Knopf, 1915.

⁶⁰ TROTSKY, Leon. *Literatura e revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p.138.

⁶¹ SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.10.

⁶² BALDWIN, Roger. *Kropotkin's Revolutionary Pamphlets*. New York: Dover Publications, 1970. p.16.

⁶³ KROPOTKIN, Pedro. *Folletos revolucionários II*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.134.

esforço de fazer um movimento que seja obra e saia das mãos dos próprios trabalhadores. O impulso dado a essa vontade ganha realidade prática e ativa. Todos os problemas que envolvem o mundo do trabalho industrial e camponês ganham uma voz para além de reivindicações jurídicas.

É oportuno colocar a mensagem inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores, que lembrava as consequências da derrota da classe trabalhadora na revolução de 1848, a guerra civil americana, os desdobramentos da falta de alimento aos trabalhadores, o sistema de saúde como ferramenta de extermínio do trabalhador, o aumento da concentração de poder e de riqueza obtida por alguns setores. Há, ainda, a falta de investimento no aperfeiçoamento das maquinarias, e justamente nem mesmo esses avanços, se fossem executados, colocariam o trabalhador em destaque e trariam melhores condições para sua vida.

O aperfeiçoamento das forças produtivas tenderia a aprofundar a miséria e os contrastes sociais. A emigração, a busca de novas colônias, as aberturas do mercado de massa não iriam libertar o trabalhador para sua emancipação. Ou seja, essas questões sempre ligariam os trabalhadores a um simulacro que os afastam e desconsidera a relação de fraternidade, um elo que deve existir entre os trabalhadores. A luta por uma política externa fazia parte da luta geral da emancipação das classes trabalhadoras, por meio da qual os trabalhadores requeriam uma confluência fraternal e mútua.⁶⁴ O revolucionário russo iria se orientar futuramente sobre esse princípio geral, o “apoio mútuo”, de forma esquemática e teórica, um tema que pairava sobre sua época, como uma necessidade determinante para o desenvolvimento de uma emancipação dos trabalhadores e trabalhadoras.

Esses acontecimentos históricos não se caracterizam por um otimismo exagerado; temos a constituição de uma disposição em forma de esforço e desafio na história da Primeira Internacional dos Trabalhadores. Antes mesmo dos seis primeiros meses da Internacional, já surgiu um conflito entre a seção parisiense e o Conselho Geral de Londres, com a orientação de Marx, neste caso, James Guillaume nos fornece pontos importantes sobre essa questão.⁶⁵

⁶⁴ Esta obra organizada por Musto faz um resgate da história da Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores, uma antologia, colocando de forma prática um resumo daquilo que foi um dos episódios mais sólidos da luta dos trabalhadores no século XIX. Nessa obra, Musto busca demonstrar a pluralidade de pensamentos que pairavam sobre as diversas correntes internas da associação, mostrando a substância dos debates gerados, que anunciavam os desafios e as divergências dos rumos estratégicos e linhas comuns, para enfrentar as dificuldades que o mundo do capitalismo colocava como um desafio a ser vencido. MUSTO, Marcello (org). *Trabalhadores, Uni-vos! Antologia da I Internacional*. São Paulo: Boitempo, 2014.

⁶⁵ GUILLAUME, James. *A Internacional: documentações e recordações I*. São Paulo: Imaginário, 2009.

Os franceses eram, em certa medida, Proudhonianos e, já que Proudhon não estava mais vivo, mas tinha sido um grande revolucionário e um dos protagonistas da revolução de 1848, suas ideias estavam enraizadas no movimento operário da época, por muitos revolucionários. Conforme Georges Gurvitch:

Nas eleições complementares de 8 de junho de 1848, Proudhon, eleito deputado à assembleia, torna-se efetivamente um representante do povo. Encarna a extrema esquerda da Revolução de 1848. Critica muito amargamente todos os decretos do governo provisório relativos à criação de ‘oficinas nacionais’ que, diz ele, ‘não fazem senão adormecer os proletários sem lhes conceder nada de substancial’. Por esta razão nega ‘a competência revolucionária do governo’. (...) também não estranharemos ver Marx constatar na sua nota necrológica sobre Proudhon que: ‘...A sua atitude na Assembleia Nacional só merece elogios. Depois da insurreição, foi um ato de grande coragem. Além disso, teve como feliz consequência o fato de Thiers, na sua resposta às propostas de Proudhon (publicada em forma de livro), revelar o frágil pedestal sobre que se erguia o pilar intelectual da burguesia francesa’.⁶⁶

Marx e Proudhon logo representaram as primeiras divergências estratégicas e teóricas daquilo que mais tarde iria ganhar definições radiantes e precisas, sobre as pretensões, polêmicas, disputas e caminhos que o socialismo deveria seguir para ser mais bem assimilado e vitorioso.⁶⁷ Quando Marx responde à obra de Proudhon, *Filosofia da Miséria* com *Miséria da Filosofia*, os debates começam a se construir dentro de dissensos políticos, teóricos e questões pessoais que se tornavam irremediáveis.⁶⁸ As divergências coletadas dentro da Primeira Internacional dos Trabalhadores já estavam estabelecidas muito antes. A relação entre Marx e Proudhon já nos demonstra isso. Naquilo que Marx ainda admirava em Proudhon, Kropotkin lhe fazia críticas respeitadas, mas ferinas. Entretanto, aquilo que caracterizou as estratégias anarquistas, no que consiste seu afastamento dos parlamentos como mecanismo de transformação social, a partir de dentro das instituições, como método fundamental, visto que estes espaços não podem concentrar a luta social como um todo, pois trazem limites intransponíveis. Todas essas questões eram definições que se iniciavam, encontrando eco nas teorias e experiências de Proudhon. No entanto, outros teóricos do socialismo se agarravam ao parlamento como única condição para uma emancipação social. O pensador russo nos traduz essas relações sobre a seguinte ótica:

Pobre Proudhon, imagino seus dissabores quando teve a ingenuidade infantil, ao entrar para a assembleia, de estudar a fundo cada uma das questões colocadas na ordem do dia. Levava à tribuna números, ideais – nem mesmo escutavam. As questões são todas resolvidas muito antes da sessão, por esta consideração muito simples: é útil, é nociva ao nosso partido? A contagem dos votos está feita: os

⁶⁶ GURVITCH, Georges. *Proudhon*. Lisboa: Edições 70. 1983. pp.11-12.

⁶⁷ PROUDHON, Pierre-Joseph. *Carta de P.J. Proudhon a Karl Marx (17 de mayo de 1846)*. Recuperado el 23 de marzo de 2013 desde La Alcarria Obrera. es.theanarchistlibrary.org.

⁶⁸ MENEZES, Djacir. *Proudhon, Hegel e a dialética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. p.26.

submissos são registrados, os insubmissos são sondados, contados cuidadosamente. Os discursos só são pronunciados como encarnação teatral: só são escutados se possuem valor artístico ou se se prestam ao escândalo.⁶⁹

Em 1848, a derrota, de forma geral, da classe trabalhadora, levava seus militantes e pensadores a fazerem uma meditação sobre como construir novas formas de luta e resistência. Organizar o povo e dar sentido a ele por dentro dele e ao mesmo tempo ir construindo propostas em forma de desafio, era uma das alternativas. Todas essas configurações possibilitaram o surgimento da AIT. Uma organização que não dependesse das armadilhas dos parlamentos e dos poderes dessas instituições, que corrompem a classe operária neutralizando sua luta de conteúdo aguerrido. Embora a AIT prezasse essa independência, os vínculos nacionais e a história de cada um, manifestadas por certos grupos, que se auxiliavam dessas experiências, no caso de cada país, acabaram sendo um saldo de disputas de posições de um lado. De outro lado as relações sobre os princípios políticos, poderiam ser corroídas conforme o movimento crescia se tornando uma expressão popular combativa, aparecendo negociações problemáticas que a conjuntura europeia colocava, naquele momento, pressionando tomadas de posições e escolhas fundamentais para a AIT.

Temos aqui o problema nacional e as necessidades de cada nação, exemplificamos alguns casos como a Rússia, a França, a Inglaterra, a Bélgica, a Espanha e a unificação tardia da Itália e da Alemanha, no começo da década de setenta do século XIX, só para situar algumas dessas nações, que tinham histórias e problemas diferenciados, onde, às vezes, esses conflitos eram resolvidos através de guerras e demandas mais ou menos diplomáticas. Os revolucionários mesmo sendo internacionalistas tinham que trazer propostas e pensar sobre essas questões, que faziam parte da realidade daquele contexto histórico.

Tínhamos dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores as seguintes conformações: revolucionários, proudhonianos, mutualistas, blanquistas, marxistas, bakuninistas, coletivistas, tendências jacobinas e outras orientações com menos respaldos; disposições que estavam ainda se construindo, às vezes se conciliando e por vezes divergindo.⁷⁰ Todas essas classificações são muito mais evidentes hoje, pois é importante

⁶⁹ KROPOTKIN, Peter. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário: Ícone, 2005. p.153.

⁷⁰ Benoît Malon foi um militante operário que vivenciou tanto as divergências quanto as grandes polêmicas. Podendo acompanhar esses debates e entrelaçamentos ideológicos em disputa, criticou as posturas de Marx dentro da AIT. Malon foi um coletivista, depois flertou com o marxismo, rompendo com este e aderindo após 1880 ao Partido Operário Francês, adotando uma postura reformista, uma corrente na época que era chamada de “Possibilista”, que convergia para um “Estado Providência”, situação que privilegiava a ideia de “reformas contínuas” e “revoluções ocasionais”. MALON, Benoît. *A Internacional sua história e seus princípios*. São Paulo: Imaginário, 2014.

ressaltar que o anacronismo na história pode ser acentuado, quando essas posições são vistas como correntes bem definidas naquele momento.

Kropotkin estava praticamente em sua juventude, nos períodos que cobriram a AIT, podendo se debruçar sobre esses vastos caminhos e possibilidades que a Associação Internacional dos Trabalhadores lhe proporcionava. A sua participação nas *Unidades Latinas* junto da Federação *Jurassiana*, dentro da Internacional: França, Espanha, Itália entraram em divergências inconciliáveis com os dissidentes alemães e ingleses. Desarmonias que vão do campo político ao cultural como nos garante René Berthier, em seu belo prefácio de uma obra bastante expressiva de Alexandre Samis chamada: *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*.⁷¹ O Conselho Geral não conseguia estabelecer linhas mínimas de ação coletiva.

O Conselho Geral que tinha como protagonista Marx que acabou entrando em uma disputa interminável com a ala dos bakuninistas. As polêmicas se constituíam sobre quem poderia ser mais hegemônico: como força política dentro da organização. Temos as estratégias que buscavam a centralização e as estratégias federalistas que procuravam, em primeira estância, a descentralização dos poderes. Essas polêmicas só pareciam ter fim a partir de uma ruptura estrutural definitiva da organização. Marx reconheceu tais problemas em meados de 1872, na circular reservada do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, sobre as pretensas divergências na Internacional, se defendendo e colocando sua versão.⁷² Marx e seus seguidores acabaram expulsando Bakunin e seus adeptos nesse mesmo ano, em uma atitude estarecida e amedrontada, diante da influência de Bakunin dentro da Internacional, como assim nos coloca François Chatelet.⁷³

Kropotkin teria ficado decepcionado com os rumos que a AIT tomou em sua história. A disputa entre as várias escolas derivadas do socialismo e das revoluções modernas

⁷¹ SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011. p.18.

⁷² O Conselho Geral impôs-se uma reserva absoluta em relação às lutas internas existentes no seio da Internacional e jamais teve como orientação responder publicamente aos ataques públicos durante esses últimos anos da Associação. Teria então uma persistência vinculada a um grupo pequeno de provocadores para fomentar uma confusão de interesses dentro da Internacional devido à organização Bakuninista “Aliança Internacional da Democracia Socialista”. Essas divergências sempre existiram desde seu começo. Tais polêmicas extrapolaram os limites no sentido de romper o silêncio público que a Internacional tinha sobre seus problemas internos. A consolidação dessas divergências sobre essa “Aliança Internacional da Democracia Socialista” trouxe a Internacional, que já atravessava sua crise mais expressiva desde sua fundação, a tomar uma determinada atitude, obrigando o Conselho Geral a se manifestar assumindo posições em forma de defesa de seus posicionamentos, assim colocava Marx sua versão do ocorrido. MARX, K & ENGELS, F. *Anarquismo*. São Paulo: Editora Acadêmica, 1997.

⁷³ CHATELET, François. *História das ideias políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p.155.

acabaram sendo protagonizadas por personagens que tinham de alguma forma, aglutinado forças para dirigir a AIT. Não que essas disputas tivessem sido promovidas por questões somente pessoais e pelo capricho político dos envolvidos, mas essas disputas acabaram entrando em caminhos que de alguma forma neutralizaram uma postura revolucionária, que pudesse estabelecer vínculos de uma luta organizada, estabelecida sobre princípios mínimos de atuação contra seus adversários mais expressivos.

El conflicto entre marxistas y bakuninistas no fue una cuestión personal. Fue el conflicto inevitable entre los principios del federalismo y los de la centralización. Entre la comuna libre y el gobierno paternalista del Estado, entre la acción libre de las masas populares y la mejora de las condiciones capitalistas vigentes a través de la legislación.⁷⁴

Intelectuais e dirigentes acabaram se apropriando daquilo que foi uma iniciativa popular. Embora, muitas vezes, esses desacordos se tornaram inconciliáveis como nos indica Kropotkin. A AIT não tinha sido fundada por Marx, o próprio Marx havia afirmado isso em uma correspondência com Engels. Lembra Kropotkin que a AIT teria sido fundada por interesse dos operários franceses e ingleses sobre o laço do “apoio mútuo” e acordos para a construção de uma solidariedade aguerrida.

Que essa associação não foi fundada por Karl Marx, ou qualquer outra personalidade de destaque, como nos querem fazer crer os marxistas e os cultuadores de heróis, é um fato já agora mais do que provado. Ela foi a obra do encontro fortuito, em 1862, em Londres, de uma delegação de operários franceses, vindos para visitar a Segunda Exposição Universal, com os representantes das corporações inglesas de ofícios (Trade Unions), aos quais se agregavam alguns radicais ingleses para receberem aquela delegação. Os laços de solidariedade, estabelecidos por via desta primeira visita, tornaram-se mais firmes e coesos em 1863, quando da realização de um comício de simpatia pró-Polônia, sendo destas aproximações que resultou, no ano seguinte, a fundação da célebre Associação.⁷⁵

Os conflitos, por mais que fossem autênticos, acabaram contribuindo para afrontar as escolas vindas das lutas populares, em dinâmicas competitivas que não souberam conciliar suas divergências. A Associação Internacional dos Trabalhadores começou em 1864 e terminou em 1876. Marx, junto do Comitê Central da Associação Internacional dos Trabalhadores, acabou fazendo a transferência do seu último congresso para Nova York, para fugir da influência dos anarquistas, em um ato já bastante desgastado.

No decurso desses conflitos, naquilo que ficou conhecido na história como; os autoritários e os antiautoritários, essa oposição revela outros traços da concepção política de Marx e Engels: a busca de uma concentração de poder para alavancar as classes ditas

⁷⁴ KROPOTKIN, Pedro. *Folletos revolucionários I*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.15.

⁷⁵ KROPOTKIN, Peter. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre. p.100.

avançadas do operariado europeu, diante dos demais “proletariados” no mundo. Engels chega a aprovar a repressão contra os escravos do sul, cujos movimentos avaliados como “inconsiderados” poderiam frear o florescimento do movimento operário alemão. Em segundo lugar, temos um “eurocentrismo” que buscava orientar-se, a partir de si mesmo, para o caminho do “progresso”. Os povos não europeus iriam passar pelas mesmas fases que as nações brancas, para chegar a grande revolução proletária, o que em certa medida justificava a colonização inglesa na Índia; Chatelet nos oferece essas considerações sobre as posições de Engels.⁷⁶ Essas movimentações foram importantes para Kropotkin, que participou da 1^o Internacional, experiências que foram orientando e definindo suas posições políticas.⁷⁷

O agente, nesse momento, era um militante novo que ainda precisava participar dos movimentos e debates que envolviam a luta contra as opressões que estavam se desenvolvendo no mundo do capitalismo até aquele momento, para poder contribuir de forma mais concisa.⁷⁸ Kropotkin foi ao encontro da 1^o Internacional guiado pelos seus estudos e suas aspirações políticas. Buscou conhecer as seções de Genebra, sendo ele indicado pelos seus colegas russos; as reuniões eram feitas no *Templo Único Maçônico*, um lugar que tinha professores voluntários, refugiados da *Comuna de Paris*, que ministravam aulas de história e física. Logo esse revolucionário percebeu que a seção, em questão, estava comprometida com um jogo político que privilegiava as candidaturas oficiais sem se preocupar com a questão do trabalhador, em que as propostas estavam encerradas em uma dinâmica política sem espaço para a construção consistente de uma mudança radical e sólida da sociedade por meios diversos, onde a única estratégia de luta seria somente essa; de nomear os representantes do povo. Uma atitude que não considerava a luta direta para a emancipação dos trabalhadores. Essas questões o fizeram se aproximar das alas Bakuninistas.⁷⁹

Kropotkin se apercebeu que o movimento deveria ser federativo no sentido de ter uma relação com os partidos políticos de forma mais restrita, para somente assim impulsionar o esforço e a construção de uma luta protagonizada pelas massas, ajudando-a a se construir.

⁷⁶ CHATELET, François. *História das ideias políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. pp.136-137.

⁷⁷ “La Asociación Internacional de Trabajadores inauguró un nuevo medio de resolver los problemas de la sociología práctica, apelando a los trabajadores mismos. Los hombres instruidos, que habían ingresado en la referida asociación, sólo se encargaron de ilustrar a los primeros respecto de lo que ocurría en otros países, analizar los resultados obtenidos y más tarde ayudarles a formular sus conclusiones”. KROPOTKIN, Peter. *Memorias de un Revolucionario*. Chantal López y Omar Cortés. Primera edición cibernética, enero del 2006. p.275.

⁷⁸ HOBBSBAWM. *Era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

⁷⁹ SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.11.

Nesse momento o nacionalismo era um entrave sobre o socialismo, dificultando ainda mais as relações centralistas da 1º internacional, em que os programas nacionais e o militarismo, dentro de suas peculiaridades, pressionavam e traziam dificuldades bastante circunspectas. Embora essas disposições nacionalistas de seus membros e o caráter belicoso de seus dirigentes serem perspectivas totalmente negadas dentro da 1º Internacional, em seu programa político, eram desenvolvimentos que estavam enraizadas através da cultura dos envolvidos. René Rémound coloca que o “nacionalismo” era uma das orientações mais intensas dentro do século XIX.⁸⁰

O revolucionário russo percebe que a Alemanha se saiu fortalecida desde suas investidas dentro da Primeira Internacional dos Trabalhadores, como o desencadeamento do fim trágico da *Comuna de Paris*. Esses caminhos fatalmente privilegiavam as construções nacionalistas, estatistas e militaristas dos alemães.⁸¹ Atributos esses, que começaram a configurar os caminhos que abriram margem, para uma história dessa, agora, Alemanha unificada, nesse caso, o protagonismo bélico que esta nação trouxe na *Primeira Guerra Mundial* e na *Segunda Guerra Mundial*, se levamos em consideração as contribuições de Norbert Elias sobre essa temática.

É frequentemente sublinhado que a formação atrasada de um Estado moderno unitário constitui uma das características básicas do desenvolvimento alemão. Talvez seja menos claro que a fraqueza relativa de seu próprio Estado, comparado com outros Estados, acarrete crises específicas para as pessoas envolvidas. Sofrem em decorrência de perigos físicos, começam duvidando de seu próprio valor e de seus méritos intrínsecos, sentem-se humilhadas e desgraçadas, e são propensas à racionalização de desejos sobre a vingança que gostariam de infligir aos responsáveis por sua situação.⁸²

No caso do estatismo alemão, como Norbert Elias nos indica, estas formações nacionalistas recentes no contexto europeu, precisavam criar justificativas que trabalhassem a noção de inimigos a serem construídos, para facilitar a identidade nacional, em sua expressão pública e social dentro do imaginário do povo e das instituições da sociedade. O ressentimento aqui é visto como um fator definidor para orientar e estimular ideias pretensivas, invertendo essas axiologias de análises para fins práticos e pessoais, onde tudo se torna motivo para ações manipuladoras.

Essas orientações buscam não os conteúdos de um discurso, mas o que dentro dele pode ser manipulado para justificar ações culturais que se colocam como unânimes sobre

⁸⁰ RÉMOUND, René. *O Século XIX, 1815-1914*. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. p.114.

⁸¹ KROPOTKIN, Peter. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, p.124.

⁸² ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. pp.19-20.

outras. O próprio Nietzsche, já havia reconhecido este problema entre a cultura e a moral, no que se compreende como um problema moderno. Onde mesmo atitudes críticas a uma tradição, acabam sendo invertidas e direcionadas a interesses que legitimam essas mesmas tradições. Devido a isso naquele contexto, na Alemanha, tudo era interpretado em direção de um imaginário nacionalista e patriótico, como fundamentação heróica de um povo.⁸³ O romantismo alemão pode ser apropriado para fins políticos nesse contexto. Os argumentos de Nietzsche foram, em certa medida, invertidos para dar conta de um ideário nacionalista e patriótico. A forma enfática com que Nietzsche denunciava determinados princípios, foi incorporada como uma legitimação da violência e da força, como figura de ação justificada contra ele ou em nome dele.

Bakunin já havia colocado suas ressalvas ao modelo alemão como orientação estatista e centralista, de maneira geral. Bakunin estabelecia seus alertas ao nacionalismo e o patriotismo moderno.⁸⁴ Bakunin teria sido a grande referência para Kropotkin que, filiado à *Federação de Jura* em sua juventude, pôde acompanhar as orientações políticas desse revolucionário, como nos coloca o historiador e economista Arthur Lehning.⁸⁵ Em sua autobiografia *Memorias de un Revolucionário*, Kropotkin reconhece a importância de

⁸³ “A palavra “Super-homem” para designar um tipo de suprema perfeição em contraste com os homens “modernos”, com homens “bons”, com cristões e demais nihilistas; uma palavra que, na boca de Zaratustra, aniquilador da moral, dá muito que pensar, foi quase só entendida, por todos os lados, com suma ingenuidade, no sentido daqueles valores cujo contrário foi justamente revelado na figura de Zaratustra: isto é, como tipo “idealístico” de uma espécie superior de homens, meio santos, meio gênios. Alguns outros doutos animais cornudos, por causa dessa palavra, capitularam-me de darwinista. E chegou-se mesmo a pensar no “culto dos heróis” – tão maliciosamente refutado por mim próprio”. NIETZSCHE. *Páginas de autobiografia*. Lisboa: Guimarães Editores, pp. 45-46. In *Ecce Homo*, trad. De José Marinho. Lisboa: Guimarães Editores, 1977. pp.25-39.

⁸⁴ BAKUNIN, M. *Sobre el patriotismo*. Recuperado el 20 de abril de 2013 desde miguelbakunin.wordpress.com Artículos publicados originalmente en el periódico ginebrino Le Progrès durante 1869. es.theanarchistlibrary.org. p.9.

⁸⁵ Arthur Lehning, formado em economia em Roterdã e história em Berlim. Militante e escritor, chegou a ganhar um dos prêmios mais importantes da literatura holandesa em 1999. Sua vida política perpassa o campo dos libertários e do anarquismo. Participou de organizações de sindicalistas revolucionários e anarcos sindicalistas. Organizou a *Revista 110* que tinha a participação de vários intelectuais: Kandinsky, Walter Benjamin, Ernst Bloch, Max Nettlau, Alexander Berkman e o historiador Alexander Shapiro, com sua grande obra sobre a Revolução Russa. Arthur Lehning teve uma relação ativa com o historiador alemão anarquista Rudolf Rocker, que era reconhecido por Albert Einstein e Bertrand Russell. Arthur Lehning é considerado um dos maiores especialistas na obra de Mikhail Bakunin. Em 1961 publicou obras completas em 7 volumes de Bakunin. Nesse trabalho, *Marxismo e la Anarquismo en la Revolución Rusa*, ele faz uma compreensível genealogia complexa dos grupos revolucionários à esquerda na Rússia, nos anos que antecederam a revolução de 1905 e subsequentemente 1917, e justamente traz as considerações históricas feitas logo depois da revolução. Lehning faz uma crítica devastadora ao leninismo, principalmente à obra de Lênin *O Estado e a Revolução*. Considerando que seu livro foi escrito em 1929, com o surgimento do Estado burocrático e ditatorial, seguido da falência da Revolução Soviética, adquire hoje um caráter corajoso e “profético”, um trabalho pontual e crítico surpreendente, numa época em que ainda muitos acreditavam no projeto russo, diante dos demais modelos sociais a serem seguidos naquele contexto. LEHNING, Arthur. *Marxismo e la Anarquismo en la Revolución Rusa*. Buenos Aires: Luta libertária, 1971. p.28.

Bakunin em sua vida e principalmente em suas orientações políticas e na sua definição de anarquista.

Los aspectos teóricos del anarquismo, según empezaban a expresarse en la Federación del Jura, particularmente por Bakunin; las críticas del socialismo de Estado el temor del despotismo económico, más peligroso todavía que el meramente político- que oí formular allí, y el carácter revolucionario de la agitación, dejaban honda huella en mi mente. Pero las relaciones de igualdad que encontré en las montañas jurasianas, la independencia de pensamiento y expresión que vi desarrollarse entre los trabajadores y su ilimitado amor a la causa, llamaron con más fuerza aún a mis sentimientos, y cuando dejé la montaña, después de haber pasado una semana con los relojeros, mis ideas sobre el socialismo se habían definido: era un anarquista.⁸⁶

Kropotkin, em sua experiência sobre a Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores e os acontecimentos históricos, como a *Comuna de Paris*, trazem novas justificativas e desafios a esse novo cenário revolucionário.⁸⁷ Mas de fato começam a se construir outras formas de organizações, e para isso era preciso construir outros instrumentos teóricos, para as outras revoluções e mobilizações sociais que dessem respostas aos problemas que o capitalismo tinha criado e estava a criar em um processo dinâmico. Já passadas a 1º AIT e a *Comuna de Paris*, Kropotkin agora segue os seus próprios passos. Também como Bakunin, era Kropotkin um revolucionário, assim argumenta Rudolf Rocker.⁸⁸

Nesse período, o autor russo teve contato com os niilistas e suas investidas políticas. Ele dizia que os niilistas não eram “terroristas”, apenas se colocavam contra “as mentiras convencionais da sociedade civilizada”, na busca de uma sinceridade absoluta e, nesse sentido, a política moderna não poderia ser uma grande aliada para denunciar as mazelas do mundo moderno, em seu sentido mais profundo do termo. Essas características niilistas se aproximavam de uma luta pelos direitos do povo, mesmo que essa luta fosse indireta. O revolucionário russo acreditava que os niilistas não eram somente um movimento das ideias, em grande parte, embora possam ter se tornado isso, mas durante o período em que ele teve acesso a esses revolucionários, eles foram, em certa medida, críticos ferinos dos governos e do modelo de sociedade constituído. E terminaram sendo um movimento cultural ativo e não somente uma agitação sobre ideias; ou seja, seus pensamentos eram revertidos em suas condutas da vida prática.

⁸⁶ KROPOTKIN, Peter. *Memorias de un Revolucionario*. Chantal López y Omar Cortés. Primera edición cibernética, enero del 2006. p.196.

⁸⁷ KROPOTKIN, Peter. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário: 2005. p.101.

⁸⁸ ROCKER, Rudolf. *Anarcosindicalismo teoría y practica*. Madri: Tierra Libertad, 2009. p.38.

Os niilistas eram remanescentes do período de 1850, que foi um contexto catastrófico para os russos. Suas origens como movimento sócio-histórico vêm desse ambiente conturbado.⁸⁹ Os niilistas tiveram grande participação nesses anos que perpassaram os anos de 1860 em diante. Os russos estavam em uma condição de servidão, condicionados praticamente a uma categoria de escravos; a própria origem filológica da palavra “eslava” tem essa conotação escravista, que explica em grande parte uma história de opressão sobre esses povos. Essas conturbações, subsequentemente, traziam ao movimento niilista práticas, em parte, revolucionárias.

O termo *niilismo* deriva do latim *nihil*, (nada). Essa origem retoma, revela em primeiro lugar, uma orientação que busca uma obsessão pela ideia do nada em sua profundidade. O niilismo como formalização conceitual tem origem na Grécia, em sofistas como Górgias (c. 490 - c. 388 A.C) e, seguindo essa perspectiva, o niilismo pode ser encontrado em toda a história do pensamento ocidental. Como fenômeno histórico recente, do período contemporâneo, o niilismo está ligado a uma crise da modernidade, que perpassa uma crítica a todas as relações sociais existentes. Podemos perceber essa orientação quando pensamos sobre a Revolução Francesa, a qual os niilistas não eram nem a favor nem contra a revolução. Um membro da Convenção, o barão de Cloots, declarou, certa vez, em um discurso em 26 de dezembro de 1793, que a República dos direitos do “homem”, não era nem teísta e nem ateísta, ela era “niilista”.⁹⁰

A base fundamental do niilismo, como fenômeno histórico na Rússia, em um primeiro momento, pode ser caracterizada como um movimento atrelado ao individualismo. Assim sendo, surgiu contra tudo que era uma coação à liberdade individual, tanto no seu pensamento como em relações práticas na sociedade, hábitos religiosos, familiares, convenções sociais e títulos sob regras estabelecidas em nome de um pacto social. Esse movimento era essencialmente sustentado por argumentos ideológicos, de uma postura vinculada à individualidade e a uma maneira filosófica de colocar a questão. O niilismo se manifestava sob uma envergadura moral e ideológica dentro deste contexto que Kropotkin viveu. A ação era a grande conclusão imediata para a emancipação social em sua generalização. Esse espírito se manifestava nos primeiros grupos revolucionários e socialistas

⁸⁹ SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.15.

⁹⁰ PECORATO, Rossano. *Niilismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. pp.8-9.

que se formaram na Rússia segundo Volin.⁹¹ Lênin chega a sugerir que existia um tipo de anarquismo russo aristocrático, que se vinculava a própria história do niilismo daquele país.⁹² No entanto, sabemos que o niilismo e o anarquismo seriam movimentos diferentes, mas que podem ter em alguns pontos uma aparência de estarem em “acordo” sobre determinadas questões, mas no fundo são fenômenos que tem origens, causas, interesses e objetivos incompatíveis.

O niilismo era um terreno fértil para fomentar essas ideias no meio do povo, uma convocação, criando uma espécie de ação no sentido de um engajamento sobre condutas “vivas”, que entram em conflito com uma realidade dura e de difícil penetração. O niilismo sendo assim era, muitas vezes, a única atitude a ser tomada devido às condições impostas pela história. Gianni Vattimo nos ajuda a pensar o niilismo como um ato de agir, e os pressupostos que essa conduta nos fornece a partir dessa ação, levando em consideração a interpretação de autores como Nietzsche e Heidegger.⁹³ Kropotkin compreendia o niilismo no seu contexto, como ideia, ação social e cultural. O niilismo era confundido com terrorismo e Kropotkin fez sua intervenção nesse debate:

Este movimiento ha sido mal comprendido en la Europa occidental; la prensa, por ejemplo, lo confunde continuamente con el terrorismo. La agitación revolucionaria que estalló en Rusia hacia el fin del reinado de Alejandro II, y que terminó en su trágica muerte, es descrita constantemente como *nihilismo*, lo cual es, sin embargo, una equivocación. Confundir *nihilismo* con terrorismo, es tan erróneo como tomar un movimiento filosófico, como el estoico o el positivista, por uno político, como, por ejemplo, el republicano. El terrorismo vino a la existencia traído por ciertas condiciones especiales de la lucha política, en un momento histórico determinado; ha vivido y ha muerto; puede renacer y volver a morir. Pero el *nihilismo* ha marcado su huella en la vida entera de la parte más inteligente de la sociedad rusa, y no es posible que ésta se borre en muchos años. Es el *nihilismo*, desprovisto de su aspecto más violento -cosa imposible de evitar en todo nuevo movimiento de esta índole, lo que da ahora a la vida de una gran parte de la clase más ilustrada de Rusia, un cierto carácter peculiar que nosotros, los rusos, sentimos no encontrar en la de igual índole que habita el occidente europeo; él es también, en sus varias manifestaciones, lo que da a muchos de nuestros escritores esa notable sinceridad y esa costumbre de *pensar en alta voz* que sorprende a los lectores de aquella parte de nuestro continente. Ante todo, el *nihilista* declaró la guerra a lo que puede considerarse como *las mentiras*

⁹¹ VOLIN. *La Revolución desconocida*. Buenos Aires: Américalée, 1954. p.29.

⁹² LÊNIN, V.L. *Obras completas tomo VII: setiembre de 1903 – diciembre de 1904*. Madri: Akal Editor, 1976. p.420.

⁹³ “A questão do niilismo não me parece, pelo menos principalmente, um problema historiográfico; no máximo, é um problema *geschichtlich*, no sentido da conexão que Heidegger estabelece entre *Geschichte* (História) e *Geschick* (Destino). O niilismo existe em ato, não se pode fazer um balanço dele, mas pode-se e deve-se procurar compreender em que ponto se encontra, em que nos concerne, a que opções e atitudes nos convocam. Creio que a nossa posição em relação ao niilismo (que significa: a nossa colocação no processo niilista) possa ser definida mediante o recurso de uma figura que aparece com frequência nos textos de Nietzsche, a do niilista consumado. O niilista consumado é aquele que compreendeu que o niilismo é a sua (única) chance”. VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p.3.

convencionales de la humanidad civilizada. Una sinceridad absoluta era su rasgo distintivo, y en nombre de ella, renunciaba, y pedía a los demás que lo hicieran también, a esas supersticiones, prejuicios, hábitos y costumbres que su criterio no lograra justificar. Él se negaba a inclinarse ante toda autoridad que no fuera la de la razón, y en el análisis de cada institución o hábito social, se rebelaba contra toda clase de sofismas, más o menos enmascarados.⁹⁴

O niilismo como movimento acabou tendo grande expressão literária com Turguêniev, entre outros. Foi dentro desses círculos universitários que Kropotkin conheceu Dimitri Kelnitz, que o influenciou a participar desse grupo de propaganda revolucionária chamado *Círculo Tchaikóvski*, nome de seu principal mentor.⁹⁵ Todos esses grupos culturais e revolucionários eram perseguidos, isso resulta em tempos difíceis para esse revolucionário russo, que acabou sendo preso em 1874 e encaminhado para a fortaleza Pedro e Paulo. Ele passaria dois anos preso, podendo fazer seus trabalhos científicos, mas condenado.⁹⁶

Kropotkin estava no mesmo caminho de seu irmão Alexandro, que tinha sido preso e teria sido levado à Sibéria; vivendo o final de sua vida lá, condição que o levou ao suicídio.⁹⁷ Devido a esses cenários catastróficos, em que os revolucionários morriam nas prisões, sendo esquecidos para sempre, então os amigos de Kropotkin planejaram sua fuga.⁹⁸ Em condições muito difíceis, ele consegue fugir, passando da Suécia para a Inglaterra. Entretanto, o revolucionário anarquista continuaria organizando e participando de iniciativas revolucionárias por toda a Europa, como na Suíça; por exemplo:

Nesta cidade suíça, a instâncias de camaradas, fundou, em Fevereiro de 1879, o periódico quinzenal anarquista *Le Révolté*, redigido quase exclusivamente por ele, que exerceu profunda influência entre os anarquistas militantes e os que começaram a dedicar-se ao estudo das questões sociais. Posteriormente, esse periódico, suprimido por efeito de sua propaganda antimilitarista, veio a publicar-se em Paris como o nome mudado para *La Revolté*, de cuja redação fizeram parte os arautos mais em evidência do movimento anarquista.⁹⁹

Kropotkin acabava tendo uma participação ativa dentro dos movimentos revolucionários. Como parte importante do movimento anarquista, quando estes faziam seus atentados, Kropotkin acaba sendo, na visão dos governos da época, o grande incentivador e

⁹⁴ KROPOTKIN, Peter. *Memorias de un Revolucionario*. Chantal López y Omar Cortés. Primera edición cibernética, enero del 2006. p.203.

⁹⁵ SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.14.

⁹⁶ BALDWIN, Roger. *Kropotkin's revolutionary pamphlets*. New York: Dover Publications, 1970. p.13.

⁹⁷ Nessa obra, basicamente é trabalhada a tese de que o suicídio não seria uma manifestação da individualidade humana, e sim seria um procedimento influenciado pela sociedade, uma atitude social, em que o suicídio seria resultado do coletivo e não estritamente uma atitude individualizada e egoísta. DURKHEIM, Emile. *O suicídio*. Lisboa: Presença, 1982.

⁹⁸ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. p.16.

⁹⁹ *Ibidem*. p.18.

promulgador dessas ideias. Sua fama e influência teriam também suas consequências, onde acabava sendo acusado pelos governantes. A polícia secreta, da época, dentro do serviço de inteligência, observava e tramava tocaias contra o pensador russo. Foi assim que, em 1881, ocorrendo o atentado contra Alexandre II, os governos russo, suíço e francês se organizaram contra sua pessoa.¹⁰⁰

Na Inglaterra, Kropotkin começa a participar e se envolver em publicações científicas. Agora, mais do que nunca, ele não teria mais recursos nem privilégios, como o de fazer parte de uma família abastada: estava, de fato, fazendo parte dos movimentos revolucionários e anarquistas no seio do povo.

Kropotkin continuou naquele país sempre defendendo com galhardia e valentia os seus ideais libertários e comunistas, fundando, em 1889, a revista mensal anarquista *Freedom* (Liberdade) e colaborando na coleção editorial dos “*freedom Pamphlets*”, onde, com trabalhos seus apareceram também os de outros anarquistas militantes, como Jean Grave, Georges Etiévant, Enrico Malatesta etc. Depois disso, sua propaganda mais importante foi a que realizou em 1898 pelos Estados Unidos da América do Norte.¹⁰¹

Tendo agora uma vida conturbada economicamente, fazendo parte das classes menos favorecidas, Kropotkin perdeu todos os seus recursos, deixando uma vida para trás na Rússia,¹⁰² e acabaria por viver quarenta e dois anos de exílio da Rússia, só retornando após a Revolução de 1917. O militante russo permaneceu praticamente cinco anos na Suíça, um período em que conheceu anarquistas de renome como Errico Malatesta, que seria o grande nome comparado a Kropotkin dentro do anarquismo comunista. E, entre outros, conheceu o geógrafo Élisée Reclus e Carlo Cafiero, que acabou fazendo um compêndio popular do livro *O Capital: crítica da economia política volume I*, a fim de que essas ideias tivessem um alcance sobre as massas, para que a classe trabalhadora obtivesse acesso a esse grande estudo de Marx e uma compreensão mínima das suas contribuições. Marx fez um elogio a esse esforço e visualizou nesse estudo do anarquista italiano Carlo Cafiero uma grande contribuição.¹⁰³

¹⁰⁰ Ibidem. p.19.

¹⁰¹ Ibidem. pp.20-21.

¹⁰² Ibidem. p.24.

¹⁰³ Carta Resposta de Marx a Cafiero: “Prezado senhor: agradeço sinceramente pelos dois exemplares do vosso trabalho! Há algum tempo, recebi dois livros semelhantes, um em língua eslava, outro em inglês (publicado nos Estados Unidos); mas ambos falharam, ao se pretenderem, muito pedantemente, à forma científica do desenvolvimento, quando queriam, ao mesmo tempo, dar um resumo sucinto e popular do Capital. Assim, essas duas tentativas pareceram-me fracassar em seu principal objetivo: despertar o interesse do público para quem os livros eram destinados. E é aí que está a enorme superioridade do vosso trabalho (...)”. CAFIERO, Carlo. *Compêndio de O Capital*. São Paulo: Centauro, 2001. p.110.

A produção científica de Kropotkin foi de grande êxito. Até o final de sua vida, manteve-se escrevendo artigos, livros e participando de conferências. O articulista escrevia para jornais, revistas científicas e para a classe trabalhadora, na busca de se comunicar com as massas e a opinião pública. O revolucionário tinha uma formação erudita de bastante complexidade; sua obra e seu pensamento são difíceis de serem enquadrados em um modelo disciplinar fechado, como José William Vesentini também percebe.¹⁰⁴ Ele articulava uma formação nas ciências humanas e nas ditas ciências exatas, em uma mesma proporcionalidade. Um conhecimento que dialogava com a formação ilustrada e científica da época; Kropotkin teve a preocupação de desenvolver uma linguagem que alcançava a compreensão do povo e das classes menos favorecidas em instrução.

Desde 1879, Kropotkin vinha escrevendo artigos importantes, inclusive no periódico quinzenal *Le Révolté*, publicado em Genebra. O atentado seguido da morte do Czar Alexandre II, em 1881, levou os russos que viviam na Suíça a passar por grande repressão e perseguição. Kropotkin foi expulso da Suíça, tendo que voltar à Inglaterra.¹⁰⁵ Nesse período em que os atentados aos monarcas europeus eram frequentes, (no ano de 1878 houve quatro atentados), descortinava-se um cenário onde as ideias revolucionárias estavam difundidas em seus mais derivados formatos, da literatura à política, da ciência à filosofia da época. O militante russo, que já tinha uma participação bem ativa nesse contexto, sendo reconhecido e começando a ter destaque como um grande revolucionário, começou a ser perseguido pelas autoridades de vários países.

Os anarquistas denunciavam o oportunismo político e a opinião pública que minimizava os problemas sociais. O anarquismo na França, nessa época, de 1880 em diante, ganhava espaço com o anarquismo comunista. A Federação *Jurassiana* e outros eventos contribuíram para essa aproximação dos franceses com os libertários. A própria morte de Blanqui deixou seus adeptos sem uma opção ideológica à vista. Desse modo, o anarquismo dava uma perspectiva clara de ação como a conhecida “ação direta”, tanto protagonizada pelos seus adeptos.

Um dos atentados executados em um café do subsolo do *Teatro Bellecour* e no departamento governamental, levaram os anarquistas a serem acusados de se organizarem

¹⁰⁴ VESENTINI, José William. *Teoria e método: Piotr Kropotkin*. São Paulo. AGB Nacional/AGB São Paulo. p. II.

¹⁰⁵ SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.21.

para atentar contra a imagem da *Virgem*, que se encontrava no topo da colina da cidade. Sessenta anarquistas foram presos. Kropotkin, como estava na França e se encontrava na cidade de *Thonon*, em *Sabóia*, foi apontado como o chefe da “conspiração”.

O militante russo e outros anarquistas foram acusados e detidos no final de 1882 e levados a *Lyon*. Por não haver provas contra os atuantes, estes foram acusados de terem sido da Primeira Internacional dos Trabalhadores e, de acordo com a lei promulgada contra a *Comuna de Paris*, que autorizava o Estado a encarcerar por até cinco anos os membros da AIT, esses então foram presos. Embora a influência da AIT na *Comuna de Paris* tenha sido mais no sentido de potencializar essas forças, na acepção de fortalecimento ideológico, do que uma manifestação prática de ajuda real, esses históricos de luta já assustavam e traziam temores aos governantes, como nos informa Oswaldo Coggiola.¹⁰⁶ Vários intelectuais se pronunciavam a favor de Kropotkin, como Spencer, Swinburne, Victor Hugo e outros; Kropotkin passou, junto de seus companheiros, quatro anos na prisão de *Lyon* e na prisão central de *Clairvaux*, sendo liberado apenas em 1886.

O anarquismo começou a ser extremamente perseguido; de um lado ganhava respeito moral entre os revolucionários, e por parte de conservadores também. Nesse caso teríamos a presença da anarquista Louise Michel, que arrebatava salões e multidões, e o próprio Kropotkin, que estava sendo acolhido pela multidão.

Depois desse episódio, Kropotkin retornou para a Inglaterra.¹⁰⁷ Todas essas movimentações agora estavam dirigidas para a Inglaterra, onde ele acabou se manifestando de forma crítica, mas respeitosa, aos atentados, pois acreditava que poderia ser feito um trabalho de propaganda dentro do universo cultural, para explicar e divulgar os ideais anarquistas às massas e o que de fato essa ideologia trazia dentro de si. Tanto Bakunin como Kropotkin tinham ressalvas em relação às táticas que viam dos atentados, como sendo expostas como ferramenta principal de luta, segundo Arthur Lehning.¹⁰⁸

O historiador Alexandre Samis nos orienta que a *Comuna de Paris* havia deixado uma cultura reacionária nos governos, até o ponto de perseguirem os sindicatos de via

¹⁰⁶ COGGIOLA, Oswaldo (org.). *Escritos sobre a Comuna de Paris*. São Paulo: Xamã, 2002. p.30.

¹⁰⁷ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos revolucionários I*. Barcelona. Turques Editor, 1977. p.18.

¹⁰⁸ LEHNING, Arthur. *Marxismo y Anarquismo em la Revolución Rusa*. Buenos Aires: Utopia Libertária, 1970. p.33.

revolucionária.¹⁰⁹ Para Kropotkin essa seria a hora de fomentar uma iniciativa organizada da classe operária, que ganhasse espaço entre as massas com uma organização de base social mais bem elaborada. O militante russo contribuiu naquilo que mais tarde seria chamado de sindicalismo revolucionário.¹¹⁰ A importância de Kropotkin nesse contexto foi enorme para ajudar a construir esse sindicalismo revolucionário, dando uma abordagem teórica que justificava essas modalidades organizacionais, dentro de uma visualização ética e moral, na maneira de conduzir as violências tanto sofrida como executadas, trazendo olhares para a solidariedade e um humanismo anarquista como orientação básica. Esse sindicalismo revolucionário, mais tarde seguiria caminhos diversos, em que as metodologias se estabeleciam em estratégias e táticas; se não arriscadas no sentido de alterar os objetivos e princípios do sindicalismo revolucionário em sua origem, eram motivações em certa medida criadoras. Tínhamos, nesse sentido, reputações unânimes sobre o aspecto da aplicação do método da violência, que não faziam diferenças entre fins e meios e de como essas investidas seriam cultivadas; no caso, o sindicalismo revolucionário de Georges Sorel, por exemplo, seria uma dessas manifestações.¹¹¹

Na Inglaterra ofereceram a Kropotkin uma cátedra na universidade de Cambridge, ele acabou recusando devido a uma posição mais discreta que teria que assumir em relação aos conflitos sociais e aos movimentos revolucionários naquele país.¹¹² Não seria a primeira vez que ele teria recusado tal proposta. Mas Kropotkin continuava seus trabalhos e

¹⁰⁹ Nesta obra de Alexandre Samis, sendo ele um dos maiores historiadores brasileiros conhecedores do anarquismo no Brasil e seu movimento em geral, temos a história da *Comuna de Paris* e seus impactos dentro do movimento operário do século XIX, em que se pode presenciar um dos maiores exemplos de uma revolução de baixo para cima, no sentido de ser um movimento protagonizado pelo povo em uma experiência de autonomia, um grande exemplo de democracia popular. Samis nos traz essa história em detalhes e suas consequências que criaram rupturas na maneira de como fazer uma revolução e seus caminhos metodológicos estratégicos e políticos após a insurreição. O anarquismo, a partir desses eventos, teria ganhado uma organização mais bem consolidada diante de suas noções que delimitam uma maior precisão conceitual e dinâmica social. SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

¹¹⁰ RODRIGUES, Edgar. *ABC do sindicalismo revolucionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004. p.20.

¹¹¹ Jean Daniel, ao escrever o prefácio da obra *Reflexões sobre a violência*, de George Sorel, anuncia: “Eis um livro que chegou até nós com uma reputação bastante má e uma posterioridade incendiária. Sucessivamente, às vezes ao mesmo tempo, extrema direita nacionalista e extrema esquerda revolucionária, fascistas, terroristas, totalitárias, de todas as matizes invocam o testemunho das *Reflexões Sobre a Violência*. Todo mundo sabe que Mussolini fez dele, ao menos é o que dizia, um de seus livros de cabeceira. Mas nem todos sabem que Antonio Gramsci o considerava do mesmo modo. E segundo uma anedota contestada, que tem valor de símbolo, o governo bolchevique da URSS e o governo fascista italiano teriam proposto ao mesmo tempo a restauração do tumulto de Georges Sorel, que o governo francês deixava ao abandono (...) De uma maneira geral, liberais e democratas afastaram-se dele, acreditando nas homenagens que lhe prodigalizavam seus adversários. Sartre o tratava de “fascista”, aparentemente sem o haver lido, enquanto seu irmão inimigo, Raymond Aron, bem mais informado, nos confiava, pouco antes de morrer, sua reserva em relação a um espírito tão confuso e contraditório”. SOREL, George. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. pp.1-2.

¹¹² KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos revolucionários I*. Barcelona: Turques Editor, 1977. p.20.

orientações que podem servir para uma esquerda engajada e envolvida em perceber os limites que os partidos reformistas estão condenados a percorrer na história. Não exatamente caminhos óbvios, mas se não souberem obter percursos que andem com o povo e não somente sobre o povo, essas estratégias reformistas se desgastam e acabam reforçando muito mais os seus adversários. O pensador russo entendia que o esforço feito para a tomada ao poder, para depois serem efetuadas transformações sólidas na sociedade, deste modo, essa posição acabava carregando um obstáculo, pois para que isso seja feito, primeiro era preciso efetuar condições que nos forneça um poder popular de forma “definitiva”.

Es muy Significativo que, hasta 1903, Kropotkin no dedique un texto específicamente a rebatir el pape julgado por los partidos obreros (Socialism and Politics, Freedom Press, London). Esto no significa que no cuestionara la estrategia y métodos seguidos por los partidos políticos socialistas (aceder al poder mediante la lucha electoral oara controlarlo y llelar a cabo la revolucion) ya que según plantea, no puede existir una verdade sociedade libre sin que el ser humano sea libre y eso nunca se logrará em tanto existia un gobierno (independiente del talante político del mismo) y siga existiendo la propirdad privada. Las palabras de Kropotkin, escritas hace más de cien años adquieren gran importância, en cuanto a sua capacidade deductiva, si tenemos em cuenta todas las ocasiones en que los marxistas han llegado al poder, cuyo caso más paradigmático, aunque no el único, fue el régimen soviético ruso (aquí habría que recordar la llegada al gobierno del partido Laborista australiano o más recentemente, el Partido de los Trabajadores em Brasil, o los caos aberrantes d Korea o China.¹¹³

Sobre esses pontos aqui mencionados, podemos perceber certa atualidade em determinadas condutas que Kropotkin priorizava. O militante russo apoiava seus métodos dedutivos e indutivos, em espectros do campo da ética e da moral. Uma atitude que tem como procedimento se comunicar com o povo e as massas, na busca de não transformar valores políticos em consequências meramente vinculadas a escolhas individuais ou referidas a um grupo. Toda a ação moral está envolvida numa série de opções políticas que nos trazem caminhos históricos, e é dentro desses caminhos que construímos nosso exercício de alterações e mudanças políticas; o processo de politização, por sua vez, converte-se em uma dimensão histórica. Seus textos referentes à moral foram parte significativa de sua trajetória. Em 1904 e 1905 Kropotkin publicou trabalhos sobre a moral, em revistas e artigos que abriam espaços para as lutas sociais (*La necesidad de la moral en nuestros días* y *La moral en la naturaliza*) que vão definindo seu olhar através da história e do contexto conturbado e revolucionário em que o autor está envolvido.¹¹⁴

¹¹³ KROPOTKIN, Piort. *Anarco-comunismo: sus fundamentos y principios*. Madri: Tierra de Fuego/ La Malatesta Editorial, 2010. p.13.

¹¹⁴ KROPOTKIN, Pedro. *Origen y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.4

Em 1905, após a derrota da Rússia pelo Japão, uma grande crise levou às ruas: camponeses e camponesas, operários e operárias. Nessas circunstâncias, os revolucionários conseguiram criar o primeiro Soviete. De Londres, Kropotkin colaborou escrevendo artigos, recebendo exilados e estimulando essa nova forma de organização popular.¹¹⁵ Esse movimento estava aberto a buscar apoio internacional, e no Brasil os anarquistas radicados, como Neno Vasco, um português vivendo em São Paulo, coordenou a arrecadação dos valores enviados à Europa para ajudar essas ações criativas dentro do movimento revolucionário.¹¹⁶ As discussões sobre como seguir essas novas iniciativas populares, sendo elas atreladas ao sindicalismo revolucionário e o anarco-sindicalismo, eram temas que apontavam para um debate internacional sobre os rumos que a classe operária poderia seguir e de como os anarquistas poderiam se organizar dentro de um sindicato. Debates entre Neno Vasco e João Crispim são importantes para colocarem os desafios dessa relação entre sindicalismo e anarquismo.¹¹⁷

Sendo Kropotkin um dos inspiradores mais contundentes dentro daquilo que foi a conformação do sindicalismo revolucionário no começo do século XX, esses movimentos tiveram influência no Brasil. No caso brasileiro, o sindicalismo revolucionário foi uma porta de entrada para o que poderíamos chamar de “mundo urbano” no começo do século XX, quando temos conflitos permanentes com a classe conservadora no país, que buscava implantar o mundo do trabalho seguido do sistema capitalista, instaurando um modelo chamado de “moderno” e eficaz.

Foi por meio do sindicalismo revolucionário que os anarquistas alcançariam uma visibilidade nunca vista antes, e tudo isso por dentro do movimento, como um expoente incluso no socialismo e não visto como uma contribuição fora dessa esfera. Uma contribuição que não buscava uma hegemonia, como única orientação, pois isso enfraqueceria o movimento revolucionário, no sentido de buscar apenas um modelo ideal, esmagando as outras formas de organizações populares, forçando a todos a ter uma ideologia somente e conseqüentemente uma estratégia estreita e linear a ser seguida. Embora o anarco-sindicalismo concebesse a revolução de forma mais restrita e dependente, de sua matriz estratégica, acabou tendo um papel importante para definir uma orientação ideológica

¹¹⁵ SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.23.

¹¹⁶ *Ibidem*. p.24.

¹¹⁷ Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri. *Anarquistas no sindicato: um debate entre Neno Vasco e João Crispim*. São Paulo: Terra Livre, 2014.

anarquista para dentro dos sindicatos da época. Sabemos que as posições sobre o anarquismo variam na história, modificando sua forma e trabalhando significados diversos conforme o tempo, pois vão sempre tentando se adaptar as lutas que o contexto proporciona. O anarquismo e o sindicalismo revolucionário têm uma história entrelaçada, partes de um todo.

Até aquele momento da história dos movimentos revolucionários, apresentavam-se várias escolas e experiências que tinham trazido não somente resultados à classe operária, mas também haviam se mostrado eficientes. Foi, sem sombra de dúvidas, o sindicalismo revolucionário responsável pelo primeiro vetor contagiante no cenário social, conseguido em grande parte pelos anarquistas nos grandes centros urbanos brasileiros, no começo do século XX, como Alexandre Samis nos coloca.¹¹⁸

Kropotkin, dentro dos conflitos de 1905, tinha como orientação pedida aos jovens russos a organizarem sindicatos autônomos.¹¹⁹ Ele receava que os anarquistas individualistas tomassem a frente desses processos como orientador tático e estratégico. Uma das únicas semelhanças entre os anarquistas, denominados individualistas e os demais é sua crítica ao Estado, nos demais setores suas diferenças são praticamente muito mais significativas, para que se faça uma possível aproximação entre ambos.

Os ditos “individualistas” por mais que fossem reivindicações verídicas e que estivessem sempre dentro tanto do socialismo, como do anarquismo e do próprio movimento revolucionário, essas tendências eram pouco dialogáveis e se tornavam frágeis diante de um processo de transformação social mais intensificada que atingisse de fato o capitalismo, em que propor modelos sociais se tornava uma necessidade e um compromisso.

Se, com efeito, somos apenas um punhado, e que, mesmo turbinando a unidade pela refundação, pela renovação e pela inteligência, não podemos esperar ser outra coisa senão uma minoria, ainda que forte; ser-nos-á necessário, de uma maneira ou de outra, atrair outros militantes e outras forças, não libertárias, à aventura da realização de nosso projeto. Aí está seguramente o sentido ontológico da necessidade da unidade de um movimento libertário. Unir-se entre si para poder melhor se aliar com outros, a fim de colocar todas as chances de seu lado na aplicação e na realização do sonho e do projeto social libertário, deriva simplesmente da evidência e da necessidade.¹²⁰

¹¹⁸ SAMIS, Alexandre. *Pavilhão negro sobre pátria Olívia: sindicalismo e anarquismo no Brasil*. In: COLOMBO, Eduardo. (org.). *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004, p.179.

¹¹⁹ SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.23.

¹²⁰ RAYNAUD, J-M. *Apelo à unidade do movimento libertário*. São Paulo: Imaginário, 2003. p.40.

Alguns autores mais recentes tentam criar uma unidade ativa de cunho social para o movimento anarquista, como é o caso de J. M. Raynaud. Pois as divisões internas dentro do anarquismo, em tom de exagero, podem gerar um relativismo neutralizante como luta política organizada. Nessas passagens podemos destacar também uma forma crítica de ver a questão. Ademais, a história não vai esperar para que um dia os anarquistas amadureçam e decidam suas rivalidades internas para melhor agirem mesmo que separados, mas envolvidos em uma mesma causa.

Os equívocos dos anarquistas na Revolução Russa servem como exemplo para não serem repetidos. Os primeiros apontamentos sobre este acontecimento viriam de Proudhon quando profere: quem diz socialismo diz federação ou não diz nada.¹²¹ Em outro caso, Bakunin havia se pronunciado a respeito do socialismo e do movimento operário revolucionário, se no caso, se desenvolvesse pelos meios de um Estado, estabelecendo uma *Burocracia Vermelha*,¹²² nessa passagem, se referindo à noção polêmica da *Ditadura do Proletariado*, e o que estava por de trás disso, uma porta aberta, em formato de necessidade histórica: o despotismo em forma de violência estava assegurado, o terror vermelho, ou como assim foi chamado o *Exército Vermelho* fundado por Trostky. Cornelius Castoriadis percebe essa mentalidade, quase em seu formato neurótico, em Lênin; reconstruindo o aparelho de Estado que ele mesmo tinha derrubado, tentando criticar o aparelho burocrático criando mais comissões burocráticas, um círculo vicioso de cunho dramático.¹²³

Todos esses alertas eram para ter sido observado com muito mais atenção, e mesmo Kropotkin demorou muito tempo para, de fato, se decepcionar com a Revolução Russa, quando isso foi percebido já seria tarde demais. Pois sua capacidade de agir nesse evento foi lenta o bastante, talvez por sua idade, ou seu exílio, para que alguma coisa fosse realmente alterada, devidos às escolhas feitas sobre os ocorridos. E se de fato os anarquistas acabam “errando” e lutando contra os próprios anarquistas, não podemos esperar o respeito

¹²¹ PLOUDHON, Pierre Joseph. *El principio federativo*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2008. p.110.

¹²² René Berthier assim coloca um dos pontos sobre a questão: “O conceito de “burocracia vermelha” surge numa carta que Bakunin escreveu a Herzen e Ogarev em 19 de julho de 1866, na qual evoca a “mentira mais vil e mais temível que nosso século engendrou: o democratismo de Estado e a burocracia vermelha”“. Bakunin volta à questão numa carta a Ogarev de 14 de junho de 1868, na qual fala de “burocracia vermelha” para designar aqueles que querem “ligar a causa popular aos interesses do Estado” e querem servir essa causa popular “por meios governamentais, em resumo, pelos meios que estão à disposição da burocracia vermelha, pela via do socialismo de Estado, contra o qual devemos lutar energeticamente.” BERTHIER, René. *Elementos de uma análise bakuniana da burocracia*. In: BERTHIER, René; VILAIN, Éric. *Marxismo e anarquismo*. São Paulo: Imaginário, 2011. p.85.

¹²³ CASTORIADIS, Cornelius. *A criação histórica o projeto de autonomia*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 1991. p.25.

voluntário de seus adversários e nem que esses se preocupem em contar a história do anarquismo em sua devida importância, assim como os anarquistas também não se preocupam em expressar a história de outras escolas de pensamentos, em seu conteúdo aprofundado.

Nem sempre uma capacidade de organizar a luta, em unidade, é efetuada pelos seguintes termos de bem e mal no sentido moral, como muitas vezes são acusados esses métodos, por uma chantagem psicológica, de cunho argumentativo subjetivista da realidade. Alguém que luta “bem” por estar aparelhado contra aqueles que têm um condicionamento “ruim”, em seu sentido organizativo, e a relação de força que se estabelece nesse sentido, não pode ser vista somente pelo lado moral da questão, por meio de condutas “maquiavélicas”. No entanto, seria assertivo também dizer que estes agentes estão mais bem preparados e tecnicamente acabam sendo favorecidos, e por isso se sobressaem, fazendo ética e saindo beneficiados dentro dessa relação de força na sociedade e dos grupos que a compõem. Não precisamos, em todos os casos, contrapor o “bem” e o “mal” e sim podemos perceber essa ontologia entre o “bom” e o “ruim”, para tirarmos nossas prévias conclusões históricas; onde alguns tem um bom rendimento e outros que se estabelecem de forma pouco produtiva.

No começo da metade do século XIX, ao contrário das tendências mutualistas e coletivistas, temos questões que anunciavam disposições anarquistas individualistas, como assim hoje a compreendemos, tendo sua justificativa teórica na obra, *O único e sua propriedade* de Max Stirner.¹²⁴ Embora Stirner nunca tenha se afirmado como anarquista, ele pode ser visto como expoente tanto do idealismo, quanto do niilismo ou do existencialismo contemporâneo. Mas historicamente Stirner foi colocado como o articulador do anarquismo individualista no contexto de Kropotkin. O poeta anarquista John Henry Mackay redescobriu Stirner, em 1888, e divulgou sua obra. O pensador alemão passou a ser conhecido como o criador do individualismo anarquista. Kropotkin, no seu famoso artigo para a *Enciclopédia Britânica* de 1910, tinha colocado suas considerações sobre essa polêmica; ele via em Stirner ao mesmo tempo um adepto do anarquismo e, fora dos círculos libertários, como uma referência a não ser seguida. Essas polêmicas discutiam a importância de aproximá-lo do movimento anarquista ou de colocá-lo fora deste gênero.¹²⁵ Esses discursos individualistas

¹²⁴ Nessa obra, Max Stirner afirma o indivíduo, o eu, sobre todas as coisas, expressão essa muito familiar ao idealismo alemão de Johann Gottlieb Fichte, que foi um dos iniciadores do movimento do idealismo, que pregava que toda a realidade é situada no campo das ideias, onde as ideias podem explicar o mundo, seria então; o próprio mundo uma ideia, e dentro disso o eu era o imperativo máximo dessa ação onde tudo e o todo é a afirmação do eu subjetivo.

¹²⁵ “O historiador do anarquismo Rudolf Rocker, em *La anarquia através de los tempos*, foi mais longe, afirmando que ‘Max Stirner era no fundo eminentemente social, socialista’. Outros como George Woodcock, em

eram de fácil acesso dentro da classe operária e ofereciam resoluções práticas de um lado e repulsivas de outro. Esses pressupostos levaram o anarquismo a se considerar como um modo de vida, levando o anarquismo a ser visto como uma condição deslocada do meio social, incentivando uma irresponsabilidade ética e “militante”.

Seria oportuno lembrar que os marxistas e outros revolucionários quando não estão organizados não são rotulados de individualistas como os anarquistas acabam sendo categorizados, por esses motivos podemos dizer que existe uma perseguição em relação aos anarquistas, quando esses não estão organizados em relação a outras ideologias “socialistas”. Embora, muitas vezes, os comunistas estejam nessa mesma situação desses ditos “anarquistas”. Mas também sabemos que estar “mal” organizado não garante uma construção transformadora na sociedade, e muitos militantes ditos organizados buscam uma posição “organizada” para não fazer grande coisa dentro desse dito “partido”, mas acabam assim confortando sua consciência e nos trazendo uma aparência de que estão sendo mais aplicados do que os ditos “individualistas”, que podem até mesmo estar sendo muito mais produtivos do que uma dessas organizações de cunho inerte. Se a questão passa a ser a atividade coletiva, em seu sentido social, muitos indivíduos enquanto “desorganizados” acabam trabalhando juntos e ao mesmo tempo separadamente, podendo assim fazer muito mais do que uma organização de poucos indivíduos; de tal modo que a contribuição de uma pessoa pode fornecer mais substância emancipatória do que uma organização inteira.

Mesmo assim, temos essas avaliações que exprimem suas críticas aos revolucionários que tenderiam a uma ideologia individualista, considerações que se não legitimam, mas que, em certo sentido, explicam as necessidades que levariam Lênin a escrever *Que fazer?* O conteúdo desse livro de Lênin, sendo posições exageradas ou não, foram medidas oportunas para criticar a prática anarquista de maneira geral. Em seu discurso sobre seu desligamento da Redação da *ISKRA*, em 2 de fevereiro de 1904 em Genebra, periódico político que segundo Lênin se desvirtuou aos interesses mencheviques; ele não deixava de ressaltar que a fraseologia anarquista eram condutas que alimentavam a

seu livro *O anarquismo*, integram-no à história das ideias libertárias, acentuando sua complexidade e especificidade. Já Ángel Cappelletti chega a afirmar que não é, a rigor, um filósofo anarquista, por mais que assim se empenhem em considerá-lo os manuais”. SILVA, Jorge, E. *Introdução*. In; DÍAZ, Carlos. *Max Stirner: uma filosofia radical do eu*. São Paulo: Imaginário, 2002. p.8.

indisciplina no partido.¹²⁶ Henri Lefebvre, em 1902, entende assim essa questão naquele contexto:

Nesse momento, o leninismo não constituía ainda um corpo doutrinal; as divergências derivavam das questões teóricas (tratadas por Lenine no *Que Fazer?*), mas também e sobretudo das questões práticas, de organização e de estatutos. Lenine queria um partido socialdemocrata fortemente organizado e disciplinado, formado sobretudo por proletários, mas dirigidos por homens que tivessem assimilado o socialismo científico, cujos membros – revolucionários ativos – militariam, defendendo o programa do partido, nas mais diversas organizações exteriores. Os mencheviques, pelo seu lado, pretendiam abrir largamente o partido, diminuindo a disciplina e os deveres dos militantes, mas também apresentando o partido como autossuficiente.¹²⁷

Se avaliarmos o marxismo como Florestan Fernandes observa, podemos dizer que existe uma continuidade entre Marx, Engels e Lênin, no caso, um processo.¹²⁸ Portanto, podemos combinar também um fio condutor entre Carl Von Clausewitz e Lênin,¹²⁹ sobre o ponto de vista da “guerra” e suas estratégias políticas, em seus significados disciplinares e punitivos. Sendo assim, essas relações podem ser vistas, dentro desse procedimento, que se constitui a influência de Carl Von Clausewitz sobre o marxismo-leninismo, onde o partido político acaba funcionando na direção, muito semelhante, a uma hierarquia militarista e bélica. Numa espécie de culto a personalidade e a cargos administrativos, onde o partido pode ser usado como fachada para que poucos realmente comandem; e o caráter simbólico dessa relação, o centralismo, é atribuído sempre ao cargo mais alto do partido, mesmo que todos

¹²⁶ LÊNIN, V.L. *Obras completas tomo VII: setiembre de 1903 – diciembre de 1904*. Madri: Akal Editor, 1976. p.210.

¹²⁷ LEFEBVRE, Henri. *O pensamento de Lenine*. Lisboa: Moraes Editores, 1969. p.46.

¹²⁸ FERNANDES, Florestan. *Marx, Engels, Lênin a história em processo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.7.

¹²⁹ Sob as considerações e conexões colocadas por Michel Howard, que produzimos essa determinada abordagem. Vejamos: “Este foi certamente o caso dos discípulos Marxistas de Clausewitz. Quando Friedrich Engels deparou-se pela primeira vez com *Da Guerra*, não foi na realidade este aspecto do trabalho de Clausewitz que o impressionou mais vigorosamente. Foi a analogia entre a guerra e o comércio que chamou a atenção de Marx.; “uma maneira extraordinária de filosofar sobre a questão”, comentou ele, “mas muito boa.” Marx expressou igual aprovação: “o maroto tem um bom senso que toca as raias da sagacidade” retrucou ele. Foi entretanto no conceito de “Guerra como a Continuação da Política por outros meios (isto é violentos)” que Lenin concentrou-se no estudo de *Socialismo e Guerra* (1915). “Esta máxima”, escreveu ele, “foi proferida por um dos escritores mais profundos sobre os problemas da guerra. “Os marxistas têm sempre considerado corretamente esta tese como sendo a base teórica das concepções sobre a importância de qualquer guerra.” Toda guerra, explicava ele naquele e nos folhetos seguintes, estava indissolúvelmente ligada à ordem política da qual provinha e à política seguida pela classe dominante. O seu caráter “não era determinado pelo limite que os exércitos oponentes podiam suportar, [mas por] que política é levada adiante pela guerra, por que classe está conduzindo a guerra e por que propósitos pretende-se atingir ao longo dela.” CLAUSEWITZ, Carl, Von. *Da guerra*. Tradução para o inglês; Michael Howard e Peter Paret. Tradução do inglês para o português; Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, 1984. www.egn.mar.mil.br. p.46.

tenham trabalhado em igualdade de esforços. Lênin muito se serviu desses fatos e apelou diante de seus adversários utilizando essas medidas contra os anarquistas.¹³⁰

Quando os anarquistas, de maneira geral, criticam esses modelos permeados de metodologias marxistas e principalmente leninistas, acabam “sempre” sendo acusados de individualistas e autonomistas; um atributo retórico oportunista que tenta esconder uma verdade mais profunda, e alguns dos limites definitivos desses movimentos, em seu sentido centralista e organizativo. Aqueles que queriam construir uma organização disciplinada muito viam no anarquismo, muitas vezes, exageradamente, entendido como individualista, uma repulsa a organizações desse gênero. Percebemos uma cultura revolucionária, no cenário russo, que de um lado tinha uma tendência para negar, em absoluto, propostas que permeavam núcleos organizativos que anunciam a noção de um partido e instituições vinculadas ao Estado. De outro lado, tínhamos uma noção que atribuía uma força que concentrasse toda a energia social dentro de um partido, criando uma obediência cega e hierarquizada, construída por meio de um modelo estatal.

O anarquismo entendido como individualista era contra as organizações, mesmo anarquistas, e sabemos que tanto Bakunin quanto Kropotkin sempre deixaram claros seus fundamentos críticos a esse tipo de posição, que se ancorava em pretextos que justificavam estarem agindo em nome da liberdade, mas estariam sim a construir um mundo ancorado na filosofia do livre-arbítrio. Esses atributos deixavam espaços para serem atacados como sendo filhos de uma tradição liberal e burguesa. Lênin soube muito bem aproveitar esse vacilo inconsequente de algumas posturas “anarquistas”, generalizando esses pressupostos sobre toda a história do anarquismo, classificando-os de movimentos antirrevolucionários.¹³¹

Bakunin e Kropotkin seriam autores que sempre foram críticos vorazes dessas condutas individualistas, logo todos aqueles que gostam de serem chamados de anarquistas “livres” devem se lembrar de que podem ser colocados como tais, mas não seria coerente quando se reivindicam quanto “anarquistas” utilizando esses revolucionários para melhor se justificarem, através de uma aparência conveniente que esses autores trazem e representam. A sociedade é fruto dos indivíduos, o indivíduo só o é dentro da sociedade. Esses autores

¹³⁰ Vejam: “El federalismo como principio, se deriva logicamente de las concepciones pequeñoburguesas del anarquismo. Marx es centralista. En sus observaciones que acabamos de citar, no hay la menor desviacion del centralismo. !Solo quienes estan imbuidos de la “confianza supersticiosa” filistea en el Estado, pueden confundir la destruccion del aparato estatal burgues con la destruccion del centralismo!”. LÊNIN, V. I. *Obras completas Tomo XVIII*. Madri: Akal Editor, 1976. p.63.

¹³¹ *Ibidem*. p.69.

sempre preservaram a perspectiva coletivista e organizativa dentro de seus ensinamentos.

Murray Bookchin faz a seguinte leitura:

Bakunin expressou muitas vezes sua oposição às tendências individualistas do liberalismo e do anarquismo, por meio de uma considerável e polêmica ênfase. Apesar de que a sociedade “deve-se aos indivíduos”, escreveu ele, numa afirmação relativamente branda, a formação do indivíduo é social (...). Kropotkin, por sua vez, preservou esta ênfase coletivista, com notável consistência. Naquela que foi, provavelmente seu texto mais lido, o verbete “Anarchism” da *Encyclopaedia Britannica*, Kropotkin situou as concepções econômicas do anarquismo à “esquerda” de “todos os socialismos”, por reivindicarem a abolição radical da propriedade privada e do Estado, no espírito da iniciativa local, pessoal e da livre federação, estabelecida do simples ao complexo, em vez da hierarquia, que vai do centro a periferia.¹³²

Bakunin e Kropotkin seriam contrários às tendências individualistas como concepção de mundo. O individualista trabalha a perspectiva de individualismo quanto sinônimo de liberdade e de autonomia, esquecendo que cada geração encontra em seu caminho todo um mundo de imaginação e sentimentos, que recebem dos séculos passados a título de herança. O homem seria fruto de atividades sociais que o rodeiam por toda a sua vida, do começo até o seu fim.¹³³

Os anarquistas individualistas percorrem um caminho crítico em relação à sociedade e buscam, a partir deste ponto, fomentar um absoluto que deve justificar todo comportamento anti-social, no caso: tudo que está no exterior, em volta de mim, deve se submeter a essa ideia. Uma disposição embasada em um absoluto deísta, de sorte que essas premissas poderiam assustar certos anarquistas doutrinados por essas perspectivas, pois estariam, sem perceber, mais perto das análises desse tema feitas por Schelling¹³⁴ em certa medida, do que dentro das próprias elaborações ensinadas como anarquistas. Essas vertentes individualistas podem ter uma justificativa bem elaborada, como Schelling nos demonstra ao explicar as noções sobre a essência da liberdade.

Os anarquistas individualistas imbuídos desses conceitos sobre a liberdade parecem entrar em contradição pelos mesmos argumentos que as definem, pela própria história do anarquismo que se coloca como um vetor da filosofia social. Ou seja, sobre esse mesmo ponto, Eduardo Colombo articula: ao dizer que fica surpreso ao ver os anarquistas anunciarem ideias sobre a liberdade sem dizer uma palavra sobre a questão social.¹³⁵ A

¹³² BOOKCHIN, Murray. *Anarquismo, crítica e autocrítica*. São Paulo: Hedra, 2010. pp.50-51.

¹³³ BAKUNIN, Mikhail. *La Libertad*. Buenos Aires: Agebe, 1977. p.16.

¹³⁴ SCHELLING, F. W. *A essência da liberdade humana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p.69.

¹³⁵ COLOMBO, Eduardo. *Democracia e poder a escamoteação da vontade*. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2016. p.120.

liberdade é uma norma geral, se ela se constituir em um princípio absoluto acaba neutralizando a existência da própria liberdade, pois ela deve ser um conceito relacional, articulado com outras liberdades. Ademais, um autor como Bachelard nos chamaria atenção, fazendo a seguinte afirmação: nenhuma ideia isolada traz em si sua objetividade.¹³⁶ Podemos destacar também quais são as bases históricas desse discurso individualista moderno, segundo Norbert Elias. Vejamos:

Assim, na metafísica popular e até erudita – de nossa era, a ‘sociedade’ é comumente apresentada como aquilo que impede as pessoas de desfrutarem uma vida ‘natural’ e ‘autêntica’. O que se é dentro de si, independentemente de outras pessoas, o que se acredita ser seu ‘eu interior’, está associado ao complexo emocional que cerca a palavra ‘natureza’. O eu interior é percebido como ‘natural’, enquanto o trato com as outras pessoas é visto como imposto ‘de fora’, como máscara ou capa colocada pela ‘sociedade’ pelo núcleo interno.¹³⁷

Norbert Elias nos sugere essa noção que entrelaça uma relação entre o conceito de liberdade com a figura da natureza e conseqüentemente a ideia de sociedade, que dentro desses parâmetros, acaba reprimindo o indivíduo. Esta seria uma das imagens de nossa cultura moderna ocidental, que se manifesta tanto na alta cultura erudita como na cultura popular. De sorte que o anarquismo individualista acaba sendo, em última instância, uma conseqüência do senso comum ou manipulado por, em sua concepção, valores de uma elite aristocrática, independente das classes sociais que ele diz se articular. Sendo assim, temos aqui uma repulsa a investigação teórica sólida e a imaginação abstrata criativa. Embora vejamos todos esses paradoxos e problemas para formular uma conexão entre individualismo e anarquismo, no sentido de possibilitar construções teóricas que possam se justificar; suas atitudes também tinham uma função importante, pois tiveram um papel histórico reconhecido em alguns contextos específicos, na luta contra seus maiores adversários. Osvaldo Bayer nos ajuda a assim proceder.¹³⁸

O problema que buscamos destacar dessas ideologias seria de suas conseqüências de forma geral, no caso: de sua inconsistência teórica, as aberturas possíveis ao oportunismo político e sua aparência de radicalidade que mais destrói seus aliados do que seus supostos inimigos, nos levando a perceber que assim eles prestam um grande serviço a seus ditos adversários.

Anunciamos que, não estaria errado, devido às realidades históricas, lembrar que dentro da história moderna industrial e a história dos direitos dos trabalhadores, essas ideias

¹³⁶ BACHELARD, Gaston. *Estudos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. p.77.

¹³⁷ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p.107.

¹³⁸ BAYER, Osvaldo. *Anarquistas expropriadores*. São Paulo: Luta Libertária. 2004.

anti-organizacionais encontram eco e origens em leis criadas em 1791, ainda dentro da efervescência revolucionária francesa, uma lei criada por Isaac le Chapelier. Portanto, essa lei, que leva o nome de seu criador, se opunha a todas as formas de organizações artesanais, sindicais, cooperativas de trabalhadores e trabalhadoras, quanto também das corporações burguesas. Proibindo greves e as coalizões da regulamentação do preço único sobre as mercadorias por parte dos chefes industriários (ou aquilo que denominamos hoje de monopólio). Isaac le Chapelier era contra essas iniciativas e organizações de todos os tipos, devido ao fato delas limitarem e diminuírem os interesses do liberalismo econômico como um todo. Isaac le Chapelier parte do clímax da tradição liberal, em sua gênese conceitual do individualismo como filosofia e cultura. Olhando a questão por essa realidade, os anarquistas individualistas, no fundo, seriam mais individualistas do que anarquistas e quando esses agentes são acusados de terem pensamentos imbuídos no espírito liberal moderno, ou até mesmo de uma postura aristocrática vinculada ao antigo regime europeu, seriam argumentos que expressam certa coerência. Todas essas acusações encontram bastante respaldo se observarmos quais foram às ideias e argumentos que sustentaram historicamente uma atitude contra as organizações de cunho reformistas e revolucionárias, e quais foram os personagens que mais contribuíram com essas orientações culturais no período moderno.¹³⁹ Ou seja, viver em sociedade também é legitimar as forças sociais dentro dela, justificadas com nosso consentimento ou não.

A sociedade cria armadilhas sociais que fazem seus indivíduos inventarem noções e ilusões sobre si mesmos, que de alguma forma acabam fornecendo comprovantes reais que estabelecem fomentações que tranquilizam esses atores sociais, acomodando-os de forma que se percebam e tenham a sensação de estarem construindo atividades combativas como ente político. Vendo-se como resultados próprios de si mesmos acabam não percebendo esse jogo de relações, que criam um engodo sobre nossas atividades políticas e sociais, onde somos muito mais operações do sistema dominante do que um elemento combativo a esse sistema de dominação. Sendo assim, os anarquistas não estão imunes a esses procedimentos, embora alguns anarquistas acreditassem que por serem anarquistas e a se auto intitularem como tais, já estavam fora dessas influências sociais e não reproduziriam tais comportamentos. Murray Bookchin denuncia essas posturas individualistas e anticivilizacionais.

¹³⁹ HAMON, Thierry. *Aux origines de la suppression des corporations par la revolution francaise: les conceptions de guy-charles le chapelier (père) sur la reforme des communautes de metier bretonnes, a travers un memoire inedit de 1782.* (Université de Rennes I): Guy-Charles Le Chapelier et la question corporative. *Revue Historique de Droit Français et Etranger*, Sirey, 74ème année, 1996, n° 4, pp. 525-566.

Ironicamente, os anarquistas anticivilizadores, que hoje denunciam a civilização, estão entre aqueles que gozam de seus frutos culturais e que promovem as demonstrações mais individualistas de liberdade, sem qualquer noção dos excruciantes desenvolvimentos na história europeia que os tornaram possíveis. Kropotkin, por exemplo, deu ênfase ao ‘Progresso das técnicas modernas, que simplificam maravilhosamente a produção de todas as necessidades da vida’. Para aqueles que não têm senso do contexto histórico, as percepções arrogantes saem barato.¹⁴⁰

Murray Bookchin nos lembra das contribuições de Kropotkin para contrapor a perspectiva individualista. Mas é bom reconhecer que o anarquismo individualista não seria o único responsável por essas iniciativas, que buscavam um combate contra as organizações e de expropriações organizadas, modelos que eram bastante comuns na França naquele contexto. Kropotkin percebia que o contexto russo, no começo do século XX, havia condições que, poderiam reproduzir os conflitos que mais tarde aconteceram em 1904 e posteriormente a isso. Kropotkin fazia ressalvas aos métodos “expropriadores”:

Frequentemente essa situação angustiava os líderes que viviam no exílio, e durante um encontro secreto realizado em Londres, em dezembro de 1904, ao qual compareceram representantes dos grupos russos, Kropotkin insistiu para que estes abandonassem ao menos a prática das ‘expropriações’, que utilizavam para obter fundos (lembramos que Joseph Stalin era um hábil ladrão de bancos para os bolcheviques): ‘Não precisamos do dinheiro dos burgueses – argumentou Kropotkin – nem através de doações, nem de roubo’. Mas os revolucionários russos, na Rússia, insistiram em fazer o que queriam, apesar desses apelos. Entretanto, à medida que o anarco sindicalismo ia se tornando mais forte, houve uma mudança perceptível nos métodos que utilizavam; os assassinatos e roubos foram sendo aos poucos substituídos pelo incitamento à greve, como forma de abalar o Estado Tzarista.¹⁴¹

George Woodcock relata que as advertências de Kropotkin aos poucos foram ganhando ênfase, mas também encontravam resistência por parte dos revolucionários. A chamada Revolução de 1905 tem uma forte ligação com a Revolução de 1917, se revisitarmos seus passos e suas formas de organização. Podemos dizer que ela foi um ensaio geral que colocava as necessidades para uma revolução ser mais bem conduzida, com um caráter mais organizado, e um dos expoentes para isso era o partido político. Até aquele momento, os partidos sofriam rechaços e desconfianças de vários setores da sociedade russa.

As formas autônomas de luta tinham uma grande força na religião e junto da Igreja, que desde 1904 havia colocado onze seções operárias distribuídas em diversos bairros de Moscou, contando com milhares de sócios. Um de seus organizadores era o padre Gapon, que trazia para dentro dessas organizações ditas religiosas uma lógica apartidária. Somente penetrava nessas seções operárias quem não fosse militante de partido político. Porém, a

¹⁴⁰ BOOKCHIN, Murray. *Anarquismo, crítica e autocrítica*. São Paulo. Hedra, 2010. pp.86-87.

¹⁴¹ WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas volume II*. Porto Alegre. L&PM, 2002. p.222.

própria política czarista na época se beneficiava dessas condutas, pois o ingresso dos trabalhadores nessas seções dirigidas por Gapon ajudava e desestimulava os trabalhadores a reivindicar medidas que fossem além das questões imediatas e econômicas, reduzidas e confinadas a esses termos “pragmáticos”.¹⁴² Nesse mesmo ano, o pensador revolucionário escreve diversos folhetos populares que foram traduzidos para várias línguas. A compilação desses textos resultou em uma grande obra sua: *Palavras de um Revoltado*. O nome do livro foi dado por seu amigo e companheiro de luta E. Réclus. A tradução ao Italiano foi feita por Benito Mussolini, quando esse ainda fazia parte dos movimentos socialistas.¹⁴³

Apesar de estar na Inglaterra durante a revolução de 1905, Kropotkin pôde acompanhar esses conflitos de maneira atenta. Sabe-se que é difícil avaliar até que ponto os grupos ali constituídos foram determinantes para a eclosão dessa conflagração, pois todos de alguma forma foram precedidos por uma forte intervenção popular, em sua fúria mais estanca, chegando a surpreender vários revolucionários “profissionais”. Dizia Kropotkin que não teriam sido os social-democratas, nem os socialistas revolucionários, nem mesmo os anarquistas que “lideraram” essa revolução, mas a classe operária, a classe camponesa, o trabalhador, as mulheres, seriam esses os grandes expoentes desta revolução. As teorias anarquistas sobre a revolução espontânea pareciam estar confirmadas, e os eventos de outubro de 1905 vieram também apoiar a tese dos anarquistas sobre a greve geral. Entretanto, o fracasso da revolução não atingiu os anarquistas, mas sim provocou uma desconfiança em relação aos sociais-democratas que haviam tentado assumir a liderança do movimento. Sendo assim os anarquistas acabaram sendo beneficiados dentro desse processo, segundo George Woodcock.¹⁴⁴

No contexto da revolução de 1905, começaram a se articular organizações autônomas, conselhos populares, depois conhecidos como os Sovietes. A palavra *Soviete* significa em russo *Conselho*. O militante russo era um grande apoiador dessas iniciativas e não colocava em dúvida a função dessas organizações, dentro do processo revolucionário, atribuindo-lhes papéis específicos com uma inter-relação com a base e as forças locais de luta. Essas iniciativas tinham vinculações com um protagonismo que vinha de baixo para cima e não tinham nenhuma dependência do Estado e dos partidos políticos, eram movimentos

¹⁴² TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Faísca, 2007. p.101.

¹⁴³ CAPPELLETTI, Angel. *El pensamiento de Kropotkin: ciência, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx. 1978, p.12.

¹⁴⁴ WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas Volume II*. Porto Alegre. L&PM, 2002. p.221.

populares permanentes. Kropotkin não oscilava em detrimento de outras formulações que intermediavam esse processo com a necessidade de construir referências dirigentes de maneira imposta, oportunizando uma tomada do processo revolucionário através de modelos que ficam refém de uma orientação de cima para baixo, como Trotsky assim procedeu:

Os pontos essenciais da teoria da revolução permanente foram por mim formulados antes dos acontecimentos decisivos do ano de 1905. A Rússia caminhava para uma revolução burguesa. Entre os social-democratas russos da época (trazíamos todos, então, o nome de social-democratas), ninguém duvidava que marchávamos precisamente para uma revolução burguesa, isto é, para uma revolução provocada pela contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade capitalista e as anacrônicas relações de classes e de condição legadas pela época de servidão e da Idade Média. Lutando, nessa época, contra os *narodniki* (populistas) e os anarquistas, consagrei numerosos artigos e discursos à interpretação marxista do caráter burguês da revolução iminente. Esse caráter burguês da revolução não deixava, porém, prever que classes deveriam realizar as tarefas da revolução democrática e que forma tomariam, então, as relações entre as classes. Era esse, no entanto, o ponto de partida de todos os problemas estratégicos fundamentais.¹⁴⁵

Trotsky colocava-se como um dos dirigentes da classe operária. E sobre o problema fundamental dos dirigentes, para realizar as tarefas fundamentais da revolução. As elaborações marxistas quando retratam a ideia de “revolução permanente” salientam essas elaborações dentro da tradição que passam de Marx até Trotsky. Seria oportuno lembrar que essa elaboração foi estabelecida primeiramente por Proudhon, e não exatamente por Marx e Trotsky, se levarmos em consideração outra interpretação da história, que busca, em certa medida, fugir de certos exageros amarrados a determinados recortes ideológicos, que acabam idolatrando personagens históricos para se colocar como protagonistas de uma tradição estabelecida. O objetivo aqui não é cair nesse mesmo erro, mas podemos lembrar, que segundo Hannah Arendt, um anarquista como Proudhon foi o responsável pela expressão *révolution en permanence*, onde se anuncia que as revoluções modernas não são plurais, mas buscam desencadear uma única e perpétua revolução.¹⁴⁶ Sob esse aspecto, podemos dizer que o anarquismo, através de Proudhon, obtinha um conteúdo internacionalista, uma concepção que se tornou um princípio fundamental para os anarquistas.

As teorias do militante russo se encaixavam nesse formato de organização social conhecida como Sovietes e suas tendências federalistas, para assim enfrentar as dificuldades trazidas pelo Estado, à burguesia e o capitalismo. Kropotkin permeava um debate muito mais vinculado a organizar a classe trabalhadora, para que ela mesma possa promover suas

¹⁴⁵ TROTSKY, Leon. *A revolução permanente*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.57.

¹⁴⁶ ARENDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Ática UNB 1990. p.41.

demandas, do que atribuir ênfase aos que poderiam se tornar os dirigentes desse processo, como Trotsky assim procedia.

A situação dos conflitos na Rússia, nos anos posteriores à Revolução de 1905, traziam novas formas de organizações sociais de cunho popular, e os revolucionários tentavam cada um a sua maneira e ideologia promover modos de orientar essas necessidades. O caminho estava aberto, pois se via um esvaziamento de poder, porque as instituições históricas, naquele contexto, não conseguiam se adaptar a essa nova realidade.

Essas circunstâncias eram observadas por grande parte dos analistas da época. Max Weber analisava assim esse fenômeno social: teríamos uma conjuntura dramática para a democracia burguesa na Rússia, que de longe percebe que sua influência nesse processo seria de um lado inovadora, e de outro lado não teria um espaço respeitável, diante dessas transformações, pois seriam ultrapassados por outras classes.¹⁴⁷

Embora saibamos que as organizações populares não são uma novidade na história, elas sempre se manifestaram de formas diferentes, porém promovendo um sentido semelhante. Após as grandes revoluções modernas, os governos intitulados monarquistas e, principalmente, os modelos democráticos, tinham à sua sombra as formas de organizações inspiradas no socialismo, que não poderiam ser mais colocadas de lado e serem ignoradas. O socialismo fazia pressão a essas imperfeições da dita república, devido à fragilidade intrínseca e visível dos modelos democráticos. Podemos observar a história da democracia em alguns pontos, no período moderno:

Sendo assim, a palavra democracia não designa propriamente nem uma forma de sociedade nem uma forma de governo. A ‘sociedade democrática’ é apenas uma pintura fantasiosa, destinada a sustentar tal ou tal princípio do bom governo. As sociedades, tanto no presente quanto no passado, são organizadas pelo jogo das oligarquias. E não existe governo democrático propriamente dito. Os governos se exercem sempre da minoria sobre a maioria. Portanto, ‘poder do povo’ é necessariamente heterotópico à sociedade não igualitária, assim como ao governo oligárquico. Ele é o que desvia o governo dele mesmo, desviando a sociedade dela mesma. Portanto, é igualmente o que separa o exercício de representação da sociedade.¹⁴⁸

Sobre a ótica de Jacques Rancière, a palavra democracia se torna um conceito em disputa no jogo do poder, nos trazendo um conteúdo vazio como medida de representação política e social. A Europa, e o mundo de maneira geral, passavam por várias contradições para solucionar as consequências que o “antigo regime” havia imposto trazendo um

¹⁴⁷ WEBER, Max. *Estudos políticos Rússia 1905-1917*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004. p.51.

¹⁴⁸ RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014. p.68.

obstáculo: como conciliar democracia e a escravidão no século XIX? Assim Alexis Tocqueville problematiza instituições consideravelmente retrógradas, buscando se harmonizar em alicerces de um novo regime: no caso, um regime republicano e democrático.¹⁴⁹ E ademais, René Rémond nos demonstra que a república e a democracia nos Estados Unidos têm suas diferenças, aonde pouco a pouco essas noções no século XIX vão se conciliando e se afastando, funcionando como sinônimos e por vezes sendo conceitos antinômicos. Essas movimentações nos Estados Unidos vão se tornando de interesse à própria Europa. Nesta época nos Estados Unidos, a democracia seria do tipo autoritário e ditatorial e a república se manifestava em direções liberais e oligárquicas.¹⁵⁰

Desde a Revolução Francesa, que o anarquismo e o comunismo estavam dando seus passos largos para contribuir com aquilo que seria uma tendência contra o monarquismo e a democracia simplesmente representativa.¹⁵¹ A democracia como uma das formas que se destacava diante do antigo regime não agradava os revolucionários do século XIX; ela era vista como um disfarce da aristocracia, ainda muito doutrinária, viciada nos métodos e princípios do antigo regime. A ideia de federalismo sempre foi uma das investidas anarquistas contra o Estado e seus suportes estabelecidos entre as classes e a democracia, vista por dentro desses limites.¹⁵²

Proudhon já articulava suas críticas ao que se constituíam os interesses da “classe média” e a democracia funcionando dentro desses valores.¹⁵³ Os socialistas, de maneira geral, buscavam criar novas formas de organizar instituições políticas que fossem para além de uma força representativa na política. A democracia como conceito absorvido e desenvolvida pelos socialistas ganhavam novas abordagens e significados.

¹⁴⁹ “A escravidão é destas instituições que duram milhares de anos sem ninguém se dar ao trabalho de se perguntar por que ela existe. Mas é quase impossível mantê-la depois que esta pergunta é feita”. TOCQUEVILLE, Alexis. *A emancipação dos escravos*. Campinas, SP: Papirus. 1994. p.34.

¹⁵⁰ RÉMOND, René. *O antigo regime e a revolução: 1750 – 1815*. São Paulo: Editora CULTRIX, 1974. p.67

¹⁵¹ Kropotkin nesta obra já apontava, que dentro daqueles grandes movimentos de lutas revolucionárias que construíram a Revolução Francesa, os anarquistas e os comunistas seriam os grandes expoentes no sentido de promoverem a igualdade e a liberdade, aprofundando e radicalizando essas posições levantadas na época. Grupos, esses, ainda em seu nascimento e por terem suas garras apontadas contra a burguesia (e suas manobras), a nobreza, a igreja e tudo que viesse a esmagar os direitos do povo, eram identificados e severamente perseguidos obtendo pouco espaço para divulgar suas ideias antes que essas, logo fossem caluniadas e colocadas nos calabouços de uma prisão. KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora. 1935.

¹⁵² PROUDHON, Pierre-Joseph. *El principio federativo*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2008.

¹⁵³ Nas palavras de Proudhon: “Segundo a teoria do sufrágio universal, a experiência teria provado que a classe média, a única que outrora exercia os direitos políticos, não representava o povo; longe disso, que ela está, com a monarquia, em constante reação contra o povo”. PROUDHON, Pierre-Joseph. *Solução do problema social*. São Paulo: Imaginário, 2014. p.81.

Esses modelos sociais que se desenvolveram na Rússia sobre a forma dos Sovietes, seriam a materialização de ideias que, se não foram hegemônicas, sempre existiram dentro da história do socialismo. Geralmente se considera a ideia dos Sovietes com uma posição inaugurativa que precedia um pouco antes a Revolução Russa de 1917. Muitos historiadores arrastados pela influência marxista acabam fazendo essas simplificações; os historiadores que estudam essas temáticas situam a data dos Sovietes em torno de 1905-1906. É pertinente que os Sovietes tenham aparecido pela primeira vez durante as greves mais importantes no seio do proletariado russo desses anos. E também seria verdade que até aquele momento, na história europeia, na Rússia de 1917, tivemos a tentativa de um governo revolucionário, que teria como prática aplicar esse modelo Soviete como um sistema em larga escala. Por volta de 1917, Henri Lefebvre assim estrutura essa questão:

Aproxima-se a hora. A vitória está garantida, pensa e escreve Lenine, pois as massas convenceram-se “*por experiência própria*” da justeza das palavras de ordem bolchevique (*Leninski Sbornik*, T. XXI, pp, 193 a 197, Cartas do Comitê Central). A Palavra de ordem ‘todo poder aos Sovietes’ é retomada e posta em primeiro plano.¹⁵⁴

Até aquele momento os Sovietes eram desconhecidos e estavam para se tornarem populares, em particular, em países que desconsideravam essas propostas, como é o caso da Bulgária, ou então em países em que essas propostas eram não somente ignoradas, mas consideradas como “utópicas”, como é o caso da Alemanha. Poderia ser afirmado que é inexato pensar que os Sovietes, sendo órgãos de coordenação das lutas operárias em escala proporcional, teriam surgido antes de 1905-1906, ou em meados de 1917. Entretanto, a origem da própria ideia dos conselhos de trabalhadores como órgão unificador dos próprios trabalhadores em sua localidade, bem como do surgimento do conceito de regulação da atividade econômica dentro desse cenário, já estava desenvolvida na época da Primeira Internacional dos Trabalhadores, sendo que ela estava presente nas seções em que estava à esquerda dessas manifestações. Um dos ideólogos e inspiradores mais notáveis dessa noção teria sido Mikhail Bakunin.

Geralmente se considera a ideia dos Sovietes como “nova” e emanada da Revolução Russa de 1917. Historiadores mais “precisos” situam a data de seu surgimento em torno de 1905-1906, momento em que importantes eventos revolucionários aconteceram na Rússia. De fato, nenhuma dessas duas explicações é verdadeira (...) É exato que os Sovietes aparecem pela primeira vez durante as greves importantes e grandiosas do proletariado russo em 1905-1906. Também é verdade que a Rússia de 1917 conheceu a tentativa mais extraordinária, até o presente, da história do movimento revolucionário proletário de aplicar na prática o sistema dos Sovietes em larga escala. (...) A origem da própria ideia dos conselhos de trabalhadores como

¹⁵⁴ LEFEBVRE, Henri. *O pensamento de Lenine*. Lisboa: Moraes Editores, 1969. p.88.

órgão unificador dos trabalhadores em localidade, bem como o surgimento desse conceito de regulação da atividade econômica e social futura da sociedade em um local determinado pelos Sovietes dos trabalhadores, já se encontrava na época da Primeira Internacional. Ela está presente nas seções que estavam à esquerda e cujo ideólogo e inspirador mais célebre foi Mikhail Bakunin.¹⁵⁵

Pano Vassilev faz uma interpretação histórica, dizendo que a noção dos Sovietes já tinha sido colocada e, em certa medida, materializada tanto no campo prático quanto teórico por Bakunin. Sendo essas manifestações de inspiração anarquista e federalista. Do mesmo modo Gaston Leval também atribuiria a Bakunin um dos fundadores de conceitos que posteriormente acabaram sendo reivindicados mais tarde como sindicalismo revolucionário. Essa relação íntima que os anarquistas acabam tendo com as organizações de cunho revolucionárias no final do século XIX são premissas históricas bastante enfatizadas.¹⁵⁶ Ou seja, Kropotkin articulava suas teorias a partir dessas perspectivas. Dentro desses pressupostos, Bakunin, Malatesta e Kropotkin estavam em concordância. Nesses quesitos, os Sovietes e os sindicatos eram grandes mobilizações populares.¹⁵⁷ Em seu livro *A Conquista do Pão*, podemos perceber como Kropotkin buscou destrinchar essas ideias em um processo de materialização propositiva, de como essas federações poderiam funcionar pela perspectiva social e econômica.

Todas essas iniciativas se colocavam contra uma intervenção estatal e a negação de uma ditadura absoluta, tanto a “direita” quanto a “esquerda”. Os Sovietes tinham dentro de si esses princípios como nos assegura Arthur Lehning.¹⁵⁸ Mas seria oportuno colocar que muitas pessoas, quando pensam a história revolucionária na Rússia, que Bakunin (1814-1876) e Kropotkin (1842-1921), por serem russos e grandes teóricos do anarquismo, possam exagerar a influência desses pensadores neste contexto. A ideologia e as ideias anarquistas já estavam circulando em vários movimentos, enraizadas na cultura do povo russo. Tanto Bakunin como Kropotkin se fizeram anarquistas fora da Rússia, militando na maior parte do tempo fora do cenário russo. O anarquismo na Rússia não tinha um foco organizado e, embora estivesse como uma noção importante, nunca chegou a fazer parte da educação naquele país, que ignorava estas ideias em sua profundidade. Os escritos de Bakunin e Kropotkin entravam

¹⁵⁵ VASSILEV, Pano. *Ideia dos Sovietes*. São Paulo: Imaginário, 2008. pp.35-36.

¹⁵⁶ LEVAL, Gaston. *Bakunin fundador do sindicalismo revolucionário a dupla greve de Genebra*. São Paulo: Imaginário, 2007.

¹⁵⁷ “Kropotkin, sobre o assunto, aproximava-se muito de Malatesta quando este saudava os sindicatos como instâncias privilegiadas na luta direta contra o capital; mas que era necessário – como fizera Bakunin ao fundar a Aliança da Democracia Socialista no Interior da AIT – um órgão ideológico para inspirar os trabalhadores quanto ao ateísmo, o socialismo anarquista e a revolução”. SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.25.

¹⁵⁸ LEHNING, Arthur. *Marxismo e la anarquismo em la Revolución Rusa*. Buenos Aires: Luta libertaria, 1971, p.18.

no país de forma desorganizada e clandestina, como assim percebe o historiador e revolucionário Volin.¹⁵⁹ Bakunin chegou a traduzir algumas obras para divulgar essas ideias revolucionárias: a obra *O Capital, volume I*, de Karl Marx, já que compartilhava de várias das ideias econômicas de Marx, e feito à primeira tradução russa do livro *O Manifesto Comunista*.¹⁶⁰ O anarquismo e o comunismo não teriam sido hegemônicos nesse contexto, e havia a participação do movimento revolucionário e reformista que estavam para além dos limites e generalizações que os anarquistas e comunistas nos trazem sobre essa história. Mesmo o marxismo, teria encontrado dificuldades para estabelecer seu desenvolvimento na Rússia.¹⁶¹ Plekhanov pode ter o mérito de introduzir o materialismo histórico e o marxismo na Rússia no campo intelectual político, nos partidos e na cultura artística.¹⁶² Portanto, podemos dizer que as teorias anarquistas e comunistas eram marginalizadas e por vezes desconhecida em seu conjunto.

Kropotkin já tinha se transformado em uma grande personalidade revolucionária nos anos posteriores à Revolução de 1905. Ele continuou seus trabalhos de sentido revolucionário. Em 1907 Kropotkin acabaria intervindo contra a prisão de Lênin, que havia sido detido pela polícia.¹⁶³ O militante revolucionário permanecia atento a todas as movimentações e denunciava tudo aquilo que fosse prejudicial à luta do povo e dos movimentos sociais no mundo todo, em conflitos no México e na Espanha.

A conjuntura era propícia para uma grande revolução, Kropotkin pensava assim. Mas antes que a revolução estourasse, foi a Primeira Guerra Mundial que abriu o cenário conflituoso na Europa. Em 28 de junho de 1914, o estudante e militante Gravilo Princip (anarquista e nacionalista)¹⁶⁴ de uma organização Sérvia assassinou o herdeiro do trono austríaco em Sarajevo, Francisco Ferdinando, desencadeando conflitos que levaram a Alemanha a declarar guerra contra a Rússia no dia primeiro de agosto de 1914 e contra a

¹⁵⁹ VOLIN. *La revolucion desconhecida*. Buenos Aires: Américalee, 1954. p.69.

¹⁶⁰ “Prefácio à edição russa de 1882: “A primeira edição russa do *Manifesto do Partido Comunista*,” foi traduzida por Bakunin, feito em princípios da década de 60 na tipografia de Kolokol”. MARX & ENGELS. *Obras Escolhidas Volume I*. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. p.15.

¹⁶¹ ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Porto: Edições Afrontamento, 1976, p.14.

¹⁶² PLEKHANOV, George. *Arte e a vida social*. São Paulo: Brasiliense, 1969. p.7.

¹⁶³ CAPPELLETTI, Ángel. *El pensamiento de Kropotkin: ciência, ética y anarquia*. Madri: Zero-Zyx. 1978, p.16.

¹⁶⁴ COGGIOLA, Osvaldo. *Imperialismo e guerra na Iugoslávia: radiografia do conflito nos Bálcãs*. São Paulo: Xamã, 1999. p.41.

França no dia três.¹⁶⁵ Esses fatos teriam trazido questões profundas para o movimento revolucionário, pressionando-o a tomar uma posição diante desses acontecimentos. Os socialistas negavam o capitalismo de maneira geral pelo seu instinto de guerra permanente, necessário, para assegurar suas estruturas internas de funcionamento. Tanto marxistas como anarquistas visualizavam esses mesmos conflitos no capitalismo, o que os diferenciavam, na maior parte dos termos, eram as táticas, as estratégias políticas e as consequências dessas atitudes, para que assim possa triunfar a emancipação “comunista”, se vemos essa questão segundo Éric Vilain e René Berthier.¹⁶⁶

O nacionalismo seria mais um anel para colocar em conflito o interesse desses Estados modernos, conforme Hobsbawm observa. O nacionalismo trouxe muitos problemas e conflitos devido a sua influência para dentro desses movimentos.¹⁶⁷ Lênin teria se movido pela necessidade de compreender a situação gerada pelas crescentes rivalidades entre as grandes potências capitalistas, que impunham ao mundo uma guerra aberta e generalizada. Lênin sente a urgência do tema, era preciso encontrar uma resposta teórica e prática para defender a causa socialista, que poderia entrar em colapso de várias formas e, dentro disso, haveria um fortalecimento das tendências oportunistas. A partir de 1912, Lênin voltou sua atenção para o estudo do imperialismo.¹⁶⁸ Diante disso, novas condições e possibilidades estavam sendo abertas. Segundo Perry Anderson a Primeira Guerra Mundial colocaria fim à longa história do absolutismo europeu.¹⁶⁹ Os conflitos estavam dados e se agravavam sobre todos os pontos de vista.

Vivemos, por conseguinte, numa época peculiar da política colonial mundial, que se encontra intimamente relacionada com a ‘fase mais recente de desenvolvimento do capitalismo’, com o capital financeiro. Por isso é necessário determo-nos mais pormenorizadamente acima de tudo nos dados concretos, para formarmos uma ideia o mais precisa possível da diferença existente entre esta época e as anteriores, assim como da situação atual. Em primeiro lugar surgem duas questões concretas: verifica-se uma acentuação da política colonial, uma exacerbação da luta pelas colônias, precisamente na época do capital financeiro? Como precisamente se encontra repartido o mundo, na atualidade, deste ponto de vista?¹⁷⁰

¹⁶⁵ VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. *História do mundo contemporâneo: Da Pax Britânica do século XVIII ao Choque das Civilizações do século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.108.

¹⁶⁶ BERTHIER, René; VILAIN, Éric. *Marxismo e anarquismo*. São Paulo: Imaginário, 2011.

¹⁶⁷ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780 e 1914*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990. pp.152-153.

¹⁶⁸ LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O imperialismo etapa superior do capitalismo*. Campinas, São Paulo: FE/UNICAMP, 2011. p.30.

¹⁶⁹ ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.359.

¹⁷⁰ LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O imperialismo: a etapa superior do capitalismo*. Campinas, São Paulo: FE/UNICAMP, 2011. p.201.

Lênin percebia a urgência de temas concretos que o capitalismo estava a gerar naquele contexto. Todas essas movimentações estavam sendo examinadas por Kropotkin que pôde, em certa medida, por meio de seus estudos, perceber certas possibilidades e “prever” a Primeira Guerra Mundial, devido à posição geopolítica central dos alemães sobre a Europa e seu militarismo enraizado em sua cultura recente.¹⁷¹

O militante russo anarquista participou de uma campanha forte contra o militarismo e o nacionalismo naquela época, sendo que o próprio Benito Mussolini, até então, quando estava ainda dentro do movimento socialista, admirava sua valentia por suas convicções. Kropotkin teria sido uma unanimidade até aquele momento, admirado e reconhecido por muitos dos revolucionários dentro das diversas posições revolucionárias e círculos intelectuais, por conseguir articular as suas posições teóricas com suas atitudes práticas. Oscar Wilde afirmava que Kropotkin conseguiu realizar em vida, o que Tolstoi realizou somente em sua arte e perspectiva teórica.¹⁷²

Kropotkin já havia demonstrado em 1896, sua preocupação em relação a uma grande guerra entre os Estados europeus, que teria como impulsionador a Alemanha, pois esse país estava organizando uma sociedade militarizada, com um forte impulso nacionalista, e que entraria em conflitos com as outras nações, devido as suas grandes ambições imperialistas. Ángel Cappelletti nos coloca essa questão da seguinte forma:

Cuando el mismo Rocker lo visitó, en agosto o septiembre de 1896, Kropotkin estaba ya preocupado por el peligro de una guerra europea, preparada por las ambiciones imperialistas de Alemania y por la carrera armamentista que tales ambiciones desencadenaba en las otras potencias. Al estallar, dieciocho años más tarde, la primera guerra mundial, tomó partido, inesperadamente para la mayoría de sus compañeros y amigos, por los aliados.¹⁷³

Essas indicações fizeram e ajudaram Kropotkin a participar do *Manifesto dos Dezesesseis*,¹⁷⁴ que se colocava a favor dos aliados na guerra contra a Alemanha.¹⁷⁵ O agente

¹⁷¹ KROPOTKIN, Pedro. *Folletos revolucionários I*. Barcelona. Turques Editor, 1977. p.23.

¹⁷² “Oscar Wilde, poeta y esteta, escribe en su de profundis: «A las vidas humanas más perfectas que ha tenido ocasión de observar, pertenecen las de Verlaine y el príncipe Kropotkin». (...) Romain Rolland, comparándolo con Tolstoi, dice de Kropotkin: «Simple, naturalmente, había realizado en su propia vida el ideal de pureza moral, de serena abnegación. De perfecto amor a la humanidad, que el atormentado genio de Tolstoi deseó toda su vida y que solo realizó en su arte (si se exceptúan algunas felices y raros momentos, con fugas vigorosas y fallidas)»”. CAPPELLETTI, Ángel. *El pensamiento de Kropotkin: ciência, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx, 1978. p.28.

¹⁷³ *Ibidem*. p.21.

¹⁷⁴ *Encyclopedie Anarchiste. Seize (le manifeste des)*. <http://www.encyclopedie-anarchiste.org/articles/s/seize>.

¹⁷⁵ “Os argumentos destes, expostos no *Manifesto dos Dezesesseis*, de 14 de março de 1916, afetaram o movimento anarquista muito mais no plano interno do que nas tarefas assumidas no interior dos sindicatos. Apesar da inquestionável importância dos signatários, suas opiniões não tiveram força suficiente para arrebanhar grande número de militantes. Malatesta, que logo nos primeiros meses da guerra havia se colocado contra ambos os

revolucionário já denunciava em grande parte a política alemã e desconfiava bastante de sua capacidade de se libertar de seus enfoques culturais que estavam se desenvolvendo dentro da Alemanha naquele momento.

Suas inspirações metodológicas como analista da história, prevaleceria diante de um diagnóstico meramente ideológico, embora uma crítica as suas posições possam também ser colocadas. Franz Mintz nos coloca que Kropotkin teria uma tendência, naquele contexto, a privilegiar a cultura latina do que a cultura alemã, vindo nessa posição um equívoco do pensador russo.¹⁷⁶ Em decorrência desse episódio, a popularidade de Kropotkin foi perdendo impacto diante dos libertários que, em sua maioria, tinham se colocado “neutros” dentro desse processo e contra a guerra em última estância, sem escolher lados dentro dela, atribuindo sua aliança em solidariedade aos povos e seu comprometimento com um poder de força popular.

E, mais precisamente, Kropotkin pagou um preço caro, por essa posição, sendo estigmatizado na história do anarquismo, por muitos anarquistas, devido a esse caso especificamente. Seu “crime” foi ter percebido e adiantado os sinais do que poderia vir a ser a Alemanha, se naquele contexto viesse a se impor como nação principal do imperialismo europeu. Em um primeiro momento essa atitude do escritor revolucionário russo foi vista como equivocada não somente pelos anarquistas, mas também pela maioria dos revolucionários que não percebiam as justificativas dessas escolhas. Ángel Cappelletti entendeu assim essa controvérsia:

Esto provocó la airada reacción de la mayoría anarquista y también de los socialistas internacionales y de los bolcheviques. Refutaron la posición kropotkiniana, en nombre del tradicional anti-belicismo libertario, que ve en toda guerra entre Estados una lucha por los intereses de las clases gobernantes, Domela Nieuwenhuis, Sebastián Faure, Rudolf Rocker, Emma Goldman, Alejandro Berkman, Emilio Armand, Luís Bertoni y Enrique Malatesta. Por otra parte, Lenin, Trótski, Stalin y los más importantes dirigentes del bolcheviquismo no escatimaron sus ataques contra la toma de posición kropotkiniana. Aleksandr Ge, un anarquista ruso que llegó a ser alto funcionario de la cheka, y miembro del Comité Ejecutivo Central de los soviets, publicó una *Leerte ouverte* à P. Kropotkine, donde fustigaba con vigor dicha posición. Y es indudable que, puestos a considerar las cosas desde el ángulo

blocos, insistindo na tese de ser o conflito uma tragédia fratricida, que desviava os operários do caminho da solidariedade internacional em favor de uma agenda burguesa e nacionalista, chamou de aliadófilos (na primeira Guerra Mundial, os partidos dos países aliados contra a Alemanha e o Império Austro-Húngaro) os anarquistas do governo”. SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.26.

¹⁷⁶ “Kropotkin tinha tendência a privilegiar o espírito latino oposto à mentalidade germânica (Ed. de 1888, pp.121, 175), abordamos alhures esse ponto e consideramos que Kropotkin equivocou-se completamente. Não se pode escolher entre os imperialismos; combatemos todos porque todos se fundem na hierarquia e nos monopólios do saber por uma minoria”. Martin Zemlial (FRANK MINTZ) Paris, 1978 – São Paulo, 2004. KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, Ícone Ed. 2005. p.11.

de la escrita coherencia ideológica, esta actitud del ya anciano príncipe parece carecer de justificación.¹⁷⁷

Proponho pensar que a justificação de Kropotkin para tal posição seria as consequências que desencadearam a segunda guerra, como a partir das quais a Alemanha nazista teria um papel inquestionável para se pensar a barbárie que marcou o século XX. Sendo que, se tivéssemos vividos uma vitória alemã, as críticas do autor russo estariam sendo lamentadas de forma conclusiva sobre esse tema, onde ficaria difícil ver seus argumentos como “erros” e sim seria mais fácil dizer que ele teria sido um alerta histórico sofisticado. Até porque, reconhecemos que o nazismo estaria mais ligado a Primeira Guerra Mundial do que o conjunto da cultura alemã. Kropotkin tentou argumentar sobre sua posição junto de outros anarquistas, para justificar suas escolhas naquele momento difícil que a Europa passava, e para que percebessem o que a Alemanha estava a construir como Estado nação, no caso, seria algo ameaçador. Um processo que permanecia em desenvolvimento e precisava imediatamente de uma espécie de contenção. Nos textos de Malatesta reunidos por Vernon Richards temos passagens críticas ao posicionamento de Kropotkin nesse episódio.¹⁷⁸

Sobre o ponto de vista histórico, as análises de Kropotkin sobre a Alemanha podem ser mais compreendidas do que justificadas. Anunciando um engajamento do autor, que coloca uma análise de conjuntura histórica contra os princípios de uma vertente concebida por uma matriz idealista, que vem de uma tradição que começou com Platão¹⁷⁹ e desemboca no idealismo alemão. O militante russo fazia “axiologia” na história.

A Alemanha em sua unificação feita por Bismark, em 1871, no século XIX teria um conteúdo fortemente peculiar em relação à França e a Inglaterra. A Alemanha tinha se configurado por uma tradição: autoritária, burocrática, militarista, glorificação pela força e de

¹⁷⁷ CAPPELLETTI, Ángel. *El pensamiento de Kropotkin: ciencia, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx, 1978. p.21.

¹⁷⁸ Vernon Richards coloca assim a polêmica: “En *Freedom*, en noviembre de 1914, encontramos artículos de Kropotkin, Jean Grave, Tcherkessoff y una carta del anarquista Verleben, todos ellos con argumentos acerca de los motivos por los cuales los anarquistas debían apoyar la causa de los Aliados. Una contribución de Malatesta estaba destinada a rechazar las racionalizaciones de los autores citados: “Los anarquistas han olvidado sus principios” (véase el apéndice I). El título era poco afortunado, puesto que según observa Malatesta en el primer párrafo se aplicaba a una minoría de los anarquistas, aunque entre ellos hubiera “camaradas a los que amamos y respetamos mucho”, si bien el autor del reciente estudio titulado *The Anarchists* ha utilizado el título para deducir que Malatesta era una voz solitaria que predicaba en el desierto contra los anarquistas partidarios de la guerra: Él [Malatesta] polemizaba con Kropotkin acerca del apoyo que éste daba a la guerra y siguió siendo una voz de la conciencia anarquista que declaró constantemente que – para citar el título de uno de sus artículos en inglés de 1914 – ‘Los anarquistas han olvidado sus principios’. Como observaba más tarde Joll: “[en 1919] Malatesta volvió en triunfo” (pág. 179), y la “posición” de Kropotkin cuando éste volvió a Rusia en el verano de 1917 “era extraña, pues su apoyo a la guerra lo había alejado de casi todos los revolucionarios de izquierda”. RICHARDS, Vernon (org). *Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 2007. pp.210-211.

¹⁷⁹ PLATÃO. *A república*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

um colonialismo agressivo por parte das elites, da época, numa relação de culto a obediência. Estas consequências possibilitaram um Estado policial e militar no começo do século XX. Isabel Loureiro descreve o contexto germânico dentro dessas implicações culturais, em seu lado atormentante.¹⁸⁰ Karl Mannheim em seu texto “*Conservative Thought*” havia dito que a Alemanha tinha desenvolvido a ideologia do conservadorismo até suas últimas consequências, da mesma forma que a França tinha feito o mesmo movimento em relação ao *Iluminismo*.¹⁸¹ Georg Lukács também tinha constituído suas ressalvas, sobre o aspecto que sustenta a ideia de que a entrada tardia dos alemães no cenário imperialista, possibilitou uma postura agressiva e destruidora em suas manifestações históricas e sociais daquele país, que se manifestaram em seu pensamento irracional.¹⁸² Thorstein Veblen em *Alemanha Imperial e Revolução Industrial*, chamava atenção de que a Alemanha tinha combinado um desenvolvimento industrial junto de uma tradição medieval, como maneira de organizar suas instituições, uma mistura entre o avanço industrial e o conservadorismo institucional.¹⁸³ Gabriel Cohn, nessa conjuntura histórica, percebe, em seus estudos, sobre aquele contexto na Alemanha, que a universidade anunciava por alguns, no caso, um retorno a Kant, sendo, aliás, uma medida que parecia oportuna para problematizar questões que esse autor trazia em relação a como conduzir uma crítica feita ao olhar produzido sobre o objeto, não se esquecendo da crítica anunciada sobre esse mesmo conhecimento produzido sobre o objeto.¹⁸⁴ Uma medida que buscava fazer uma espécie de contenção ao pensamento autoritário que se constituía naquele momento.

As premissas sustentadas por Kropotkin podem ser compreendidas diante desses fatos em relação à cultura alemã, direcionada sobre aquele contexto específico e não como uma orientação determinista sobre a sociedade e o povo alemão, de uma percepção que não leva em consideração que este moralismo que se tornou coletivo, uma tradição, não pudesse ser modificável através do tempo e da história, como assim os anarquistas e outros acabaram rapidamente o compreendendo. Até porque muitos autores, com quem dialogamos aqui, entendiam a cultura alemã, naquele contexto, como sendo um país que estava sob uma ideologia problemática, atingindo todos os grupos sociais daquele momento. E essas suas posições não deixavam margem para serem rotulados de antigermânicos, ao contrário, apenas

¹⁸⁰ ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (org). *O pensamento alemão no século XX Volume II*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.140.

¹⁸¹ WOLFF, Kurt H. (org). *From Karl Mannheim*. United States of American: New Brunswick, 1993.

¹⁸² LUKÁCS, Georg. *El asalto a la razon*. México: Fondo d Cultura Economica, 1959.

¹⁸³ VEBLLEN, Thorstein. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1980.

¹⁸⁴ COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: Max Weber e a teria social*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.19.

queriam entender o problema não romantizando o papel que o povo teria diante daquelas condições históricas, fugindo de uma norma que estabelece o povo como sendo em si um atributo justo, bom e consciencioso. Portanto, podemos dizer que se Kropotkin foi antigermânico, os autores aqui citados e críticos em relação àquele instante histórico, também podem ser vistos como próximos a isso, e esta visão parece ser estreita, senão pouco provável e absurda, pois uma crítica contundente não seria exatamente uma eliminação, mas apenas a formalização de determinados limites que estão em questão.

Para o escritor russo uma metodologia ancorada em um princípio está em movimento e tem uma medida ética, que estabelece um jogo de armadilhas, onde não podemos ter os mesmos significados, quando a história está em seu processo vivo e ativo, mostrando seu conteúdo profundo, somente, com o passar do tempo. Entendendo a questão deste modo, sugerimos que as críticas colocadas a Kropotkin, sobre seu antigermanismo, praticadas por alguns anarquistas, nos parecem exageradas se não feitas por um desconhecimento profundo do contexto histórico que possibilitava essas escolhas, e em seu sentido mais dramático, seriam críticas que entendem os princípios em sua medida ortodoxa, completa, sem a necessidade de ajustes.

Diante desses fatos ocorridos na Primeira Guerra Mundial, Kropotkin, por meio de sua leitura histórica, anunciava aquilo que foram os caminhos possíveis que, aliás, a Europa teria seguido. Suas posições eram mais um alerta, e parece difícil tal compreensão desses fatos se não mergulharmos em seu pensamento, já que sua teoria da história anuncia caminhos possíveis. O militante anarquista buscava, em certa medida, uma das funções do historiador, pensar os processos e as possibilidades do futuro, procurando aberturas identificadas no presente, anunciando uma prevenção do futuro sem exatamente petrificar a história dentro de percepções deterministas e, ao mesmo tempo, se comprometer com o conhecimento formalizado e adquirido. Hobsbawm também argumentaria sobre essas atividades que o historiador teria como compromisso.

Não podemos pedir ao passado respostas diretas para quaisquer perguntas que já não lhe tenham sido feitas, embora possamos usar nossa inventividade como historiadores para ler respostas indiretas naquilo que ele deixou pra trás. Reciprocamente, como sabe todo pesquisador de opinião, podemos fazer ao presente qualquer pergunta passível de respostas, embora, no momento em que ela seja respondida e registrada, também pertença, estritamente falando, ao passado, ainda que ao passado recente. Não obstante, passado, presente e futuro constituem um continuum. Além disso, até mesmo quando historiadores e filósofos desejam fazer uma distinção clara entre passado e futuro, como fazem alguns, isso fica apenas entre eles. Todos os seres humanos e sociedades estão enraizadas no passado (...) As estruturas das sociedades humanas, seus processos e mecanismos de reprodução,

mudança e transformação, estão voltadas a restringir o número de coisas passíveis de acontecer, determinar algumas das coisas que acontecerão e possibilitar a indicação de probabilidades maiores ou menores para grande parte das restantes. Isso implicaria um certo grau (admitidamente limitado) de previsibilidade – mas, como todos nós sabemos, isso não é, de modo algum, o mesmo que presciência. Além disso, cumpre ter em mente que a imprevisibilidade se afigura maior principalmente porque as discussões sobre previsão tendem a ser concentrar, por razões óbvias, nas seções do futuro em que a incerteza parece ser maior, e não naquelas em que ela é menor. Não é necessário que os meteorologistas nos digam que a primavera virá depois do inverno. Minha opinião é a de que é desejável, possível e até necessário prever o futuro até certo ponto. Isso não implica que o futuro seja determinado nem, ainda que o fosse, que ele seja cognoscível. (...) As perguntas que tenho em mente são diferentes: Quanto de previsão? De que tipo? Como ela pode ser melhorada? E onde entram os historiadores? Mesmo que alguém possa responder a essas perguntas, ainda haverá muitas coisas do futuro de que nada podemos saber, por razões teóricas ou práticas, mas pelo menos podemos concentrar nossos esforços com mais eficácia.¹⁸⁵

Hobsbawm reconhecia a necessidade de os historiadores buscarem apontar quais seriam os cursos possíveis que a história pode seguir. E mesmo a história não tendo um sentido evidente, essa mesma visão não deixa de colocar uma definição já estabelecida e esperada. Kropotkin contribuiu para se pensar o desenvolvimento das forças sociais dentro da sociedade, por meio de um jogo entre cultura e política e os desencadeamentos incorporados depois dessas experiências em questão. Dentro dessas perspectivas, pode-se dizer que o otimismo atribuído à visão desse autor perde um pouco sua envergadura, se levarmos em consideração as palavras de Hobsbawm, sobre a posição do historiador diante de seu conhecimento adquirido e sua responsabilidade com suas articulações.

O pensador russo percebia os desvios que a história poderia produzir em seus retrocessos, e os alemães em seu poder militar, científico e político representavam esses passos naquele momento. O entendimento e a aposta sobre as tendências de uma época se torna um ato de coragem e de credibilidade intelectual, nos possibilitando perceber um processo novo que ainda não foi identificado na história. Kropotkin não se guiava por aspirações de uma axiologia ideológica, e os princípios que essa orientação carrega, preocupava-se muito mais com os seguimentos e movimentos que a história teria em seu desenvolvimento recente. O conflito da Primeira Guerra Mundial e os alemães eram articulações históricas que lhe impulsionaram a fazer uma projeção, esta que é uma atitude tão cara aos historiadores. Desde a *Comuna de Paris*: os alemães estavam sendo observados por parte significativa dos revolucionários que viam em seus posicionamentos, uma tendência a fortalecer costumes contrários ao impulso revolucionário socialista.

¹⁸⁵ HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. pp.62-63.

O compromisso do historiador com o futuro é uma relação direta de seu conhecimento, um elemento que pode nos possibilitar orientações que contribuem para uma análise de conjuntura rigorosa; em que se pode apostar no que se tem quanto a evidências probabilísticas, e isso estaria bem longe de querer acertar e prever o futuro por meio do passado. Kropotkin, nestes casos, deixa-nos como legado suas investidas de historiador, em seus alertas sobre as consequências sociais da Primeira Guerra Mundial e do poderio alemão. Agindo ele ainda no calor das transformações, teria se saído muito bem se olharmos sob um ponto de vista colocado por Norbert Elias, por exemplo, em sua obra *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do hábitus nos séculos XIX e XX*. Norbert Elias trabalhou neste livro de forma exaustiva, sobre problemas que Kropotkin tinha levantado sobre a história da Alemanha, na passagem dos séculos XIX ao XX e como esse processo foi construído. Norbert Elias faz uma crítica em relação a essa cultura alemã, que se formou como um conjunto de posturas morais que castigam e de uma perversa idolatria aos poderes que orientam condutas genocidas, comportamentos esses, estimulados entre os séculos discutidos e não, ora, como cultura imutável.

Kropotkin anunciava uma perspectiva crítica em relação à Alemanha da época, sobre um ponto de vista que mais tarde ficou conhecido como o estudo da antropologia política. Campo, esse, estudado por Georges Balandier.¹⁸⁶ Um pensamento que aproxima Kropotkin da *África Negra*, pois esses povos estão cheios de exemplos dessas histórias que podem ser analisadas, estabelecendo conceitos, visões de mundo, epistemologias sociais, conforme assim fez e aprofundou Georges Balandier.¹⁸⁷ De outro lado, o articulista revolucionário estaria arriscando seus ideais, para se pensar as consequências de um futuro Estado alemão em funcionamento, em que a busca de um pacifismo poderia trazer resultados mais drásticos se a Alemanha obtivesse êxito e poder político para tanto. Essas transformações poderiam trazer um retrocesso ainda maior para as classes trabalhadoras. Raymond Aron em um de seus depoimentos autobiográficos, sobre esse período faz suas considerações sobre o pacifismo cultuado naquela época.¹⁸⁸ Era preciso arriscar sem ser irresponsável. Segundo Ángel Cappelletti, a história da Alemanha até as primeiras décadas do século XX, estava a nos mostrar, em seus desdobramentos culturais mais produtivos, a

¹⁸⁶ BALANDIER, Georges. *Antropologia política*. Barcelona: Edicions, 1969. p.213.

¹⁸⁷ *Ibidem*. p.8.

¹⁸⁸ ARON, Raymond. *O espectador engajado; entrevistas com Jean-Louis Missika e Dominique Wolton*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. pp.75-76.

confirmação de algumas das preocupações de Kropotkin: a guerra, o militarismo, a ciência belicosa, o nacionalismo e os meios verdadeiramente efetivos para impedir essa realidade.¹⁸⁹

Logo, todos esses acontecimentos iriam se transfigurar em uma das revoluções que abrem e anuncia o século XX, a Revolução Russa. Essa revolução teria um impacto sobre todos os intelectuais, os governos europeus e mais precisamente sobre os movimentos emancipatórios e revolucionários no mundo. A revolução teria empolgado e surpreendido até mesmo os revolucionários e colocava novas formas de visualizar os acontecimentos na história; uma nova página estava a se abrir, como A. Gramsci assim nos descreve, a revolução foi um ato contra *O Capital* de Marx.¹⁹⁰

Em 1917, devido à revolução, Kropotkin estaria entusiasmado e acabou regressando à Rússia, se estabelecendo em Petrogrado e depois em Moscou. Essa motivação persistiria por pouco tempo, devido aos caminhos tomados por essa revolução. Graças a seu prestígio ele foi procurado por Alexandre Kerenski. Mesmo em condições pouco saudáveis e com enfermidades bastante agravadas devido a sua idade, ajudou a pensar os caminhos a serem tomados dentro desse processo.¹⁹¹ Kerenski havia oferecido a Kropotkin uma participação no governo com uma cátedra de ministro, mas o articulista anarquista acabou recusando tal cargo, devido à suas convicções.¹⁹² Preferia ele estar contribuindo com as organizações autônomas dos Sovietes ao sindicato; suas obras estavam já mergulhadas nessas tendências, mas agora os anarquistas tinham a grande oportunidade de colocarem em prática todas essas questões, na busca de amadurecer dentro desse processo as perspectivas libertárias.

Gregori Petrovich Maximoff, ao discutir com os sindicalistas russos que participavam da Revolução Russa, reconhecia que Kropotkin, em seu livro *A Conquista do Pão*, alertava para os compromissos que o sindicato teria que ter para com as bases sociais e comunitárias.¹⁹³ Os anarquistas que muito falavam em revolução agora teriam que se preparar

¹⁸⁹ CAPPELLETTI, Ángel. *El pensamiento de Kropotkin: ciencia, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx. 1978, pp.22-23.

¹⁹⁰ GRAMSCI, Antonio. *La Revolucion Contra el Capital*. Escrito: 1917 Primera Edición: Aparecido en Avanti, edición milanese, el 24 de noviembre de 1917. Reproducido en el II Grido del Popolo el 5 de enero de 1918 Digitalización: Aritz Esta Edición: Marxists Internet Archive, año 2001.

¹⁹¹ SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In: KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.27.

¹⁹² CAPPELLETTI, Angel. *El pensamiento de Kropotkin: ciencia, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx. 1978, p.24.

¹⁹³ Maximoff tinha se formado em agronomia em 1915, ele se juntou ao movimento revolucionário e à revolução de 1917. Juntou-se ao Exercício Vermelho. Quando os Bolcheviques começaram a montar uma polícia que buscava desarmar os trabalhadores, ele foi se afastando do movimento, e acabou sendo sentenciado à morte por

para um trabalho vigoroso, pois eles não tinham a experiência suficiente, para executar os pontos mais importantes de uma revolução social, e todos os revolucionários estariam vivenciando esses mesmos desafios. Pois não se pode fazer uma grande revolução, somente pautada em ideais que confortam muito mais nossas consciências do que nossas atitudes práticas em confronto com a realidade. Kropotkin reconhecia essas formalizações como essenciais para a construção de uma revolução, pois nenhuma sociedade vive em revolução e de revolução, seria preciso muito trabalho para mudar as estruturas sociais que a história nos legava.

A Revolução Russa tinha despertado interesse de todos os revolucionários e suas relações e passos estavam sendo aguardados em todos os cantos do mundo; assim percebia José Carlos Mariátegui.¹⁹⁴ Osvaldo Bayer percebe que o impacto da Revolução Russa ecoou de duas formas significativas nos sindicatos argentinos: de um lado os anarquistas apoiavam a revolução, já no caso dos anarquistas comunistas viam no governo de Lênin uma ditadura semelhante às imposições capitalistas e que se distinguiam somente em sua forma.¹⁹⁵

Sabemos que a Revolução Russa abriu muitos pontos de vista diante das disputas ideológicas, mas isso não justificaria uma tomada de distanciamento em relação a certa “verdade histórica”, desses acontecimentos, como E. P. Thompson nos lembraria.¹⁹⁶ Anatol Gorelik anuncia que determinadas escolhas da Revolução Russa gerariam consequências diretas para dentro de sua história, nos trazendo muitos pontos de vistas sobre esses fatos, mas também grandes mentiras que se perpetuavam, pois se escondiam por detrás de pequenas verdades.¹⁹⁷

Apesar de que esses dirigentes do partido bolchevique e do Estado não dispusessem individualmente dos recursos colocados em questão, e sim coletivamente, o poder do Estado foi o último resultado da Revolução Russa. Procedimentos esses que muito

não querer obedecer a determinadas ordens. Acabou sendo preso na revolta de Kronstadt, mas conseguiu sair da Rússia, sendo resgatado pelos sindicalistas europeus, e após esses eventos acabou se aproximando do anarquismo. Passou pelos EUA, França e Berlim e morreu repentinamente em 1950. Sua vida quase se confundia com sua biografia pessoal, pois pôde vivenciar todos os acontecimentos que criticava, no caso, as experiências bolcheviques repressoras desde o começo da revolução de 1917. Acabou publicando obras de e sobre Bakunin. MAXIMOFF, Grigori Petrovich. *Sindicalistas na Revolução Russa*. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.

¹⁹⁴ “Pode se dizer que a Revolução Russa estava na moda. Assim como é de bom tom falar da relatividade de Einstein, era de bom tom falar da Revolução Russa e seus líderes”. MARIÁTEGUI, José Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.57.

¹⁹⁵ BAYER, Osvaldo. *Anarquistas expropriadores*. São Paulo: Luta Libertária. 2004. p.13.

¹⁹⁶ THOMPSON. E. P. *A miséria da teoria ou planetário de erros: uma crítica a teoria de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p.30.

¹⁹⁷ MINTZ, Frank (org). *Anatol Gorelik. El anarquismo em la revolución rusa*. Buenos Aries: Libros de Anarres, 2007. p.31.

se assemelham ao pensamento enraizado a partir de Hegel, pois a revolução deveria ocorrer, mas o Estado deveria sim permanecer, e a revolução muito disso se valeu, às vezes negando tais premissas, em outros momentos reafirmando tais medidas, como escolhas inevitáveis, sendo essa manifestação que garante a liberdade coletiva dos seres humanos, no caso, o fortalecimento do Estado como condição última.¹⁹⁸

Segundo Maurício Tragtenberg a Revolução Russa não teve um caminho linear, mas logo o partido bolchevique se apossando do Estado, instaurou um regime comunista de guerra, militarização do trabalho e, subordinação dos Sovietes e dos sindicatos ao órgão do governo, utilizando o Estado como forma específica de centralização.¹⁹⁹ Os bolcheviques utilizavam a terminologia *Federação* em um sentido diferente dos próprios Sovietes, e da tradição anarquista. As federações, em sua teoria, seria um grupo de “Estados” com base na liberdade, possibilitando, em alguns pontos, uma dissolução com os contratos da união, mas na realidade se constituía em uma mera união de Estados particulares sem soberania suficiente, que estavam subjugados a uma esfera centralizada e reinante. Para serem promulgadas algumas dessas modificações, foi organizada a constituição de 10 de julho de 1918. M. Ludwig Schlesinger nos oferece essas leituras históricas.²⁰⁰

Lênin justificava tais medidas, ancorado nas aberturas e caminhos que o próprio marxismo tinha ajudado a transcorrer, no caso, a ditadura do proletariado.²⁰¹ Essas medidas poderiam ser explicadas em tal contexto sem nenhuma dificuldade, a tomada autoritária do poder pelo partido bolchevique, para salvaguardar a revolução, era oportuna. David Shub observa que Kropotkin, antes mesmo de 1909, já havia percebido uma substância sectária bastante significativa para dentro desses movimentos revolucionários na Rússia.²⁰² Arthur Lehning compreende, nesse período, que existiam diversas crises na Rússia para que uma atitude dessa envergadura, no sentido autoritário, fosse facilmente sustentada.²⁰³ A revolução teria sido realmente protagonizada pelo povo, classes que estavam até então fora da política, e agora as massas estavam fazendo parte de todas as fileiras revolucionárias, como Trotsky as

¹⁹⁸ HEGEL, W. F. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. São Paulo: Centauro, 2001. pp.97-98.

¹⁹⁹ TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Faísca, 2007. p.159.

²⁰⁰ SCHLESINGER, M. Ludwig. *El Estado de los Soviets*. Barcelona: Labor, 1932. pp.47-48.

²⁰¹ “O emprego da expressão ‘ditadura do proletariado’ é rara na obra de Marx: ela aparece quatro ou cinco vezes. Foi Engels que a designou como um elemento constituinte da doutrina”. BERTHIER, René. *Poder, classe operária e “Ditadura do Proletariado”*. São Paulo: Imaginário, 2010. p.83.

²⁰² SHUB, David. *Kropotkin & Lenin*. Australia: Bastard Press, 2005. p.3.

²⁰³ LEHNING, Arthur. *Marxismo e la anarquismo em la Revolución Rusa*. Buenos Aires: Luta Libertaria, 1971. p.83.

identificou naquilo que foi chamado o *Congresso da Ditadura Soviética*.²⁰⁴ A revolução teria passado por cima do partido. Tanto o campesinato quanto os proletários haviam triunfado, admitia Trotsky.²⁰⁵

Todos esses levantes começaram a ser incorporados dentro de um Estado autoritário e repressor. O Estado acabava sendo um instrumento que regulava todas essas disputas de poder. Revolucionários como Nestor Makhno e os makhnovistas, comemoravam e acreditavam que a chegada de Kropotkin poderia mudar esse cenário construído pelos bolcheviques e ajudá-los em seus projetos.²⁰⁶ Entretanto, o exilado russo já estava envelhecido e enfermo o suficiente para atividades de grande porte no sentido militante do termo.

Kropotkin, sabendo da privação de liberdade sobre os movimentos autônomos e mesmo sobre os Sovietes, em um período em que os anarquistas eram colocados em calabouços, buscou um encontro com Lênin. Sabendo que os anarquistas criticavam ferinamente as condutas de Lênin e tinham razão, admitia, mas ao mesmo tempo Kropotkin compreendia, os limites daquele movimento revolucionário, para não se condenar Lênin diante de problemas que eram muito maiores do que simples avaliações “pragmáticas”, onde um homem somente seria promulgador de tais condutas sociais e coletivas. Ao mesmo tempo, o personagem russo denunciava as práticas políticas que muito se serviram de um contexto que oportunizou tais pretextos. Assim compreende Rudolf Rocker:

Não há dúvida que essa afirmação contém uma boa parte de verdade, sobre a qual o próprio Kropotkin chamou a atenção em sua ‘mensagem aos trabalhadores ocidentais’. Reconhecer esse fato não deve, contudo, conduzir-nos a desconhecer a causa mais profunda dos acontecimentos. Sem a guerra, os bolcheviques dificilmente poderiam ter dado asas a seus desejos ditatoriais e teriam encontrado, sem dúvida alguma, mais resistência por parte do povo. Eles também não teriam tido a possibilidade de justificar moralmente toda a restrição da liberdade em função da gravidade da situação do país toda nova restrição de liberdade.²⁰⁷

Rudolf Rocker, sobre esse ponto de vista, admite as análises de Kropotkin, como sendo indispensáveis para se pensar as manobras políticas e o jogo ardiloso da tomada de poder promovida pelos bolcheviques. A capacidade das massas ficou reduzida a mera participação secundária dentro desses processos; assim entendia o problema Rudolf Rocker.

²⁰⁴ TRÓTSKY, Leon. *A história da Revolução Russa: O triunfo dos Sovietes, Volume III*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.947.

²⁰⁵ LEHNING, Arthur. *Marxismo e la anarquismo em la Revolución Rusa*. Buenos Aires: Luta Libertaria, 1971. p.103.

²⁰⁶ SAMIS, Alexandre. *Introdução In: KROPOTKIN, Peter. O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.27.

²⁰⁷ ROCKER, Rudolf. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2000. p.101.

Kropotkin buscou se encontrar com Lênin, para apontar os riscos da centralização excessiva e os males que a repressão política traria a pequeno, médio e longo prazo. Lênin escutou com atenção as colocações de Kropotkin.²⁰⁸ Esse encontro não teve resultados práticos, embora Lênin admirasse o militante anarquista há algum tempo. Quando Kropotkin adoeceu, Lênin enviou os melhores médicos para ajudá-lo, embora Lênin não deixasse de ignorar as condutas de seu governo para com Kropotkin à mando da polícia *Tcheka*.²⁰⁹

Esse encontro de Lênin com Kropotkin marcaria as dificuldades internas e históricas dos debates entre a centralização e a descentralização das forças em uma revolução, e a participação do partido sobre as massas ou com as massas. Lênin falou em publicar sua obra *A Grande Revolução Francesa*, que tanto admirava. Ele comentou, reconhecendo as demandas oportunistas e corruptas dos bolcheviques e os muitos outros erros em destaque, mas Lênin lembrava a Kropotkin, que os dois sabiam, dos preços a se pagar por uma revolução daquela envergadura. Lênin pediu apoio a Kropotkin, e este retrucou que o que estava acontecendo não era uma falta de apoio e sim os meios impostos pelos bolcheviques, que eram repugnantes para as massas.²¹⁰ Até certo ponto essa discussão tomou um caminho diplomático, pois as escolhas pareciam ter sido feitas, e a distância entre os autores se mostrava irreconciliável. Podemos visualizar conclusões nesse sentido, se levarmos em consideração os textos apontados por Mauricio Tragtenberg sobre o debate entre esses dois revolucionários.²¹¹

Kropotkin já havia declarado, certa vez, que tinha dificuldade de compreender Lênin, ele realmente era diferente de todos os revolucionários na história; revolucionários tinham ideias, mas Lênin não tinha nenhuma ideia preconcebida.²¹² O agente anarquista

²⁰⁸ SAMIS, Alexandre. *Introdução* In; KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.27.

²⁰⁹ CAPPELLETTI, Angel. *El pensamiento de Kropotkin: ciência, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx. 1978. p.26.

²¹⁰ Nestor Makhno foi um grande anarquista que, por volta de 1918, de volta à Ucrânia, montou um exército com as forças locais contra a invasão dos Brancos. Ele se aliou ao Exército Vermelho contra os invasores, mas devido à autonomia política da região, acabaram sendo sabotados por Trótski à frente dos bolcheviques; segundo eles, sabotou o fornecimento de munições e armas dos Makhonovistas. Em setembro de 1919 a ofensiva do general Branco Denikin encontrava-se em seu apogeu, e ele derrotou todos os exércitos vermelhos que foram combatê-lo. Lênin havia se refugiado na Finlândia nesse momento. Mas Makhno conseguiu, com seu exército, fazer uma reviravolta nesse processo eliminando todos os Brancos que estavam sobre Moscou e deixando que os bolcheviques aos poucos fossem tomando e recuperando seu espaço. MAKHNO, Nestor; ALEXANDRE, Skirda, BERKMAN, Alexandre. *Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia*. São Paulo: Imaginário, 2001. pp.12-13.

²¹¹ TRAGTENBERG, Maurício (org). *Kropotkin*. São Paulo: L&PM, 1987. p.171.

²¹² G. WOODCOCK; I. AVAKUMOVIC. *Peter Kropotkin: From Prince to Rebel*. Montréal: Black Rose Books, 1990. p.407.

avaliava que as atitudes de Lênin eram contrárias às ideias de que supostamente ele pretendia nos convencer, uma espécie de político estatista e nada mais do que isso.²¹³

O revolucionário continuou escrevendo cartas ao governo de Lênin, alertando dos desastres do governo soviético até aquele momento.²¹⁴ Sem as forças locais de base em um movimento de baixo para cima, no sentido de ajudar a classe operária e camponesa a se desenvolver, a revolução não iria triunfar.²¹⁵ Kropotkin anunciava críticas a uma realidade social constatada e não mais uma ameaça possível como Proudhon e Bakunin tanto advertiam, diante dessa tradição comunista. Proudhon mostrou as dificuldades de conciliar Estado e socialismo, e Bakunin dos limites de acabar com a luta de classes, devido às estratégias autoritárias e reformistas contidas em grande parte do corpo teórico de Marx, e as possibilidades do comunismo se converter em uma ditadura burocrática monstruosa. Mas agora, essa realidade estava sendo materializada na história daquele contexto, sob os olhos de Kropotkin.

As críticas colocadas em um contexto recente, pautando às consequências da ditadura do proletariado são vastas, tanto os liberais quanto os democratas quando colocam esse problema, não ultrapassam e trazem nada de novo em relação aos alertas anarquistas, diante da ditadura socialista revolucionária. Apenas convertem essas objurgas, dando uma aparência liberal, para justificar a sociedade democrática e os limites de uma alternativa, em relação às experiências socialistas no século XX, de superar o capitalismo como um todo. E a chamada tradição de “esquerda” não precisava esperar essas análises da chamada “direita capitalista” para chegar a essas conclusões, bastava somente conhecer melhor sua própria trajetória junto de sua história.

Norberto Bobbio seria um autor que reconhece a noção de ditadura, como uma elaboração terminológica formulada por Babeuf e Buonarroti, sendo resgatada e reivindicada pelas escolas marxianas e engelsianas. Entretanto, a noção de ditadura revolucionária vista por Babeuf e Buonarroti era assimilada como um governo de exceção e provisório. A partir de

²¹³ Ibidem. p.470.

²¹⁴ KROPOTKIN, Peter. *Carta a Vladimir Ilich Lenin 4 de marzo de 1920*. Escrito: 4 de marzo de 1920 Primera edición: En ruso, en *Zvezda* n. 6, 1930. Edición electrónica: marxists Internet Archive, 1999. Digitalización y HTML: Juan R. Fajardo.

²¹⁵ CAPPELLETTI, Angel. *El pensamiento de Kropotkin: ciência, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx,1978. p.25.

Marx, Engels e Lenin o conceito ditadura começa a ter o significado técnico de “domínio” completo da sociedade.²¹⁶

Assim sendo, a ditadura do proletariado acaba se transformando numa noção aberta, para que a partir disso possam ser regulados os conflitos que explodem dentro desse cenário. De sorte que essa cultura socialista criou um protagonismo em torno de atitudes que estariam em nome das forças sociais produtivas. Essas intervenções, portanto, se tornam necessárias e normalizadas, onde o despotismo, a opressão e o autoritarismo, dentro desse contexto, acabam sendo medidas naturais que esvaziam o sentido dessas práticas políticas, afastando-se, na maioria dos casos, dos princípios socialistas que estão sustentando todas essas elaborações. Kropotkin estaria denunciando todos esses mecanismos que se colocam de maneira sutil, mas bastante drástica para os ditos objetivos de emancipação social de matriz comunista, na esteira de Marx, Engels e Lênin; naquilo que se estabelece como um fio condutor dentro dessa tradição. Mesmo em seu começo, a revolução já se colocava como um fim preestabelecido, segundo Kropotkin.

O revolucionário anarquista situava aberturas possíveis a serem seguidas e, ao mesmo tempo, descartava outros caminhos mais tortuosos. Sendo assim, o autor russo oportunizava um futuro, se não promissor, mais aberto para enunciar o desenvolvimento de uma nova forma de vida social e cultural, para manter a revolução, se não ideal, como cultura ativa e progressista, uma alternativa que se consumisse em relação ao tempo e a história. Portanto, o militante russo assim anunciava sua intervenção nesse contexto revolucionário. Frank Mintz assim coloca:

Os marxistas leninistas criaram, em seguida, o modelo do “socialismo real” na U.R.S.S., onde a minoria do P.C. de militantes de origem burguesa e proletária ocuparam a cúpula de uma hierarquia todo-poderosa, esmagando e explorando milhões de trabalhadores, com a criação da Tcheka em 1917 por Lênin e a aparição dos primeiros campos de concentração do mesmo Lênin. É a guilhotina prevista por Kropotkin.²¹⁷

Kropotkin tinha denunciado as repressões estabelecidas em nome de uma emancipação social. Neste livro *The Terror in Russia*²¹⁸ o autor admite se dedicar a produzir uma análise histórica fugindo dos exageros, mas reconhecendo que os fatos conhecidos, na Revolução Rússia, acabavam abalando qualquer tentativa de progresso humano, devido às condições que estamos inseridos. Para ele a repressão russa superava todas as grandes lições

²¹⁶ BOBBIO, Norberto. *Qual socialismo? Debate sobre uma alternativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p.66.

²¹⁷ MINTZ, Frank. *Apresentação*. Paris, 1978 – São Paulo, 2004. In: KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário: Ícone Ed. 2005. p.12.

²¹⁸ KROPOTKIN, Peter. *The Terror in Russia*. London: Methuen & Co, 1909. 4th Ed.

do mundo moderno, mesmo sabendo dos preços que pagamos para se libertar de condições impostas sobre nós historicamente.

Kropotkin viria a morrer em fevereiro de 1921; a multidão poderia observar esse último apelo ao governo russo, pois havia nesse funeral pessoas carregando as bandeiras negras dos anarquistas e faixas onde se lia: “Onde há autoridade não há liberdade”. A enorme popularidade e a referência tanto nacional como internacional de Kropotkin obrigou os bolcheviques a engolirem e visualizarem aquilo que foi o último grande ato dos libertários russos com mais de cem mil pessoas. Logo em seguida, a ditadura iniciada por Lênin e aprofundada por Stalin calaria de vez qualquer tipo de oposição.²¹⁹

Henri Arvon nos coloca que depois das investidas de Trotsky como líder do *Exército Vermelho* sobre os marinheiros de Kronstadt, fechava-se mais um capítulo da história da Revolução Russa.²²⁰ A participação de Trotsky neste evento em Kronstadt, onde se encontravam muitos “anarquistas” marinheiros e marinheiros revolucionários, permitiu avaliar seus objetivos quando ele obtivesse o poder em suas mãos; ações que trariam grande desconsideração e falta de credibilidade aos seus discursos em forma de ataque contra Stalin, pois Trotsky se converteu em uma vítima de si mesmo. Situamos somente o caso de Volin, que apesar das tocaias, sobreviveu para tanto nos relatar suas experiências, quanto para escrever o inebriante livro *La Revolucion Desconocida (1917-1921)*.

(...) Não! Você pode realmente, por um único instante, perceber o quão sem sentido é isso: socialistas de esquerda no poder voltando suas armas sobre anarquistas! Vamos, vamos, qual o juízo que você faz de nós? Em todo caso, nós socialistas, camarada Volin! Sendo assim, não somos seus inimigos. Foi dessa forma que Trotsky respondeu a Volin, em abril de 1917, num encontro na cidade de Nova York, quando o anarquista relatou ao chefe do Exército Vermelho sua preocupação sobre o fato de que quando os bolcheviques tomassem o poder na Rússia, iriam caçar os anarquistas ‘feito perdizes’. Volin, antes mesmo dos acontecimentos de 1917, já era um elemento central na revolução, atuando intensamente na formação dos Soviotes durante os eventos de 1905 na Rússia. Pouco mais de dois anos depois da conversa com Trotsky, em novembro de 1919, Volin e outros makhnovistas foram presos pelos militares bolcheviques. Notificaram Trotsky sobre a prisão, perguntaram o que deveriam fazer com o anarquista. Por telegrama, a resposta veio

²¹⁹ VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e anticlericalismo*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.33.

²²⁰ “Ora, possuímos outro texto bem mais próprio para revelar o verdadeiro alcance de Kronstadt; ele é publicado, também em um momento crucial da revolta, no *Izvestia de Kronstadt* de 8 de março de 1921, quando “o Primeiro disparo de fogo é executado por Trótski”. Daí em diante, o que está em jogo na batalha, definitivamente iniciada, não deixa mais dúvidas; do lado governamental trata-se de defender a todo custo, mesmo que ao preço do sangue daqueles que constituíam até então o núcleo da revolução, a ditadura do partido, a “comissariocracia” e, do lado dos insurretos, trata-se de promover um socialismo novo, síntese de todas as liberdades não apenas econômicas mas sobretudo políticas. Este texto, intitulado ‘Por que nós combatemos’, não perdeu sua força crítica e profética; é a marca indelével que Kronstadt deixou na história do socialismo, rica em promessas emancipatórias e em violências intoleráveis”. ARVON, Henri. *A revolta de Kronstadt*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.49.

rápida e direta como uma bala: “Execute-o. – Trotsky”...Mas Volin não foi executado. Sobreviveu para relatar o episódio e continuar batalhando contra a transformação de uma revolução popular em uma ditadura totalitária.²²¹

Raphael Amaral por meio das passagens Daniel Guérin, nos traz considerações oportunas para se pensar as investidas de Trotsky quando esse teve acesso ao poder. Como é o caso de todos aqueles que compartilham da construção de um regime autoritário e violento, mesmo em prol de ditos valores emancipatórios para a humanidade. Trotsky no poder, teve ações muito próximas de seu famoso adversário Stalin; e seus “combates” eram menos por divergências, mas seguramente mais por atitudes estratégicas e táticas comuns. Os anarquistas eram vistos como inimigos e não como adversários por Stalin já por volta de 1906 e 1907, e nesse sentido a possibilidade de uma construção terrorista sangrenta dentro de uma revolução, se tornava um caminho quase inevitável contra os anarquistas.²²²

A sociedade reproduz os mesmos passos daqueles que a projetaram, e personificar determinadas mazelas sociais a responsabilidade de poucos indivíduos, se torna um erro comum para se esconder, seguramente, interpretações que nos fazem olvidarmos das dinâmicas sociais. Onde, condenar uma pessoa diante de um processo revolucionário, nos faz perder de vistas as estruturas ideológicas e políticas que ajudaram a constituir a própria revolução e os grupos sociais envolvidos.

Ter um papel importante na história não significa exclusividade singular sobre as construções históricas, diante desse ponto, lembramos aqui as ideias de Aristóteles sobre o fenômeno social que envolve a construção de um regime político na sociedade. As vidas sociais no seio do povo, em suas vidas cotidianas e as organizações externas e internas dessas atividades, definem o gênero de vida dos governos e não ao contrário.²²³ Mas essas medidas não diminuem a influência do governo sobre a população e nem tiram a responsabilidade dos governantes e de suas atitudes, que podem distorcer ideias e ideais que foram fomentadas pelo povo. E ademais, os abusos do poder promovidos pelos governantes podem ser identificados de maneira pontual como explica Emma Goldman. A relação entre Stalin e

²²¹ RAPHAEL, Amaral. *Introdução*. In; TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias. 2007. pp.10-11.

²²² “Estamos convencidos de que os anarquistas são verdadeiros inimigos do marxismo. Em consequência, reconhecemos, também, que contra verdadeiros inimigos temos de travar também uma luta verdadeira”. STALIN, J.V. *Anarquismo ou socialismo?* Primeira Edição: dos jornais "Akhali Droeba" (Tempos Novos) nº. 5, 6, 7 e 8, de 11, 18 e 25 de dezembro de 1906, e de 1º. de janeiro de 1907. "Tchveni Yskhovreba" (Nossa Vida), nº. 3, 5, 8 e 9, de 21, 23 e 28 de fevereiro de 1907. "Dro" (O Tempo), nº. 21, 22, 23 e 26, de 4, 5, 6 e 10 de abril de 1907. Transcrição: Partido Comunista Revolucionário HTML: Fernando A. S. Araújo, maio 2006.

²²³ “Quando se quer inquirir, com o devido cuidado, qual é o maior governo, forçosamente deve-se começar por expor o gênero de vida que se há de preferir a todos os demais. Porque, enquanto não estiver esclarecido este ponto, de modo algum se poderá chegar ao conhecimento da melhor forma de governo”. ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Editora Escala. p.113.

Trótsky pode ser bastante rica, em situações que nos oferecem os mecanismos dessas relações de poder, da cultura do poder, entre os governantes e sobre o povo de maneira geral. Vejamos:

Leon Trótski afirmará certamente que toda crítica de seu papel durante a tragédia de Kronstadt só faz reforçar e encorajar seu inimigo Stalin. Mas é porque Trótski não pode conceber que alguém possa detestar o selvagem que reina no Kremlin e o cruel regime que ele dirige, e ao mesmo tempo não isentar Leon Trotski do crime que cometeu contra marinheiros de Kronstadt. Na minha opinião, nenhuma diferença fundamental separa os dois protagonistas desse generoso sistema ditatorial, com a diferença de que Leon Trótski já não se encontra no poder para prodigalizar seus favores, ao contrário de Stalin. Não, não defendo o atual dirigente da Rússia (...) Ele se concentra em continuar a tradição bolchevique, embora o faça de uma maneira impiedosa. O processo que consistiu em destituir as massas russas de sua revolução, começou quase que imediatamente após a tomada de poder por Lenin e seu partido. A instauração de uma discriminação grosseira no racionamento e na moradia, a supressão de todas as liberdades políticas, as perseguições e as prisões contínuas tornaram-se o cotidiano das massas russas. É verdade que os expurgos da época não visavam aos membros do partido, ainda que alguns comunistas também tivessem sido jogados nas prisões e nos campos de concentração. É preciso ressaltar que os militantes da primeira oposição operária e seus dirigentes foram rapidamente eliminados. Chliapnikov foi enviado para ‘descansar’ no Cáucaso, e Alexandra Kollontai, colocada em prisão domiciliar.²²⁴

O poder parece ser o pano de fundo dessa discussão colocada por Emma Goldman e o que essas relações podem nos trazer, como condutas corruptivas em nome de uma força pouco domável. O militante anarquista considerava que era impossível realizar uma revolução por meio da centralização de poder operado por uma ditadura. O autor acreditava que tais medidas seriam bem-postas se descentralizássemos o poder na sociedade, garantindo, se não êxitos a pequeno prazo, uma reconstrução da vida por círculos que levassem em consideração os meios sociais que tirassem o que está em baixo, para se colocar em evidência na sociedade e não ao contrário.²²⁵ Para o revolucionário russo a ditadura em uma revolução cria muito mais distopia do que uma utopia.

No final de sua vida, Kropotkin estava preocupado com o futuro do socialismo, e suas investidas sobre as questões morais e éticas parecem lhe trazer sentido para oferecer respostas para a história do socialismo. Narrativa essa que pagou um preço alto por conhecer suas próprias consequências estratégicas e metodológicas na história. Se é que podemos ver assim determinados caminhos tomados, que se tornaram irreversíveis, pois colocamos nossas responsabilidades acima de nossos métodos utilizados sobre a questão. E a palavra “estratégia” pode, muitas vezes, ser usada como sinônimo de algo que queremos esconder, sendo uma maneira de não reconhecermos, simplesmente, caminhos escolhidos conscientemente. Kropotkin buscou trilhar uma abertura para horizontes que já havia

²²⁴ GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado e outros ensaios*. São Paulo: Imaginário, 2007. pp.121-122.

²²⁵ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário: Ícone Ed. 2005. p.276.

instaurado em sua trajetória, mas que devido aos acontecimentos da Revolução Russa era inevitável não se preocupar, ainda mais, com certas questões que permeiam o dito “humanismo” e a ética. A moralidade em Kropotkin não se fundamenta em conceitos religiosos e nem em posturas metafísicas unidas a princípios utilitários. O autor buscou estudar as raízes que trazem o debate sobre a natureza humana, aplicando esse argumento sobre o estudo do ser humano, defendendo o apoio mútuo como fator de evolução em suas formatações sociais e históricas.²²⁶ Após a morte de Kropotkin, o governo russo, liderado por Lênin, aderiu à construção de um museu em sua homenagem. Após a morte de Sofia, mulher de Kropotkin, em 1938, Stalin mandou fechar o museu, um patrimônio até então considerado histórico pelo governo russo.²²⁷

Kropotkin, em grande medida, tanto em ações como por meio de seu pensamento, tentou impedir e alertar para aquilo que ficou conhecido como o lamentável caminho seguido pela Revolução Russa. No caso, questões essas que poderiam ser onerosas ao futuro do movimento comunista e socialista, trazendo profundas desconsiderações e dificultando de forma irremediável esse processo, devido aos métodos que foram aplicados. Ora, permeando consequências inalteráveis para a história do socialismo como proposta humanista de sociedade.

Ou seja: aqueles que a hipótese comunista ainda anima, enquanto sujeitos políticos, quer preguem a palavra ‘comunismo’, quer não. Na política, o que importa são os pensamentos, as organizações e as ações; às vezes, nomes próprios servem de referência, como Robespierre, Marx, Lenin... os nomes comuns (revolução, proletariado, socialismo...) já são bem menos capazes de nomear uma sequência real da política de emancipação, e seu uso se expõe rapidamente a uma presunção sem conteúdo.²²⁸

Alain Badiou nessa passagem reconhece as dificuldades que temos hoje no século XXI, para tentar resolver problemas sociais sem fazer uma autocrítica dos próprios movimentos, que tinham como programa diminuir essas opressões e promover um caminho emancipativo para a maioria da sociedade em questão. Nesse sentido, Alain Badiou reconhece problemas que Kropotkin, em sua época, já estava tentando desenvolver através de problematizações sobre a ética e moral, que alimentavam essa mentalidade revolucionária de seu período.

²²⁶ KROPOTKIN, Piotr. *Anarco-comunismo: sus fundamentos y principios*. Madri: Tierra de Fuego/ La Malatesta Editorial, 2010. p.12.

²²⁷ CAPPELLETTI, Angel. *El pensamiento de Kropotkin: ciencia, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx, 1978. p.27.

²²⁸ BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. São Paulo: Boitempo, 2012. p.10.

Em seu contexto, o revolucionário anarquista russo poderia ser menos compreendido em suas críticas ao comunismo devido à empolgação que a revolução impulsionava. Já passado todos esses anos, parece que mesmo hoje o próprio marxismo situado por alguns autores, consegue fazer uma leitura crítica em relação a esse processo histórico. De sorte que a humanidade nos mostra ter caminhos maiores do que o marxismo pode nos oferecer. O comunismo autoritário teve como pretensão social, em seu esforço, oferecer possibilidades para libertar a sociedade das amarras da sociedade capitalista. Muitas vezes, essas discussões instauram um sentimento de revanche por parte dos marxistas, uma retaliação que esquece os limites não de seus fundamentos, mas de suas estratégias e táticas mais profundas, que estão enraizadas em sua doutrina.

O próprio Karl Marx havia observado, estudando as mercadorias, “as coisas”, e suas relações com a história, de que: descobrir esses diversos aspectos e, portanto, os múltiplos modos de usar os objetos é um ato histórico.²²⁹ Mas, no entanto, a história do socialismo foi reduzida a meras poucas interpretações no sentido quantitativo, fazendo quantidade sem diversidade, imobilizando os conteúdos qualitativos dessas abordagens. Tentou-se mais aprender Marx e executa-lo, do que propor junto a ele, e nisso foi engolido toda uma diversidade, variante, de uma fértil concepção de mundo. Todavia, uma crítica a esses movimentos socialistas, mesmo que sólidas, não esgotam a experiência comunista na história. Embora algumas partes dos herdeiros dessas ideologias e desse legado, tenham uma enorme dificuldade de fazer tanto uma autocrítica como promover inovações, formas de conceber o comunismo, inovando e trazendo abordagens criativas para dentro dele. No entanto, se limitam apenas a continuar investindo nesse mesmo tipo de projeto, sem alterar uma vírgula em sua definição estratégia mais hegemônica, tentando colocar ele de maneira forçada e pouco dialogável, apenas se contentando com argumentos que só desqualificam seus adversários.

Por mais que certas motivações teóricas tentavam se libertar de suas influências autoritárias e patriarcais, muitas delas carregaram para dentro de suas teorias de emancipação social essa herança, expressando sua cultura no sentido amplo e intenso do termo. Nesse sentido, podemos dizer que Stalin é uma continuidade das relações de poder e de arrolamentos culturais impostas pelos Czares sobre o povo russo, se levarmos em consideração as

²²⁹ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: volume I tomo I*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. p.165.

passagens de Volin²³⁰ sobre a história da Rússia e a criação de um Estado burocrático e policial. Em meados de 1825, tínhamos condições culturais que a Revolução Russa em 1917 não conseguiu romper por definitivo, deixando vivo muito daquilo que eram dinâmicas da manutenção do poder naquele país. O historiador Simon Sebag Montefiore, destaca o papel dos Romanov, de um período que vai de 1613 a 1918, nos mostrando alguns aspectos dessa cultura que ainda se mantém viva na sociedade russa até os dias de “hoje”, ou seja, uma forma imperial de governar.²³¹

Determinados ditos “avanços”, em sua pretensão de emancipação, não podem vir somente por meio de uma ambição coletiva meramente comunista na qual os “homens” novos e “mulheres” novas nasceriam fora do perigo de uma simetria tortuosa da história. Onde as mortes de pessoas em massas passam a ser vistas como uma medida positiva, já que essas pessoas representariam o passado e logo exterminando essas pessoas, nos distanciamos das mazelas do passado, que chega até nós representados por essas pessoas. Assim sendo, criando uma nova sociedade, um novo sujeito histórico que pode ser modelado conforme o padrão anunciado pela revolução, logo temos uma medida que acaba nos distanciando desse “passado”. Portanto, essa determinação acaba oprimindo os homens e mulheres de carne e osso, criando uma noção que busca apressar esse destino esperado, facilitando a eliminação desses sujeitos históricos, que agora fazem parte do passado e sua supressão começa a ser vista com um avanço ainda mais coerente de se pensar. Motivação, essa, que pode influenciar despotismos e extermínios em massas, assim como a história do comunismo no século XX, pode tanto reproduzir em suas sociedades. Não problematizar e entender a história do comunismo soviético por esse viés é reiterar essas noções, que nos levam a aceitação do extermínio de massas em nome de uma emancipação social, sem exatamente estarmos consciente desses perigos. Vejamos:

A única atitude justa é portanto ver o comunismo de modo relativo, como um fato sem privilégio algum, como um empreendimento atormentado por sua própria contradição, que ele entrevê e deve superar. Ele não é uma solução, já que o vemos voltar atrás em seus princípios. Não é exatamente uma realidade, já que nos dizem que a planificação ainda está por fazer, e que a vida do partido é imaginária. A ditadura é uma tentativa malograda, malograda justamente porque não queria ser uma tentativa: queria ser o fim da história.²³²

Merleau Ponty nos aponta para os problemas de cunho ético e moral na história do movimento comunista e sua mentalidade. Onde não podemos atribuir de forma exagerada

²³⁰ VOLIN. *La revolucion desconocida*. Bueno Aires: Proyección, 1977. p.26.

²³¹ MONTEFIORE, Simon Sebag. *Os Romanov 1613-1918*. São Paulo: Schwarcz, 2016.

²³² PONTY-MERLEAU, Maurice. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes 1991. p.341.

privilégios de conduta para determinados grupos sobre outros, simplesmente por fazerem parte de uma luta que tem como promessa uma emancipação definitiva da sociedade.

A história, tem se mostrado escorregadia para aqueles que tentam enclausurá-la em formalismos sociais imutáveis permeados de leis históricas, como é o caso de Arnold Joseph Toynbee, onde na maioria dos casos assim esse historiador procedeu.²³³ A história é maior do que a interpretação sobre ela ambicionada sejam elas derivadas da herança dos historiadores: dos clássicos antigos, do positivismo, do marxismo, do comunismo, do socialismo, do anarquismo, do conservadorismo, do liberalismo, do capitalismo, a Escola dos Anales, suas gerações e ainda outras vertentes.

Kropotkin deixou um legado de tantos caminhos que anunciam sua riqueza interdisciplinar, sem que com isso esvaziemos seus conteúdos atributivos mais preciosos. Tomamos seus enfoques a serem discutidos e ao mesmo tempo utilizados, no caso, como fontes e propostas históricas para construir um comunismo anarquista e, de outro lado, para o exercício disciplinar que servem a uma história social e uma teoria da história, em que as problematizações possam permear um caminho inovador e libertador.

Os aspectos éticos e morais, feições essas que interessam a maioria das pessoas, têm sido um entrave mais complexo do que na maioria das vezes a realidade dos avanços históricos e sociais propriamente ditos tem nos trazido, insistindo e insinuando a nos contentarmos com esses limites de nossa história recente, sobre esses fenômenos. O militante russo sente a necessidade de abrir novos caminhos para a humanidade de maneira geral, sobre essas implicações para se pensar a política e as transformações sociais.

Kropotkin atribuía gran importancia a sus trabajos sobre la Etica. Los consideraba una imprescindible obra revolucionaria. En una de sus últimas cartas, del 2 de mayo de 1920, dice: *He vuelto a los trabajos sobre las cuestiones de la moral, porque, a mi parecer, se trata de una obra absolutamente necesaria. Sé muy bien que los libros no determinan las corrientes intelectuales, sino todo lo contrario. Pero sé, también, que para aclarar las ideas es preciso la ayuda de los libros que dan al pensamiento su forma concreta. Para sentar las bases de la moral emancipada de la religión y superior a la moral religiosa... es preciso la ayuda de los libros aclaradores. Y añade: Estos esclarecimientos son necesarios sobre todo ahora, cuando el pensamiento humano se encuentra encerrado entre Kant y Nietzsche.*²³⁴

A história moderna tinha criado um novo atributo para guiar a humanidade, sem mesmo perguntar a ela se esta queria ser guiada, mas seria infalível estudar os divisores de águas que teriam sido anunciados por Kant e seu tempo, sobre o aspecto da moral e da

²³³ KOSMINSKY, Y. *O professor Toynbee e sua filosofia da história*. São Paulo: Argumentos, 1967.

²³⁴ KROPOTKIN, Pedro. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net. 1945. p.5.

ética.²³⁵ Kant, (visto aqui) não seria somente um homem, mas, em certa medida representaria a expressão cultural e social de um contexto, que triunfava suas expectativas, uma investida que representava de um conjunto social e histórico. Entretanto, esses movimentos foram estabelecidos até o contexto vivido por Kropotkin, sendo que Nietzsche²³⁶ seria o outro grande interlocutor para esse debate, “iniciado” por Kant.

O pensador russo se posicionou sobre esses problemas, fazendo sua intervenção nessa querela. Não que ele tenha se debruçado sobre esses autores de forma precisa, sendo um íntimo interlocutor, mas sua interpretação é bastante válida diante do conteúdo e material disponível sobre esses autores. Tanto Kant como Nietzsche têm formulações indispensáveis, para se pensar os valores sociais e culturais atribuídos à história moderna, e o chamado desenvolvimento do capitalismo.

Portanto, Kropotkin fez suas análises e apontamentos, devido a sua trajetória, situando sua relevância na história. As palavras de Malatesta sobre Kropotkin: o colocam como sendo sempre um terreno fadado a limites, assim como todos nós, mas salientando o caráter sempre fértil de seus textos. Caroline Cahm nos ajuda a pensar e a redobrar a atenção diante dessas passagens sobre Kropotkin arranjadas por Malatesta.²³⁷

²³⁵ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

²³⁶ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²³⁷ Segundo Caroline Cahm, nas palavras de Malatesta: (“I do not think my strictures on him can diminish Kropotkin, the person, who remains, in spite of everything one of the shining lights of our movement. If they are just, they will serve to show that no man is free from error, not even when he is gifted with the great intelligence and the generous heart of a Kropotkin. In any case anarchists will always find in his writings a treasury of fertile ideas and in his life an example and an incentive in the struggle for all that is good”). Nossa tradução: (“Eu não acho que minhas restrições nele possam diminuir Kropotkin, a pessoa, que permanece, apesar de tudo, uma das luzes brilhantes do nosso movimento. Se forem justos, servirão para mostrar que nenhum homem está livre de erro, nem mesmo quando ele é dotado com a grande inteligência e o coração generoso de um Kropotkin. Em todo caso, os anarquistas encontrarão sempre em seus escritos um tesouro de idéias férteis e em sua vida um exemplo e um incentivo na luta por tudo o que é bom”). CAHM, Caroline. *Kropotkin and the rise of revolutionary anarchism (1872-1886)*. New York: Cambridge University Press, 1989. p.290.

1.2. A moral em Peter Kropotkin como último suspiro

Ao final da vida, Kropotkin se dedicou a questão da moral e da ética deixando uma obra inacabada traduzida como: *Ethics: Origins and Development*. Uma obra que foi corrigida pelos tradutores, que se dedicaram a fazer uma primeira tradução, ao interesse do idioma inglês e demais línguas subsequentemente. A primeira parte do livro se constitui, uma história da ética e dos moralistas dentro do ocidente, promovida por filósofos, pensadores e religiosos. Na segunda parte, Kropotkin definiria sua teoria de forma mais acabada, mas tal projeto não foi iniciado devido a sua morte, deixando lacunas abertas para se fazer uma interpretação mais rigorosa sobre essa temática em sua produção. De outro lado o autor se posicionou diante desses pressupostos, nos deixando um material bastante denso para se pensar a questão da moral.

A palavra ética deriva da cultura grega, aquilo que se chamava o *ethos*, mobilizando acepções sobre o costume, caráter e os hábitos de um povo ou de um grupo. No caso da palavra moral, de tradição romana, traduzida do latim por *mos* ou *mores*, anunciam a ideia de costume pessoal e atitudes estimuladas por motivações individuais. Sendo assim, a ética se relaciona com valores sociais e coletivos e a moral sobre escolhas particulares que se contrapõem à ética ou agindo em nome da própria ética.

Os caminhos da Revolução Russa colocavam a urgência do tema, em grande parte. O escritor russo já havia se debruçado a esse tema num de seus textos chamado de *La moral anarquista*, por volta de 1889, onde ele discute e define alguns pontos importantes para se pensar uma moral anarquista. Conforme Álvaro Gíron, desde 1881, em um Congresso, em Londres, que Kropotkin já demonstrava interesse sobre os aspectos da moral, devido ao imoralismo que se introduzia por dentro das fileiras libertárias.²³⁸ Ao estabelecer uma importância substancial da solidariedade como meio fundamental nas relações humanas, o revolucionário acabou nos levando a outra pergunta: quais são as motivações para assim executarmos nossas condutas? Comprometido com um ideário acima de tudo moral e ético, para trazer aberturas para o anarquismo comunista, ele se dedicou a construir uma teoria que oferecesse caminhos para a orientação desses problemas. Ele foi um dos anarquistas clássicos que mais se preocupava com a envergadura moral depois de Proudhon, embora a envergadura moral deste esteja ancorada numa perspectiva cartesiana e kantiana conforme G. Gurvitch

²³⁸ GIRÓN, Álvaro. *Evolucionismo y Ética Pedro Kropotkin*. Dpto. H^o Ciencia, I.I-I., CSIC. 231-248. pp. 234-235.

argumenta.²³⁹ Entretanto, Kropotkin não deixou de reconhecer que Proudhon pôde trazer para dentro do anarquismo, como contribuição, a noção que trabalha a ideia de moral ligada à noção de justiça.²⁴⁰

O escritor revolucionário russo acabou inovando e contribuindo para o tema, de uma moral que ficava fora das bases consolidadas pelo cristianismo, ou podemos dizer que ele tentou ser um esforço crítico em relação a essas tradições no ocidente. Mesmo Kant, como sendo um divisor de águas no mundo moderno sobre o aspecto moral, acabou ele percorrendo um caminho que aproximava a ética praticamente a uma norma moral absoluta,²⁴¹ semelhante a uma categoria religiosa, como Guyau nos adverte.²⁴²

Kropotkin tenta resgatar a moral para que ela não seja capturada pelos fracassos da história do cristianismo, que constituía em criar um reino de fraternidade solidária na terra. O cristianismo muito mais se apropriou do campo moral, apesar de que, devido às consequências de nossa história ocidental recente, fosse um criador teórico bastante produtivo diante dessas condutas.²⁴³

Michel Onfray nos sugere pensar que o pensador anarquista desenvolveu essas considerações elogiosas ao personagem simbólico de Cristo, em sua obra sobre a ética e a moral, onde devido a esse motivo, não deixava um fosso seguro para se pensar uma episteme ética atéia fora da tradição judaico-cristã.²⁴⁴ Ainda que possamos lembrar que reconhecer os lados de uma questão não nos leva necessariamente a aderir diante dessas posições. Nesse sentido, destacamos que Michel Onfray faz mais uma ironia “inteligente” do que a constituição de uma posição segura, fazendo um comentário provocativo sobre Kropotkin.

Devido aos limites do cristianismo como modo operante da vida em sociedade, muitos foram os que depositavam suas esperanças, agora, no comunismo.²⁴⁵ O cristianismo se justificava em si mesmo e por esse ângulo Kropotkin percebe essas movimentações.

²³⁹ GURVITCH, Georges. *Proudhon*. Lisboa: Edições 70. 1983. p.27.

²⁴⁰ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.171.

²⁴¹ KROPOTKIN, Peter. *La moral anarquista*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008. p.18.

²⁴² “Hoje em dia, somos levados a ver na religião principalmente a moral, depois de Kant fez da ética a finalidade e o único fundamento de toda a ideia de Deus. Não era assim originalmente”. GUYAU, Jean-Marie. *A irreligião do futuro: estudos sociológicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p.177.

²⁴³ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. pp.232-233.

²⁴⁴ ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. p.33.

²⁴⁵ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net. 1945. p.23.

As leis e as religiões nada mais fazem, no fim de contas, do que assenhorearem-se desse patrimônio comum da humanidade no qual procuram amparar-se para melhor justificarem a sua existência (...) A moral religiosa sanciona as suas prescrições fazendo-as derivar de uma revelação e procura impor os seus ensinamentos inculcando no espírito dos seus sequazes um sistema de recompensa e punições que se exercem nesta vida ou em uma futura. A moral utilitária conserva, ainda que por um prisma diferente dado da moral religiosa, a ideia de recompensa que ela limita, contudo, ao agente do ato.²⁴⁶

A moral acaba sendo umas das facetas por onde a sociedade se constrói. A humanidade tem acompanhado esses discursos habitais e, junto das instituições, esse fenômeno tem se comportado na história. A moral religiosa e a moral utilitarista seriam variantes que obedecem aos mesmos códigos, na busca de estabelecer regras de recompensa social e de punição aos agentes que buscam construir outras formas morais, que interfeririam nas abordagens éticas da sociedade, tanto no imaginário do ser humano, em suas diversas culturas e temporalidades, como em sua prática social. O tempo pode ser visto como um símbolo que pode ter diversas funções dentro de um processo social, como Norbert Elias nos indica.²⁴⁷

Longe de constituir uma doutrina que se coloca como autossuficiente, o movimento anarquista busca uma pluralidade de pontos de vista.²⁴⁸ O militante russo admite que, não conseguimos fazer a humanidade se desenvolver somente por hábitos atrelados a uma cultura de lealdade. A humanidade deveria se libertar das promessas de punição social e divina. De outro lado, a noção ancorada no pressuposto da razão seria sempre a busca de uma desenvoltura pouco compensadora para uma emancipação social.²⁴⁹ O sentimentalismo sempre foi visto como uma espécie de fragilidade da bondade em seu exercício pleno na sociedade, em suas atividades críticas em relação ao desenvolvimento da ciência à guerra. Kropotkin buscou definir estas questões sobre a seguinte ótica:

Tem-se o hábito de lançar, em vez de argumentos, palavras. Assim, acusam-nos – nós que, inspirando-nos no positivismo moderno, queremos reagir contra a economia e a filosofia pretensamente científicas, que, sobretudo pela obra de Marx e de seus discípulos, prevaleceram até o presente entre os socialistas e afetaram, inclusive, os anarquistas – de sentimentalismo, e creem esmagar-nos por esse opróbrio. Sentimentalismo! Falais do princípio e da prática da solidariedade? Pois bem, seja. O sentimento foi em todos os tempos e ainda é a mais poderosa alavanca do progresso. É ele que une os oprimidos num único pensamento, numa única necessidade de emancipação. Foi ele que ensinou o homem a revoltar-se mesmo sem

²⁴⁶ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. pp.236-237.

²⁴⁷ “A exemplo de toda uma série de outros símbolos sociais, o tempo pode exercer, simultaneamente, diversas funções. O conceito de tempo e o vocábulo que o designa constituem, juntos, um exemplo de símbolo comunicativo”. ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998. p.30.

²⁴⁸ KROPOTKIN, Peter. *A anaquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.7.

²⁴⁹ KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo Hedra, 2007. p.134.

esperança de vencer, mas apenas para deixar atrás de si uma protestação, uma afirmação, um exemplo.²⁵⁰

Os anarquistas, quando colocados na categoria de sensíveis e sentimentalistas, acabam sendo desqualificados, e muito desses argumentos foram utilizados, através de palavras pejorativas, para “feminizar” os anarquistas, como se tal conduta fosse um defeito, já que o sentimentalismo sempre foi traduzido como uma característica feminina. Atualmente, as discussões sobre gênero e feminismo podem fazer a denúncia deste tipo de artimanha, que tenta diminuir qualquer tipo de orientação que fuja ao modelo patriarcal de dominação e de expressão da razão como concepção de mundo masculino determinante. O “feminizar” pode ser visto como um atributo não defeituoso, mas sim uma qualidade que aos poucos o movimento feminista vai denunciando e conquistando seus espaços. Vejamos:

El feminismo parece ser quien más lejos lleva la máxima bakuniana: destruye subjetividades sumisas para crear otras sobre esas ruinas. En este sentido, incluso la palabra *mujer* es de uso provisorio. No es extraño, entonces, que el anarquismo hoy sea el feminismo radical. Como tal es enemigo, además, del feminismo creador de víctimas y de todas las filosofías que refuerzan la idea de rebaño de ovejas. El anarquismo, es decir, el feminismo socava el suelo donde los poderes se erigen. El feminismo, es decir, el anarquismo, se propone extirpar los microfascismos instalados en el terreno del deseo, en el terreno de la reproducción social.²⁵¹

Segundo Cristina Guzzo e Vanina Escales o anarquismo tem uma relação íntima com o feminismo. A subjetividade desenvolvida por um movimento feminista expressa desenvolvimentos anarquistas, no sentido de denunciar as microrelações autoritárias e fascistas. Désirée Motta Roth nos coloca que o “feminismo da diferença”, em uma de suas características, retrata essa imagem da sociedade ocidental que tenta desvalorizar as qualidades de subjetividade, cooperação e empatia como sendo atributos feministas.²⁵² Nesse aspecto, considerar os anarquistas de posturas “femininas” como medida para encarar os problemas sociais e as opressões que a sociedade coloca, não seriam uma desvantagem mais sim uma vantagem reconhecida nos dias de hoje, pela luta das mulheres, tanto anarquistas como não anarquistas. Sendo uma manifestação do “espírito” de luta e de uma construção social, que não precisa se vincular somente as estratégias e concepções de mundo meramente masculinas.

Os anarquistas, reconhece Kropotkin, seriam rotulados de sentimentalistas. O agente tenta reagir contra essas acusações tanto das correntes socialistas como dos cursos que

²⁵⁰ Ibidem. p.49.

²⁵¹ ESCALES, Vanina. Prefácio: *El anarquismo sin el feminismo es una ética finita*. In: GUZZO, Cristina. *Libertarias em America del sur De la A a la Z*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2014. p.9.

²⁵² ROTH, Désirée Motta. *Introdução*. In: SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001. p.10.

se conciliam com o capitalismo, em que o sentimentalismo é pouco aprofundado, e as relações de solidariedade são sempre vistas dentro de uma lógica religiosa e voluntarista. As heranças deixadas pela Revolução Francesa fizeram os socialistas, dentro de suas vertentes e os próprios liberais a debaterem exaustivamente sobre as questões da liberdade e da igualdade e suas isocromias, mas pouco se trabalhou a questão da fraternidade, que seria um legado tão importante quanto aos encaixamentos entre liberdade e igualdade. Alexis de Tocqueville trabalhou as consequências dessa relação entre liberdade e igualdade formalizada nos Estados Unidos de sua época, quando percebeu que pode haver igualdade no mundo político ainda que não exista, por definição, uma liberdade política.²⁵³ Portanto, podemos concluir que, as sociedades que não tiverem a valorização da fraternidade e da solidariedade não conseguirão regular um fio condutor entre a liberdade e a igualdade. Por isso o apoio mútuo como manifestação ética e moral se tornam uma noção tão importante para o escritor russo.

As orientações que nos trazem uma percepção através dos sentidos e da razão equacionam esses campos. E seria nesse sentido que o sentimentalismo deveria ser observado e discutido. O sentimentalismo, de maneira geral, trabalha dentro de operações que são denominadas de: empatia, afeto, instinto e estímulos culturais que são articulados sobre essas dimensões, contribuindo para influenciar demandas morais e éticas.

A própria orientação de Marx e Engels no *Manifesto Comunista* carrega orientações dessa envergadura, quando pronuncia a auxese: “proletários de todos os países uni-vos!”²⁵⁴ onde o elemento de afeto, compromisso mútuo e solidário se tornam manifestações fundamentais para a luta socialista; embora essa hipérbole em Marx e Engels esteja manifestando, ao mesmo tempo, uma tomada racional diante dessa oração.

Uma postura engajada na história abre um caminho para outras gerações se comprometerem com sua liberdade, sem buscar atalhos convenientes para justificar a si próprios. Jean Lacoste assim procede ao tom sartreano; se somos cúmplices da sociedade, mesmo em grau menos elevado ou mais altivo, não deixamos de ser em certa medida responsáveis pela sociedade.²⁵⁵ Anunciando um caminho de luta e esperança, Kropotkin tenta

²⁵³ TOCQUEVILLE, Alexis De. *Igualdade social e liberdade política*. São Paulo: Nerman 1988. p.103.

²⁵⁴ MARX & ENGELS. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005. p.69.

²⁵⁵ “Porém essa responsabilidade não é, ela própria, uma opção. Sou, diz Sartre, “obrigado a ser responsável”. Estou desamparado no mundo, não no sentido em que eu permaneceria abandonado e passivo num universo hostil, mas no sentido em que me encontro “sozinho e sem ajuda”, comprometido num mundo pelo qual sou “inteiramente responsável”. LACOSTE, Jean. *A filosofia no século XX*. Campinas. SP: Papyrus, 1988. p.131.

elaborar uma moral combinada com essas narrativas.²⁵⁶ A moral teria uma forte conotação sentimental, social e de orientação crítica. Embora seja discutida como uma escolha pessoal, essa alternativa não se torna uma escolha livre ilimitada de possibilidades, ela seria uma opção dentro de condicionantes sociais, que nos tornam responsáveis e cúmplices dos caminhos que a sociedade opera.²⁵⁷ No entanto, a moral pode ser trabalhada dentro de medidas filosóficas, como é o caso em Jean Paul Sartre, onde a moral é liberdade. Não existe a possibilidade de não escolher, estamos sempre agindo e escolhendo, o que caracteriza a liberdade seria este instante antes da ação. Jean Paul Sartre estabelece uma nova forma de perceber a liberdade, onde ela não é uma coisa que se tem ou não se tem, mas uma tomada de ação sempre atrelada a uma escolha engajada e responsável, criando a possibilidade de uma ontologia ética; Jeanson Francis assim interpreta o pensamento de Jean Paul Sartre, sendo aprovado pelo próprio.²⁵⁸ Nesse aspecto Kropotkin estava próximo a Jean Paul Sartre sob o ponto de vista político e filosófico, mas bastante longe do escritor francês quando aceita o pressuposto do inconsciente vindo da psicanálise, como vamos observar logo em seguida.

A moral para o escritor anarquista está ligada à ajuda mútua em seu condicionamento: filosófico, psicológico, antropológico, sociológico, geográfico e histórico.²⁵⁹ Sendo assim, a moral para Kropotkin seria um dos grandes pilares para uma transformação social revolucionária.²⁶⁰ O pensador russo não deixa de reconhecer que nossas vidas, como conteúdo histórico moderno, estão impregnadas de normas sofisticadas e de hipocrisias, que muito mais colocam a sociedade em um processo de decadência, do que uma posição que busca regular esses fundamentos em um sentido construtivo.²⁶¹ A moral, é uma faceta condicionante do indivíduo em seu exercício de ser humano elaborado, como uma proposição de sujeito que tem condicionantes psicológicos, e o inconsciente se propaga nas ações humanas de forma bastante influente, como assim caracteriza Kropotkin.

²⁵⁶ “Comprendemos que todos somos, más o menos voluntaria o involuntariamente, cómplices de esta sociedade”. KROPOTKIN, Peter. *La moral Anarquista*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008. p.42.

²⁵⁷ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. p.238.

²⁵⁸ JEANSON, Francis. *El problema moral y el pensamiento de Sartre*. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1968. p.255.

²⁵⁹ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. p.135.

²⁶⁰ “Se a revolução se impõem no domínio econômico, se ela se torna uma imperiosa necessidade no domínio político, impõe-se bem mais ainda no domínio moral”. KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.34.

²⁶¹ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. p.177.

Hasta ahora, hemos hablado de acciones conscientes, reflexivas del ser humano (de las que hacemos a sabiendas). Pero al lado de la vida consciente, encontramos la vida inconsciente, infinitamente más vasta, y demasiado ignorada por lo pasado. Sin embargo, basta observar la manera cómo nos vestimos por la mañana, esforzándonos por abrochar un botón que sabemos haber perdido la víspera, o llevando la mano para tomar un objeto que nosotros mismos hemos cambiado de lugar, para tener idea de esa vida inconsciente y concebir el inmenso papel que desempeña en nuestra existencia. Las tres cuartas partes de nuestras relaciones con los demás son actos de esa vida inconsciente. Nuestra manera de hablar, de sonreír o de fruncir las cejas, de acalorarnos en la discusión o de permanecer quietos; todo eso lo hacemos sin darnos cuenta de ello, por simple hábito, ya heredado de nuestros antepasados humanos o prehumanos (no hay más que ver la semejanza en la expresión del hombre y del animal cuando uno y otro se enfadan) o adquirido consciente o inconscientemente.²⁶²

Kropotkin reconhecía as influências do inconsciente como fonte indispensável para entender o ser humano em seu desenvolvimento ligado à ética e a moral unida à lógica social. Portanto, anunciando um discurso que perpassa as noções e teorias psicanalíticas colocadas por Freud, por exemplo.²⁶³ A vida humana seria produzida em grande parte pelo inconsciente, e dentro dessas perspectivas, uma sociedade que busca se emancipar não poderia deixar de levar em consideração os pressupostos que o estudo dessas questões acabam levantando.

O inconsciente em Kropotkin tem um destaque bastante significativo, para se pensar a construção das sociedades em suas mais variáveis formas dentro da história. Percebemos, sobre esse ponto de vista, um diálogo entre a história e a psicanálise, em que determinados pontos se desenrolam paralelamente, se assim levarmos em consideração as colocações de Peter Gay em seu livro *Freud para historiadores*.²⁶⁴ Nesse aspecto temos um encontro pontual entre Kropotkin e Peter Gay, onde esses consideram a relação entre a história produzida pelos historiadores e os fundamentos da psicanálise.

Os hábitos morais estariam ambientados por esses processos, que condicionavam e condicionam a vida dos homens e mulheres em sociedade. Kropotkin identificava a moral em sua história dividida em três grandes categorias fundamentais, mesmo percebendo que essas generalizações não compunham as diversas teorias e a amplitude da vida humana. Até aquele momento, o militante anarquista percebia assim o aspecto da moral:

Independiente de las diversas teorías sobre la moralidade, todas pueden ser classificadas bajo categorías fundamentales: la moralidade religiosa; la moralidade

²⁶² KROPOTKIN, Peter. *La moral anarquista*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008. p.39.

²⁶³ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. São Paulo: Edição Standard Brasileira, Vol. XIII, Editora IMAGO, 1974.

²⁶⁴ GAY, Peter. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

utilitária y la teoría de los hábitos morales resultantes de las necesidades de la em
sociedade.²⁶⁵

Kropotkin percebe três grandes narrativas históricas do exercício moral: a alternativa religiosa, a moralidade utilitária e os hábitos morais que se vinculam a uma necessidade da sociedade. O autor aposta em uma moral que possa ser construída como alternativa às construções históricas, para garantir um exercício solidário e de conexão ao apoio mútuo, como exercício resultante das necessidades da vida em sociedade. A moral tem uma história que foi anunciada por várias teorias formuladas por pensadores, dos mais diversos, nestes últimos séculos.²⁶⁶

As relações entre bem e mal que regulam as ideias morais são complexas, e não devem ser simplificadas. Tanto é que o mal e o bem seriam manifestações de um mesmo conceito e não necessariamente estariam ligados a um dualismo cartesiano²⁶⁷ exacerbado, que os separassem definitivamente, no caso, seriam lados de uma mesma manifestação. Kropotkin identifica nesse dividendo, não uma revelação que esboça um lado contraditório determinante entre o bem o mal; pois quem acaba dando sentido a essas operações seria o ser humano e não ao contrário.

La idea del bien y del mal existe en la humanidad. El hombre, cualquiera que sea el grado de desarrollo intelectual que haya alcanzado, por oscurecidas que estén sus ideas en los prejuicios y el interés personal, considera generalmente como bueno lo que es útil a la sociedad en que vive, y como malo lo que es nocivo.²⁶⁸

Kropotkin interpreta a relação entre o bem e o mal sob os parâmetros de um desenvolvimento da sociedade. Mesmo as ideias catalogadas como variações dos graus de inteligência, seriam adquiridas numa relação em condições amplas.²⁶⁹ Mesmo o mundo animal estaria ele constituído dentro de moralidades que fazem sua “sociedade” funcionarem, em um jogo de transformações variáveis e invariáveis sobre o bem e o mal, em suas sociedades. Todas essas relações em nossa sociedade humana estariam sendo muito mais caracterizadas e influenciadas pela natureza do que o mundo religioso e metafísico dos filósofos.²⁷⁰ As relações entre e bem e mal, são formalizações que se anunciam para satisfazer

²⁶⁵ KROPOTKIN, Piotr. *Anarco-comunismo: sus fundamentos y principios*. Madri: Tierra de Fuego/ La Malatesta Editorial, 2010, p.81.

²⁶⁶ KROPOTKIN, Peter. *Origen y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.16.

²⁶⁷ DESCARTES, René. *Meditações sobre a filosofia primeira*. Campinas: UNICAMP, 2004. p.113.

²⁶⁸ KROPOTKIN, Peter. *La moral anarquista*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008. p.30.

²⁶⁹ KROPOTKIN, Pedro. *Folleto revolucionários I*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.99.

²⁷⁰ “La idea del bien y del mal no tiene así nada que ver con la religión o la misteriosa conciencia. Es una necesidad de las especies animales. Y cuando los fundadores de religiones, los filósofos y los moralistas, nos hablan de entidades divinas y metafísicas, no hacen más que recordarnos lo que las hormigas, los pájaros,

uma adaptação ao mundo e na natureza. Todos os códigos que exercem atributos que fundamentam as relações sentimentais de amor e ódio, castigos e méritos, estariam conservando uma mesma origem, que se misturam e acabam se manifestando tanto no mundo animal como no mundo humano.²⁷¹

Os impulsos dessas afinidades, em seu exercício de ação, acabam desenvolvendo nossas determinações morais que, em sua atuação, estariam presentes na construção da história da humanidade e da natureza. Dando respostas a essas construções históricas, Kropotkin propõe uma moral que os revolucionários e socialistas teriam que exercitar para mudar essas categorizações que, mesmo em prol de uma causa dita como digna, determinados meios de luta só afetariam ainda mais essa busca por uma emancipação social vigente. De fato, sabemos que determinadas condutas poderiam ser justificadas, mas não reabilitam os indivíduos, seja qual for a ideologia utilizada.²⁷²

A opinião pública exerce uma influência nos campos morais e éticos da sociedade. Por volta da metade do século XIX em diante, que ela começa a se desenvolver de maneira cada vez mais contundente. A opinião pública acaba fomentando uma moral que busca conciliar de forma operacional as demandas sociais e nesta prática institui formalizações bastante conclusivas sobre os caminhos a seguir por essa sociedade. Às vezes se torna difícil estabelecer uma separação entre o campo moral e ético, pois embora sejam áreas separadas, estão ligadas em seu exercício de ação, e assim acaba sendo se levarmos em consideração as interpretações de Marisa Eizirik sobre Foucault.²⁷³

Essas operações sociais ocasionam uma relação de competência poderosa na sociedade, em que a opinião pública acaba sendo uma fonte consultada para definir determinados caminhos da sociedade. E dentro desse processo temos um papel das ações mútuas entre indivíduos que, por meio de suas opiniões vão criando uma esfera social ativa, promovendo debates, divergências e consensos que são estimulados por essa força social.

A medida que se desarrolla el don de la palabra y la posibilidad de dar expresión a los anhelos de la sociedad, se transforma la opinión *pública*, en lo que concierne a la conducta de cada miembro de la sociedad, en un guía poderoso y aun principal de la conducta. Pero la fuerza de la aprobación o censura social depende completamente del grado de desarrollo de la simpatía mutua. Atribuimos cierta importancia a la opinión de nuestros semejantes únicamente porque simpatizamos con ellos. Y la

practican en sus pequeñas colectividades (...)"'. KROPOTKIN, Peter. *La moral anarquista*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008. p.28.

²⁷¹ KROPOTKIN, Pedro. *Folletos revolucionários I*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.113.

²⁷² KROPOTKIN, Pedro. *As prisões*. Campinas: Barricada Libertária, 2012. pp.33-34.

²⁷³ EIZIRIK, Marisa, Faermann. *Foucault um pensador do presente*. Ijuí: Unijuí, 2002. p.108.

opinión pública o social ejerce una influencia moral tan sólo cuando el instinto social ha alcanzado un grado bastante elevado.²⁷⁴

A opinião pública acaba criando um mecanismo de sedução e convencimento influenciando a sociedade. A própria ideia de “público” seria uma construção bastante recente, pois a palavra “público” como a compreendemos hoje não teria uma significação grega e nem latina, conforme Gabriel Tarde nos indica.²⁷⁵ Para Kropotkin, os acontecimentos na história moderna influenciam a moral humana, e esses exercícios de construções sociais envolvem diretamente a população, que em seus grupos utilizam de suas morais atreladas à noção de classes específicas, para visualizar a sociedade em seus horizontes éticos.²⁷⁶ Existindo um jogo de simpatia mútua entre as forças dos agentes sobre os agenciados, que exercitamos escolhas de aprovação e restrição, que conduzem e fornecem o contorno social contemporâneo.

A opinião pública acaba ganhando uma legitimidade social bastante influente na sociedade, pois ela está acostumada a exercitar o dia a dia das relações sociais. Para o autor anarquista, na medida em que os homens e as mulheres vão se acostumando com a vida em sociedade, exercem sobre os outros homens e mulheres uma vinculação mútua, desencadeando um sentido moral que se entrelaça no desenvolvimento de relações abstratas, com um fomento da cultura que vai se modelando a partir destas exigências da vida social, formando um imaginário através dessas experiências.²⁷⁷ Podemos observar, que aquilo que se constitui como um “trabalho de base” para os anarquistas, ajudando a organizando o povo e sendo organizado por ele, Kropotkin desenvolveu um elo contínuo entre o cotidiano e a sua relação com a esfera moral, que tanto alimenta como constrói uma cultura e a opinião “pública”.

Karl Marx em um artigo publicado, em Londres, no dia 25 de dezembro de 1861, traduzido como *A opinião dos jornais e a do povo*, já colocava as tentativas da influência da imprensa e da polêmica que os jornais estabeleciam na ordem pública da sociedade. Onde a negociação entre interesses das repartições jornalísticas não eram as mesmas do povo, e em vários episódios essas posições mostravam suas oposições. Dito de outro modo, enquanto os jornais apaziguavam situações o povo demonstrava sua impaciência sobre esses fatos, e

²⁷⁴ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.31.

²⁷⁵ TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins fontes, 1992. p.33.

²⁷⁶ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.249.

²⁷⁷ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.61.

quando os jornais estimulavam uma guerra o povo se distanciava dessas posições, manifestando um interesse contrário.²⁷⁸ Todas essas questões colocavam a situação de que o debate público necessitava de interventores revolucionários, para interferir e anunciar suas opiniões diante dessa nova ferramenta de comunicação, que se tornava cada vez mais uma forma de edificar posições políticas e morais sobre os fatos que ocorriam naquele contexto.

Gabriel Tarde exemplificava esses fenômenos sociais situando-os dentro de uma nomenclatura teórica que se anunciava como as *leis da imitação*,²⁷⁹ conceituações muito próximas as de Kropotkin, no caso da *ajuda mútua*. Em Kropotkin essas relações de *ajuda mútua* estariam para além de narrativas somente sociológicas de Gabriel Tarde, ganhando também uma conotação histórica, biológica, psicológica e geográfica. Onde determinados aspectos da teoria de *leis de imitação*, sobre a feição do comportamento humano, diante de sua relação com os outros seres e os estímulos que essa ação promove, dialogam com a *ajuda mútua* naquilo que ela tenta explicar quais seriam as motivações para estabelecer esses atos.

Os fenômenos sociais e históricos recentes da história moderna, em suas articulações de comunicação social e sua interação como a cultura política e educacional da época, muito afetam as dinâmicas históricas do agir político.²⁸⁰ O articulista revolucionário russo, por essas razões, tinha como atribuição política o exercício da “propaganda” como um dos motores sociais para promover suas ideias e condutas anarquistas, para influenciar tanto o povo quanto a opinião pública de sua época, uma prática de estratégia política que estava ligada aos seus padrões de entendimento morais que vigoravam na sociedade, ou seja, o debate público de ideias políticas.

Todas essas iniciativas estavam formuladas dentro de um contexto histórico, conhecido também como a *Belle Époque*, um período entre 1890 a 1914. Gabriel Tarde reconhece essa tensão dentro da sociedade, e as disputas semânticas distribuídas dentro dela, anunciando uma das lógicas sociais e formas de luta que caracterizam esses fenômenos do mundo da comunicação e da opinião pública, do final do século XIX para o século XX.

O estado de espírito socialista e o estado de espírito anarquista tampouco eram alguma coisa antes que alguns publicistas famosos Karl Marx e Kropotkin e outros, os exprimissem e pusessem em circulação com sua efigie. Compreende-se facilmente, depois disso, que a marca individual do gênio de seu promotor seja mais evidente sobre um público do que o gênio da nacionalidade, e que o inverso seja verdadeiro em relação à multidão. Compreende-se também, do mesmo modo, que o

²⁷⁸ MARX, Karl. *Liberdade de imprensa*. Porto Alegre: L&M, 2006. pp.185-186.

²⁷⁹ TARDE, Gabriel. *Leis de imitação*. Porto: Portugal. RÉ S editora. 2000.

²⁸⁰ TARDE, Gabriel. *Las leys sociales*. Barcelona. Casa Editorial Sopena.

público de um mesmo país, em cada um de seus ramos principais, apareça transformado em pouquíssimos anos quando seus condutores se renovam.²⁸¹

Gabriel Tarde assinala que autores como Marx e Kropotkin imbuídos da ferramenta pública, para se fazer política, puderam alcançar patamares de influência bastante significativos. Nesse sentido, Kropotkin faz de suas teorias sobre a moral um instrumento político no sentido engajado. Não almejando ele, fazer política somente pelo fato de estar presente no espaço público: lugar esse limitado aos formadores de opiniões. Mas por perceber como as construções ideológicas do imaginário do povo se construía e se manipulavam a si mesmas, devido às mudanças substanciais no campo da comunicação.

Atento aos acontecimentos de sua época, ele buscava formalizar suas teorias sob a perspectiva da moral junto dos fenômenos sociais, que alteravam os códigos morais estimulando as condutas sociais e históricas de seu período. Construções essas que seriam decisivas para o aspecto da organização da vida em coletividade, já que várias concepções de mundo naquele momento entravam em choque, pois as disputas entre: o capitalismo, o socialismo, o anarquismo e demais formas de organização social entravam em confronto, para estabelecer um modelo influente na sociedade. Todos esses embates criaram uma relação entre meios e fins que se digladiavam em um mundo da linguagem, e as justificativas sociopolíticas adentravam num mundo da retórica social. A moral não é uma construção pura de elementos de escolhas e a ética muito menos, temos uma negociação sempre em movimento sobre essas questões.

O discurso era um atributo para legitimar um ato de sobrevivência ideológica, e nessa tensão social, entre os indivíduos, perpetuava-se uma cultura que levantava outras significações consequenciais no campo da ética e, principalmente, no campo da moral. Segundo Nietzsche todas essas movimentações, naquele contexto, faziam parte da preservação do indivíduo, onde essas construções seriam as principais forças de dissimulação no jogo da vida pela sobrevivência e seus meios disponíveis.²⁸²

Os seres humanos deveriam se organizar para construir suas vidas, a partir daquele momento, investidos dessas novas adaptações, sendo que as condições sociais impostas pela história, até então, impunham esses padrões, uma disputa entre as conceituações que estabelecessem uma axiologia sobre os discursos, que se reivindicavam como verdadeiros e outros negados como falsos, em que a moral, sob o ponto de vista social, determinava as

²⁸¹ TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins fontes, 1992. p.41.

²⁸² NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Hedra, 2008. p.27.

condições de verdade e de mentira do jogo político da vida comum no cenário ético. Onde um conjunto de atributos morais influenciam as condições éticas.

Tudo isso mudou hoje. Por um lado, constitui-se no seio da burguesia um núcleo de aventureiros, que compreendia que, sem endossar o rótulo socialista, jamais conseguiria escalar os degraus do poder. Era preciso, portanto, encontrar um meio de se fazer aceitar pelo partido, sem adotar seus princípios. Por outro lado, aqueles que compreenderam que o meio mais fácil de dominar o socialismo era entrar em suas fileiras, corromper seus princípios, desviar sua ação, fazendo uma pressão no mesmo sentido.²⁸³

Kropotkin tentava manter-se atento aos desvios dos movimentos sociais de sua época e dos movimentos revolucionários; analisando até que ponto essas construções estavam se desenvolvendo com a devida coerência moral em relação aos ideais propagados até então. Através da moral o militante russo questionava as posições dissimuladas, acopladas ao campo do oportunismo político. Existiam segundo ele, aproveitadores que se emboscavam para dentro desses movimentos revolucionários, corrompendo os ideais propagados por essas instâncias, das assembleias as reuniões.

Todas essas manifestações promoviam aos poucos uma desconstrução silenciosa das propostas revolucionárias, não deixando espaço para que elas fossem desenvolvidas e amadurecidas. Onde o reformismo se torna sempre mais vigoroso, por ter um acúmulo empírico mais consolidado diante dos revolucionários, que por estarem no campo criativo estão mais propensos ao novo e o que ainda não se construiu como experiência. A riqueza das propostas ao tom revolucionário parece encontrar uma barreira na hora de colocar suas posições, diante de uma discussão frente à opinião pública, onde esses indivíduos são levados, em certa medida, ao isolamento e a orientações que não preenchem os interesses das massas; que buscam sempre um meio prático de ação e de esperança. Ou seja, uma boa ideia sempre precisa de uma adequada referência. Nesse sentido o assembleísmo se torna uma posição já colocada antecipadamente a favor das medidas mais conservadoras, pois os tempos, os relógios, dessas assembleias, estariam fazendo uma pressão a seu serviço. Exigindo uma disposição consensual entre as partes em questão.

Podemos dizer que esse fenômeno social foi conceituado e estudado por uma pesquisadora, Elisabeth Noelle-Neumann, no final dos anos de 1970, em seu livro *La espiral del silencio. Opinión pública: nuestra piel social*,²⁸⁴ onde ela busca explicar essas disputas retóricas, o debate público, no campo da comunicação de massa, noções que podem ser

²⁸³ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.202.

²⁸⁴ NEUMANN, Elisabeth. *La espiral del silencio. Opinión pública: nuestra piel social*. Barcelona: Paidós, 1995.

aplicadas a um partido, um agrupamento social, disputas de poder em uma assembleia ou uma repartição pública. Temos aqui um discurso que se move em torno de um apelo à audiência, que desenvolve um maniqueísmo oportuno para garantir determinadas posições ideológicas. Elisabeth Noelle-Neumann coloca quais são os mecanismos internos de um debate público, onde a maioria das pessoas preferem não ousar, mas arriscar apostando em medidas que já estão dando certo, e isso geralmente neutraliza a ideia desse mesmo arrojo. Um jogo que tem uma aparência de transformação, mas no fundo legitima uma cultura repetitiva e acumulativa como medida de segurança. De modo que, uma teoria criativa e ousada tem menos credibilidade do que uma tradição que é falsificada, mas assimilada como medida progressista e, por esse caminho muita distorção pode ser produzida.

Murray Bookchin nos colocou suas experiências que tangem esses significados, quando percebe que o consenso produzido no assembleísmo gera o mais baixo nível de criatividade, nivelando por baixo a seleção dos conceitos e propostas, sendo, de maneira geral, o lugar para reproduzir uma lógica que facilita uma tomada de posição manipuladora e refém de um corpo medíocre e “pobre” de interesses. Para esse problema, Murray Bookchin propõe o exercício do dissenso como medida para impedir o silenciamento das propostas criativas, ao tom revolucionário e transformador.²⁸⁵ Assim sendo, acaba ele apostando numa premissa bem próxima a desenvolvida por Bachelard, quando, este, sustenta que a verdade não é filha de uma simpatia, “consensual”, mas de uma discussão, o “dissenso”.²⁸⁶ Fernando Magalhães ao aprofundar o pensamento de Alexis de Tocqueville penetra nesses compassos, que fazem o passado, a tradição, acabarem sendo uma das grandes armadilhas para o desenvolvimento da democracia. Pois o consenso, o igualitarismo, aqui, é identificado como aspectos negativos para impulsionar propostas vinculadas a minorias, onde o entendimento é formalizado pelo mínimo de compreensão das pessoas e não sobre seus ápices diante desse processo, e isso leva, conseqüentemente, a escolhas medianas na política.²⁸⁷ Temos aqui a negociação e a mediação sempre superando uma atividade que busca solucionar os problemas de forma direta. Dito de outro modo, anunciamos a “ditadura” da maioria sobre uma minoria.

²⁸⁵ BOOKCHIN, Murray. *Anarquismo crítica e autocrítica*. São Paulo, Hedra, 2010. p.65.

²⁸⁶ O autor, na parte que se constitui o livro *Filosofia do Não* explicita: “Daqui resultam as profundas perturbações semânticas que impedem a compreensão recíproca dos homens do nosso tempo. Sofremos de uma incapacidade de mobilizar o nosso pensamento. Para termos alguma garantia de termos a mesma opinião acerca de uma idéia particular, é preciso pelo menos que tenhamos tido sobre ela opiniões diferentes. Se dois homens se querem entender verdadeiramente, têm primeiro que se contradizer. A verdade é filha da discussão e não filha da simpatia”. BACHELARD, Gaston. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural/Victor Civita, 1979. p.81

²⁸⁷ MAGALHÃES, Fernando. *O passado ameaça o futuro - Tocqueville e a perspectiva da democracia individualista*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12 (1): 141-164, maio de 2000.

Kropotkin avaliava esse movimento, a sua maneira, nesse mesmo campo de análise, dos autores aqui mencionados. Por conseguinte, essas desenvolturas, como comedimentos, para dentro dos grupos revolucionários, onde se juntar em meio de seus adversários é uma forma silenciosa de fazer política pervertendo suas fileiras, sem que esses o percebam. Ou seja, seriam essa uma das denúncias de Kropotkin, sobre posições morais e éticas, que fazem história e política.

As ideias socialistas, naquele contexto, que preenchiam a virada do século XIX para o século XX, conquistaram certa hegemonia social, manifestando fenômenos como esse observado por D. F. Griffith, em seu livro *What is Socialism?* Destaque esses feitos por J. Wilczynski,²⁸⁸ onde esse assinala que o socialismo segundo D.F. Griffith, em uma obra publicada em 1924, chegou a considerar em sua pesquisa, algo a 260 definições de socialismo em menos de um século, no caso, de 1827 até as primeiras décadas do século XX.

O socialismo também era resultado de um processo histórico recente que foi castrado, no caso, os ideais da Revolução Francesa e suas expectativas diante de um saldo prático. O socialismo acabou sendo a manifestação das insatisfações populares, sob um problema que Alexis de Tocqueville reconhecia; por mais radical que a revolução tenha se configurado, ela inovou muito menos do que se supõe.²⁸⁹ Essas consequências, de um lado, podem mostrar que o socialismo estava na boca do povo, de um grupo considerado daquele contexto, que se manifestava do povo aos formadores de opinião. De outro lado, no decorrer do século XIX e começo do século XX, podemos lembrar que muitos adversários do socialismo puderam utilizar tais conceitos e rótulos para poder se comunicar com as massas, usando tais definições como cultura de uma época, pelos meios táticos e estratégicos que a política coloca; e isso não significa se comprometer literalmente com esses ideais, mas utilizá-los por motivos oportunos. Podemos exemplificar o *Nacional-Socialismo* de Hitler que nasce daquele contexto.²⁹⁰

O caso de Mussolini seria bastante emblemático, já que foi expulso do movimento socialista italiano e das fileiras revolucionárias à esquerda, a tempo de fazer um estrago dentro desses movimentos, que logo perceberam seus desvios inconciliáveis. Kropotkin argumentava em casos similares a esse: do oportunismo político junto de uma postura aventureira vaidosa, em um culto ao poder ilimitado, fazendo a noção de socialismo ser deturpada por essas

²⁸⁸ WILCZYNSKI, J. *A economia socialista*. Rio de Janeiro: Vértice, 1987. p.27.

²⁸⁹ TOCQUEVILLE, Alexis de. *O antigo regime e a revolução*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016. p. 50.

²⁹⁰ HITLER, Adolf. *Minha luta*. InLivros.Net.

associações vulgarizantes. Em 1921, Mussolini já se glorificava ideologias incompatíveis com o socialismo, mesmo em suas linhas mais gerais, pois dizia que sua virtude ideológica provinha da: aristocracia, a democracia, o conservadorismo, o progressismo, o reacionarismo e o tom revolucionário. João Bernardo em seu estudo sobre o fascismo nos coloca essas considerações.²⁹¹

Merleau-Ponty em seu texto *Em Torno do Marxismo* denunciou autores como T. Maulnier, quando esse tentou conciliar fascismo, revolução social, nacionalismo e marxismo. T. Maulnier argumentou que Marx deixou essas possibilidades, que podem ser encontradas em sua abordagem classificada como materialismo histórico e a ideia de luta de classes. T. Maulnier tenta justificar seu fascismo com aquilo que no marxismo situa-se como abordagem que coloca a necessidade de uma revolução social, enquanto promessa histórica, tentando sustentar essa posição para legitimar uma tomada revolucionária em nome de valores nacionais e fascistas.²⁹² Um método que faz das exceções à regra. Embora, a posição de Stalin contra Trostky, diante da polêmica entre a dita “revolução permanente” e o “socialismo em um país só”, dentro do partido bolchevique, coloquem aberturas para essas legitimações teóricas, que buscam adaptar nacionalismo com marxismo.

No caso do anarquismo, geralmente, sua crítica ao Estado no século XIX é adotada como uma justificativa para uma tomada de posição liberal e capitalista radical. Onde o anarquismo é colocado como apenas uma nota de roda pé, mas é usado como utensílio oportunista para discursos de efeitos e propaganda dessas ideologias, como se dessa coerência pudesse se tirar e construir um todo organizado. Miguel A. Bastos fez essas elaborações através de instituições interessadas nessas conciliações teóricas: o *Movimento Social Liberal* (MLS) de Portugal e a *Associação Galega por Liberdade e Democracia* (AGLD) na Espanha.²⁹³ Noam Chomsky também observa os equívocos absurdos dessas formulações, sem deixar de demonstrar as evidências para que essa posição, dele, seja sustentada.²⁹⁴

²⁹¹ BERNARDO, João. *Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta*. 2015. p.14.

²⁹² PONTY-MERLEAU. M. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

²⁹³ BASTOS, Miguel, A. *Murray N. Rothbard: os fundamentos do anarco-capitalismo*. Bruxelas: Editor European Liberal Forum ASBL, 2012.

²⁹⁴ Sobre o anarco-capitalismo Noam Chomsky assim observa: “El Anarco-capitalismo, en mi opinion, es un sistema doctrinal el cual, si alguna vez se llegase a implementar, dará lugar a formas de tiranía y opresión que tendran pocos puntos de comparación en la historia humana. No hay la más mínima posibilidad de que estas ideas (en mi opinión, horribles) sean implementadas, ya que rápidamente destruirían cualquier sociedad que cometa este error colosal. La idea de "libre contrato" entre el potentado económicamente y su famélico sujeto es una broma cruel; quizás amerite algún momento en un seminario académico explorando las consecuencias de estas ideas (en mi opinion, absurdas), pero en ningun otro lugar”. BIBLIOTECA VIRTUAL NOAM CHOMSKY- Galeon.hispavista.com/bvchomsky/textos.html. p.53.

Geralmente essas considerações conseguem ser feitas diante de pessoas que tem pouco conhecimento sobre esses assuntos e com isso vão criando um malogro orgânico, que fornece um conteúdo sólido para manipular massas. Essas medidas seriam uma infiltração que acarreta discussões, complacências, conseqüências no campo moral e ético da sociedade, sobre a ideologia e o pensamento anarquista, uma forma de corroer e desmoralizar seus princípios.

Temos aqui uma apropriação bastante infundada e incoerente, mas que com o tempo essas disputas de significados em torno de uma concepção de mundo, podem se transformar, se situando como cultura que se desenvolveu. Até o ponto de serem assimiladas com o passar da história sem nenhuma resistência, como nas conciliações discutidas e exemplificadas nos parágrafos a cima; sejam elas desenvolvidas para desmoralizar o marxismo, o anarquismo ou o socialismo.

A relação que fizemos entre “socialismo” e moral partem de um ponto que se esclarece quando conservadores e liberais desenvolvem teorias explicativas anunciando que o socialismo, de maneira geral, mas fecunda, estabelece para si mesmo, como sendo dotado de uma superioridade “moral”, em relação aos seus adversários, por estarem ancorado numa posição humanista. Roger Scruton seria um dos autores conservadores que mais se beneficiou em esclarecer e denunciar essas posturas, vistas por ele como: “orgulhosas”, “encantadas”, em seu sentido “profético”, posições que os socialistas acabam reproduzindo como cultura “egocentrista” e “otimista”.²⁹⁵ Podemos até aceitar essas adjetivações e entende-las como equívocos, mas se observarmos a questão para além do que Roger Scruton coloca, seria oportuno lembrar que os ditos “conservadores” também arrogam para si mesmos o patrimônio e a defesa dos bons costumes, que estão sendo sustentados por um atributo moral. Ou seja, o “objeto” da moral é um conceito em disputa, pois ele sustenta a capacitação ideal para uma ação. Por esse mesmo motivo, resgatar e tentar entender porque Kropotkin se preocupou com esse tema, que envolve uma postura ética e moral, demonstram a capacidade do autor russo em identificar os meios por onde seus adversários poderiam desmoralizar suas causas e atitudes, denominadas de maneira geral de “socialistas”. Kropotkin tentou tanto proteger esses revolucionários, dos sedutores atalhos que estão em voga nessa relação de poder, quanto

²⁹⁵ O ponto de vista do autor: “A ascensão da política de esquerda durante o século XX foi anunciada por uma mudança no consenso de um pequeno grupo de intelectuais. O novo consenso era decididamente encorajar os membros da nova geração que tivessem o ímpeto e a convicção de devotarem-se à busca do poder. No longo prazo, tais mudanças de opinião importam, e importaram desastrosamente. Mais uma vez, é necessário, creio, demonstrar o tamanho da fraude perpetrada em nome da "correção teórica" e da "superioridade moral" do socialismo”. SCRUTON, Roger. *Pensadores da nova esquerda*. São Paulo: É Realizações, 2014. p.10

tentar propor de forma interventiva nesse campo de estudo, que, aliás, é pouco conhecido e estudado pelos socialistas, ademais, quando não subestimam essas desenvolvuras ao tom de risos, sustentados por um desconhecimento da importância dessas esferas, que refletem impactos sociais e históricos.

Através dessas exemplificações a palavra especificismo, no anarquismo, ganha um certo destaque, não por tentar criar um modelo fechado como estratégia de luta social, mas ao contrário, por acabar se tornando uma ferramenta para defender justamente aquilo do que é acusada, muitas vezes, de estar reivindicando certa condição privilegiada e vanguardista. Pois uma posição relativista, em seu sentido ampliado, pode conduzir determinados valores políticos a serem conciliados a outros de envergadura completamente diferentes, uma porta aberta ao oportunismo onde tudo vale e tudo se iguala. Ato esse, produzido tanto por uma leitura rasa vinda do senso comum, quanto feita por um intelectual habilidoso, que tenta combinar tais visões de mundo, visivelmente contraditórias, deixando um conteúdo sólido diante dessas posições; e isso pode ser feito, também, em grande medida, de forma oportunista, transformando exceções de um texto em uma regra moral e intelectual.

Kropotkin, nesse sentido, deveria respeitar as iniciativas anarquistas libertárias que envolviam seu comunismo anarquista. Mesmo se utilizando desses graus de coerência, seria em nome dessas mesmas ideias, que o revolucionário russo buscava não esmagar os indivíduos por causa desse desejo de transformação social, e tinha a preocupação em não sobrecarregar o indivíduo com uma obrigação moral. Essas compulsões de uma consciência social, que busca tentar resolver problemas históricos sozinhos, são estímulos que fracassam com o tempo, pois dependemos de um arremedo coletivo “organizado”, para somente assim poder contribuir contra as mazelas com as quais somos obrigados a conviver. Ultrapassar essas linhas de condutas significa, muitas vezes, se tornar uma pessoa autoritária.

Renunciamos a mutilar al individuo en nombre de cualquier ideal; cuanto nos reservamos es el expresar francamente nuestras simpatías y antipatías hacia lo que encontramos bueno o malo. Fulano engaña a sus amigos. ¿Es su voluntad, su carácter? Admitamos que así sea. Ahora bien, es propio de nuestro carácter, de nuestra voluntad, menospreciar al embustero. Y puesto que tal es nuestro carácter, seamos francos. No nos precipitemos hacia él para abrazarlo y tomarle la mano con cariño, como se hace hoy. A su pasión activa, opongamos la nuestra, tan activa y enérgica. Es cuanto tenemos el derecho y el deber de hacer para mantener en la sociedad el principio igualitario; más aún, es el principio de igualdad puesto en práctica.²⁹⁶

²⁹⁶ KROPOTKIN, Peter. *La moral anarquista*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008. p.44.

Kropotkin, nessas passagens, ratifica suas manifestações que anunciam seu comunismo libertário. Para ele, a liberdade não pode ser esmagada por iniciativas morais apressadas que culpam o indivíduo, jogando-lhe nas costas um compromisso histórico. Os homens e mulheres não devem se sacrificar pelas mazelas que a história criou, buscando salvar o mundo sozinho, num exercício que busca colocar sobre as agendas das pessoas os crimes cometidos por todas as gerações. O apoio mútuo é uma concepção que está atrelada a esses problemas, pois o indivíduo sozinho não muda o mundo.

A busca pela tomada do poder nos direcionaria para construir um comunismo autoritário e moralista, que se orienta pela base da concentração de poder em nome de uma causa justa. A necessidade de uma centralização ilimitada de poder pode vir dessa lógica de pensamento, que almeja modelar a história a seu interesse particular, em que todos têm que obedecer a ordens pelo simples fato de que no futuro essas condições irão nos emancipar.

Kropotkin nos lembra de que não devemos condenar a humanidade se nós mesmos paralisamos nossas ações em nome das dificuldades da vida e de nossos próprios defeitos, que nos condicionam, mesmo em direção contrária as nossas vontades, legitimando, em certa medida, o mundo em que vivemos.²⁹⁷ E reconhecer essas premissas não estaria em contradição com uma postura revolucionária, em relação à história e a humanidade. A vida em sociedade ajuda a perpetuar essas adjetivações, muitas vezes, fáceis de identificar num primeiro momento, mas não seriam eles caminhos de mão única.²⁹⁸

Se pudermos identificar uma ética que se constrói por grupos coletivos, classes e indivíduos, todas essas narrativas incorporam uma disputa, que se generaliza nos vocabulários, que exercem uma tensão entre ricos e pobres, fornecendo-nos a sensação que os ricos seriam mais bem-sucedidos. Pois entre eles, os ricos, em sua ajuda cooperativa que envolve seus interesses particulares, se tornam mais bem assertivos, trazendo-nos a sensação que uma moral baseada numa visão mais pessimista diante da natureza humana, acaba se contornando em uma articulação praticamente inevitável, conforme o autor anarquista reconhece.²⁹⁹

²⁹⁷ “No viendo tu fuerza, te tratará como a un ser que merece lástima, sólo lástima. No te quejes de los humanos si tú mismo paralizas así tu fuerza de acción”. Ibidem. p.53.

²⁹⁸ “A sociedade, como os indivíduos, tem as suas horas de covardia, mas também tem seus minutos de heroísmo”. KROPOTKIN, Pedro. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. p.38.

²⁹⁹ “Mas essas mesmas práticas de ajuda e apoio mútuos podem ser constatadas entre as classes mais ricas. É claro que, quando se pensa no rigor com que frequentemente os ricos tratam seus empregados, a tendência é

A sociedade é construída por grupos que tem um interesse comum, e isso é bem diferente do que construir uma sociedade em nome de uma ética comum. Por isso, estudar as representações da natureza na cultura fazem Kropotkin ser um autor que trabalha a biologia em outros termos, em relação aos meios convencionais que essas atribuições foram construídas.

Um dos defensores de uma visão de mundo ao tom pessimista do termo pode ser encontrado em conservadores como Roger Scruton, onde esse defende a ideia, que devido a uma visão otimista e idealista de mundo instalada no mundo ocidental recente, tanto considerado por uma ideologia de esquerda quanto à direita, ambas, acabaram trazendo as grandes consequências trágicas e desastrosas da humanidade no século XX.³⁰⁰

Durante toda sua vida, o pensador anarquista tentou estabelecer sua militância vinculada a esses mecanismos e condutas que o levaram facilmente a atitudes autocríticas. Daniel Guérin coloca que Kropotkin foi um dos primeiros revolucionários a perceber que uma propaganda política desarticulada do povo se tornava uma reivindicação inútil, para uma construção social, que parte do povo e não manipulando seus sentidos perceptivos.³⁰¹

Às vezes a miséria e o desespero justificavam atitudes violentas que nada mais faziam do que criar cenários de um desentendimento ainda maior, tanto para fora do movimento anarquista e revolucionário, quanto para dentro desses movimentos. As atitudes que resolviam problemas imediatos na época da revolução poderiam envergonhar o futuro, ou serem vistas como movimentos que fracassaram em cumprir seu papel na história. Hobsbawm assim reconhece, em grande parte, os caminhos que anunciavam a construção de uma sociedade “socialista” ou imbuída dessas heranças.³⁰²

adotar a visão mais pessimista da natureza humana”. KROPOTKIN, Piotr. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Sabastião: A Senhora, 2009. p.223.

³⁰⁰ SCRUTON, Roger. *As vantagens do pessimismo*. Lisboa: Quetzal, 2011.

³⁰¹ “Kropotkin fue uno de los primeros que tuvieron el mérito de entonar su mea culpa, y de reconocer la inutilidad de la “propaganda por el hecho”. En una serie de artículos publicados en 1890, afirmó “que es preciso estar con el pueblo, quien ya no pide actos aislados sino hombres de acción en sus filas”. Previnó contra “la ilusión de que puede vencerse a la coalición de explotadores con unas libras de explosivos”. Preconizó el retorno a un sindicalismo de masas similar al que engendró y difundió la Primera Internacional: “Uniones gigantescas que engloben a los millones de proletarios”. GUÉRIN, Daniel. *El anarquismo*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008, p.106.

³⁰² “Os únicos que propuseram de fato a constituir uma sociedade socialista foram os bolcheviques. E aqui é preciso dizer que o fracasso deste projeto tornou-se óbvio na década de 1960 e sobretudo na década de 1970. Do mesmo modo ficou evidente a incapacidade do sistema bolchevique para se renovar e evitar sua ruína completa”. HOBBSBAWM, Eric. J. *O novo século*. São Paulo: Schwarcz, 2000. p.108.

Kropotkin denunciava esses procedimentos seguidos pela Revolução Russa, a partir do momento que as avaliações éticas e morais desses movimentos fossem colocados na parede da história. Mesmo, o militante russo, vivendo em um contexto bastante radicalizado por posturas exploratórias de um capitalismo competitivo, não deixou de se envolver por um discurso preocupado com as consequências da violência naquela sociedade, na busca de lutar contra as justificativas violentas de outros revolucionários. Elucidamos o caso de George Sorel, que via a violência não como um caminho rumo à barbárie.³⁰³ Por esses motivos, todavia, as atitudes qualificadas como: vaidosas, assassinas, medíocres e violentas poderiam ser questionadas por atributos morais, contribuindo para a construção de uma ética.

Para Kropotkin, a ética era uma ciência dos princípios fundamentais da vida moral.³⁰⁴ Por meio da moral, poderíamos reconhecer os limites de nossas próprias condutas, que legitimam um padrão social que colocaria em contradição nossos próprios ideais, no caso, uma posição crítica. Exemplificando alguns casos:

Emancipar a mulher não é abrir-lhe as portas da universidade, dos tribunais e do parlamento. É sempre sobre uma outra mulher que a mulher emancipada atira os trabalhos domésticos. Emancipar a mulher é livrá-la do trabalho embrutecedor da cozinha e da lavagem; é organizar-se de maneira que possa criar e educar os seus filhos, se assim lhe parecer, considerando sempre bastante vagar para tomar a sua parte na vida social.³⁰⁵

Kropotkin não deixa de destacar a questão da mulher para compartilhar uma exemplificação de suas modalidades morais, pois seria no campo moral que poderíamos perder o ponto, o horizonte, anarquista comunista de vista. As relações sociais teriam uma adaptação extraordinária para efetuar as relações de dominação em ações pouco visíveis às vezes, sendo um processo de dominação sutil em que as próprias mulheres poderiam legitimar um exercício sobre a dominação de outras mulheres, já que alguns grupos de mulheres estariam sempre na escala mais baixa dessas hierarquias sociais.

Exemplificaremos aqui as diferenças entre a mulher considerada branca em relação à mulher considerada negra. Devido ao processo de escravidão que a sociedade ocidental colocou diante das mulheres negras, como nos coloca uma escritora negra chamada

³⁰³ “Os códigos tomam tantas preocupações contra a violência, e a educação é orientada para atenuar de tal modo nossas tendências à violência que somos instintivamente levados a pensar que todo ato de violência é uma manifestação de regressão à barbárie”. SOREL, George. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.203.

³⁰⁴ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.10.

³⁰⁵ KROPOTKIN, Pedro. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. p.69.

Angela Davis, que essas formalizações passam a ter sentido.³⁰⁶ Da mesma forma, nesse ponto, o escritor russo denunciou as tramas desses fenômenos por outros meios, onde algumas mulheres são mais exploradas do que outras; essas posições são denominadas de “relações de dominação”, sob as condições de trabalho que estamos inseridos. As ilustrações de Manning Marable, sobre as temáticas que envolveram o movimento negro americano, sob o olhar dos contextos que Malcolm X viveu, coloca-se o conflito entre os próprios negros, diante de suas estratégias de emancipação, que também não estão longe dessas problemáticas. A questão da identidade sob o aspecto da mudança de geração, a nacionalidade, as diferenças de classe e a ideologia, reproduziam comportamentos favoráveis a dividir os negros e criarem quetos dentro do quetos, negros oprimindo negros.³⁰⁷ Nesse sentido, Kropotkin também aponta e exemplifica que os negros, que mesmo em condições de libertos, estariam em condições sociais mais inferiorizadas em relação aos camponeses russos, pelo sistema capitalista, pois trabalhavam mais e eram mais explorados do que os escravos que, embora tivessem uma história atrelada a uma dominação serviçal e de semiescravidão, ainda detinham determinadas vantagens em relação às condições desses negros libertos.³⁰⁸

Todos esses pressupostos envolvem relações de como se posicionar diante desses problemas, não somente pela questão política, pois no fundo o que sustenta uma posição engajada passa, em grande parte, por uma tomada de posição ética e moral. Frantz Fanon também seria um autor que destaca o papel da moral como tomada de dominação e campo fértil que instala a política e uma concepção de mundo.³⁰⁹ Sobre esse ponto, seria então a ética e a moral que levam a política a uma posição crítica, e não ao contrário, e esse era um dos raciocínios feitos pelo escritor revolucionário russo sobre como esses campos influenciam uma atitude social e ideológica para dentro da sociedade. As classes se definem não somente por uma posição econômica, mas sob uma tomada sobre valores que formulam, orientam e sustentam uma concepção moral e ética. Onde o primeiro passo é desconstruir uma posição moral para depois construir uma posição política e social. Esse seria um dos passos inovadores de Kropotkin, para a tomada de uma concepção de mundo anarquista, pois sabemos que o campo da moral acabou sendo apropriado pela tradição religiosa e da política

³⁰⁶ Vejamos: “Proporcionalmente mais mulheres negras sempre trabalharam fora de casa do que as suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravatura. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspecto da existência feminina. Parece assim, que o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras sob a escravatura começa com a apreciação do papel de trabalhadoras.” DAVIS, Angela. *Mulher, Raça e Classe*. Tradução Livre. Plataforma Gueto_2013. p.10.

³⁰⁷ MARABLE, Manning. *Malcolm X, uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia da Letras, 2013. p.461.

³⁰⁸ KROPOTKIN, Pedro. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. p.63.

³⁰⁹ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p.33.

conservadora. Essas consequências teóricas transformam a história, fazendo as gerações seguintes perderem o fio da meada e entenderem o campo da moral como um espaço legítimo de quem se apropriou desse tema, esquecendo que esse conceito é sempre um espaço de disputa e não estudá-lo coloca mais um mecanismo a favor de seus adversários, criando uma relação de luta desproporcional, onde seus adversários lutam pouco e conquistam muito, contra aqueles que por não terem os instrumentos básicos, lutam muito e usurpam pouco. Por conseguinte, a ação como forma de luta não leva ao campo moral e da ética, pelo contrário, acaba se revertendo em uma outra moral e em uma outra ética, mas que não se reconhece como tal, sem estar conscienciosa deste fato, e essa posição tem prejudicado o movimento revolucionário, onde seus equívocos partem mais de suas concepções de mundo do que de suas ações.

Percebemos que o militante revolucionário anarquista articula a moral com as noções de poder, onde entre os oprimidos essas forças podem trabalhar no sentido de se voltarem contra os próprios explorados e assim salvaguardar benefícios para parte significativa desses ditos oprimidos, deixando para trás grande parte desses grupos sociais menos favorecidos. Kropotkin articula a moral ao campo: da justiça, da crítica e da liberdade.

A moral em Kropotkin percorre um caminho articulado ao conhecimento, podendo nos fornecer uma postura que contribui para transcender os limites do conhecido. Para Nietzsche, o impulso ao conhecimento tinha uma origem moral.³¹⁰ Os dois autores aqui, Kropotkin e Nietzsche, articulam a moral ao exercício do saber. No entanto, as advertências de Bertrand Russell complexifica a questão, quando atribuímos essa orientação ao campo da ética; o autor inglês admite sentir-se inclinado a pensar que a ética tem um lugar destacado naquilo que definimos como cultura humana, mas se mostra bastante cético, e em dúvida, quanto a entender a ética como “conhecimento”.³¹¹

Se levarmos em consideração essa frase da cultura da língua latina: *Scientia potentia est* (conhecimento é poder) para não precisar passar por autores que consideram essas passagens carregadas de sentido e “verdadeiras”, como Thomas Hobbes, Freud e Foucault e ainda outros. Kropotkin, ao anunciar a trama do poder que passa pelos campos da moral e da ética, encontra um caminho “seguro”, para, a partir daí, concluir suas afirmações sobre esse arremedo conceitual, que esses conceitos nos trazem; pois se o poder se coloca como

³¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e mentira*. São Paulo: Hedra, 2008. p.70.

³¹¹ RUSSELL, Bertrand. *Ética e política na sociedade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p.7.

conhecimento, por mais que ele não seja ele se torna “conhecimento”; e o conhecimento pode se instrumentalizar com o poder, sendo assim, logo, as justificativas do revolucionário russo encontram respaldos e evidências, diminuindo um pouco as preocupações de Bertrand Russell nesse ponto.

Ademais, no mundo contemporâneo e no começo do século XXI, tornou-se importante entender essas relações tanto para se conduzir a própria ética quanto o jogo tecnológico, político e social que essas esferas carregam. Em uma obra organizada por Maria Lucia Maciel e Sarita Albagli, *Informação, conhecimento e poder: mudança tecnologia e informação social*, essas ideias estão sendo destacadas e problematizadas.³¹² Por isso, um pensamento como o de Kropotkin, sobre essas relações, se torna um caminho fértil, devido a ele levar o anarquismo para dentro desses campos, tanto como cultura quanto forma de proposta social e de epistemologia revolucionária, para discorrer sobre esses problemas.

No período moderno, a política passou a ser construída com base na máxima: *os fins justificam os meios*, medidas que seriam somente instrumentos para a história moderna, uma técnica de governar, no caso, o “realismo” político de Maquiavel.³¹³ Essas medidas têm implicações carregadas de sentido moral. Logo, Maquiavel consagra outra forma de idealizar e praticar a política. A técnica que se aprende, para a manutenção do poder, chamaria mais atenção do que a noção de distribuição de poder como Bakunin reconhece.³¹⁴ Diante desses fatos, os maiores adversários dos anarquistas se encontram em autores como Maquiavel, e seus seguidores do século XIX e XX, no fundo, se estão “errados” é porque usam a política nesses termos, e se estão “certos” os anarquistas fazem parte de outro caminho, a ser seguido nesse ponto, por essa tradição ocidental, ou seria em última estância o seu maior inimigo, como o filho que se insurge contra o pai. Podemos também vislumbrar que os anarquistas em termos políticos preferem voltar a uma tradição aristotélica,³¹⁵ na forma de como perceber a política, no caso, escolhendo a virtude ao invés de aceitar o realismo “político” de Maquiavel, devido às consequências desses últimos séculos. Desse modo, podemos dizer que os anarquistas seriam um retorno sofisticado, no tempo e no espaço, de uma tradição ocidental que já foi esquecida sobre o ponto de vista político, colocada por alguns filósofos desse

³¹² MACIEL, Maria Lucia; ALBAGLI, Sarita (org). *Informação, conhecimento e poder: mudança tecnologia e informação social*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

³¹³ MAQUIAVEL. *O príncipe*. Porto Alegre: L&PM. 1998.

³¹⁴ BAKUNIN, M. *O socialismo libertário*. São Paulo: Global, 1979. p.34.

³¹⁵ ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Escala.

período, mas de um momento que é sempre cultuada como ponto de partida dessa cultura, o mundo grego.

Vendo a questão por esse modo, essa tradição inaugurada por Maquiavel, o saber fica submetido à autoridade do poder em seu exercício, uma relação entre pragmatismo e moral. Lênin colocava a importância e o papel do partido, nos mesmos termos em que Maquiavel atribuía à tarefa do príncipe. Esses métodos colocariam limites para a construção de uma ética coletiva, e mesmo o partido não poderia trabalhar dentro dessa cultura, se colocando por sobre o proletariado, como Merleau-Ponty adverte.³¹⁶ O partido não poderia passar por cima do proletariado e do sujeito em sua constituição ética e moral; as forças dessa dualidade teriam que buscar uma relação de troca, e de construção conjuntas das propostas de ação que necessitam de uma responsabilidade perante ambas as partes. No entanto, essa máxima: *os fins justificam os meios*, se forem seguidas de um lado e escondidas de outro, para fugir da imagem que ela carrega, no final das contas, acabam dando aberturas para posicionamentos e discursos como os de Lênin, na hora de colocar seus pretextos a favor do partido sobre o proletariado. Lênin acabava sempre vendo nessas manifestações, mesmo sem tentar entender quem realmente tinham suas razões, em cada caso, se era o partido ou o proletário, acabava ele, com essas atitudes, generalizando essas condutas, acusando seus adversários e todos que questionavam suas manobras em nome dos interesses do partido, como filhos de um “anarquismo indisciplinado”.³¹⁷ Vemos aqui lições, de como conduzir um partido, que Stalin soube muito bem aproveitar de Lênin, utilizando outros termos para definir seus adversários, mas empregando as mesmas chantagens de uma “psicologia moral”, sendo, no caso, uma das consequências do autoritarismo em seu viés político e cultural.

A disciplina mesmo revolucionária não poderia neutralizar as condutas ocasionando posturas servis, o comunismo anarquista tinha esses pressupostos, quanto horizonte em outros autores também, como é o caso de Errico Malatesta.³¹⁸ Portanto essas desenvolvimentos anarquistas tinham um contexto e sua revolta se colocava contra um inimigo

³¹⁶ “A ação revolucionária repousa nestes dois princípios: *o partido tem sempre razão* em última instância, e em última instância *nunca se tem razão contra o proletariado*. Para observar esses dois princípios ao mesmo tempo, é preciso que ela seja uma relação de troca entre o partido e o proletariado”. PONTY-MERLEAU, M. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.315.

³¹⁷ LÊNIN, V. I. *Obras completas tomo VII: setiembre de 1903 – diciembre de 1904*. Madri: Akal Editor, 1976. p.396.

³¹⁸ “Disciplina: eis a grande palavra de qual se servem para paralisar a vontade dos trabalhadores conscientes. Nós também pedimos disciplina, porque, sem entendimento, sem coordenação dos esforços de cada um para uma ação comum e simultânea, a vitória não é materialmente possível. Mas a disciplina não deve ser uma disciplina servil, nem uma devoção cega aos chefes, uma obediência àquele que sempre diz para não se mexer”. MALATESTA, Errico. *Anarquistas, socialistas e comunistas*. São Paulo: Imaginário, 2014. pp.74-75.

quanto forma de organização específica, e não um valor que se baseava em si mesmo, como certo “senso comum” do anarquismo reiteram essas posições, não entendendo que a liberdade que os anarquistas defendem tem um motivo estratégico e que por isso não se bastam no vácuo, sem uma realidade social e histórica para dialogar. Ou seja, as liberdades defendidas pelos anarquistas eram contra um autoritarismo tanto de “esquerda” quanto de “direita”, situados naquele momento, tendo um grau qualitativo ampliado, devido a essas condições históricas.

Kropotkin buscou definir caminhos para seu comunismo anarquista; para estes poderem se defender diante dos questionamentos que o capitalismo e o pessimismo colocariam sobre suas intenções, que visavam uma dificuldade do ser humano em estabelecer critérios éticos virtuosos. As consequências desses movimentos revolucionários, no âmbito ético e moral, que o escritor anarquista acompanhou, poderiam dificultar uma orientação para um futuro dessa ideologia socialista em geral, perpetuando caminhos desorientados e perplexos para esses revolucionários. A liberdade, no pensador anarquista russo, estava relacionada a algo, a um lugar específico, e a uma forma de comunismo que se hegemonizava, como conduta que direcionava grande parte das lutas sociais e revolucionárias daquele período.

Portanto, esses problemas que estão no campo da ética e da moral, podem ser muito bem identificados no começo do século XXI, demonstrando-nos que as preocupações de Kropotkin tinham suas razões de ser, se observarmos a história do comunismo em seu processo recente no século XX. As passagens de Slavoj Žižek, sobre esse ponto específico, diante das relações de poder que envolvem nossas ações, nos demonstram a contemporaneidade dessas problemáticas.

Hoje, o que gera medo é a não transparência causal das ameaças: não tanto a transparência das causas, mas sua imanência (não sabermos até que ponto nós mesmos provocamos o perigo). Nós não estamos impotentes diante de um outro divino ou natural, estamos nos tornando excessivamente impotentes, sem entender nosso poder.³¹⁹

Esses condicionamentos hoje não fazem parte somente de um problema “existencial” da esquerda, mas que acabaram diminuindo sua capacidade substancial de agir e se reproduzir. Alguns de seus limites são dados por problemas não resolvidos, não em sua consciência, mas em sua história. Parece-nos que é mais cômodo continuar atuando mesmo em condições cada vez mais estreitas e desvalorizadas, mais ainda agir, do que encarar esses

³¹⁹ ŽIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012. p.252.

problemas de frente e refundar novos caminhos e horizontes; só que para isso é preciso ter coragem teórica e entusiasmo na ação social.

Kropotkin buscou elaborar uma ética mais precisa para definições que já estavam sendo feitas por outros anarquistas como Bakunin, dos perigos que uma conduta autoritária poderia trazer para o movimento revolucionário, no caso, os avisos para a chamada “Burocracia Vermelha”. Noam Chomsky nos lembra nesta passagem essas questões:

As advertências de Bakunin sobre a *Burocracia Vermelha* que iria instituir “o pior de todos os governos despóticos” foram muito anteriores a Lênin, e foram dirigidas contra os seguidores de Marx. Existiram de fato, seguidores de muitos diferentes tipos: Pannekoek, Luxemburgo, Mattick e outros, que estão muito distantes de Lênin, e suas opiniões frequentemente convergem com elementos do anarcossindicalismo. Korch e outros escreveram, de fato, com simpatia, sobre a revolução espanhola anarquista na Espanha. Existem continuidades de Marx a Lênin, mas existem também continuidades para marxistas que foram severamente críticos de Lênin e do bolchevismo.³²⁰

Kropotkin pode ver o que Bakunin advertia e mesmo ele pode presenciar esses fenômenos e as consequências desse tipo de posições para dentro da história do socialismo. Aos poucos essa envergadura moral foi sendo identificada como princípio de uma conduta que se justifica pelos fins. Kropotkin tentou alertar Lênin, em algumas cartas a ele, das consequências catastróficas de suas investidas políticas naquele processo.³²¹ Nesse sentido, em Kropotkin, a moral orienta a ética evitando a construção da violência. Paul Ricoeur similarmente ao revolucionário russo, figura a moral em todas as suas implicações contra os arremedos da violência, onde a moral faz uma intervenção diante da ética e de seus supostos acordos.³²²

Embora Lênin em seus últimos escritos tenha se dedicado a um testamento dramático, em relação ao futuro do socialismo, do bolchevismo, que lhe pareceria um partido enfermo, percebendo que se todos esses compassos fossem colocados em mãos de um Trotsky ou Stalin, as implicações eram possivelmente bastante drásticas. Esses textos, muitas vezes, são esquecidos por parte dos marxistas mais ortodoxos.³²³ Parece que Lênin, em seu testamento chegou a conclusões, que Kropotkin e outros tinham lhe advertido, um pouco tarde demais para poder reverter esse legado. Segundo Tarso Genro, o stalinismo e o trotskismo, como variantes do leninismo, careciam de uma ética revolucionária, dificultando uma teoria

³²⁰ CHOMSKY, Noam. *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo: Imaginário: Sedição, 2004. p.83.

³²¹ KROPOTKIN, Piotr. *Carta de Piotr Kropotkin a Vladimir Illich Lenin (4 de marzo de 1920)*. La Biblioteca Anarquista. Recuperado el 25 de marzo de 2013 desde marxists.org. es.theanarchistlibrary.org. p.2.

³²² RICOEUR, Paul. *Ética e moral*. Covilhã: Lusofia Press, 2011. pp.11-12.

³²³ LENIN, V.I. *Últimos escritos (testamento político) & Diário da Secretária*. Belo Horizonte: Aldeia Global, 1979.

da democracia socialista, levando essas atribuições a serem uns dos pilares da falência desse projeto social em longo prazo.³²⁴ Todas essas implicações, já no começo da revolução, eram visíveis e levaram o militante anarquista a investir sobre posições éticas e morais, para dentro do anarquismo comunista, para melhor reforçá-las.

No entanto, para não produzir uma espécie de desilusão sobre esses projetos revolucionários, era necessário apostar em métodos indutivos e dedutivos sobre como esses movimentos revolucionários estavam a se organizar. Sendo assim, Kropotkin contribui nesse sentido, quando identifica compromissos éticos e morais para o anarquismo comunista em seu desenvolvimento na história. A responsabilidade moral como situa Paul Ricoeur começa quando termina a responsabilidade coletiva, onde meus atos de natureza política fazem parte de minhas escolhas.³²⁵ O entendimento dessas noções, são desenvolvidas por Kropotkin.

Utilizando essas preocupações de Kropotkin, podemos empregar essas epistemologias, articulando um tom crítico também para dentro da história do anarquismo. Não podemos deixar de considerar que o próprio anarquismo na Revolução Espanhola obteve suas divergências internas, sobre como se conduzir no processo revolucionário, em que determinadas críticas no âmbito moral podem ser identificadas, e nem mesmo os anarquistas estavam imunes ao problema que a moral estabelece e às consequências deixadas por determinadas escolhas estratégicas, como salienta Leon Trotsky.³²⁶

E ademais, Camilo Berneri pode fazer determinadas ressalvas importantes para avaliarmos a postura de alguns anarquistas no processo revolucionário da Revolução Espanhola, que podem ser análises bastante ferinas, mas necessárias para se construir uma conduta moral autocrítica coerente, imprescindível e saudável. Para que os anarquistas não sejam reféns de suas pretensões ideológicas, que podem reproduzir-se como “senso comum”, uma cultura que não está livre de maus entendidos, reproduzindo equívocos que neutralizam seus ideais.

³²⁴ GENRO, Tarso. *Política & modernidade*. Porto Alegre: Ortiz, 1990. p.18.

³²⁵ “Com a responsabilidade moral, afastamo-nos um grau da estrutura do processo e nos aproximamos do foco da culpabilidade, a vontade má. Trata-se da massa dos atos individuais, pequenos ou grandes, que contribuem, por sua aquiescência tácita ou expressa, para a culpabilidade criminal dos políticos e para a culpabilidade política dos membros do corpo político”. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: São Paulo: UNICAMP, 2007. p.482.

³²⁶ “Mas o papel mais triste cabe provavelmente aos anarquistas. Se o stalinismo e o trotskismo são idênticos, como eles afirmam a toda hora, por que então os anarquistas espanhóis ajudaram a massacrar não só os trotskistas como também os seus próprios camaradas anarquistas que tinham permanecido revolucionários? Os teóricos libertários mais sinceros respondem que esse é o preço do fornecimento das armas soviéticas”. TRÓTSKY, Leon. *Moral e Revolução: a nossa moral e a deles*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.28.

Ainda que choque associar as duas palavras, tenho que reconhecer que existe um cretinismo anarquista. São seus expoentes não só cretinos que não tem compreendido nada da anarquia e do anarquismo, mas também companheiros autênticos (...) Estes cretinos do anarquismo tem a fobia do voto ainda que se trate de aprovar ou desaprovar uma decisão estritamente ligada com as coisas de nosso movimento, tem a fobia do presidente de assembleia ainda que tenha se feito necessário pelo mal funcionamento dos freios inibitórios dos indivíduos livres que dessa assembleia constituem a vociferante maioria, e tem outras fobias que mereceriam um longo discurso, se este tema não fosse demasiado candente de humilhação.³²⁷

Os acontecimentos na história do anarquismo tiveram seus alertas sobre as fobias que esses podem desenvolver. Dentro de uma integridade ideológica e autocrítica, Camilo Berneri reconhece os problemas morais e éticos que os anarquistas estão situados pelo viés “psicológico” do termo. Em certo sentido, conduzindo suas metodologias indutivas e dedutivas, Kropotkin produziu ideias avaliativas diante da história das revoluções, em um sentido atento para elaborar essas críticas, em forma de faculdades éticas, e como esses acontecimentos formulados poderiam oferecer ferramentas para solucionar problemas que estão instalados nas generalizações, que são feitas sobre o anarquismo, atitudes essas reproduzidas pelos próprios anarquistas, como sustenta Ángel Cappelletti.³²⁸

As ideias anarquistas não poderiam ser um discurso somente crítico aos não anarquistas, mas sim um ato de pensar contra si mesmos. A moral seria como uma conduta orientadora da vida cotidiana, das práticas expressas por costumes e hábitos, e a ética aqui é como força maior que orienta os grupos sociais por meio de uma cultura. Desse modo, caímos naquilo que identificamos como a intenção de um agente, onde o ser atuante tem intenções que são selecionadas socialmente e historicamente, sem lhe perguntar qual dessas “intenções” esse ente e sujeito prefere destacar para si mesmo; e é isso que entendemos que seria reproduzir comportamentos que se encaixam em uma lógica de mundo estruturada. Portanto, quando pensamos “determinações” históricas e sociais, são medidas identificadas dentro desse cenário. Ou seja, um resultado de análise que seria bem distante de perceber isso como sendo um determinismo histórico e social vinculado a uma “natureza humana”, mas são por esses limites interpretativos que autores como Kropotkin são mal compreendidos, principalmente quando se trata de pensar uma moral e uma ética anarquista, pois acreditam que o autor russo busca formalizar determinações imutáveis.

³²⁷ BERNERI, Camilo. *Pensamento e batalha*. Porto Alegre: Edições Combate, 2009. p.42.

³²⁸ CAPPELLETTI, Ángel. *El pensamiento de Kropotkin: ciencia, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx, 1978. p.81.

As intencionalidades tinham que se descrever, não pelos seus fatos ordinários, que se justificavam em um processo materializado, mas como modo de ações explicativas em atos. Certas iniciativas propositadas, aqui denunciadas, sempre abandonam os lados intencionais considerados menores, escondendo medidas que não podem ser deslocadas por ditas intenções primeiras que valem mais. As consequências dos “atos” são sempre um jogo organizado, e não de intervalos imprudentes sempre imprevisíveis como J. R. Searle nos explica.³²⁹ Portanto, um acontecimento histórico acaba sempre tendo um saldo intencional.

O autor russo se preocupou em construir uma ética que esteja ligada à ciência, à revolução e aos modos de articulação para promover uma cultura revolucionária, mobilizadas pelas forças do apoio mútuo. O aspecto moral sempre é uma posição arriscada quando analisado historicamente, já que a religião acabou desenvolvendo sempre uma atenção controladora sobre essas questões, que pouco se conciliam com normas contingentes que possam ser colocadas em avaliações e inquietudes. Os patrimônios axiológicos das religiões são poucos questionados, pois o dever sempre é ímpar e subjetivo e não somente absoluto como V. Jankélévitch observa.³³⁰ A moral também pode ser articulada como um processo de repressão. Segundo Kant a moral pode nos conduzir a religião ampliando e externando um mandamento fora do ser humano, todo poderoso, se transformando em um fim último de sua existência.³³¹ E no caso de uma moral construída por um Estado autoritário, sobre a cultura da sociedade, pode criar um cenário “policial” incomum.

Mas há alguma hipocrisia em acreditar que esta proibição está na origem de muitos tabus. Na Rússia, por exemplo, não é a impossibilidade de acesso aos arquivos que conduz os historiadores a omitir o papel de Trótski como fundador do Exército Vermelho: era o terror de Estado ou, ainda, a autocensura para outros traços da história daquele país.³³²

O historiador Marc Ferro nos traz algumas pistas daquilo que era muito mais um processo de censura generalizada na Rússia, do que um ponto de vista interpretativo sobre a história daquele país. Em 1932, um autor como Waldemar Guriam, assinala que o bolchevismo obtinha uma cultura do ódio que funcionava tanto para dentro do movimento quanto para fora, numa combinação proporcional. Ao lado de Lênin, Stalin e Trotsky havia Dzerzhinsky, o primeiro diretor que exerceu tal cargo por muitos anos na Cheka e da GPU. Um homem de um moralismo e fanatismo revolucionário nada comum, uma crueldade junto de um oportunismo sem limites, que exterminava massas com prazer em nome da revolução.

³²⁹ SEARLE, John R. *Intencionalidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.147.

³³⁰ JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *O paradoxo da moral*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. p.207.

³³¹ KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. São Paulo: Escala. p.13.

³³² FERRO, Marc. *Os Tabus da história*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2003. p.20.

Portanto, Zinoviev, Kamenev, Trotsky, Stalin e Rikov, para ficar só com esses exemplos, não queriam dividir o poder e por isso já se odiavam o suficiente, para esmagarem tanto a população russa como desenvolver esse terrorismo sobre seus adversários dentro do partido. Quem prosperou foi Stalin, mas poderia ter sido outro. Essa forma de governar, que figuram uma tomada de posição no poder, em sua administração, seriam mais causas de uma “estratégia” de cunho político, que gera uma cultura estabelecida, nos moldes operantes do cotidiano de um partido, do que simplesmente transferir todas essas consequências a uma pessoa como Stalin e o período em que ele esteve no poder, sendo que ele mesmo se definia como o discípulo mais fiel de Lênin. Todas essas decorrências tinham um exercício moral e ético que se manifestava através da política, como forma de justificar essas condutas.³³³

Anarquistas como Kropotkin tentavam evitar esses caminhos, mas o contexto falou mais alto, e os bolcheviques buscavam naturalizar essa forma sangrenta de fazer revolução. Podemos lembrar que na Revolução Francesa como Reunad Escande nos coloca, através de vários estudiosos, os lados nebulosos dessa revolução. Caminhos esses, que se aproximam dos acontecimentos ocorridos na Rússia revolucionária. Na Revolução Francesa alguns de seus autores reconheciam ter um prazer enorme em guilhotinar padres, destacamos o papel de Carrier. Muitas barbaridades foram feitas nesses processos com a participação até mesmo sobre crianças, fuzilamentos, onde muitas execuções eram feitas por um capricho dos poderosos. Todos esses massacres tiveram efeitos psicológicos, éticos e morais, que prejudicaram a revolução como um todo, onde o acúmulo do poder se dava através do número de mortes que cada carrasco tinha em suas costas, lhe perpetuando certo reconhecimento e status.³³⁴

Kropotkin percebe que todas essas implicações têm manifestações históricas; as instituições e o Estado podem construir uma cultura normalizadora, em que só os historiadores atentos aos lados éticos e morais, em tom de uma crítica da questão, podem fazer afirmações que, até um primeiro momento, a própria história ainda não revelou.³³⁵ Uma moral atrelada a uma ética, nesse sentido, pode silenciar quem já está em silêncio e dar oportunidade de fala para quem já muito falou. Um autoritarismo social. Nessa acepção, a ética pode dar significado a uma atitude moral e vice-versa, onde uma pode instituir a outra, invertendo os sentidos e os valores em questão, corrigindo-os ou deturpando-os.

³³³ GURIAM, Waldemar. *O bolchevismo: introducción al comunismo soviético*. Madri: Rialp, 1956.

³³⁴ ESCANDE, Renaud. *O livro negro da Revolução Francesa*. Lisboa: Aletheia, 2010. pp.688-689.

³³⁵ KROPOTKIN, Peter. *The Terror in Russia*. London: Methuen & Co. 1909. 4th Ed.

Conforme Georges Sorel, a guerra social apela para a honra, que se organiza em uma moral que foi construída de tal forma que se justifica diante de uma opressão social. As greves fazem parte de um movimento que se expressa como fenômeno da guerra e, a violência, aqui, não é um incidente destinado a desaparecer das greves. A violência vista deste modo carrega as lutas sociais e não ao contrário, sendo que a apologia da violência é sustentada por Georges Sorel, em seu sentido profundo acarretado de consequências.³³⁶ Kropotkin estava atento a perceber quais eram as motivações dessas construções que no fundo eram legítimas, mas não delimitavam nenhum modo de contenção aos exageros dessa tomada de poder ilimitado, orientado pela violência, principalmente quando essa concepção de mundo se fortalece pela capacidade do Estado. Portanto, quais seriam as decorrências mais favoráveis a esse modelo que orienta um caminho ao socialismo ou em seu nome? Vivendo naquele contexto, em que o Estado e as instituições se manifestavam sobre tudo, com uma forte ideologia nacionalista, o pensador anarquista pôde, por exemplo, fazer observações sobre determinadas culturas, onde esse processo de censura também tem um viés moral, que se opera com uma força de extermínios sobre outras morais, através de um processo militarista e nacionalista junto do Estado.

Temos assim um processo de homicídios não só de ideias, mas de pessoas, pois as ideias estão sempre atreladas às pessoas, ou seja, não se pode ver uma ideia caminhando na rua sozinha, quando se ataca ideias também está se atacando pessoas, de carne e osso, e o humanismo de Kropotkin está conectado a esse campo de pensamento. Norbert Elias, também aponta essas formulações de homicídios em massa, que acabam se tornando um elemento perspicaz dentro das sociedades de nosso tempo.³³⁷

A instituição sempre tem um viés conservador para garantir sua própria existência e possibilitar a sua conveniente manutenção prioritária. A ética do pensador revolucionário russo passa por esses debates, onde se busca silenciar os estamentos do povo, em nome dos chamados poderes “dominantes”. A ética seria o lugar por onde a sociedade mostra sua movimentação criativa e mobilizante. Esse exercício de silenciamento é indispensável no

³³⁶ SOREL, George. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp.309-310.

³³⁷ “Uma análise mais detalhada leva-nos a concluir que o principal problema pelo homicídio em massa, em nome de uma nação, de homens, mulheres e crianças de um grupo estranho, não reside no ato em si mas, antes, em sua incompatibilidade com os padrões que passaram a ser considerados marcas distintivas das sociedades mais altamente desenvolvidas do nosso tempo”. ELIAS Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967. p.270.

processo de dominação, como alerta P. Bourdieu.³³⁸ Segundo ele é preciso que a classe dominante exerça relações de segredos e mistérios sobre o poder, dificultando o entendimento público dessas relações.

De acordo com esses pressupostos, não seria difícil imaginar que na época moderna precisava-se construir uma ética que “mimetizasse” as perseguições dos Estados nações, em seu processo de expansão industrial e capitalista. Os povos e as diversas etnicidades, que não se identificavam com os modelos padronizantes que o Estado oferece, ficam à mercê de diversos subterfúgios dominantes que neutralizam sua identidade territorial, destruindo também o aspecto “moral” desses povos. O nacionalismo étnico junto do racismo se tornam grandes condutas para essa atribuição, em *Teorias de Etnicidade* Streiff Fenart e Philippe Poutignat, nos trazem aberturas críticas em relação a essas construções estatais e nacionais.³³⁹

As perspectivas éticas de Kropotkin já demonstravam sua preocupação em seu texto *As Prisões*,³⁴⁰ e sua obra *In Russian and French Prisons*.³⁴¹ Fenômeno social esse, que Michel Foucault estaria a elaborar, estudar e aprofundar mais tarde: uma crítica ao funcionamento das instituições, partindo do ponto de vista da história das prisões na sociedade moderna.³⁴² Michel Foucault permeia as relações de poder tão comuns em um cotidiano normalizado, mostrando os seus vários desdobramentos e fissuras finas que as relações de poder constituem em nossa história recente.³⁴³

Sobre a questão da ética e as influências mais significativas no pensamento de Kropotkin, fora das ideias propriamente anarquistas, estaria à obra de Espinosa, como ele textualmente coloca.³⁴⁴ Embora o pensador anarquista não deixasse de pontuar que Espinosa

³³⁸ “Os dominantes têm compromisso com o silêncio, discrição, segredo, reserva: quanto ao discurso ortodoxo, sempre extorquido pelos questionamentos dos novos pretendentes e imposto pelas necessidades de retificação, não passa nunca da afirmação explícita das primeiras que são patentes e se portam melhor sem falar delas”. BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2004. p.32.

³³⁹ STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998. p.27.

³⁴⁰ KROPOTKIN, Pedro. *As prisões*. Campinas: São Paulo: Barricadas Libertária, 2012.

³⁴¹ KROPOTKIN, Piotr. *In Russian and French Prisons*. London: Ward and Downey; 1887.

³⁴² FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir; nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

³⁴³ FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições, Graal, 1979.

³⁴⁴ “Así pues Spinoza creó una verdadera ciencia ética, empapada del más profundo sentimiento de moralidad. Su vida misma fue, por otra parte, un ejemplo de la moral más elevada”. KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.108.

pouco tinha se dedicado a analisar as relações entre sua ética e as injustiças sociais.³⁴⁵ Por outro lado, sobre outro aspecto, Kropotkin tinha uma enorme identificação com a ética de Espinosa, pois ela colocava questões sobre parâmetros agora praticamente “científicos” para ele, no sentido de estabelecer conceitos indispensáveis para formular essas discussões.³⁴⁶ Em outras palavras, Espinosa pôde, assim, anunciar um rigor e uma profundidade em suas conclusões, sendo muito útil para se pensar o mundo moderno em voga.³⁴⁷ Tanto Espinosa quanto Kropotkin são pensadores que aplicam uma visão monista e panteísta diante da realidade.

As noções *espinosistas* tanto influenciaram grandes pensadores, se avaliarmos suas discussões mais profundas no campo da ética, como assim Deleuze procede.³⁴⁸ Lorenzo Vinciguerra coloca que Henri Bergson não deixava de salientar que todo o filósofo teria duas filosofias, no caso, a sua própria e a formulada pelo Espinosa.³⁴⁹ O panteísmo de Espinosa nos sugere que existe um diálogo interruptamente sobre os problemas que a humanidade levanta, embora certos autores não sejam exatamente citados entre si, estão em um profundo debate.³⁵⁰ A relação entre a humanidade e a natureza, como sendo analogias de produção, atreladas por forças que viriam tanto das atividades humanas quanto de seu campo afetivo dentro da sociedade, trariam as noções gerais da humanidade. Essas similaridades entre natureza e humanidade estão estabelecidas tanto em Espinosa quanto em Kropotkin.

Apontamos que mesmo em Bakunin encontramos muitas passagens referenciando tanto a tomada de consciência racionais quanto naturais, onde o autor valoriza os condicionantes instintivos na forma de perceber as “categorias” sociais e as vantagens dessas abordagens para a luta social.³⁵¹ Deste modo assinalamos a relação das teorias anarquistas, colocada por esses autores, como Bakunin e Kropotkin, em um diálogo intenso com as acepções naturalistas.

Autores como Espinosa e Nietzsche também estão dentro dessa herança, como forma de percepção do conhecimento, que entende o mundo pelo afeto, os instintos, a paixão, a alegria, a tristeza e a relação do ser humano com a natureza. Bárbara Lucchesi Ramacciotti,

³⁴⁵ Ibidem. p.110.

³⁴⁶ ESPINOZA, Bebedictus. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

³⁴⁷ CAPPELLETTI, Angel. *El pensamiento de Kropotkin: ciência, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx. 1978, p.67.

³⁴⁸ DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002. p.23.

³⁴⁹ VINCIGUERRA, Lorenzo. *Spinoza in French Philosophy today*. 2009.

³⁵⁰ “Com efeito, os homens, enquanto são agitados por sentimentos ligados às afecções que sofrem, opõem-se uns aos outros; só na medida em que vivem sob a conduta da razão eles concordam em natureza”. MOREAU, Joseph. *Espinosa e o espinosismo*. Lisboa: Edições 70, 1971, p.61.

³⁵¹ BAKUNIN, Mikhail. *A ciência e a questão vital da revolução*. São Paulo: Imaginário, 2009.

estabelece e examina alguns pontos sobre essas relações diante desses autores.³⁵² Espinosa e Nietzsche trabalham questões que muito interessa os anarquistas, pois se preocupavam com alguns problemas, desenvolvidos a nível teórico, no caso, as analogias de poder, seus meios e suas consequências.

Outro autor bastante significativo na obra de Kropotkin, sobre o aspecto moral e da ética, que o influenciou bastante seria Jean-Marie Guyau, sob o aspecto das ideias altruístas se sobressaírem diante das noções egoístas.³⁵³ Kropotkin acreditava que a solidariedade era o grande impulso social para desenvolver a sociedade, uma solidariedade que se encontrava na natureza e se perpetuava entre os seres humanos em escalas ainda maiores, para promoverem seu desenvolvimento como gênero humano.³⁵⁴ Kropotkin atribuía à revolução uma oportunidade para a humanidade evoluir moralmente.

Tales son las exigencias que la moral ha de satisfacer. Todas ellas convergen en una sola idea fundamental. Es preciso elaborar una nueva doctrina moral, cuyos principios fundamentales sean bastante amplios para dar nueva vida a nuestra civilización, emancipada en sus aplicaciones prácticas tanto de las supervivencias del pensamiento trascendental y sobrenatural como de las concepciones estrechas del utilitarismo burgués. Existen ya los elementos para una nueva concepción de la moral.³⁵⁵

Kropotkin estava convencido de que era necessário criar uma nova moral, em condições amplas, com o objetivo de possibilitar qualidades bastante abertas, para que a humanidade inovasse em suas construções sociais e históricas. O ser humano prefere uma existência, em que matar seu semelhante não seria seu objetivo final de sua “essência”, para lhe causar a satisfação última da sua vida em sociedade. Em um leito de morte poucos se vangloriam de suas aventuras assassinas como o militante anarquista aqui observa.³⁵⁶ Se a natureza humana não pode ser apontada e nem vinculada ao bem quanto ao mal, nos parece que ela é muito mais um campo conduzido e induzido a práticas que lhe fornecem: benefícios, mazelas, consequências sociais e históricas. Ou seja, esse seria o interesse de Kropotkin, em grande medida, de interferir nesse processo. Portanto, na medida em que a natureza humana não é constituída por uma essência ela é mutável e persuadida, nos demonstrando que é influenciável. Entretanto, ser “adaptável a circunstâncias” já é uma característica essencialista por si só. Agora, alguns anarquistas e outros leitores, quando observam Kropotkin fazendo

³⁵² RAMACCIOTTI, Bárbara, Luchesi. *Espinosa e Nietzsche: conhecimento como afeto ou paixão mais potente?* Cadernos Espinosanos, São Paulo, n.31, p.57-80, jul-dez 2014.

³⁵³ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.203.

³⁵⁴ KROPOTKIN, Peter. *La moral anarquista*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008. pp.34-35.

³⁵⁵ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.28.

³⁵⁶ *Ibidem*. pp.62-63.

suas considerações sobre as tendências humanas, apontando noções e conceitos, alguns não percebem que este jogo está sendo construído dentro desses parâmetros, e acabam fazendo crítica, muitas vezes, sem entenderem quais as elaborações mais profundas que esse autor gesticula. Ou seja, uma informação crítica não pode ser aplicada se nós desconhecemos o assunto por inteiro em seu conjunto.

Pero todo esto no nos hace avanzar tampoco en la resolución del problema. Nada nuevo sabemos sobre el origen de la moral. Queda siempre planteada la cuestión: ¿Es posible que la moral constituya tan sólo un fenómeno fortuito en la vida de los hombres y en cierta medida de los animales sociales? ¿Es posible que la moral no tenga una base más profunda que la bondad humana, aun considerando que esa bondad sea una cosa útil para el hombre puesto que merced a ella se evita éste muchos disgustos? Más aun, cuando por lo menos una vez prevalece la opinión de que no todos los insultos pueden quedar sin respuesta, sino que al contrario deben ser reprimidos enérgicamente ¿es posible que no exista un criterio para distinguir entre los insultos graves y los insignificantes, un criterio fijo que no obedezca al humor fortuito o a la casualidad? No cabe duda que la mayor felicidad de la sociedad, considerada como fundamento de la moral desde tiempos remotos y aun hoy corrientemente aceptada por los pensadores contemporáneos, constituye, en efecto, la primera base de la Ética. Pero es una base demasiado abstracta, lejana e incapaz de formar costumbres y conceptos morales. Es por esta razón que los moralistas han buscado siempre un fundamento más sólido.³⁵⁷

Kropotkin admitia que nada de novo sabíamos sobre a moral em seu contexto, tanto em seus limites como em sua própria origem. Essa vontade que nos traz uma confiança de que a moral faz parte de uma bondade em um sentido exemplar do termo, para nos conduzir sobre os horizontes das condutas humanas, seria uma questão aberta e pouco confiável, adverte o escritor anarquista russo. A insensibilidade humana, a apatia burguesa e social, seriam abordagens bastante consideráveis para explicar o mundo moderno. Um pensador como Adorno, nos recomendaria uma visão mais cética diante dos meios industriais, para anunciar transformações sociais emancipatórias de nossa época.³⁵⁸

Dentre os pensadores que elaboraram interpretações sobre o mundo moderno, poucos conseguiram fundamentar suas ideias para além do mundo contemplativo, embora esses moralistas tenham tentado colocar a moral sobre aspectos mais sólidos, para poder erguer suas ideias e tira-lo do campo estritamente abstrato da sociedade. Logo, é dentro dessa perspectiva que Kropotkin contribuiu para se pensar a questão da moral, tanto na sociedade como na orientação das condutas dos revolucionários. Conforme Vladimir Jankélévitch, a moral tem uma formulação paradoxal que nos coloca um problema profundo, principalmente quando ela instituiu uma tomada de posição que se antecipa a uma avaliação do pensamento

³⁵⁷ Ibidem. pp.206-207.

³⁵⁸ ADORNO, T. W. *Mínima moralia*. Lisboa: Edições 70, 1951.

e vice-versa.³⁵⁹ Kropotkin não se intimidou diante dessas problemáticas e buscou assentar uma posição anarquista sobre esses pressupostos.

Embora as contribuições de Kropotkin estivessem abertas e não concluídas, ele pôde abrir caminhos de forma bastante vigorosa, para uma moral anarquista almejar um equilíbrio necessário a fim de construir uma sociedade mais livre. Através da moral, o pensador anarquista se ancora em valores que não podem ser mais deixados de lado, pelo simples fato de aceitarmos os regimes sociais que estão em voga no momento histórico em que vivemos. O articulista revolucionário não deixa de fazer uma crítica contundente a esses modelos, pois a moral nos ajudaria a construir os primeiros passos para transformar em força social, ou no caso, aqueles sofrimentos que não aceitamos mais serem promovidos em sua explanação hegemônica na sociedade.

Observamos que o pensamento de Kropotkin, nesse ponto, trabalha em nome da liberdade, da autonomia e ao mesmo tempo tenta estabelecer convicções seguras e melhor consolidadas. Um autor como Saul Newman, percebe que Kropotkin nos sugere uma contradição, de um lado a defesa de uma moralidade de cunho essencialista e de outro a busca de através dela tentar romper com as moralidades estabelecidas. No caso, concebemos que essa contradição é muito mais aparente, como Saul Newman também considera.³⁶⁰ O militante russo não buscava tentar solucionar essa problemática escolhendo entre o absoluto e a liberdade, submetidos apenas pelas operações filosóficas, e se ficarmos preso a ela, por esse mesmo motivo, não conseguiremos ver mais longe do que uma contradição em seu pensamento, ainda mais quando estamos vinculados a uma tradição de autores como: o “primeiro” Ludwig Wittgenstein³⁶¹ e Carnap.³⁶² Kropotkin não se limitava em fazer uma abordagem dependente dos esforços filosóficos analíticos, embora tenha nele uma “filosofia,” seu pensamento não busca eliminar um ente sobre outro, uma vida sobre a outra, seus trabalhos levam em consideração outros saberes.

O autor russo não nega o conflito entre a natureza e a sociedade, suas relações sociais e históricas. Para Kropotkin o ser humano é um ser ativo de um lado e resignado de outro. Por isso ele conserva a busca de um “essencialismo” em sua construção teórica, observando as tendências, as dinâmicas, os movimentos que a sociedade estabelece, sem

³⁵⁹ JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *O paradoxo da moral*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p.3.

³⁶⁰ NEWMAN, Saul. *From Bakunin to Lacan: anti-authoritarianism and the dislocation of power*. Citeseerx.ist.psu.edu. 2001. p.173.

³⁶¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: USP, 1968.

³⁶² CARNAP, Rudolf. *Empirismo, semântica e ontologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

deixar de lado, neutralizando, as forças que, com todo o direito, possam se insurgir contra essas mesmas “essências”. Por esses motivos, o tempo pode transformar um libertário em um conservador, as forças de ruptura em dinâmicas de conservação e vice-versa. Kropotkin tem uma concepção sobre o tempo, por isso seus pensamentos podem sugerir uma contradição, mas se aprendermos a perceber a noção temporal de suas teorias, muito dessas análises que visam uma incoerência de suas posições, se tornam um posicionamento equivocado. No entanto, observamos que o conceito de tempo no escritor anarquista foi pouco explorado, e o limite das interpretações de seu pensamento sugerimos que parte também desse mesmo ponto. Entretanto, sabemos também que revolucionários como Kropotkin teriam muito mais uma trajetória do que uma obra acabada e seria nesse sentido que culmina seu último suspiro, como legado biográfico e do pensamento de um homem que viveu e antecipou alguns dos equívocos desses movimentos revolucionários em seu sentido temporal e histórico.

O revolucionário anarquista russo poderia ser um alerta ao mundo e ao futuro dessas posições revolucionárias, não julgando seus ideais, apenas indicando as consequências possíveis de seus atos e meios, tanto estratégicos como táticos. Portanto, a construção do apoio mútuo é seu grande intermediador dessas relações, para a constituição da ética e de uma moral; e o anarquismo, aqui colocado, contribui para construir essas modalidades da vida.

2. O Estado, a ciência e a revolução na história em Peter Kropotkin

2.1. O Estado em um formato resignado e crítico.

O Estado em Kropotkin tem um espaço de debate permanente em seu pensamento, pois o autor direciona o reflexo de suas posições a maneiras mais profundas. O escritor russo tinha escritos específicos sobre a questão do Estado, situado em seu livro *O Estado e seu papel histórico*, observando a participação histórica do Estado no desenvolvimento da humanidade.³⁶³ Kropotkin identificava que, o que haveria de substancial no papel do Estado na história: seria sua capacidade de aglutinar as forças sociais dentro de si, negligenciando e dificultando o desenvolvimento da humanidade, já que tudo tinha que passar por suas avaliações. O pensador anarquista admite que a formalização do Estado dentro da sociedade moderna, era visto como o grande trampolim para modernizá-la e emancipá-la. Os socialistas do século XIX admiravam o poder do Estado e não temiam sua eficácia, quando pensavam em centralizar todas as forças da sociedade sobre ele.³⁶⁴ O Estado se tornou uma grande questão de discussão no século XIX, no sentido de pensar qual seria o seu papel na sociedade.

É, precisamente, sobre a questão do Estado que os socialistas se encontram divididos. Assim, no conjunto de facções que existem entre nós e que correspondem aos diferentes temperamentos, às diversas maneiras de pensar, e, sobretudo, ao grau de confiança na próxima revolução, esboçam-se duas grandes correntes. Uma é composta de indivíduos que procuram fazer a revolução social dentro do Estado, mantendo a maior parte das suas atribuições, ampliando-as, inclusive para utilizá-las em benefício daquilo que preconizam. A outra é composta de criaturas que, como nós, veem no Estado – não apenas na sua forma atual, mas até na sua própria essência e sob todas as formulas de que possa revestir-se – um obstáculo à revolução social, um tropeço, por excelência, ao desenvolvimento de uma sociedade baseada na igualdade e na liberdade. E, mais ainda: os anarquistas veem, no Estado, a fórmula histórica elaborada para impedir o florescimento da sociedade norteada por esses dois princípios.³⁶⁵

O Estado teria dividido os socialistas não exatamente em seus fins, mas sobretudo sobre suas táticas e estratégias políticas para organizarem uma luta emancipatória. Essa discussão tem sido atual, exaustiva e não tem poupado esforços em torno dela. Para Kropotkin o marxismo absorveu a herança jacobina, se levarmos em consideração seu respeito ao Estado como modelo ultrapassável, já que a revolução não teria conseguido substituí-lo.³⁶⁶ Tanto na Revolução Francesa como na Revolução Russa o Estado norteia corações e estratégias,

³⁶³ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000.

³⁶⁴ KROPOTKIN, Piotr. *Anarco-comunismo: sus fundamentos y principios*. Madri: Tierra e fogo, 2010. p.25.

³⁶⁵ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. pp.7-8.

³⁶⁶ *Ibidem*. pp.79-80.

mesmo nas pretensões revolucionárias mais radicais.³⁶⁷ O articulista revolucionário russo admite que o Estado tenha sido estudado pelos anarquistas e que suas conclusões viriam não somente de suas intuições e de suas experiências militantes, mas de um ponto de partida crucial, para se buscar elucidar os pressupostos colocados em discussão sob este aspecto.³⁶⁸ Proudhon seria o grande expoente, declaradamente, anarquista que tinha imposto esse divisor de águas, sendo inimigo do socialismo de Estado e propriamente das teorias comunistas estatistas.³⁶⁹ No caso de Bakunin, o Estado obtinha um caráter técnico, conspiratório, articulador, e não negociava sua existência em prol de outras formas de organização social.³⁷⁰ Para Kropotkin o Estado seria uma construção recente em nossa história moderna.³⁷¹

A civilização europeia, por uma série de causas tem se construído nos últimos séculos por essa nomenclatura social chamado Estado. Os historiadores no século XIX têm feito um esforço para construir essa história, de tal forma que fazem o Estado ter uma trajetória muito mais vasta e permanente na história ocidental do que ele realmente teria.³⁷² Dentro disso, tentam nos mostrar que uma organização social impulsionada pelo Estado seria um sinal de progresso.³⁷³ Aliás, para o militante anarquista russo, os historiadores oficiais têm prestado um grande serviço para justificar o Estado como modelo ideal dentro da sociedade moderna europeia.³⁷⁴ Tanto historiadores quanto economistas faziam de suas hipóteses um estudo da natureza, no sentido de naturalizar suas teorias de conhecimento.³⁷⁵ O mundo social é identificado dentro de uma linguagem científica, que promovia, por meio desse campo, uma força argumentativa para afirmar suas posições, e a naturalização dos fatos se tornavam um meio articulador para reforçar essa construção de mundo.³⁷⁶ Dentro desse raciocínio, o Estado se torna o corpo representativo que promove amplamente seus defensores, tendo, assim, um papel predestinado.

Temos debates exaustivos, por parte dos comunistas, sobre o ponto de vista parlamentar em autores como Zinoviev, Bukharine, Bordiga, Lenine e Trotsky.³⁷⁷ O limite de algumas dessas abordagens esconde um problema profundo, no caso, mais do que pensar as

³⁶⁷ Ibidem. p.81.

³⁶⁸ KROPOTKIN, Pedro. *Folletos Revolucionários I*. Barcelona: Turquets Editor, 1977. p.203.

³⁶⁹ Ibidem. p.180.

³⁷⁰ Ibidem. p.186.

³⁷¹ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.9.

³⁷² KROPOTKIN, Pedro. *Folletos Revolucionários I*. Barcelona: Turquets Editor, 1977. p.204.

³⁷³ Ibidem. p.205.

³⁷⁴ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.61.

³⁷⁵ Ibidem. p.65.

³⁷⁶ Ibidem. p.69.

³⁷⁷ ZINOVIEV; BUKHARINE; BORDIGA; LENINE; TROTSKY. *A questão parlamentar*. Lisboa: Antídodo.

formas de como participar e quanta força promover nesse esforço, sobre o poder político representativo, em manipulá-lo em prol de nossos objetivos revolucionários, o fundamento principal seria entender que a grande problemática: era a questão de como o Estado se articula sobre nossas estratégias. Não importa, nesse sentido, como nós vemos o Estado, mas como ele nos percebe e que serviço nós prestamos a ele. O Estado para Kropotkin tem um fim em si mesmo e sua composição feita por operários ou burgueses vai acabar sempre conservando uma mesma natureza em sua forma de governar.

Compreenderá que, qualquer que seja o corpo representativo – seja composto de operários ou de burgueses, seja, até mesmo, amplamente aberto aos socialistas revolucionários-, ele conservará todos os vícios das assembleias representativas. Estes vícios não dependem dos indivíduos, são inerentes à instituição. Sonhar com um Estado operário, governado por uma assembleia eleita, é o mais insano dos sonhos que nossa educação autoritária nos inspira.³⁷⁸

O governo representativo, independente de seus condicionamentos e interesses têm como função, determinada, manter o ideal do estatismo em nossas sociedades modernas, diminuindo e desestimulando novas formas de organização social. E defendendo o Estado ou se silenciando quanto a ele, acabamos promovendo estímulos em primeira estância vinculados a uma cultura autoritária, que se modela de uma geração para outra, garantindo esse vínculo permanente em nossas relações humanas. As consequências dessas formalizações sociais têm exemplos bastante contundentes para Kropotkin, que via no Estado uma instituição ultrapassada. Todo o sistema filosófico que enxergava no Estado um tributo da *Kultur-Staat*, não estaria vinculado a uma mobilização progressista na história.³⁷⁹ O Estado ensaia uma cultura pessimista e de uma filosofia da guerra, para depois acabar se justificando por essas linhas gerais criadas por ele mesmo, legitimando a sua própria existência; do mesmo modo que o capitalismo cria “necessidades” nas pessoas, inventando uma cultura nova, o Estado constrói o seu imperativo.³⁸⁰

De outro lado, temos uma imposição do Estado que não se sustenta teoricamente e, dentro de seu campo de ação prática, acaba deixando um caminho aberto para a história criar outras formas de organização sociais, libertas da necessidade do Estado, e Kropotkin acaba estudando essas experiências na história. O Estado tem um papel exclusivo na história, se pensarmos os primeiros contratualistas sociais da história moderna.³⁸¹ As ideias de

³⁷⁸ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. pp.154-155.

³⁷⁹ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. p.142.

³⁸⁰ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.100.

³⁸¹ HOBBS, Thomas. *Os pensadores: Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico*. São Paulo: Abril Cultural. 1888.

representação do Estado moderno, nas sociedades atuais, ganham uma interpretação natural e civilizatória, uma herança dos percursos da Idade Média, como Ernst Kantorowicz nos coloca.³⁸²

O pensador anarquista buscou suas bases teóricas dentro da história do movimento operário e da cultura do socialismo para negar a instância de Estado, numa perspectiva de baixo para cima. Nesse aspecto, Kropotkin estaria ligado a uma “história social” e em certo acordo com ela, mas pelo viés anarquista do termo, se aproximando da tradição historiográfica de influência marxista.³⁸³ Para Kropotkin o Estado não tem feito outra manobra primordial do que inibir as organizações populares, seja qual forem às circunstâncias e as perspectivas desse fato.

O Estado tem se apossado das iniciativas populares com o pretexto de representar o interesse das minorias das comunidades, mas tem deixado outro legado segundo o autor anarquista, pois essas iniciativas têm se apropriado das ações criativas da sociedade.³⁸⁴ Para Kropotkin a Idade Média teria vários exemplos para demonstrar várias formas associativas não dependentes do Estado. Embora algumas manifestações desta época pareçam Estados menores, essas aglomerações seriam cidades que não correspondiam à uma formalização governamental centralizadora. O Estado em Kropotkin seria um fenômeno histórico, que tende a ser uma abstração em nome da organização social, trabalhando contra o município, a cidade e o federalismo. A historiografia acaba colocando as funções sociais do passado a serem modeladas aos aspectos que estamos acostumados a denominar, devido às nossas ideologias estarem impregnadas dessa cultura recente do Estado. Desse modo, Kropotkin denunciava o anacronismo na história.³⁸⁵

O segredo dessa aparente anomalia reside no fato de que uma cidade medieval não era um Estado centralizado. Durante os primeiros séculos de sua existência, ela dificilmente poderia ser chamada de Estado no que se refere à sua organização interior, pois a atual centralização de funções era menos conhecida na Idade Média do que a centralização territorial de hoje. Cada grupo tinha sua parcela de soberania.³⁸⁶

A rejeição de Kropotkin à formatação da sociedade dentro dos moldes do Estado vem dos seus estudos históricos e principalmente das definições de comunas e associações livres da Idade Média, e outras experiências da história de povos que tentaram em sua

³⁸² “O Estado se tornara permanente e permanentes eram suas emergências e necessidades, suas *necessitas*”. KANTOROWICZ, Ernst. *Os dois corpos do rei*. São Paulo: Schwarcz, 1998. p.178.

³⁸³ HOBSBAWM, Eric. *Sobre a história*. São Paulo: Companhia da Letras, 2013. pp. 283-284.

³⁸⁴ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.121.

³⁸⁵ Ibidem. p.141.

³⁸⁶ Ibidem. p.142.

trajetória, se cultivar diante de outras formas de organização social. A busca do escritor anarquista russo é tanto de cunho histórico como antropológico. Um autor como Leopold Von Ranke, ainda que sendo um dos defensores de uma história estatal e da história científica atrelada as concepções “positivistas”, acaba admitindo que nem mesmo a ideia de *Deus* e de *política* na Idade Média seriam construções ligadas a noção de centralização, absoluto e unidade; essas dinâmicas percorriam caminhos comunitários, onde o conhecimento de divindade era entendido como uma formalização descentralizada atribuída as localidades, em seu sentido “federativo”.³⁸⁷

Pierre Clastres seria um autor que estuda os mesmos fenômenos de Kropotkin, no sentido de valorizar outras formas de organizações culturais, que não promovem o Estado como culto íntimo de suas narrativas sociais.³⁸⁸ O pensador russo estuda o percurso do Estado na história da Idade Média e, buscou exemplificar sua crítica ao Estado, utilizando uma realidade histórica, para embasar sua teoria através desses fundamentos. Poucas iniciativas europeias conseguiam, naquele contexto, ver outras formas de organizações sociais que fossem modelos dignos de serem levados como um circunspecto respeitoso, para um conhecimento no futuro.

Kropotkin percebe que a África estaria repleta de exemplos de apoio mútuo como modelo que se confronta contra o Estado.³⁸⁹ O escritor russo tenta nos mostrar que o Estado não faz parte tanto de nossas sociedades quanto o exercício da natureza.³⁹⁰ O Estado constrói uma lógica da escravidão em suas acepções mais variadas. As construções de um anarquismo na África podem levar em consideração as narrativas do militante anarquista russo, para abrir lacunas criativas sobre a libertação política e cultural desses processos históricos. O Estado pode ajudar a promover uma emancipação “colonizada” desses territórios e, nesse sentido, o escritor anarquista se torna um alerta importante a essas iniciativas criativas e libertadoras. Sam Mbah e I.E. Igariwey aproximam Kropotkin dos africanos e africanas para se pensar suas emancipações dentro de uma mentalidade revolucionária, contra uma dependência da cultura do Estado e suas dimensões.³⁹¹

³⁸⁷ RANKE, Leopold Von. *Historia de los papas en la época moderna*. México: FCE, 1943. p.13.

³⁸⁸ CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

³⁸⁹ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.199.

³⁹⁰ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.17.

³⁹¹ MBAH, Sam; IGARIWEY, I. E. *African anarchism the history of a movement*. Arizona: See Sharp Press, 1997. pp.4-5.

A Idade Média, em suas guildas regulava essas relações sociais que depois foram atribuídas aos Estados.³⁹² Esses modelos, teriam sido uma das grandes manifestações históricas que abriram caminho para as formalizações coletivas desenvolvidas como a comuna e a federação. A “comuna medieval”, após o Império Romano, seria uma expressão de reorganização social não só encontrada na Europa, mas espalhada pela Ásia e na África. Esse laço social do apoio mútuo se expressa sem uma orientação estatista e pode ser observado nestas civilizações, que passam da Índia aos códigos bárbaros, e estariam entre os mongóis, os índios e os africanos. Essas confederações de comunas rurais eram povoações que se consideravam plenas de um mesmo patrimônio divididas em famílias, clãs e agrupações que se tornaram um conjunto cultural expressivo nestas épocas.³⁹³ Nessas circunstâncias históricas o articulista russo nos traduz a seguinte análise: eram organizações sociais que alimentavam a necessidade pela instrução política, conservando costumes para solidificar um ambiente de paz e de alianças com outras tribos medievais por meio de federações, que já impunham noções do direito intertribal ou o que nós designamos hoje, de direitos internacionais regularizados pelo Estado moderno, no caso, instituições como a ONU.³⁹⁴ O pensador anarquista fazia suas nomenclaturas dialogarem com as ferramentas que orientavam a geografia em seus caminhos teóricos.³⁹⁵ Ademais, seguindo a antropologia, Kropotkin entendia que o clã era anterior à família e ao Estado, e sendo assim essas configurações sociais tinham como herança as formas de organizações comunais e federais, que em grande medida poderiam ser observadas na Idade Média.³⁹⁶

As comunas são vistas por Kropotkin como organizações que seriam muito mais eficientes para fixar uma revolução social, em vez de ficarem dependentes e amarradas sob as tutelas do Estado, pois esses meios sucumbiriam os poderes criativos de uma revolução social e da vida em seu exercício cotidiano.³⁹⁷ Assim, o militante russo percebe uma contradição, mas no sentido de uma relação de força, a comuna seria contra o Estado e vice-versa.³⁹⁸ O

³⁹² KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.33.

³⁹³ *Ibidem*. pp.19-20.

³⁹⁴ *Ibidem*. pp.23-24.

³⁹⁵ KROPOTKIN, Piotr. *O que a geografia deveria ser*. In: RECLUS, Elisée. KROPOTKIN, Piotr. *Escrito sobre educação e geografia*. Biblioteca terra livre (org.). São Paulo, 2011.

³⁹⁶ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.13.

³⁹⁷ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.91.

³⁹⁸ *Ibidem*. pp.92-93.

escritor revolucionário, compreende esse formato federativo nas organizações sociais na Europa do século XII.³⁹⁹

Kropotkin estabeleceu uma proposta de sociedade altamente organizada em comunas e federações contra a noção de Estado. O Estado interfere nessa ligação direta entre as pessoas, não permitindo um “Estado dentro do Estado”.⁴⁰⁰ De outro modo, a sociedade federalista busca estabelecer uma definição social de liberdade atrelada ao igualitarismo sem perder de vista que a tensão que envolve essas dinâmicas é impulsionada pelas noções de solidariedade, que acabam norteando e dando o fundo qualitativo dessa relação complexa.

Para Ernst Kantorowicz a construção de nosso Estado moderno é um fenômeno atual na história, iniciando sua formatação mais elaborada sobre forças sociais em nome de uma unidade permanente. O poder espiritual, jurídico, político e eclesiástico eram parte de um corpo orgânico denominado Estado, onde o rei teria dois corpos: um corpo físico finito e outro místico infinito.⁴⁰¹ O personagem humano era identificado no corpo materializado do rei e o Estado seria o corpo espiritual, onde o poder é exercido por esses dois lados da equação.

O corpo simbólico e político do rei na Idade Média era alimentado pelo poder jurídico e eclesiástico, dando o formato social que o Estado precisava, para mais tarde se legitimar como instituição fundamental da sociedade moderna. Aquela vontade confusa de absoluto, misturada com o ideário do rei como ser eterno, trabalhada de forma mística e jurídica, transfere-se ao Estado, que organiza dentro de si os atributos que preenchem essa necessidade. O ente material de um lado e o lado místico de outro. O corpo político junto ao corpo espiritual do rei evoluiu até encontrar as possibilidades históricas que nos trouxeram o Estado absolutista.

O Estado, ancorado no mito social da vida dos homens e mulheres encontra seu alicerce, ao mesmo tempo obscuro, se visto pelo viés lógico e racional, mas bastante eficiente para continuar vivo, devido à própria condição humana que favorece uma construção simbólica da sociedade, baseada nos mitos e no espírito, se não diretamente religioso,

³⁹⁹ “O europeu do século XII era essencialmente federalista, homem de livre iniciativa e de livre entendimento, partidário acérrimo de uniões desejadas e livremente aceitas, ele via, em si próprio, o ponto de partida para toda a sociedade”. KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.53.

⁴⁰⁰ Ibidem. p.71.

⁴⁰¹ “O Juiz Southcote, na passagem citada (p. 24) do caso *Williom versus Berkley*, referiu-se ao símile do Estado como um corpo humano, uma ‘corporação’ em que o rei é a cabeça, e os súditos são os membros. É claro que essa metáfora era muito antiga; permeou o pensamento político durante a Alta Idade Média. Contudo, a forma na qual o juiz Southcote enunciava essa ideia antiga – ‘ele é incorporado com eles, e eles com ele’ – aponta diretamente para a teoria político–eclesiástica do *Corpus mysticum* que na época era citada com grande ênfase pelo juiz Brown no caso *Hales Versus Petit*”. KANTOROWICZ, Ernst. *Os dois corpos do rei*. São Paulo: Schwarcz, 1998. p.26.

manifestado em sua religiosidade indireta. O simbolismo tem sua necessidade e seu efeito social que “organiza” a sociedade e a forma do indivíduo de perceber a realidade, como A. N. Whitehead sustenta.⁴⁰² Ernst Cassirer compreende o simbolismo vinculado à percepção do mito, e sendo assim este sempre teve uma função ativa, até mesmo nas sociedades ditas “racionalizadas”, como as sociedades ocidentais se autoproclamam-se.⁴⁰³ E dentro desses parâmetros, como reconhece Perry Anderson, o Estado absolutista fundamentava seus novos objetivos, ancorados em uma autoridade imposta.⁴⁰⁴

Todos esses autores aqui, citados, desenvolvem suas narrativas em certo sentido crítico em relação à formação do Estado e ao mesmo tempo constroem um discurso explicativo sobre as origens do Estado moderno na história. Kropotkin compreende esses mesmos mecanismos do Estado em seu desenvolvimento e história, como colocados pelos autores aqui mencionados, sua diferença é que ele busca salientar outras formas de organização sociais da época, valorizando a história dessas iniciativas diferentes do Estado, na mesma proporção, para assim evitar construir a história do Estado em suas origens e ao mesmo tempo ir justificando esse modelo de maneira sutil, mas eficiente para promover uma literatura a favor do Estado.

Por meio de comunas livres da Idade Média, Kropotkin percebe que, sob essas condições, as relações entre os seres humanos eram não somente mais livres, mas também mais independentes do modelo de Estado. Não que esses exemplos federativos fossem impedidos de lutas internas e problemas. As disputas entre os reinos geravam guerras, em que aos poucos iam se designando a possibilidade de uma grande concentração de poder, e o Estado é o grande agente para edificar essa condição histórica anunciada.

O pensador russo percebe que nesta busca pela concentração do poder no Estado, temos uma motivação para o desenvolvimento das linhas de um convívio social individualista, característica essa que desmascara os pretextos liberais econômicos, quando anunciam o Estado como o responsável pela repressão ao individualismo moderno, sendo que foi ele mesmo que promoveu essas condutas, para poder em certa medida se colocar como o grande articulador das demandas coletivas da sociedade.

⁴⁰²“Desenvolverei a tese de que o simbolismo é um facto essencial no modo como funcionamos enquanto resultado do nosso conhecimento direto. Organismos qualitativamente superiores com êxito só são possíveis com a condição de que os seus fundamentos simbólicos se justificam em geral na medida em que se visam problemas importantes. Mas os erros da humanidade brotam igualmente do Simbolismo. A tarefa da razão consiste em compreender e purificar os símbolos de que a humanidade depende”. WHITEHEAD, A. N. *Simbolismo: o seu significado e efeito*. Lisboa: Edições 70, 1955. p.17.

⁴⁰³ CASSIRER, Ernst. *O mito do Estado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. p.53.

⁴⁰⁴ ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.24.

Nesse sentido, os liberais do período moderno seriam mais uma implicação promovida pelo próprio Estado. Nesse suposto duelo entre o poder do Estado e o poder privado muito mais alianças são promovidas do que afrontas. Essa manobra retira a responsabilidade da população e do povo, extraindo sua força de construir e gerir as suas relações coletivas, onde a população se torna cada vez mais espectadora desse embate, do que um ser atuante, construindo as suas bases de luta, para combater essa relação entre o poder do Estado e o Poder privado. Portanto, diante desse exercício social e cultural, o que acaba sobrando para a maioria da população é um enfrentamento entre eles mesmos, trazendo as consequências de um comportamento que o individualismo acaba assinando em baixo e seguramente aprovando essas condutas.

A absorção de todas as funções sociais pelo Estado favoreceu necessariamente o desenvolvimento de um individualismo desenfreado e tacanho. À medida que cresciam as obrigações para com o Estado, os cidadãos iam sendo evidentemente aliviados das obrigações de uns para com os outros. Na corporação – e nos tempos medievais – todo homem pertencia a alguma corporação ou fraternidade.⁴⁰⁵

Kropotkin percebia que essas consequências, do individualismo desregrado, estavam ligadas diretamente ao exercício do Estado na história. As obrigações que levavam a uma obediência ao Estado foram criando um confronto direto com as comunas e despolitizando, de alguma forma, o imaginário coletivo das pessoas em suas obrigações com o sentido de viver em sociedade e as consequências desse fato. O caráter estatista estava organizando uma história em que o Estado, por meio das leis, aos poucos foi normalizando suas ações.⁴⁰⁶ Nesse longo caminho que a história moderna percorreu, a federação sofreu várias baixas. Desde o século XVI, as federações vêm perdendo seu espaço na sociedade, seja pela força que a Igreja católica, que também tinha suas conciliações com Estado, seja por suas formalizações luteranas.⁴⁰⁷ A própria noção de direito, em sua autoridade, não poderia ser pensada fora da organização do Estado, e esse acontecimento enfraquece nossa capacidade coletiva de pensar sobre a noção de justiça fora da influência do Estado.⁴⁰⁸

Todas essas atribuições foram, a partir desses séculos, dando fim aos caminhos federados em todos os sentidos na sociedade moderna, e pouco a pouco a Europa foi vendo essas construções sendo feitas ao longo desses percursos, fazendo as comunas e corporações serem isoladas em seu exercício social.⁴⁰⁹ O Estado, em sua tríplice aliança do chefe militar,

⁴⁰⁵ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.181.

⁴⁰⁶ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.21.

⁴⁰⁷ *Ibidem*. p.59.

⁴⁰⁸ *Ibidem*. p.29.

⁴⁰⁹ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. pp.169-171.

do juiz romano e do padre, foi construindo seu legado que desencadeou o processo do Estado moderno.⁴¹⁰ Mas quando Kropotkin retoma as comunas como alternativas ao Estado, principalmente em seu exercício na Idade Média, também este não deixa de fazer críticas a essas formas de organização, não às vendo como exemplos completos em si mesmos.⁴¹¹ As comunas tinham seus limites, pois muitas delas eram cercadas por muralhas e tinham uma força militar que, na busca de defendê-las, promoviam o culto da violência. Em função disso, as comunas também reproduziram exemplos egoístas de cunho social e institucional.⁴¹²

No século XVIII essas manifestações podem ser observadas de perto, coloca Kropotkin, pois as municipalidades vão perdendo suas forças e entram num jogo de negociação. Até mesmo nas revoluções em que se pode perceber sua força, que trabalham no campo local fazendo suas críticas e se organizando contra esses poderes concentradores, as federações acabam sendo atacadas pelos modelos identificados com o Estado.⁴¹³ O próprio Estado moderno, para o escritor anarquista, tem uma relação íntima com o desenvolvimento do capitalismo.

Imaginar, pois, a abolição do capitalismo mantendo o Estado ou nele apoiar-se para esse fim, quando é certo que o Estado foi criado simplesmente para promover a estabilidade e o desenvolvimento do capitalismo, que mais se firma na proporção em que o Estado lhe presta o seu apoio, é, em nossa opinião, abrigar uma ilusão perigosa, como o seria querer realizar a obra da emancipação dos trabalhadores por intermédio da Igreja ou do imperialismo.⁴¹⁴

Os anarquistas têm uma vasta crítica ao modelo de Estado, como organização social, e seus grandes autores se dedicaram a esse problema específico. A literatura anarquista contra o Estado é permanentemente desconfiada em relação aos seus discursos, e isso é bastante evidente. Seria oportuno lembrar que os anarquistas não querem um Estado mínimo como as correntes liberais desejam, e nem mesmo utilizá-lo como meio para emancipar uma sociedade sem Estado. Kropotkin percebe que o capitalismo não poderia ter encontrado melhor aliado do que o Estado, e que esse muito ajudou a desenvolver o capitalismo que se construiu nestes últimos séculos.

Embora os economistas liberais busquem dizer que o Estado mínimo seria a construção de um Estado menor, em sua intervenção na economia, esquecendo que a

⁴¹⁰ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.21.

⁴¹⁰ *Ibidem*. p.47.

⁴¹¹ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.94.

⁴¹² *Ibidem*. pp.96-97.

⁴¹³ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. pp.550-551.

⁴¹⁴ KROPOTKIN, Peter. *A questão social: o humanismo libertário em face da ciência*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, p.155.

regulação da economia passa pelo Estado, sob suas leis e seus direitos privados garantidos. Portanto, essas esferas constroem muito mais uma relação de troca do que uma diminuição dos seus poderes. Existe um bonito discurso promovido por liberais e revolucionários sobre a autonomia e a liberdade, mas pouco tem sido o propósito, em nível de organizações sociais, que carregam esses princípios de descentralização das forças culturais, políticas e econômicas da sociedade.⁴¹⁵ Aquilo que seria os limites do Estado para legislar a sociedade como um todo, é visto pelos defensores do Estado mínimo como o grande entusiasmo teórico de suas concepções, esquecendo que o Estado muito mais utiliza um acordo com o capitalismo, que muitas vezes não é diagnosticado, já que a ideia de um Estado mínimo presta muito mais serviço ao Estado do que se parece, pois quando enfraquecem um Estado acendem o recinto para outro.

Segundo Kropotkin o liberalismo econômico depende do Estado para legalizar e autorizar seu poder de negociação na sociedade, para manter o seu direito de concentração de poder e riqueza e, sendo assim, não seria isso uma instituição totalmente autônoma, como querem nos convencer os defensores dessas envergaduras teóricas, se ancorando na ideia de liberdade como desculpa, para alimentar seus pressupostos.⁴¹⁶

Um adepto do “liberalismo radical,” no caso, Murray N. Rothbard acaba argumentando que se o “Estado” não somos “nós” ele é uma forma de monopólio da violência e coerção social, nos obrigando a desempenhar um voluntarismo perante ele.⁴¹⁷ Entretanto, Murray N. Rothbard acaba esquecendo que o modelo econômico também não somos “nós”, no caso, a maioria da população e, essa força constituída pelo modelo privado e dentro de suas barganhas com o Estado, também promove e aperfeiçoa iniciativas coercitivas diante da população. Portanto, desempenhando um caminho que executa um padrão de medidas de exploração socioeconômica, que podem seguramente ser explicadas como uma forma de violência tanto quanto o Estado, podendo em certos momentos serem relações mais opressivas do que o modelo de despotismo desse dito Estado, diante da maioria da população, como é o caso da filosofia neoliberal.

Conforme Noam Chomsky, o liberalismo na sua versão neoliberal, com sua democracia de mercado, muitas vezes, acaba sendo um ultimato aos direitos mínimos

⁴¹⁵“Desde o começo deste século, fala-se em descentralização, autonomia, e nada se faz além de centralizar, matar os últimos vestígios da autonomia”. KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.146.

⁴¹⁶ Idibem. p.136.

⁴¹⁷ ROTHBARD, Murray, N. *A anatomia do Estado*. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises, 2012. pp.8-9.

garantidos pelos Estados, conseguindo ser uma ameaça ainda mais prejudicial do que o estamento do próprio Estado.⁴¹⁸ Diante desse fenômeno, o Estado promovendo seu aliado, o capitalismo, em uma desenvoltura social mais catastrófica do que o próprio Estado, também acaba sendo uma maneira de criar uma cultura que favorece a manutenção do Estado, estimulando sua aceitação intransponível como legado social e histórico; onde o Estado promove e corrompe seus adversários, para se tornar à olhos comuns sempre a alternativa mais viável. Vemos aqui uma articulação inteligente promovida pelo Estado e suas técnicas intersubjetivas de dominação e controle, uma engenharia social sofisticada, promovida em uma escala histórica. Pierre Bourdieu, em uma de suas interpretações sobre o Estado; o percebe como um princípio oculto intransigente, que só pode ser percebido em manifestações públicas e, em contrapartida a guerra civil, a desordem social ou a “anarquia”, como negação fundamental de seu exercício social de dominação.⁴¹⁹

O Estado tem promovido uma cultura da guerra e do extermínio na visão de Kropotkin.⁴²⁰ Sendo assim, a guerra é vista como parte de um desenvolvimento do poder. Não teria sido à toa que vários defensores dos Estados, como clímax da experiência fenomenal moderna, não tenham recusado a guerra como um motor indispensável para a sociedade moderna. Assim como Jean Hyppolite, um dos intérpretes mais célebres sobre o pensamento de Hegel, reconhece, no caso, os estímulos de guerra que esse autor trabalhou e legitimou.⁴²¹ O Estado, praticamente tem uma ordem divina e insubstituível em Hegel, como o militante anarquista russo aqui identifica.⁴²²

Quem diz “Estado”, necessariamente, diz “guerra”. O Estado procura e deve ser forte, mais forte que seus vizinhos; caso contrário, será um brinquedo nas mãos deles. Procura, de modo inevitável, enfraquecer, empobrecer outros Estados para lhes impor sua lei, sua política, seus tratados comerciais, para se enriquecer às suas expensas. A luta pela preponderância, que é a base da organização econômica e burguesa, é também a base da organização política. Eis por que a guerra tornou-se, hoje, a condição normal da Europa.⁴²³

⁴¹⁸ “Liberdade sem oportunidades é um presente diabólico, e a negação dessas oportunidades, um crime”. CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas?* São Paulo: Bertrand Brasil, 1999. p.47.

⁴¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado: cursos no collège de la France (1989-92)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.30.

⁴²⁰ KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.48.

⁴²¹ “Ora, a guerra é para Hegel um momento necessário da vida de um povo e o povo que não é capaz de superar não é um povo livre”. HYPPOLITE, Jean. *Introdução à filosofia da história de Hegel*. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Lisboa, Edições 70, 1995. p.34.

⁴²² “El Estado dirigido por la aristocracia intelectual toma en las obras de Hegel la forma de una institución sobre humana, casi divina”. KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net. 1945. p.147.

⁴²³ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.29.

Kropotkin percebe que todas as teorias que desembocam no Estado estariam a serviço tanto das pequenas guerras quanto das guerras encarniçadas, todas essas transformações seriam necessárias para a sua manutenção, sendo que a história era promovida pelo Estado em seus aspectos tanto cotidianos quanto gerais. O anarquismo estaria dentro daquelas escolas do socialismo que mais fizeram menções para uma retirada do Estado da sociedade, buscando construir uma nova forma de organização social, vinculando uma nova fase da humanidade em seus passos “civilizatórios”. A proposta anarquista é mediada, se pensarmos, por esse ponto de vista. O Estado sempre foi visto como um lugar suspeito para impulsionar as lutas dos movimentos revolucionários em sua relação com a sociedade civil. O grande teórico do Estado depois de Hobbes, entre outros, teria sido Hegel, que dentro desse movimento buscou aperfeiçoar o que Hobbes teria iniciado, sobre a questão do Estado junto do pacto civil, exclusivamente.

O Estado é uma abstração que tem a sua própria realidade universal nos cidadãos, mas ele existe de fato, e só por intermédio da vontade e da atividade individual a existência universal se define. De forma geral, surge a necessidade de governo e de administração; um isolamento e uma separação daqueles que possuem a direção dos assuntos do Estado, que decidem e que determinam a forma da realização, assim como comandam os cidadãos que devem operar tal realização.⁴²⁴

O Estado em Hegel ganhou uma dimensão governamental inquestionável, sobre seus súditos, pois o Estado é a consolidação do espírito e o ponto mais alto do conceito de liberdade conscienciosa. Como apogeu da racionalização humana, junto da necessidade de uma organização social coesa, a sociedade depende de suas articulações internas, para estabelecer governantes que comandam em nome de fins justificáveis, o chamado Estado, para termos um ordenamento social unido. As implicações desse fato seriam: se o indivíduo não cooperar com seu Estado, vai acabar sendo “escravizado” por um Estado estrangeiro.

Os conflitos que podem enfraquecer uma força unitária proporcionada por uma direção linear substancial, vinda de uma abstração concreta, devem ser eliminados. Embora a sociedade civil seja um suposto resultado de suas condições, fora do Estado, ela é o que pode garantir o êxito da história, porque pode reagir ao Estado efetivamente. Os fatores subjetivos dessa realidade determinam a existência de um processo conflituoso entre Estado e sociedade, prescrevendo uma dialética especial em nome do Estado; e é assim que Hegel acaba definindo seu pensamento em grande parte, em relação ao Estado e seu papel. Mauricio Tragtenberg percebe, no caso, a defesa da burocracia em seu modelo mais delineado estão desenvolvidos

⁴²⁴ HEGEL. W.F. *Princípios da filosofia do direito*. Lisboa: Guimarães Editores, 1986. pp.44-45.

nas propostas hegelianas, e em seus seguidores autodeclarados ou mesmo naqueles que negam sua influência, acabam carregando essas raízes.⁴²⁵

Como podemos intuir, por meio dessas ideias, Hegel acaba, logo, rejeitando todos os povos sem uma organização social semelhante aos “Estados” de cunho ocidental, permitindo diretamente ou indiretamente que os povos dominados pelo poder do Estado devem aceitar tais medidas, como um avanço civilizatório e as consequências desses processos. Por mais que sejam violências lamentáveis, devem ser compreendidas por causa desses argumentos, enfim, um mau necessário.

Karl Marx também fazia críticas em relação ao pensamento de Hegel nesse aspecto, sobre o exagero do fenômeno do Estado na história e seu papel; onde o Estado é identificado como sendo igual ao “governo”.⁴²⁶ Tanto o comunismo em Marx como o anarquismo, criticam as estruturas que fazem o Estado muito mais petrificar as forças da sociedade do que libertá-las, de tal maneira no passado, como na história, em seu processo de construção emancipatória dos povos no futuro. Marx seria uma tentativa de se libertar das concepções hegelianas, embora seu lado mais conservador, de Hegel em Marx, o seu estatismo, tenha sido conservado nesse autor, nem tanto por ele, mas por seus seguidores, num processo que vai além de Marx, denominado como: a tradição marxista.

Contudo, segundo José Aricó, Marx foi bastante influenciado por Hegel em sua maneira de perceber a dinâmica histórica, onde o progresso acaba arrastando aquilo que é considerado uma organização social atrasada em relação à cultura ocidental, que representaria esse ápice civilizatório diante do mundo, naquele contexto.⁴²⁷ Hegel tenta nos convencer desses pressupostos sobre o Estado, denunciados por Kropotkin: justificativas, essas, que funcionam como um pretexto de dominação sobre os povos e o ser humano. José Carlos Reis

⁴²⁵ “Foi Hegel que, no plano lógico, operacionou o conceito burocracia em nível do Estado e da corporação privada. Hegel foi um dos primeiros estudiosos da burocracia, enquanto poder administrativo e político, formulando o conceito: em que o Estado aparece como organização acabada, considerando em si e por si, que se realiza pela união íntima do universal e do individual. Para Hegel, o Estado, como realidade moral, como síntese do substancial e do particular, contém o interesse universal enquanto tal, que é a substância, deduzindo-se então, ser o Estado a instância suprema que elimina todas as particularidades no seio de sua unidade. Sendo o Estado para Hegel a realidade e, ato da liberdade concreta que se conhece, pensa e realiza pelo fato de sê-lo, sua finalidade é a integração dos interesses particulares e individuais”. TRAGTENBERG, Maurício. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1974. pp.21-22.

⁴²⁶ “Vê-se que ele é completamente contagiado pela soberba miserável do mundo do funcionalismo prussiano, que, nobre em sua limitação de gabinete, olha de cima a ‘autoconfiança’ da ‘opinião subjetiva do povo sobre si mesmo’. O ‘Estado’ é, por toda parte, para Hegel, idêntico ao ‘governo’. Certamente, em um Estado real, a ‘mera confiança’, a ‘opinião subjetiva’ não bastam. Mas, no Estado construído por Hegel, a disposição política da sociedade civil é uma mera opinião, precisamente porque sua existência política é uma abstração de sua existência real; precisamente porque o todo do Estado não é a objetivação da disposição política”. MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Biotempo, 2005. p.139.

⁴²⁷ ARICÓ, José. *Marx e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. pp.81-82.

denuncia essa consciência histórica ocidental, instaurada por Hegel e coloca algumas de suas consequências mais imediatas.

A sua interpretação da história é extremamente relevante não como ‘verdade absoluta’, mas como ‘pensamento único’ do homem ocidental contemporâneo, orientando as suas ações e repercutindo fortemente sobre a legislação e as produções culturais. As ações militares ocidentais têm seu discurso justificativo em Hegel. O seu sistema exerce uma influência poderosa e duradoura sobre a vida política, social, econômica, cultural, religiosa, científica e tecnológica cotidiana, da humanidade liderada pelo ocidente.⁴²⁸

O Estado se torna sinônimo de conflito e guerra, no sentido de estar sempre atento, exercendo uma ação permanente de dominação e rivalidade, seja contra outros povos ou contra a sociedade. O Estado se torna a guerra anunciada, assolando cidades e, por ela, pode arruinar populações indiretamente, mas de forma contundente e necessária.⁴²⁹ José Carlos Reis trabalha de forma pontual algumas das consequências da influência hegeliana, na história da consciência ocidental moderna, sendo um passo decisivo nesse processo cultural e histórico.

Um historiador como D. Olderooge, destaca que a influência hegeliana foi capaz de dividir o mundo em dois planos: os povos que possuíam *história* e os povos *não-históricos*.⁴³⁰ Sendo a África um povo “sem história”, ela passa a fazer parte de uma paródia secundária no movimento do mundo, só atribuindo sentido se for impulsionada pelos *povos históricos*. Esse aspecto do pensamento hegeliano foi explorado em seu conteúdo mais expressivo, como sendo uma justificação tanto da colonização quanto da escravidão negra. Os povos que não obtinham Estados a moldes europeus estavam destinados a sofrerem esse processo de dominação, em seu sentido justo e legítimo. Todas essas ideias podem ser percebidas e justificadas na *Partilha da África*, efetuada em 1884-1885, neste mesmo país de Hegel; por onde nos é caro interpretar esses fatos como sendo uma mera e generosa coincidência dos acontecimentos. Ou seja, o pensamento de Hegel influenciou diretamente a visão sobre esses povos, sendo que os povos sem Estados faziam parte das formas retardatárias da história, já que o Estado moderno europeu simbolizava o contorno mais avançado de organização social daquele período. Logo, o complexo, *o Estado*, explica o simples, *o não-Estado*, e manipula tal artifício a seu interesse. Pensamento esse, que pode ser visto em Marx, onde as ideias mais desenvolvidas junto das forças produtivas acabam

⁴²⁸ REIS, José Carlos. *História da consciência histórica ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.71.

⁴²⁹ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.63.

⁴³⁰ OLDEROGGE, O. *Migrações e diferenciações étnicas e linguísticas*. In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África: metodologia é pre-história da África*. Brasília, UNESCO, 2010. p.296.

arrastando as forças “menos” produtivas. As sociedades mais desenvolvidas organizam a lógica das sociedades menos desenvolvidas. A cidade desenvolve o campo, e o camponês aprende com o proletariado. A lógica hegeliana fornecia as raízes para entender a história do século XIX e os motivos que levavam o Estado a ser uma instituição defendida e valorizada.

O anarquismo busca sempre um distanciamento do comunismo, formalizado por Marx e Engels, pois dentro dos campos das estratégias e táticas revolucionárias o comunismo formalizado por eles acaba utilizando o Estado como um meio, embora suas críticas sejam feitas ao Estado de maneira geral. Por esses motivos, as estratégias comunistas acabam alterando o seu conteúdo político e ideológico, movimento esse, que de tal forma, acaba fazendo a dialética funcionar contra o marxismo e não a seu favor, embora poucos reconheçam a possibilidade dessas relações em sua complexidade. O Estado acabou engolindo a dialética e o marxismo, fazendo-os refém. Mário Ferreira dos Santos coloca que os anarquistas haviam adiantado que Lênin seria vítima de seu Estado e Trostky também; a vitória de Stalin foi prevista por Malatesta, Fabbri e tantos outros anarquistas.⁴³¹ É nesse sentido que o anarquismo acaba se preservando de forma mais precisa, tanto politicamente quanto ideologicamente, pois consegue se conservar coerentemente mais atrelado a seus princípios, sem precisar vendê-los e nem conservá-los de maneira ortodoxa, em nome de uma esperança anunciada, tanto como propaganda política quanto de promessa de campanha para arrecadar votos.

Djacir Menezes em sua obra *Hegel e a filosofia soviética*⁴³² denuncia o marxismo materialista, que tentou melhorar a dialética falseando-a e que em consequência desse modelo, é por falsear a dialética que acabou dissolvendo um problema ao invés de tentar corrigi-lo, em seus limites, onde a “filosofia da práxis” ficou fragilizada em relação ao economicismo e as necessidades do Estado. Rudolf Rocker já havia denunciado, por outros meios, os limites do materialismo marxista, dentro de suas abordagens científicas, econômicas e históricas.⁴³³ Mário Ferreira dos Santos reconhece que a dialética marxista era mais cultuada do que usada pelos marxistas.⁴³⁴

O socialismo acaba utilizando o Estado como etapa de trajetória, para uma suposta fase “superior” do comunismo, o fim do Estado, como Cornelius Castoriadis nos

⁴³¹ SANTOS, Mário Ferreira Dos. *Análise dialéctica do marxismo*. São Paulo: Logos, 1953. p.111.

⁴³² MENEZES, Djacir. *Hegel e a filosofia soviética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1958.

⁴³³ ROCKER, Rudolf. *Nacionalismo y cultura*. Buenos Aires: Mercantali, 1942. pp.20-21.

⁴³⁴ SANTOS, Mário Ferreira Dos. *Análise dialéctica do marxismo*. São Paulo: Logos, 1953. p.193.

exemplifica.⁴³⁵ O anarquismo, diferentemente do comunismo, seria uma ruptura direta contra uma sociedade organizada pelo Estado e, nesse sentido, busca se transformar em um divisor de águas inovador dentro da cultura ocidental contemporânea.⁴³⁶ Portanto, o comunismo de Kropotkin não pode ser confundido com o estatismo do comunismo atribuído a Marx e seus seguidores, como meio de transição para uma conjectura da sociedade emancipada. Seu comunismo é anarquista. O comunismo libertário não utiliza o Estado enquanto meio, passando por estágios que anunciam uma ditadura “boa”, que perpassam como sendo uma promessa adequada e justa.

A cultura moderna ocidental recente é ainda formada e enraizada naquilo que seria a influência das ideias absolutistas no socialismo, que acabam explicando o comunismo de Estado que, mesmo revolucionário, tem essa forte tendência. Tal disposição acabou conservando uma tradição estatista em sua essência, sendo esse revolucionário estatista muito mais vítima desse processo histórico, do que apenas uma formatação de envergadura consciente desse procedimento.

É um fato significativo terem os representantes do socialismo, na luta contra o liberalismo, tomado emprestado suas armas, amiúde, do arsenal do absolutismo, sem que a maioria sequer percebesse o mal deste fenômeno. Muitos, e especialmente os representantes da escola alemã, a qual, mais tarde, veio a obter uma influência predominante sobre todo o movimento socialista, eram discípulos de Hegel, Fichte e outros representantes da ideia absolutista de Estado. Outros sofreram uma influência tão poderosa do jacobinismo francês, que só podiam conceber a transição ao socialismo sob forma de ditadura. Outros, ainda, acreditavam numa teocracia social, ou numa espécie de “Napoleão socialista”, que traria a salvação do mundo.⁴³⁷

O historiador alemão Rudolf Rocker, muito bem nos coloca essa noção de continuidade enraizada na história do socialismo, identificando o que essa teoria absorveu da cultura absolutista e dos teóricos da totalidade e do absoluto, desenvolvendo essenciais essas do idealismo alemão. Tanto Marx como Engels reconhecem esses atributos, onde o movimento operário alemão, para eles, era o herdeiro da filosofia clássica alemã.⁴³⁸ Todas essas questões são temas muito práticos para os anarquistas, em relação às origens do Estado e como ele é absorvido para dentro das propostas revolucionárias.

O federalismo de cunho anarquista seria a grande resposta contra o Estado, não como um modelo fechado de federação, mas como alternativa a esses descaminhos que podem neutralizar nossos ideais, pois a utilização do Estado como meio; além dos perigos que

⁴³⁵ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.133.

⁴³⁶ KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.15.

⁴³⁷ ROCKER, Rudolf. *As ideias absolutistas no socialismo*. São Paulo: Ebooksbrasil, 2002. pp.21-22.

⁴³⁸ MARX & ENGELS. *Textos filosóficos*. Lisboa: Editorial Presença, 1974. pp.116-117.

podemos nos legar, temos que nos manter atentos, devido a sua natureza interna de conservação da violência e dos abusos de poder que envolvem esta instituição. Ora, sendo assim, aceitando o Estado, teríamos que carregar esses atributos, que poderiam nos apresentar surpresas desafiadoras para aqueles que acreditam que possam continuar a se autodenominar socialistas, comunistas e anarquistas, sem entrarem em contradição com parte relativa desses princípios. Esses pressupostos, estão longe de trabalhar a dinâmica das relações de poder que os Estados nos empõem, ainda mais quando temos a pretensão de centralizar todas as forças sociais para dentro do Estado, sob sua administração, lhe trazendo um poder ainda maior do que essa instituição já possui e manipula. Vendo a questão por esse lado, podemos perceber o poder corruptivo dessa instituição, que muitos querem fazer dela um trampolim para as ideologias socialistas e seus fins.

Diante das várias interpretações e escolas do anarquismo, todas são basicamente gerais, no século XIX, em sua crítica ferina ao Estado, e Bakunin⁴³⁹ é o grande articulador dessa ênfase, seguindo Proudhon nesse ponto. O anarquismo, embora seja unânime em relação à ideia que promove uma forma de organização social sem Estado, tem suas explicações conforme seus autores. Proudhon, Bakunin, Kropotkin e Malatesta têm suas interpretações sobre esse tema, mostrando que existem várias significâncias diferenciadas sobre o que se compreende pela palavra *Estado*, em sem sentido mais profundo, como assim Ángel Cappelletti nos coloca.⁴⁴⁰ George Woodcock nos salienta que no caso de Bakunin e Kropotkin, seria importante reconhecer que suas ideias, no que tange a rejeição dos governos sob a tutela do Estado, eram ideias muito mais complementares do que excludentes.⁴⁴¹

Uma história que passa por dentro do Estado é protegida por ele, isso mostra uma fragilidade para interpretar processos históricos que não legitimam a existência desse próprio Estado. As análises de Jacob Burckhardt nos deixam essas contribuições interpretativas sobre a arte do Estado em sua atitude calculada.⁴⁴² Quando o anarquista russo pensou o Estado, visualizou poder fazer uma história que se identificava com as vítimas do Estado, na busca de

⁴³⁹ BAKUNIN, Mijail. *Estadismo y anarquia*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008.

⁴⁴⁰ CAPPELLETTI, Ángel J. *El pensamiento de Malatesta idealismo ético y socialismo libertário*. Montevideo: Ediciones Recortes, 1994. p.75.

⁴⁴¹ WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas volume I*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p.214.

⁴⁴² “O Estado, como criação consciente e calculada, como obra de arte. Tanto nas cidades-repúblicas quanto nos Estados tirânicos, esse ser vivente manifesta-se de centenas de maneiras, determinando-lhes a configuração interna bem como a política externa. Contentar-nos-emos aqui com o exame de seu tipo mais completo e mais claramente definitivo, presente na figura dos Estados tirânicos”. BURCKHARDT, Jacob. *O Estado como obra de arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p.7.

estabelecer uma história desses sujeitos, como assim admite Eduardo Colombo em sua interpretação sobre as contribuições de Kropotkin sobre essa matéria. Por fim, Eduardo Colombo analisando as origens históricas do Estado, na Idade Média, nos permitindo perceber do fato de que essa palavra tanto nas línguas europeias latinas quanto germânicas designam a ideia de *status*, sendo assim, logo percebemos quais seriam as consequências e interesses que estão sustentando essa concepção de mundo.⁴⁴³

O Estado para Kropotkin seria sempre uma forma perigosa de poder, devido a sua centralização. Não que a descentralização fosse um bem absoluto em si mesmo, que não pudesse trazer problemas se não maiores que a própria centralização, mas essas questões seriam ainda novas para nossa experiência histórica. Alguns autores advertem sobre esse risco, de uma descentralização excessiva como modelo de organização social. C. W. Morris entende que o Estado seria essa enorme concentração de poder, mas que sua ausência não nos assegura a eliminação dessas atividades na sociedade.⁴⁴⁴ Ademais, Norbert Elias faz suas considerações em relação às descentralizações de poderes em “Estados” considerados menores na história, pois essas manifestações também reproduzem relações frequentemente sociais desiguais e desarmoniosas, onde as relações de poderes entre homens, mulheres, jovens e velhos promovem um cotidiano que combina relações de dominação entre esses sujeitos.⁴⁴⁵ Reconhecemos que nesse caso, não basta abolir o Estado e a centralização para que as relações de poderes sejam suprimidas imediatamente, mas através dessa construção podemos melhor atacar seus abusos de poder, paralisando essas reproduções de poderes que se tornam intocáveis e resguardadas. O federalismo seria uma das formas de descentralização pensada pelos anarquistas, se no caso essa proposta não solucionar esses problemas de maneira satisfatória, ela poderia ser uma contribuição à altura desses desafios colocados pela história moderna e contemporânea. Se o federalismo pode ser não satisfatório, como modelo social, o Estado já teria mostrado seus limites.

Kropotkin estabeleceu uma noção de federalismo vinculado a seus conhecimentos geográficos, tendo por causa dessas ideias uma diferença pontual em relação às teorias de federalismo de Proudhon e Bakunin, pelo simples fato de suas propostas de federalismo estar

⁴⁴³ COLOMBO, Eduardo. *Análise do Estado como paradigma de poder*. São Paulo: Imaginário: 2001. pp.48-49.

⁴⁴⁴ “Enquanto os Estados representam enormes concentrações de poder, não se espere que, em sua ausência, o poder seja completamente descentralizado. Ao contrário, e é aqui que, diferentemente de uma multidão de filósofos políticos contemporâneos, apelarei para a evidência histórica – o poder não estatizante pode ser ainda mais perigoso e exploratório do que aquele de muitos Estados”. MORRIS, Christopher W. *Um ensaio sobre o Estado moderno*. São Paulo: Landy Editora, 2005. p.31.

⁴⁴⁵ ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos: seguido de “envelhecer e morrer”*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.100.

relacionado intimamente com as percepções de espaço e território, trazendo, então, mais referências para se pensar o federalismo. Seu federalismo seria mais respeitoso em relação às necessidades ambientais, estando mais comprometido com essa visão de mundo, assim como Camillo Berneri reconhece.⁴⁴⁶

Um dos anarquistas que mais desenvolveu estas questões colocadas por Kropotkin sobre a importância da ecologia, como um fator social foi o norte-americano Murray Bookchin.⁴⁴⁷ O federalismo se manifesta na cidade que, historicamente, sempre foi refém dos Estados, numa relação de força sempre conflitante, em que os limites de um determinam os avanços do outro. O Estado e a cidade sempre nos trazem esse jogo de disputa. O “municipalismo” federalista dentro do anarquismo sempre deu seus passos, mas ganhou notório destaque com Murray Bookchin.⁴⁴⁸

Quando os anarquistas se colocam contra o Estado, logo surge a dúvida sobre a relação entre governo e Estado, como se as duas palavras fossem sinônimos tautológicos, tendo o mesmo sentido para os anarquistas que, aliás, se colocam contra um Estado e suas formas de governar e não contra qualquer forma de governo.⁴⁴⁹ Toda a forma de organização social seria um modo de governo. Bertrand Russell aponta e distingue a diferença entre Estado e governo contida em Kropotkin que, às vezes, é vítima de leituras precipitadas, que, em um primeiro momento essas ideias poderiam ser vistas de forma generalizada, depois de nos aprofundarmos em seus conceitos, acabamos descartando essas noções.

Como a maioria das coisas que os anarquistas dizem, há muito mais coisas a se acrescentar em favor desta opinião do que a maior parte das pessoas suporiam à primeira vista. Kropotkin, que é o seu mais hábil expoente, assinala o quanto já se conseguiu mediante o método do livre acordo. Não deseja ele a abolição do governo no sentido das decisões coletivas: o que ele deseja abolir é o sistema pelo qual uma decisão é aplicada compulsoriamente sobre aqueles que a ela se opõem.⁴⁵⁰

Para Bertrand Russell, Kropotkin e, sucessivamente, os anarquistas, contribuiriam para uma formalização social absorvida pela noção de liberdade em seu significado social, atitude, muitas vezes ignorada, pois iria à contramão de muitas teorias preocupadas em dismantelar essas demandas. Quando o pensador anarquista russo se remete às relações de acordos coletivos, muitas vezes suas expressões são analisadas como se ele fosse contra uma

⁴⁴⁶ BERNERI, Camillo. *Humanismo y anarquismo*. Madri: Catarata, 1998. p.52.

⁴⁴⁷ BOOKCHIN, Murray. *The ecology of freedom: the emergence and dissolution of hierarchy*. United States of America: Cheshire Books. 1982.

⁴⁴⁸ BOOKCHIN, Murray. *Textos dispersos*. Lisboa: SOCIUS, 1998. p.33.

⁴⁴⁹ CAPPELLETTI, Angel J. *El pensamiento de Malatesta: idealismo ético y socialismo libertário*. Montevideo: Ediciones Recortes, 1994. p.76.

⁴⁵⁰ RUSSELL, Bertrand. *Caminhos para a liberdade*. São Paulo: Companhia Nacional, 1955. p.133.

noção de governo, no sentido de uma sociedade organizada, seja por qual modalidade for, como se o “governo” não deveria existir, logo o conceito de anarquismo é reduzido a sinônimo de caos. Kropotkin percebe a noção de “governo” como um acordo entre as pessoas e não necessariamente fazendo críticas no sentido de promover uma sociedade sem governo algum, mas sim sem um governo específico, que estaria longe das iniciativas anarquistas. Vejamos esse apontamento por ele próprio:

Também se tem confundido o Estado com o Governo. “ Já que não pode haver Estado sem governo – diz-se frequentemente – o que se deve fazer é abolir o governo e não o Estado”. Parece-me, não obstante, que, no Estado e no Governo, temos duas noções de ordem diferente. A ideia de Estado significa uma coisa muito diversa da ideia de governo. A ideia de governo compreende não somente a existência de um poder colocado muito acima da sociedade, mas também uma concentração territorial e uma concentração de muitas funções da vida das sociedades nas mãos de alguns indivíduos.⁴⁵¹

Estado e governo seriam instâncias diferentes, embora tenham suas raízes mergulhadas nas relações de poder. Kropotkin tenta nos colocar o anenúbio dessa relação fina e complexa, sem perder a precisão necessária para entender que o governo pode existir sem Estado, mas o Estado não pode existir sem governo: artifícios de linguagem que podem confundir nossas interpretações, fazendo-nos mobilizar sobre esse tema a partir de concepções tautológicas. O Estado, para o militante russo, foi criado com uma função específica, e não podemos alterar os fins para que ele foi criado, pois a cultura e a psicologia social que dele vieram, não possibilitam a convivência cooperativa de uma relação de poder equilibrada e amistosa. Se buscarmos viver em uma sociedade cada vez mais livre e cooperativa, teremos que abater o poder do Estado na sociedade, por meio de organizações federadas, em que a centralização não exista como diretriz fundamental.

As condições para equilibrar o poder dessas federações, de uma em relação à outra, certificam um debate permanente de descentralizações de poderes, para assim podermos estabelecer relações sem a dominação de cabresto do Estado, que muito trabalha para não deixar surgir uma federação livre. As federações podem ser mais bem regradas, para não se tornarem uma espécie de Estado menor. O Estado deixa suas garras que são impostas na história, usando uma justificativa que busca identificá-lo como o grande organizador da sociedade. Seu poder de centralização excessiva subjuga a sociedade com argumentos pouco convincentes e de um silogismo que se baseia em um mito construído historicamente, um discurso de mão única e dito como necessário para organizar a sociedade moderna.

⁴⁵¹ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. pp.9-10.

O Estado cria uma cultura coletiva com o passar dos tempos, construindo uma imagem perpetuada em alegorias, que podemos chamar de símbolos sociais construídos nesta relação entre inconsciente e consciente da população. Conforme Jung, o inconsciente coletivo é essencialmente constituído de conteúdos que passaram pelo consciente e foram esquecidos ou reprimidos, sendo assim, essa cultura se manifesta em nossas sociedades.⁴⁵² Kropotkin percebe as raízes do Estado, em sua cultura moderna, em pontos muito próximos das abordagens colocados por Jung, em relação a sua construção explicativa do inconsciente coletivo na sociedade. Nessa pressuposição, o Estado pode ser visto como uma ação que recalca ao esquecimento as relações de liberdade direcionadas para um conteúdo coletivo, criando uma dependência a esse governo, e desenvolvendo uma falta de capacidade das pessoas de tomarem atitudes que exercitam essa prática social, onde elas se sintam responsáveis por essa movimentação. O Estado criou uma cultura que a grande maioria das pessoas e das sociedades, ligadas a ele, se acostumou com sua intervenção e habilidade para executar decisões. Kropotkin argumenta nesses mesmos termos de Jung, mas perpetuando um conteúdo diferente, no caso, a cultura psicológica cultivada pelo Estado, onde muitas vezes não percebemos estar utilizando essas categorias e legitimando-as de forma inconsciente.

Podemos, também, exemplificar algumas dessas características, na sociedade e na cultura de um povo, sendo estabelecidas conforme sua relação com o Estado. A história de uma nação pode ser explicada, em grande parte, devido ao seu entendimento e assimilação do Estado. No caso dos Estados europeus, no período moderno, a sociedade nasce contra o Estado, até o momento da burguesia se apossar por parte dele. A sociedade tenciona o Estado nesse caso, se ressaltarmos a leitura que Ernst Cassirer faz sobre esses fenômenos.⁴⁵³ Um processo diferente, seria o caso dos Estados Unidos da América, aonde a sociedade nasce antes do Estado, criando um elo federativo nessa cultura. Autores como Leandro Karnal e Sean Purdy e ainda outros nos orientam nesse sentido sobre a história desse país.⁴⁵⁴ Em outro processo, completamente distinto, situamos o caso do Brasil, através de Boris Fausto; podemos dizer que a sociedade brasileira vai se construindo através do Estado, criando uma postura aonde o povo, no fundo, não se reconhece como sociedade, pois devido a escravidão e outros processos, não se percebe como agente ativo, apenas como espectador, devido sua construção social ter sido sempre distante dos meios que constroem seu país.⁴⁵⁵ Conforme

⁴⁵² JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.53.

⁴⁵³ CASSIRER, Ernst. *O mito do Estado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

⁴⁵⁴ KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estavam; MORAIS, Marcus Vinícius de. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

⁴⁵⁵ FAUTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.

Antônio Carlos Wolkmer, nesse último caso, (ainda sobre o Brasil) o Estado exclui a sociedade deturpando sua noção de justiça. Desse modo, o direito penal que estabelece a referência ao direito civil, criando uma lógica autoritária e punitiva como forma de governar. O Estado quando não operado dentro desse processo, acaba sendo uma instituição que passa a ser assaltada pelos grupos que não tem nenhum compromisso com o governo ou com a sociedade brasileira.⁴⁵⁶ As dinâmicas aqui colocadas, situam um pouco quais as relações que o Estado estabelece com a sociedade, conforme as determinações que ele solicita e estimula. Os pontos teóricos de Kropotkin em seu livro *O Estado e seu papel histórico*,⁴⁵⁷ perpassam e envolvem grande parte dos fenômenos sociais, em seu formato histórico e teórico, apresentado nessas rápidas ilustrações referenciadas nesse mesmo parágrafo.

O Estado nunca absorveu a totalidade da vida social e histórica da sociedade, Kropotkin buscou fazer uma história e uma interpretação do Estado que evidenciam essas problemáticas, deixando esses caminhos a serem trilhados. Esses seriam passos articulados por Murray Bookchin, quando pensa o seu municipalismo libertário, na esteira da tradição anarquista e das concepções de Kropotkin, para se pensar o século XXI.⁴⁵⁸ O pensador anarquista russo aponta que no futuro, para uma liberdade social e humana, as comunas federativas podem ser um grande exemplo contra a centralização excessiva, com que nossas sociedades atuais se acostumaram a viver.⁴⁵⁹

O autor acaba percebendo que os Estados foram os grandes reguladores da história nos séculos passados, e que do século XX, em diante, atravessaríamos um momento de grandes guerras, como de fato foi, e que essas guerras assolariam os Estados e principalmente os povos submetidos a eles. Em certo momento isso foi verdade, se acompanharmos as duas grandes guerras até a metade do século XX na Europa. Kropotkin acerta o alvo em seus prognósticos, como possibilidades para um futuro próximo da Europa, anunciando as possíveis guerras, entre uma ou duas, em uma história que, provavelmente, assim poderia incidir.⁴⁶⁰ No entanto, a teoria de apoio mútuo do militante anarquista russo, tem funcionado, nestes casos, também, a favor do desenvolvimento dos Estados, para se construírem e se reforçarem uns aos outros, em certa medida.

⁴⁵⁶ WOLKMER, Antônio Carlos. *História do direito no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

⁴⁵⁷ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000.

⁴⁵⁸ BOOKCHIN, Murray. *Municipalismo libertário*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.18.

⁴⁵⁹ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.100.

⁴⁶⁰ “As guerras e os armamentos matam os Estados; aceleram sua falência moral e econômica. Mais uma ou duas grandes guerras e darão o golpe de misericórdia nestas máquinas desajustadas”. Ibidem. p.30.

O revolucionário, escritor e militante russo, nos mostra que depois dessas catástrofes dos Estados vieram os recomeços, e dentro dessas iniciativas existem um fator que pode possibilitar o começo de uma vida social nova. Kropotkin anunciava que cada vez mais os Estados iriam mostrando suas falhas, ajudando a humanidade a perceber que seria necessário criar novas formas de governo em seu lugar, em que as escolhas desses caminhos estariam nas mãos da humanidade, dentro de horizontes abertos.⁴⁶¹

⁴⁶¹ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.94.

2.2. Uma ciência contra o cientista

Kropotkin interpretou a ciência de seu tempo e a própria noção de história da ciência, vinculado às transformações de seu contexto. Para ele a ciência é uma forma de organizar e auxiliar a vida comum no mundo e na natureza, e seus estudos científicos vieram ao encontro de seu posicionamento político, proporcionando ao anarquismo uma maior consistência teórica. O pensador anarquista pôde “sistematizar” um pensamento que necessitava de uma visualização organizativa. Muitas de suas ideias forneceram o embasamento intelectual necessário para justificar as reivindicações dos militantes anarquistas. Não que os movimentos anarquistas ficassem dependentes de suas orientações, mas a partir de suas ideias os anarquistas poderiam ter uma teoria delineada em moldes ainda não trabalhados.

Os anarquistas do final do século XIX e no princípio do século XX, ganharam definições conceituais que o movimento anarquista muito precisava. Kropotkin pôde trazer não só novas interpretações, como fornecer um vocabulário novo para o discurso anarquista, ao analisar o problema das relações do indivíduo com a sociedade, um dos temas mais custosos entre os libertários.

Kropotkin considerou que o comunismo e o anarquismo eram fenômenos sociais que se completavam mutuamente, não existindo nenhuma incompatibilidade entre eles, diferentemente de Proudhon e Bakunin que buscavam se afastar das nomenclaturas “comunistas”. Por isso, e dentro dessa perspectiva, o autor defendeu a fusão dos princípios das duas doutrinas como sendo a melhor solução para a sociedade, utilizando a ciência como uma lacuna para essas considerações. Ao adotar tal postura, tornou-se um dos mais importantes e conhecidos teóricos de uma nova corrente libertária, que passou a ser denominada de comunismo libertário e anarco-comunismo.⁴⁶²

No início do século XX, os programas políticos precisavam estar ancorados em uma posição científica do mundo, devido à forte influência da noção de progresso inserida no século XIX. Marc Ferro nos coloca que esses programas políticos, no começo do século XX, pretendiam se apoiar naquilo que ficou conhecido como o socialismo “científico” de Marx e o anarquismo de Kropotkin.⁴⁶³ Todas as posições que buscavam se colocar como um discurso

⁴⁶² VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e anticlericalismo*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.32.

⁴⁶³ FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.403.

mais delineado e preciso ancoravam-se em noções da ciência, para dar as suas ideias um poder maior, em busca de uma credibilidade pública e de conhecimento formulado. Situações que eram muito mais necessidades de uma atuação da época, do que uma mera escolha pessoal em defesa do cientificismo.

Hegel, no começo do século XIX, já havia chamado atenção para a necessidade de fazer da filosofia uma atividade séria e que para isso ela deveria se situar no campo da ciência, como maneira de se organizar, para fugir dos preconceitos e descréditos que determinados saberes sofriam, por não estarem procurando se afirmar sob uma precisão lógica necessária.⁴⁶⁴ Ou seja, era preciso criar um conhecimento que oferecesse soluções a esse problema, pois o pensamento científico tinha colocado esse desafio sobre todas as formas de saber daquela cultura anunciada, onde o pensamento não poderia mais se construir por si só, ele precisava ter um modo de se pronunciar que levasse em consideração mais sua forma de expressão do que somente se preocupar em desenvolver um conteúdo interno organizado.

A questão das evidências, do método, colocada por Descartes no século XVI, e outros autores, expressavam um aprofundamento desse procedimento. Um processo que levou o século XIX a criar passos decisivos para estabelecer algumas das definições mais importantes de muitas disciplinas que conhecemos hoje, diante de suas especializações e afastamentos de um campo sobre o outro, em grande medida, todos esses aspectos, fazem parte das consequências desses fatos históricos. Portanto, o saber não poderia mais se sustentar sobre si mesmo, ele precisava de meios para se afirmar e se consolidar. Aqui, nesse contexto, temos a gênese recente desse processo histórico, que tem como preocupação fazer a “verdade” ficar subordinada aos círculos que ela estabelece sobre si mesma. Dessa forma, essa veracidade cria a sua essência, sua credibilidade, um neologismo, e ao mesmo tempo uma construção antropológica. Uma tradição que retoma novos aspectos dessa história da retórica e da força do discurso, onde agora a ciência também fazia parte disso, no entanto, eram problemas antigos que vieram da Grécia de Aristóteles⁴⁶⁵ e de Cícero⁴⁶⁶ em Roma; atitudes essas que começam a ser revisitadas, anunciando novas concepções de mundo.

A disputa ideológica, sendo colocada em termos notórios e políticos obrigava a todos que se inserissem no debate público, da época, a se colocar por meio desses desdobramentos. Habermas observa essas movimentações construídas do século XIX em

⁴⁶⁴ HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. São Paulo: Vozes, 2002. p.67.

⁴⁶⁵ ARISTÓTELES. *El arte de la retórica*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

⁴⁶⁶ CICERÓN. *La invención retórica*. Madrid: Gredos, 1997.

diante, de sorte que essas narrativas se manifestavam em um discurso de autoridade bastante significativo, pois a legitimidade pública acabou sendo o espaço que avaliava esses determinados conhecimentos, condicionando-os e dando seu formato valorativo.⁴⁶⁷ Eram essas as condições que o povo formulava suas orientações, sendo estimulado a acreditar nos formadores de opinião.

A noção de progresso foi uma caracterização que orientou a maior parte dos pensadores e cientistas do século XIX. O progresso para Kropotkin era uma completa abolição de toda uma autoridade pautada sobre o princípio da “governabilidade” representativa. A ciência, sendo articulada pelo capitalismo, não seria uma manifestação de progresso, pois para o escritor russo sua noção de progresso está ligada aos modos de vidas e estruturas que anunciam o desenvolvimento da cultura e possibilidades do povo, para criar sua emancipação em valores libertários. Todo esse processo de controle, que se impôs sobre o mundo, a partir do século XVI em diante, por meio da sociedade ocidental moderna, no caso, um exercício de dominação, acabou diminuindo a liberdade coletiva dos trabalhadores e das trabalhadoras, e das relações sociais entre os diversos grupos, onde todos ficam a serviço dessas forças autoritárias.⁴⁶⁸ Até mesmo aqueles que queriam romper com esse modelo social, buscavam no autoritarismo o único caminho para libertar a sociedade, já que todas as formas de acumulação moderna, construídas por essa cultural material e social, estariam ligadas e articuladas em um processo de expropriação forçada, que trazia certo privilégio a seus agentes e descendentes.⁴⁶⁹ Lembramos que Marx reconhecia que todo esse acúmulo que proporcionou o surgimento do capitalismo, no caso, as suas revoluções industriais e burguesas, estavam ligadas ao processo de colonização e escravidão sobre outros povos, atividades que lançam os europeus como protagonistas, em seu sentido material, que acabou acomodando todas essas forças produtivas sobre as mãos de poucos. Em Marx, no livro *O Capital*, no capítulo XXIV, sobre a chamada “acumulação primitiva”, têm algumas dessas posições em sua explanação mais sólida.⁴⁷⁰

Kropotkin seria um dos primeiros pensadores daquilo que mais tarde foi chamado de teoria das ciências ou epistemologia. Não podemos buscar o essencial por meio de uma generalização, mas podemos depositar sobre ela, neste momento, uma materialização em

⁴⁶⁷ HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. pp.193-194.

⁴⁶⁸ KROPOTKIN, Peter. *A questão social o humanismo libertário em face da ciência*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre. p.160.

⁴⁶⁹ Ibidem. p.162.

⁴⁷⁰ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política, volume I tomo II*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

forma de conhecimento aproximado. O conhecimento tem por característica uma tendência a classificações. Para Bachelard a organização sistemática do conhecimento caminha e se apresenta no exercício da explicação, trazendo seus limites e ganhos em nosso esforço, na busca dos saberes, principalmente quando ele nos oferece sua forma de aplicação.⁴⁷¹ As ideias de Kropotkin tinham uma metodologia bastante complexa, fazendo com que ele permanecesse sempre em contato com o pensamento científico em forma de debate e avaliação. Com Kropotkin o anarquismo pôde ser mais bem entendido, tornando-se mais acessível e instigante. O militante russo era um pensador que fazia até mesmo seus adversários, a ter que reconhecer suas posições.

O certo é que o anarquismo nunca teve, entre os intelectuais, uma atração comparável, digamos, ao marxismo, nem sequer antes da revolução de Outubro. Com a exceção de Kropotkin, não é fácil imaginar um teórico que pudesse ser lido com verdadeiro interesse por não anarquistas.⁴⁷²

Embora Hobsbawm, nessa leitura, exagere as desqualificações feitas ao anarquismo, acaba ele não ignorando a envergadura de Kropotkin naquele contexto. Ao contrário do que via Hobsbawm, uma conferência proferida por José Carlos Mariátegui, em 13 de julho de 1923, na sede da *Federação de Estudantes*, no *Palácio de Exposições*, na cidade de Lima no Peru, sobre a Revolução Russa, reconhecia a forte influência dos anarquistas no proletário industrial, com focos centrais nas intelectualidades desses grupos, já que a Rússia obtinha uma longa tradição intelectual anarquista e niilista.⁴⁷³ Mas se de um lado o anarquismo não tinha uma envergadura que chamasse a atenção dos intelectuais, como salienta Hobsbawm, quanto programa político, muito disso se dava pelo fato de que os próprios intelectuais partilharem das posições que no marxismo seus interesses de “classe” estavam mais garantidos e reconhecidos. É claro que observando isso sobre o ponto de vista de que a classe média se identifica muitos mais com o espírito da burguesia do que da classe proletária, que essa análise pode ser feita. Embora saibamos que grande parte de uma “militância” organizada venha de uma suposta classe intermediária ou média, mas esses pequenos grupos não podem ser os representantes dessas classes, de maneira hegemônica, pois muitos daqueles que decidem o jogo político e histórico, em suas demandas, participam poucos dessas posições de destaque e liderança. Vendo a questão por essa ótica, por uma

⁴⁷¹ “Não podemos pensar em reabrir a discussão sobre a indução. Aliás, o assunto que estudamos não está indissolivelmente ligado ao problema metafísico da legitimidade desse raciocínio. Só nos incumbe determinar o gênero de certeza que a indução pode oferecer no momento de sua aplicação”. BACHELARD, Gaston. *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Rio de Janeiro: ContraPonto, 2004. p.129.

⁴⁷² HOBBSAWM, Eric J. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973. p.91.

⁴⁷³ MARIÁTEGUI, José, Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.60.

interpretação do apoio mútuo, em um de seus lados: quem decide sobre os desdobramentos da sociedade é quem pouco participa de sua vida ativa e não ao contrário como gostaríamos. Temos então uma relação de força onde quem pouco se envolve, não deixa de participar, mas compartilha sob outro tipo de energia participativa, e seria esse um desses arremedos que se constitui o conceito de apoio mútuo em Kropotkin, mostrando assim sua capacidade explicativa diante da realidade social e histórica.

Quando Marx reconheceu a capacidade revolucionária da burguesia, isso de tal forma mostrou que os burgueses seriam bem recebidos, se se somassem em suas fileiras comunistas, tendo cargos e uma valorização bastante importante diante dos processos de mudança social. A burguesia cria as condições para a revolução em Marx. Temos aqui um elogio feito à burguesia. Segundo Marshall Berman, esse seria o motivo que explica certa excitação e entusiasmo de Marx, no *Manifesto Comunista*, pelo mundo criado pela burguesia.⁴⁷⁴ Para Marx a burguesia cria as condições de sua ruína, sendo superada pelo proletariado, mas em Marshall Berman a burguesia aprende a neutralizar essa destruição de si mesmo, manipulando essa destruição e a colocando sobre o proletariado, em seu desenvolvimento final, não a vendo superação dessas condições. Marx estava envolvido num esquema que envolve: antigo regime que é superado pelos burgueses, que criam o proletariado, que se insurgi contra os burgueses, a dialética, o funcionamento do negativo na história. Reconhecer um fato não precisa fazer você legitimá-lo. Bakunin assim viu as decorrências desse vacilo sutil da teoria marxiana.⁴⁷⁵ Onde nesse sentido, podemos dizer que o marxismo não é Marx e acabou sendo “distorcido” ou tomando outro rumo, pois se vangloriava em chamar mais atenção dos intelectuais do que do povo, revelando um tom elitista e vanguardista em suas posições, que sendo assim facilitavam um caminho próximo aos métodos conservadores e liberais, em sua busca de organizar a sociedade de cima para baixo ou do meio para cima.

O anarquismo sempre esteve naquele contexto, muito mais inserido no meio do povo e se colocava entre o povo, mesmo quando eram pessoas de classes mais privilegiadas, como é o caso de Kropotkin por exemplo. De outro lado, o anarquismo estava cumprindo uma de suas estratégias, que se vinculam à construção de um movimento de baixo para cima. O

⁴⁷⁴ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Schwarcz, 1986. pp.96-97.

⁴⁷⁵“Os marxistas professam ideias totalmente contrárias. Eles são adoradores do poder do Estado, e necessariamente também os profetas da disciplina política e social, os campeões da ordem estabelecida de cima para baixo, sempre em nome do sufrágio universal e da soberania das massas, às quais reservam a felicidade e a honra de obedecer a chefes, a mestres eleitos.” BAKUNIN, Mikhail. *Escritos contra Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001. p.8.

intelectual pode fazer parte desse processo, mas os anarquistas não apostavam todas as suas fichas e nem toda a carga da transformação social em cima dos intelectuais. Homens eruditos como Kropotkin, estavam cientes dessas práticas para dentro do anarquismo, mesmo sendo ele um homem de grande influência e envergadura, tanto teórica quanto de prática militante, assim como Juan Carlos Mechoso nos salienta.⁴⁷⁶

Nesse contexto, e sobre essas temáticas de envergadura intelectual, os anarquistas foram um dos primeiros grupos a denunciar essa característica na cultura do socialismo russo, que pregava esse ideário que privilegiava os intelectuais tanto no processo de uma revolução, como também sendo eles os grandes orientadores da sociedade. Ideia essa, que tinha como pretensão colocar os intelectuais acima da sociedade. Um vanguardismo político indispensável para a luta revolucionária; e seriam nessas condições que era visto o papel dos intelectuais.

Jan Waclaw Machajski fez um relato crítico a essa cultura, um pouco antes da Revolução Russa, do papel do intelectual na política e na sociedade russa como um todo, denunciando essas características intrínsecas dos movimentos revolucionários da época.⁴⁷⁷ Essa busca por um partido que representasse uma inteligentíssima de classe e de cultura, do ponto de vista dos anarquistas, essas condutas eram efetuadas tanto pelos bolcheviques quanto pelos menchevisques; movimentos que desencadearam e possibilitaram um surgimento de personagens como Lênin e Trostky. No caso, eram essas manifestações, uma consequência direta diante desses fenômenos sociais e históricos na Rússia daquele período.

Paul Avrich, quando relata a história dos anarquistas na Rússia, colocou que os anarquistas tinham uma desconfiança profunda sobre esses sistemas racionais para fazer política e de modelo geral para organizar a sociedade, naquilo que consistia um exercício de dominação e elitização dessas demandas.⁴⁷⁸ Kropotkin era contra essa conciliação entre intelectual e ciência, ele preferia a dualidade que anunciava: a ciência junto do povo, a ciência vinculada à sociedade, não atrelando o conceito de ciência a um grupo ou uma classe específica. Temos aqui uma ciência contra o conceito de cientista. Entretanto, Kropotkin acabou sendo estigmatizado como um defensor da ciência. Embora o pensador anarquista fosse bastante respeitado, muitos o interpretaram e o viam como um promulgador do

⁴⁷⁶ Sobre Kropotkin: “(...) Também não é correto dizer que ele foi uma pessoa que se dedicou somente ao trabalho intelectual, de pesquisa e não ao trabalho comprometidamente militante (...)”. MECHOSO, Juan Carlos. *A estratégia do especificismo: entrevista a Felipe Corrêa*. São Paulo: Faísca, 2015, p.29.

⁴⁷⁷ SHATZ, Marshall L. *Jan Waclaw Machajski: a radical critic of the Russian Inteligencia and socialism*. Steven. sep. 22, 2010: 10:53. Lib.com.org.

⁴⁷⁸ AVRICH, Paul. *The Russian Anarchists*. Libcom.org. pp.91-92.

cientificismo, colocando em dúvida suas ideias, ainda que muitas vezes essas mesmas ideias fossem defendidas por esses mesmos anarquistas. Essa característica pode ser vista como um ponto positivo na história do anarquismo, pelo fato de se preocupar com os exageros que essas teorias científicas podem nos trazer. De outro lado, essas intenções podem ter prejudicado o anarquismo como um todo, pois negar uma posição por meio de um negativismo antecipado, pelo simples fato dela ser uma disposição ancorada na ciência, também poderia fazer o anarquismo se isolar e não conseguir colocar em termos vivos suas críticas sociais, numa sociedade cada vez mais industrializada e científica.

O historiador Carrol Quigley, adverte que os eventos que influenciam um acontecimento são tão numerosos, que qualquer esforço e pretensão de tentar destacar um ponto científico sobre um todo, acaba correndo um risco de violentar tal atributo.⁴⁷⁹ E é nesse sentido que a ciência tenta se distanciar da metafísica. Essa interpretação, que busca evitar exageros sobre a capacidade do anarquismo de se tornar um reduto seguro, sempre foi uma conduta dos próprios anarquistas de modo geral, uma posição complexa. Extrair a questão por essa lógica, o anarquismo como concepção teórica, não é ciência, mas está mais perto de uma posição “científica” do que metafísica, se levarmos em consideração as passagens de Carrol Quigley. Quando pensamos o anarquismo tentando resolver seus problemas internos e externos, dando preferência a esse movimento, ao invés de ficar simplesmente tentando aplicar toda uma concepção de mundo embasada em um ponto de partida somente, que essas posições podem ser conjecturadas. Isso se considerarmos que seus autores clássicos deixaram material para tanto, como Proudhon, Bakunin, Kropotkin e Reclus. É como pensar as ciências sociais sem as participações de Durkheim, Marx e Weber, embora estas ciências não sejam dependentes deles, ela é impensável sem eles. A capacidade que define a contribuição de um autor de virar ciência não são seus propósitos, mas sim a seriedade que seu trabalho comove, nos outros, pois o legado científico é desenvolvido conforme os interesses sobre ele e os esforços extraídos sobre o mesmo.

No entanto, essas dificuldades dos anarquistas, para expressar suas convicções, poderiam afastar o anarquismo tanto das classes privilegiadas quanto do próprio povo, que cada vez mais buscou no século XX, uma emancipação por meio do mundo letrado e da alfabetização. Atributo, esse, intrínseco da sociedade ocidental, que é caracterizada simbolicamente como a cultura e o “povo do livro”, tendo nesse processo uma mobilização bastante desenvolvida no período moderno, para focalizar o exercício da cidadania na

⁴⁷⁹ QUIGLEY, Carrol. *A evolução das civilizações*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1963. p.16.

sociedade contemporânea. Esses processos podem ser situados por Max Weber⁴⁸⁰ e Norbert Elias.⁴⁸¹ Temos de um lado o sentido de uma racionalização contínua e de outro o movimento civilizatório.

No século XX, autores que não estão exatamente ligados ao anarquismo desenvolveram e conseguiram fazer com que problemas sociais intrinsecamente “anarquistas” fossem discutidos na sociedade: problemáticas colocadas em termos que os anarquistas jamais tinham colocado, como no caso do estudo do poder assentado por Michel Foucault.⁴⁸² O anarquismo, talvez por causa de seu rechaço ao “intelectualismo”, em saber dos limites dessa forma de pensar e da falta de oportunidades que a própria sociedade lhes negava, já que academia nunca foi um espaço único e necessário em que os anarquistas pudessem colocar todas as suas apostas, para objetivar uma transformação social, isso os ajudou a se afastarem cada vez mais dessas formulações doutrinárias do conhecimento contemporâneo. Ademais, muitas vezes as ideias anarquistas foram boicotadas ou vistas como um conhecimento “menor”, já que as universidades foram um dos espaços que os marxistas utilizaram para a construção de seus pensamentos. E, subsequentemente a isso, depois do recorte feito pela Revolução Russa, os anarquistas ficaram constrangidos e sentiram-se diminuídos, principalmente por um marxismo ortodoxo que se homogenizou como reduto último da certeza do pensamento socialista e de “esquerda”, uma espécie de síntese ao estilo hegeliano.⁴⁸³ Onde as propostas revolucionárias obtiveram a partir da Revolução Russa o único caminho a ser seguido, um exemplo histórico das teorias socialistas que conseguiram prosperar, nos trazendo resultados satisfatórios. Um socialismo científico. Vejamos como podemos fazer a leitura sobre esses pressupostos sugeridos aqui por Michel Foucault:

No sería necesario interrogarse sobre la ambición de poder que comporta la pretención de ser una ciencia? Las preguntas a hacer serían entonces muy diferentes. Por ejemplo: ‘Que tipos de saber queréis descalificar cuando preguntáis si es una ciencia?’ ‘Que sujetos hablantes, discurrentes, qué sujetos de experiencia y de saber queréis reducir a la minoridad cuando decís: ‘Yo, que hago este discurso, hago un discurso científico y soy un científico?’’, Qué vanguardia teórica-política queréis, entronizar para separarla de todas las formas circulantes y discontinuas de saber?’ Cuando os veo esforzaros por establecer que el marxismo es una ciencia, no pienso precisamente que estéis demostrando de una vez por todas que el marxismo tiene una estructura racional y que sus proposiciones son el resultado de

⁴⁸⁰ WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

⁴⁸¹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização Volume II*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

⁴⁸² FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁴⁸³ Em Hegel, segundo Thadeu Weber: “A história, no entanto, tem uma direção. As diferentes modalidades do espírito revelam seu nexo causal imanente. Tudo que acontece deveria acontecer. A repetição é nesse sentido a grande lição necessitarista da história”. WEBER, Thadeu. *Hegel: liberdade, Estado e história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p.227.

procedimientos de verificación. Para mí estáis haciendo otra cosa. Estáis atribuyendo a los discursos marxistas y a los que los sostienen aquellos efectos de poder que Occidente, desde el Medioevo, ha asignado a la ciencia y ha reservado a los que hacen un discurso científico.⁴⁸⁴

O discurso marxista muito foi refém dos atributos de poder, dependente das relações intrínsecas desse fenômeno, não buscando argumentar contra seus oponentes, apenas desqualificando-os como narrativa dominante, simplesmente por não estarem ancorados numa posição científica. A ciência do século XIX é muitas vezes vista como orientadora de desigualdades e de buscar uma objetividade insensata, esquecendo que a ciência é construída pelas subjetividades humanas, como assim Bakunin nos indica.⁴⁸⁵

O cientificismo de Kropotkin percorre por preocupações, essas, colocadas por Foucault. Kropotkin não estaria preocupado em criar um discurso hegemônico da ciência, mas atribuir a ela uma consequência social que deve funcionar como um objeto simples para o povo e não sobre ele. Foucault tem relações profundas com o pensamento anarquista, problematizando inquietações que os anarquistas sempre tiveram em suas teorias.

Com Foucault, esses debates agora não ficam mais somente vinculados aos sindicatos e as lutas sociais, essas ideias agora foram transferidas para dentro das universidades. Entretanto, seria bom recordar que os anarquistas se identificam muito mais com o pensamento de Foucault, do que o próprio se colocaria como anarquista, assim como Salvo Vaccaro nos sugere.⁴⁸⁶ Michel de Certeau, percebe que as relações entre a ciência e a história, como práticas inseridas em problematizações de um ponto de vista crítico e efetivo, são permeadas de acidentes em construção.⁴⁸⁷ Dentro das perspectivas levantadas por Michel de Certeau, nesse ponto, podemos atentar as sobreposições que anunciam esse diálogo entre Foucault e o anarquismo, para fugirmos dos excessos dessa possível aproximação.

Para avaliar esse determinado autor, Kropotkin, é preciso haver uma inserção em dois grandes debates. De um lado o anarquismo como uma posição ideológica que traz suas

⁴⁸⁴ FOUCAULT, Michel. *Genealogia del racismo*. La Plata: Altamira, 1976. p.20

⁴⁸⁵ “Nem a ciência nem o pensamento tem existência à parte, no abstrato; eles só encontram sua expressão no indivíduo; todo homem ativo é um ser indivisível que não pode simultaneamente buscar uma verdade rigorosa em teoria e morder os frutos da mentira na prática”. BAKUNIN, Michael. *A ciência é a questão vital da Revolução*. São Paulo: Imaginário, 2009. p.51.

⁴⁸⁶ “A autoidentificação de Foucault como ‘anarquista de esquerda’, não devemos nos enganar, indica menos um reconhecimento de pertencimento a uma identidade a ser revelada que uma tensão na direção que chamaria posteriormente de ‘insurreição dos saberes sujeitos’. De resto, nas milhares de páginas que, entre livros, artigos e entrevista, compreendem os ‘ditos e escritos’, há raros traços de anarquismo e anarquistas. Por exemplo, Foucault cita uma só vez o nome de Bakunin (ao fazer uma conexão com Wagner, em uma artigo sobre a versão do *Anel de Nibelungo*, apresentada por Pierre Boulez, famoso compositor), e de Kropotkin (uma citação das Confissões de um revolucionário, assinalada por Georges Cauquilhem, seu professor e estudioso de epistemologia)”. VACCARO, Salvo. *Foucault e o anarquismo*. Rio de Janeiro: Achimaé, 1995. pp.10-11.

⁴⁸⁷ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011. p.85.

propostas teóricas, políticas e críticas em relação à sociedade moderna. O outro lado, coloca sua formação científica e o sentido em que este coloca à ciência pelo viés do anarquismo. Tentar entender Kropotkin isolando o seu pensamento político pode deslocar determinadas questões científicas, dificultando uma compreensão mais profunda de suas contribuições, pelo fato de tentar salvaguardar seus posicionamentos dentro de um percurso de neutralidade ideológica. Ou seja, estar em contato com a história do anarquismo e da história da ciência é atributo necessário para darmos passos dignos de uma orientação bem elaborada, para interpretar a relação de Kropotkin com a ciência e o próprio anarquismo. Dito de outro modo, conforme o articulista russo, o que emperrava o conhecimento científico era essa relação com o Estado e, incorporada ao Estado, a ciência se transformava mais em um exercício do Estado do que uma “ciência” propriamente dita, pois ela adotaria as regras e os limites que o Estado impõe.⁴⁸⁸

Segundo Kropotkin, existe uma elite que promove a ciência. Portanto, um programa de dominação sobre a sociedade, auxiliando um exercício que afasta as pessoas simples das grandes questões da humanidade e da forma de como gerir suas vidas.⁴⁸⁹ O Estado serviu-se da ciência, se apropriando dela não como fim, mas como meio e forma de discurso cultural dominante sobre a sociedade.⁴⁹⁰ O Estado, como nos indica Eder Silveira, nessa relação com a ciência, por meio dela e sobre ela, garante o desenvolvimento da vida social, tendo um controle de posse sobre como gerir a morte e a vida dos cidadãos.⁴⁹¹ O revolucionário russo, percebe que enquanto a ciência ficar dependente dos ricos e governantes junto do Estado, os homens da ciência irão cada vez mais neutralizar a possibilidade de uma ciência livre, pois ela assegurará muito mais um elo de dominação, do que de libertação da sociedade, afastando a anarquia e o socialismo em prol de um privilégio de minorias de cunho aristocrático.⁴⁹² E seria nesse ponto que muitos cientistas, epistemólogos e pensadores livres, acabam se aproximando do anarquismo e simpatizando com suas propostas filosóficas e sociais, pela sua capacidade crítica e revolucionária, espírito esse que se manifesta em longa escala dentro do mundo da ciência. O lado conservador e “maquiavélico” da ciência não

⁴⁸⁸ “A educação política, a ciência e o direito foram colocados a serviço da ideia de centralização do Estado”. KROPOTKIN, Piotr. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Sebastião: A Senhora, 2009. p.223.

⁴⁸⁹ KROPOTKIN, Pedro. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. p.7.

⁴⁹⁰ *Ibidem*. p.47.

⁴⁹¹ “A voz da ciência deixava a vida nua do cidadão nas mãos do Estado, que, à medida que incorporasse o diagnóstico da ciência, poderia eliminar as “vidas indignas de serem vividas” sem que isso fosse considerado homicídio”. SILVEIRA, Eder. *A cura da raça*. Passo Fundo: UPF, 2005. p.37.

⁴⁹² KROPOTKIN, Peter. *A questão social: o humanismo libertário em face da ciência*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre. p.29.

existe em sua essência, mas se coloca por sua definição anunciada pelo capitalismo e o Estado.

Em Kropotkin o apoio mútuo trabalharia contra uma elitização da ciência. As sociedades se desenvolveram na história sem ter exatamente povos “escolhidos” no sentido de culturas melhores do que outras, esquecendo que a ciência nos mostra justamente ao contrário, que essas sociedades se desenvolveram de forma diferente, mas que todas buscavam suas bases no apoio mútuo como maneira de desenvolver sua cultura de sobrevivência.⁴⁹³ Lévi-Strauss, mais tarde iria desenvolver essas ideias que foram colocadas pelo escritor anarquista russo, onde as culturas por mais distantes que fossem jamais desenvolveram uma diversidade tão ampla de sociedades, sem ter um elo que mantivesse certo laço social e troca cultural.⁴⁹⁴ O apoio mútuo de Kropotkin daria sentido a essas passagens, quando vamos pensar o desenvolvimento da ciência e seu legado que pertence à humanidade. Embora existam certas concepções que buscam defender certo determinismo geográfico, para sustentar tanto posições “racistas”, como anunciar a ciência enquanto patrimônio de um dito continente somente.

Essas passagens de Kropotkin sobre a ciência tem um conteúdo revolucionário, na maneira de entendê-la. O conceito de revolução poderia, também, exercer uma contribuição para a ciência, criando e fundamentando a necessidade de se renovar. Assim sendo, uma ciência que pudesse romper com padrões estabelecidos pela própria sociedade de sua época.⁴⁹⁵

Ao mesmo tempo que uma nova visão de conjunto, uma nova filosofia elabora-se nas ciências, vemos elaborar-se também uma concepção da sociedade inteiramente diferente das que prevaleceram até nossos dias. Sob o nome da anarquia surgiu, ao mesmo tempo que uma interpretação nova da vida passada e presente das sociedades, uma previsão de futuro, concebida da natureza de que acabo de falar. A anarquia apresenta-se como uma parte integrante da nova filosofia, e é por isso que, num grande número de pontos, há concordância entre o anarquista e os maiores pensadores e poetas da época atual.⁴⁹⁶

Kropotkin vislumbra que a ciência, em seu contexto, estava prestes a elaborar novos caminhos para a humanidade, e o anarquismo fazia parte desses novos fenômenos sociais que influenciam a sociedade. Kropotkin via uma porta aberta para que esses conhecimentos abrissem passagem para uma nova ciência. Em outras épocas tínhamos outros autores, na história moderna, que buscavam perceber este tipo de caminho e essa forma de

⁴⁹³ Ibidem. p.76.

⁴⁹⁴ LEVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. Portugal: Presença, 2003.

⁴⁹⁵ KROPOTKIN, Pedro. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. p.89.

⁴⁹⁶ KROPOTKIN, Peter. *A anarquia sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.28.

“otimismo”, que anunciavam orientações para novas formas de ver e fazer uma “ciência nova”, e que dentro dela se estabelecesse um conhecimento em seus vários enfoques, como é o caso de S. Vico, que obtinha esse mesmo tipo de disposição em seu pensamento.⁴⁹⁷

Kropotkin percebe que o anarquismo estaria em diálogo com várias facetas da sociedade, como um pano de fundo adormecido. E subsequentemente a isso o anarquismo, em relação aos desenvolvimentos científicos, estaria ele em constante entrelaçamento, com alguns princípios que privilegiam as posturas que fazem as rupturas de conhecimento, ao estilo de Bachelard, se dirigirmos à questão por esse sentido.⁴⁹⁸

Todas essas questões estavam aflorando o contexto em que Kropotkin estava inserido, e como homem da ciência poderia percebê-la como um movimento da sociedade, pois ele negava que a ciência fosse um atributo desvinculado da sociedade como uma manifestação de minorias privilegiadas. A ciência seria um lugar das pessoas do povo e das transformações da humanidade, sendo muito mais um legado da sociedade do que dos especialistas. O revolucionário russo fazia questão de não separar as noções de consumidores e produtores, e de trabalho manual e trabalho intelectual.

A ideia de apoio mútuo em Kropotkin releva seus posicionamentos sobre a ciência, que no caso é uma construção tanto do povo como de todos os povos promovendo assim uma ciência “híbrida”, numa troca contínua de culturas, promovendo uma tradição unificada. A ideia de uma ciência, de cunho híbrido e mestiça foi desenvolvida por Michel Serres, no sentido crítico em relação às pretensões de uma ciência ocidental, em sua pureza cultural que manifesta seu exercício de dominação.⁴⁹⁹ A ciência para o escritor russo era um legado da ajuda mútua em todos os meios sociais possíveis, um legado arquitetado pela humanidade. A ideia de Kropotkin de apoio mútuo, nesse ponto, dialoga com a noção de ciência mestiça de Michel Serres.

Todas essas transformações no campo da ciência constituíam mais do que uma motivação deslumbrada, eram caminhos anunciados, em que os homens e mulheres teriam que ver como abraçar esses condicionamentos. Todas essas descobertas, na ciência, no começo do século XX, eram vistas por Kropotkin como uma grande ruptura com as noções de ciência dos séculos passados. O debate sobre o fim da matéria, em seu conceito, onde a matéria não existe como colocou Henri Poincaré, e uma abertura cada vez mais precisa em

⁴⁹⁷ VICO, Giambattista. *Princípios de (uma) ciência nova*. São Paulo: Editora Abril, 1979.

⁴⁹⁸ BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2010. p.205.

⁴⁹⁹ SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1993.

relação ao campo da subjetividade, no caso, as abordagens que desafiavam o pensamento científico da época.⁵⁰⁰ Hipóteses científicas que vão se confirmando para Bachelard logo depois poder afirmar: para o microfísico, tocar um corpo é tão metafórico quanto tocar um coração.⁵⁰¹ Sendo que o ápice desses fenômenos pode ser observado nas primeiras teses, que anunciavam a teoria da relatividade de Albert Einstein já em 1905.⁵⁰² Ou seja, a ciência não seria somente uma manifestação da doutrina, mas do método em nome da subjetividade e do esforço de estabelecer fontes seguras para definições “verdadeiras”, um pensamento sempre em construção e provisório.

O entusiasmo dessas descobertas, em certa medida, eram os pontos de ruptura que motivavam Kropotkin, de ver na ciência descobertas bastante significativas. O contexto deixava bases sociais bem consolidadas para apostar nessas propostas, tanto de seu tempo como dos tempos que logo viriam no campo da ciência, em um futuro próximo. Tanto as chamadas ciências humanas como nas ciências exatas tínhamos essas construções bem materializadas. As ciências naturais eram outra aposta de Kropotkin, já que estas estavam ligadas ao estudo da natureza, e seus avanços seriam de extrema importância para ajudar a organizar a sociedade em um novo modelo social.⁵⁰³

Para esse revolucionário, o anarquismo fazia parte desse processo moderno, e sua manifestação na ciência era uma consequência bastante procedente, sendo que várias ciências estavam se desenvolvendo neste percurso, que era de ultrapassar os limites que elas mesmas tinham destinadas para si mesmas.⁵⁰⁴ Das primeiras décadas do século XX, no campo da ciência história, tivemos movimentações bastante significativas, trazendo novos desafios, na busca de estabelecer inovações e formas de colocar seus problemas. Novas aberturas foram feitas para inovações metodológicas na disciplina da história, em certa medida, pela *Escola dos Annales*, como Peter Burke acredita que tais procedimentos tenham sido alcançados em seu sentido “revolucionário”.⁵⁰⁵

⁵⁰⁰ “Um das mais espantosas descobertas anunciadas pelos físicos nos últimos anos é a de que a matéria não existe. Apressemos-nos a dizer que essa descoberta não é, ainda, definitiva”. POINCARÉ, Henri. *A Ciência e a hipótese*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. p.177.

⁵⁰¹ BACHELARD, Gaston. *A experiência do espaço na física moderna*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p.39.

⁵⁰² EINSTEIN, Albert. *A teoria da relatividade: sobre a teoria da relatividade especial e geral*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

⁵⁰³ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos revolucionários I*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.175.

⁵⁰⁴ *Ibidem*. p.169.

⁵⁰⁵ BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

Kropotkin buscava dar sentido a todas essas transformações em seus discursos. Sua formação e, mais que isso, suas escolhas pessoais possibilitaram que ele ajuizasse as ciências como parcela de um mesmo legado, sendo parte de uma mesma consciência. Edgar Morin, semelhantemente, desenvolveu tal ideia em seu livro, *Ciência com Consciência*. Esses conhecimentos sobre a ciência são articulados na busca de uma mesma consciência, para incorporar dentro de cada seguimento não uma disputa de conhecimento, entre as ciências exatas e as ciências humanas, mas nas relações que entre elas podem ser estabelecidas. Desse modo, o conceito de ciência é visto como uma atribuição que só faz sentido se for pensada como um todo. A noção e a discussão sobre o progresso se tornam uma orientação um pouco mais complexa no pensamento de Kropotkin. Desse modo, se observarmos o conhecimento através dessas considerações anunciadas por Edgar Morin: como podemos “conhecer o conhecimento”.⁵⁰⁶ Ou seja, o conceito de ciência tinha essa consciência unitária, vinculando ciências exatas e ciências humanas. Para Edgar Morin, essas duas arenas do saber estavam se equivocando em não se aproximarem, pois faziam parte de um mesmo campo. Nesse sentido, Kropotkin se constitui como um passo atual e bastante avançado para seu contexto.

De este modo, la ciencia y la filosofía nos han dado la fuerza material y la libertad mental necesarias para despertar a la vida a los hombres capaces de hacer avanzar la Humanidad por el camino del progreso común. Existe, sin embargo, una rama de la ciencia que ha quedado más atrasada que las demás. Es la Ética, la ciencia de los principios fundamentales de la moral.⁵⁰⁷

Apesar das considerações feitas por Kropotkin, que de um lado, foram identificadas como uma assertiva, que conseguiu entender os passos que a história da ciência estava dando e sua importância naquele contexto. De outro lado, essa mesma ciência não seguiu os caminhos do anarquismo comunista, instituindo uma ética para dentro da ciência da época. O Estado e o poder privado manipularam a ciência e suas descobertas na busca de sanar seus interesses particulares.

Um exemplo enigmático seria do italiano Ettore Majorana, que acabou desaparecendo e deixando cartas testamentos, que anunciavam que a física estava em um caminho equivocado e tortuoso. Ettore Majorana era físico, também engenheiro, e estava pesquisando sobre física atômica, aliás, um dos físicos mais notáveis do século XX. Muitos acreditam que seu desaparecimento teria sido porque ele percebeu o caminho monstruoso que a física teria como papel bélico e decisivo na sociedade contemporânea. O autor dedicou

⁵⁰⁶ MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p.98.

⁵⁰⁷ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net. 1945. pp.10-11.

grande parte de seus escritos, não somente a física, mas a uma denúncia crítica contundente aos abusos de poder da ciência, a corrupção, a inconseqüência ideológica e a todas as questões que levam as preocupações éticas. Etorre Majorana foi nomeado em 1937 a cátedra da Universidade de Nápole, e em 1938 seu desaparecimento misterioso é efetuado, um caso que nunca foi esclarecido. Algumas hipóteses sustentam que Etorre Majorana teria sido assassinado pelo governo de Benito Mussoluni, devido a forte repressão e conspiração que o fascismo obteve naquele período. Leonardo Sciascia acaba publicando um livro sobre Etorre Majorana que aprofunda e discute essas questões.⁵⁰⁸ Temos também um belo artigo de Gabriela Kvacek Betella (*Os rapazes da Rua Panisperna e os Centomila Majorana: os fatos e as versões literárias e audiovisual*) polemizando certas versões sobre o autor.⁵⁰⁹ Todas essas passagens colocam a urgência de um pensamento que leve para dentro da ciência categorias sociais e éticas. Portanto, Kropotkin promove essa relação tão urgente para se pensar o cientificismo e seu papel na sociedade.

Ademais, temos o exemplo de Gustave Le Bon, que desenvolveu seu pensamento sobre perspectivas raciais: sobre a eugenia e no estudo sobre o comportamento das massas, situado em áreas como a sociologia, a psicologia, e também sobre outros temas, como os setores da física. Gustave Le Bon reconhecia os avanços da indústria moderna e da ciência, mas negava qualquer avanço dessas atribuições a moldes “revolucionários”, denunciando essas posições, buscando através de seus estudos sobre a psicologia socialista, trabalhando a ciência sob uma concepção de mundo bastante conservadora, onde via que o socialismo estaria na contramão de todo o movimento científico, por ter uma orientação religiosa segundo ele. Isso se virmos à questão de um lado; em outro sentido, ele também trabalhou em cima dos limites estratégicos, que alguns movimentos socialistas deixavam florescer, no caso, quando o ideal de igualitarismo foi colocado à cima da noção de liberdade. Avaliando as consequências desse procedimento, sobre o ponto de vista psicológico do termo, ele percebeu que essa relação valorativa não apreciava uma postura de troca entre ambas às esferas, no caso, da liberdade e da igualdade, mas busca resolver tal problema hierarquizando esses fenômenos, anunciando caminhos que prejudicam a sanidade “mental” da sociedade.⁵¹⁰ Onde, se o capitalismo cultua os poderosos, os socialistas beneficiam os menos favorecidos, que buscam estabelecer uma competição ao contrário, onde os mais medíocres e miseráveis

⁵⁰⁸ SCIASCIA, Leonardo. *Majorana desapareceu*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

⁵⁰⁹ BETELLA, Gabriela Kvacek. *Os rapazes da Rua Panisperna e os Centomila Majorana: os fatos e as versões literárias e audiovisual*. Revista Fronteira Z – n° 10 – junho de 2013.

⁵¹⁰ LE BON, Gustave. *The psychology of socialism*. Ontário, Canada: Batoche Books, 2001. pp.288-289.

devem ser prestigiados, elevando o imoralismo, a ignorância, a pobreza psíquica a categoria de virtude, caminho, esse, promissor para desenvolver personagens com uma mentalidade ditatorial, e os comunistas autoritários tiveram seus ditadores; pois a ideia de igualitarismo, na ciência, não pode ser sustentada, no caso, ela pode servir a esse conceito, mas é produzida em condicionamentos dependentes da liberdade em seu desenvolvimento individual. Gustave Le Bon parte desse ponto para mostrar os limites que a mentalidade revolucionária carrega, em sua lógica interna. Gustave Le Bon “demonstra” que o anarquismo seria um pensamento que tenta dispensar todos os avanços do mundo moderno, os chamados “bons costumes” que a ordem social desse período estabelece.⁵¹¹

Gustave Le Bon tentou usar a ciência contra todo o movimento revolucionário e socialista, em grande parte de seus estudos, denunciando a psicologia interna que essas palavras, segundo ele, carregam. O militante russo combatia essas posições produzidas por autores como Gustave Le Bon. Nesse sentido, as contribuições de Kropotkin, sobre a ciência, tinham um contexto específico. Pois ele percebia que esses movimentos tentavam, se não isolar, simplesmente, afastar determinadas ideias políticas. Ou seja, Kropotkin entendia o que estava em disputa; no caso, era também uma concepção de mundo e não somente uma disputa entre escolas científicas e uma maneira de conceber a ciência. Trazendo esse formato, como ponto de vista, percebemos que Kropotkin defendeu a ciência não como um atributo gratuito e absoluto, mas como uma orientação também de luta social e não como alguns anarquistas o rotularam, como um mero otimista deslumbrado pelos avanços que a ciência proporcionava, defendendo uma ciência desarticulada de um projeto social anarquista.

Entretanto, algumas das ressalvas de Kropotkin não foram seguidas, para que a ciência se libertasse do Estado e dos grupos que a elitizavam. O contexto em que a ciência moderna se constitui foi bastante importante para defini-la, em seus significados mais atrezos e apelativos, para impor sua cultura sobre outras concepções de mundo. O anarquismo para Kropotkin, poderia ser um novo elemento para o debate científico, contribuindo para sua construção,⁵¹² pois a ciência parecia ter um sentido bastante satisfatório se tivesse uma ética anarquista, para poder sugerir um horizonte para a liberdade naquele contexto.

O anarquismo poderia contribuir para construir a teoria da ciência e seus desafios. Kropotkin reconhecia que tanto a ciências quando as filosofias de sua época, estavam presas

⁵¹¹ LE BON, Gustave. *The psychology of Revolution*. Ontário, Canada: Batoche Books, 2001. p.180

⁵¹² KROPOTKIN, Piotr. *Anarco-comunismo: sus fundamentos y principios*. Madri: Tierra de Fuego/ La Malatesta Editorial, 2010. p.21.

em concepções que não deixavam muitas possibilidades para poder surgir caminhos satisfatórios, capazes de promoverem avanços sociais e éticos para a humanidade. Diante destas condições os anarquistas teriam um grande desafio. Vejamos:

O anarquista vê-se, assim, forçado a trabalhar sem descanso e sem perda de tempo em todas essas direções. Deve fazer sobressair a parte grande, filosófica, do princípio da anarquia. Deve aplicá-la à ciência, pois, por isso, ele ajudará a remodelar as ideias: ele combaterá as mentiras da história, da economia social, da filosofia, e ajudará aqueles que já o fazem, amiúde inconscientemente, por amor à verdade científica, a impor a marca anarquista ao pensamento do século.⁵¹³

Kropotkin, por mais que tivesse uma envergadura motivadora, que sempre permitia uma interpretação otimista de seus escritos no campo político do termo, parecia querer estimular não somente o anarquismo como orientação política na sociedade, mas também almejava fazer com que o anarquismo entrasse em uma disputa com as outras filosofias sociais que imperavam na sua época, para deixar sua marca no século e na história. Sendo que essas “outras” formas não iriam contribuir para a construção de uma sociedade muito digna de se ver, devido aos limites que essas instâncias carregavam. Situamos assim, o anarquismo aplicado à ciência é diferente de pensar um anarquismo cientificista.

O otimismo dessas formulações pode ser caracterizado como uma maneira de resistência e luta contra seus adversários; uma compreensão mais profunda, que percebe tais pressupostos em uma relação de forças intermináveis e que nos coloca um papel dinâmico dentro desse cenário. Assim sendo, o pessimismo pode ser uma forma de dominação tanto ideológica que neutraliza nossa capacidade de lutar e resistir, apelando para uma consciência que nos permite chamarmos nós mesmos de realistas, quanto atributo esse que conforta, pelo menos, nossa suposta inteligência.

Nesse sentido, Kropotkin era um homem que trabalhava na contramão dos rumos que a própria sociedade lhe forçava a tomar, seu otimismo vem pelo fato de ser um militante revolucionário e não pelo fato de acreditar que o futuro pudesse lhe reservar algo de garantido, em nome de um bem comum, ou de uma questão marcada por uma convicção pessoal temperamental, e é por saber que o futuro não estava garantido que ele atuava. Sabemos que a ciência e a teoria se fazem com dúvidas e problemas e a política se constrói por meio das convicções e agitações, por isso um agitador pode fazer mais política do que um grande teórico da política, e quando temos autores que conseguem em suas expressões articular esses dois campos, podem se tornar grandes personagens na história, em seu sentido justo ou injusto.

⁵¹³ KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo Hedra, 2007. p.37.

O otimismo de Kropotkin seria uma consequência do campo da ação política que pode se fazer através de textos, artigos, livros, conferências públicas e palanques. Esses espaços e lugares, onde o autor possa colocar e dar entonação ao seu discurso, auxiliando suas convicções junto de suas teorias, é uma forma de influenciar determinados caminhos para a sociedade. Portanto, parece que muito dos vistos equívocos de Kropotkin em relacionar a ciência e o evolucionismo ao anarquismo vem deste fato, que, aliás, os próprios anarquistas, muitas vezes, acabam sendo refém dessas articulações, provocando um boicote, para não dizer “ausência de conhecimento”, sobre esse autor, pensando que estão fazendo análises críticas sobre essas relações.⁵¹⁴ Essas atitudes acabam sendo promovidas por companheiros e companheiras que não percebem que essas articulações são produções que ampliam o anarquismo, e mais que isso, conseguindo se mostrarem, em alguns casos, formulações teóricas verificáveis e bem delineadas. Ademais, negar essas atribuições é fazer do “anarquismo” um patrimônio seguro, sugerindo consequências sociais aristocráticas e elitistas com o passar do tempo e a história, produzindo efeitos “colonizadores”, construindo um grande legado cultural, abrindo caminho, para as ações das classes entendidas como dominantes e exploradoras desses continentes e populações, que se aproveitam desses alicerces para impor suas persuasões e interesses.

A culturalização e mistura do anarquismo com outros povos e campos de estudos, como Kropotkin procedeu, são medidas que fazem seu conteúdo se manter inovador, para não cair na vala comum de uma possível cultura “morta”. O anarquismo pretende pertencer a história e não somente ao período em que ele, aliás, se constitui como um paradoxo, onde ao mesmo tempo percorreu suas definições mais importantes, mas também obteve, por essas mesmas razões, suas limitações mais apreciáveis, justamente por fazer parte de determinações que cada contexto histórico nos expõe. O limite de uma constituição teórica se aplica também sob as formas e oportunidades que esse contexto inflige, por isso o anarquismo quando é incorporado a outros conjuntos culturais, quando não deturpado e mal compreendido, ele pode oferecer um elo tão importante para a construção de uma oxigenação e reprodução imaginativa à suas feridas mais abertas, quanto potencializar suas virtudes. Exemplificando a

⁵¹⁴ Algumas das críticas aqui atribuídas à Kropotkin são muitas vezes exageradas, que acabam reiterando um senso comum negativo sobre o autor, em pontos definidores da questão, nos mostrando que mesmo sendo um trabalho introdutório no assunto é preciso estar atento para não reproduzir análises pouco satisfatórias, do ponto de vista histórico, político e axiológico. *Introdução: a corrente anarco-comunista: histórico, crítica e permanência*, In: LUTA LIBERTÁRIA (org). MALATESTA Errico; FABBRI, Luigi. *Anarco comunismo italiano*. São Paulo: Expressão e Arte Editora. pp.19-20.

questão: podemos abordar o caso do *anarquismo negro* de Lorenzo Kom 'Boa Ervin⁵¹⁵ e os alertas de Frantz Fanon. Vejamos o ponto de vista deste último autor:

A fraqueza dos partidos políticos não reside somente no emprego mecânico de uma organização que conduz a luta proletariado no seio de uma sociedade capitalista altamente industrializada. No plano limitado do tipo de organização, deveriam vir à luz organizações e adaptações. O grande erro, o vício congênito da maioria dos partidos nas regiões subdesenvolvidas foi ter seguido o esquema clássico, dirigindo-se prioritariamente aos elementos mais conscientes: o proletariado das cidades, os artesões e os funcionários, isto é, uma íntima parcela da população que não representava muito mais de um por cento.⁵¹⁶

As passagens de Frantz Fanon são pontuais sobre um problema que estabelece a relação entre: colonização, política, ciência e industrialização. O conceito de ajuda mútua em Kropotkin tentava desconstruir essas relações, embora suas abordagens tenham sido petrificadas por comentadores que estavam, alguns deles, mais interessados em fazer cultura dominante do que entender a profundidade desse conceito, e a tomada de “consciência” e interesse de classe que ele tenciona. A ciência em Kropotkin não “existe” sem o apoio mútuo, e o evolucionismo abre caminho para uma perspectiva antropológica e histórica. Desse modo, as construções culturais dos povos não ficam dependentes de uma distinção hierárquica entre eles, não tendo nenhum objetivo de situar esse legado aos interesses de um darwinismo social ou de uma ciência ao estilo de Cesare Lombroso.⁵¹⁷

Um ato científico, para o pensador revolucionário anarquista russo, situa a discussão que alimenta a noção que tanto a pedra lascada quanto o motor industrial acabam sendo um legado da humanidade, e estabelecem relações que buscam resolver problemas ligados a necessidades que tal instrumento em sua particularidade harmoniza, sendo atributos de um mesmo campo. Uma posição que parece rica em mobilizar uma crítica a esse ideia que sustenta a noção de povos desenvolvidos e povos subdesenvolvidos.

Segundo Kropotkin a ciência era um dos instrumentos indispensáveis para construir a luta pela liberdade. O autor, às vezes, é identificado como um crítico dos mais ousados e seguros de todas as instituições de sua época, mas que pouca consideração crítica fazia em relação à ciência de seu período, como Paul Feyerabend nos coloca.⁵¹⁸ Nesse sentido, Paul Feyerabend não parece um autor que tenha buscado uma compreensão mais

⁵¹⁵ ERVIN, Lorenzo Kom' Boa. *Anarquismo e revolução negra e outros textos do anarquismo negro*. Brasil: Sunguilar, 2015.

⁵¹⁶ FANON, Frantz. *Condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p.90.

⁵¹⁷ LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. São Paulo: Ícone, 2013.

⁵¹⁸ “Até mesmo pensadores ousados e revolucionários se dobram diante das opiniões da ciência. Kropotkin quer romper todas as instituições existentes, mas não toca nas ciências”. FEYERABEND, Paul. *A ciência em uma sociedade livre*. São Paulo: UNESP, 2011. p.93.

profunda dos textos de Kropotkin, tomando muitas vezes uma atitude precipitada sobre seu pensamento. O revolucionário anarquista russo não deixava de salientar as relações contingentes da ciência e sua relação social com a sociedade. Tomando como exemplo a exploração do trabalhador em condições bastante desfavorável, ganhando o suficiente apenas para poder comer e não morrer de fome, dentro dessas condições de organizações de trabalho, a ciência sempre acaba sendo construída dentro de padrões desvantajosos para a sociedade e, seguramente, para humanidade.⁵¹⁹ Temos nesse ponto, uma posição que contrapõem a interpretação de Paul Feyerabend sobre Kropotkin. Paul Feyerabend quando vai buscar inspirações em Kropotkin, para pensar a ciência, acaba esquecendo que está lendo um anarquista, e o que o conjunto de sua obra coloca à ciência, uma concepção de mundo anarquista e não capitalista. Concordar com a ciência em suas descobertas e instrumentalizações da realidade, faz parte de uma visão de mundo materialista que envolve essa analogia e não uma defesa da ciência, mas de suas relações com a axiologia do materialismo como concepção de mundo. Só o ato de Paul Feyerabend ir nutrir sua teoria crítica no anarquismo, para analisar a ciência, já demonstra que o pensamento anarquista é um lugar fértil para repreender a ciência em seus discursos apelativos e doutrinários e não para justificá-la.

Tentar entender Kropotkin separando seus pensamentos e esvaziando seu conteúdo político, para poder ficar somente com seu saldo interpretativo do seu modelo de ciência, como Feyerabend nos coloca, parece dificultar a intenção das propostas que Kropotkin possuía nesse setor. O pensamento pode ser desmembrado para melhor ser conhecido, devido aos vastos temas e assuntos que o revolucionário russo se dedicou; mas tais formas de proceder, neste caso, sendo assim, podem também prejudicar e levar a uma interpretação equivocada deste autor, que organizava seu pensamento dentro de protótipos de um conjunto de teorias e práticas para contribuir na construção de uma sociedade anarquista comunista. Desse modo, seu conceito de ciência é visto dentro dos padrões do capitalismo e não dos termos colocados pelo anarquismo, sendo assim fica evidente que uma ciência dentro dos parâmetros que o capitalismo estabelece, obviamente, produz uma ciência próxima ao interesse “capitalista”. O próprio Bakunin já havia denunciado essas movimentações, no que ele chamava de “ciência governamental”, onde o Estado vem regulando e qualificando o discurso científico, aperfeiçoando essas medidas durante séculos.⁵²⁰ Ademais, Kropotkin fazia

⁵¹⁹ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. p.227.

⁵²⁰ BAKUNIN, Mikhail. *A ciência e a questão vital da revolução*. São Paulo: Imaginário, 2009. p.65.

crítica à ciência e suas relações com o Estado junto das classes privilegiadas que usavam ela como meio para dominar a sociedade. Ele também fazia crítica à ciência em seu próprio ato de existir, pois Kropotkin não deixava de salientar que todos os homens e mulheres considerados sábios não estariam imunes ao erro, e que todos que se utilizavam desses meios para garantir suas situações de classes, estavam vinculados a preconceitos. E mesmo o anarquismo não era uma descoberta científica, nem mesmo um sistema de pensamento filosófico fechado.⁵²¹ As ciências como um todo, estão, possivelmente, sendo construídas com erros devido à subjetividade social dos agentes envolvidos na questão.

Admite-se, naturalmente, que um autor tenha, ao iniciar um estudo científico, qualquer suposição sua, - uma hipótese prévia que tenta verificar, quer para provar a sua justeza, quer para a rejeitar. Pode acontecer até que nas ciências naturais esse autor chegue a apaixonar-se pela sua hipótese em detrimento de outras, quiçá melhor aparelhadas. Mas os leitores atilados saberão muito bem ver os seus defeitos e não se deixarão engodar. Onde esse defeito, porém, se torna evidente, é quando se trata do estudo da vida das sociedades. Nesses domínios, com efeito, cada um, dispondo-se a estudo, tem um tal ou qual ideal de sociedade que pretende defender. No decurso de sua vida, nas experiências por que passou, ele adquiriu uma certa maneira de julgar os privilégios de fortuna e de nascimento, que ele aceita ou repudia; possui um estalão para medir as diversas divisões da sociedade.⁵²²

Kropotkin compreendia os limites da ciência e das implicações que ela estava submetida. Portanto, exagerar sua defesa do modelo científico como pilar social que define a sociedade, não seria uma visão aprofundada sobre seus estudos. Um discurso político engajado de Kropotkin pode ser confundido com uma postura pouco relativa sobre suas convicções no campo científico, embarçando uma aposta política acoplada a uma estratégia, que se vivência por meio de uma tática, como sendo uma convicção intelectual conclusiva. Todos os seres humanos buscam defender ideias que definem certos valores na sociedade, cientistas e o mundo do intelecto estão submetidos a esse princípio.

Muito de seus intérpretes podem naturalizar aquilo que era uma tática política, como se esse discurso fosse o pensamento de Kropotkin em sua caracterização mais elevada. Isso pode acontecer devido a uma interpretação de texto que desconhece a linguagem que cada gênero literário pode exercer, onde construções conotativas e denotativas são confundidas. Kropotkin tinha um estilo literário bastante elaborado. A ciência tem uma relação bastante expressiva com a literatura, pois a era da ciência também é a era da literatura, segundo Jacques Rancière.⁵²³ O autor, reconhece que na Rússia havia perseguição e censura

⁵²¹ KROPOTKIN, Peter. *A questão social: o humanismo libertário em face da ciência*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre. p.12.

⁵²² Ibidem. p.65.

⁵²³ RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. São Paulo: UNESP, 2014. p.12.

sobre os textos literários que enfatizavam noções críticas e políticas, reconhecendo que não se pode ter literatura política se não há liberdade política de fato.⁵²⁴ Esses apontamentos do revolucionário podem servir de alerta as pessoas que acabam lendo seus textos sob um ponto de vista sempre binário: ou cientista ou anarquista, ou vinculado às ciências humanas ou ciências exatas, ou otimista ou pessimista; portanto, essas maneiras de pensar seriam consequências de uma sociedade que fomenta o autoritarismo e, que pouco espaço é atribuído a imaginação e o pensamento. Dentro disso, podemos dizer que a leitura feita dos textos do anarquista russo pode estar sendo vítima de uma sociedade que impõem uma cultura autoritária, influenciando nossas leituras, e isso ocorreria independentemente de nossas posições políticas e concepções de mundo.

Como homem da ciência e militante, muitos podiam fazer de seus discursos militantes uma convicção científica e de suas análises do campo da ciência uma orientação política, sendo que a aplicabilidade dessas questões é preciso ser feita com uma atenção redobrada, para não naturalizar essas relações. O conteúdo das obras científicas de Kropotkin pode ser colocado como sua postura política; essa relação pode causar uma tremenda confusão, para entender o conjunto dos caminhos que o autor sugere. A política problematiza a ciência e vice-versa, para que uma possa contribuir no campo da outra, na busca de um melhoramento de ambas, um apoio mútuo como concepção que articula o saber, num processo de aquisição de cultura e de conhecimento humano. Embora Kropotkin possa ser pensado dentro de vários parâmetros, esse procedimento pode se tornar um caminho perigoso, esvaziando o conteúdo político e crítico da sociedade que o autor defende. Karl Marx passou por casos semelhantes a esses, sendo vítima desse mesmo tipo de enquadramento, como Fábio López não deixa de nos ressaltar.⁵²⁵

Podemos perceber que Kropotkin buscou respostas com base em uma interpretação, em certa medida, apontada como uma visão mecânica sobre os fenômenos sociais e científicos; nesse sentido, ele não estaria longe da forma de pensar dos socialistas de sua época. O revolucionário anarquista russo negava o método dialético. Eric Vilain, não aprofundado em seu pensamento como ele mesmo admite, mas se dizia desconfiado sobre a formatação do materialismo de Kropotkin, pois visualiza esses métodos próximos aos

⁵²⁴ KROPOTKIN, Pëtr. *Ideals and Realities in Russian Literature*. Retrieved on February 27 th, 2009 from wardmac.pitzer.edu New York: Alfred A Knopf, 1915. Theanarchistlibrary.org. p.152.

⁵²⁵ “No caso de Marx o prejuízo foi triplo: confundiu-se o conteúdo de suas obras científicas com sua postura política (e talvez pessoal), deturpou-se e esvaziou-se o conteúdo de sua obra”. LÓPEZ, Fábio López. *Poder e domínio*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2001. p.147.

dialéticos, que concernem a sua visão da história.⁵²⁶ Embora alguns considerassem as concepções epistemológicas que norteavam a compatibilização das partes, um movimento em processo da formalização de “sínteses” ao estilo dialético, Kropotkin não tinha a dialética como parte de suas intenções e nem mesmo de sua trajetória intelectual apresenta tais destaques a esse conceito, como Ángel Cappelletti nos alerta.⁵²⁷ Talvez essas posições sejam difíceis de perceber, pois a dialética acabou tendo muita influência como método e concepção de mundo no campo da disciplina da história. Pois os autores que se aproximaram da noção de “sínteses”, em alguns pontos de seus pensamentos, acabavam sendo apressadamente rotulados de dialéticos. Podemos dizer que Kropotkin atacava as considerações hegelianas, em grande parte, posições que foram frutíferas para revolucionários no século XIX, como Marx e Bakunin.

Todas essas generalizações, em resumo, expressas em fórmulas abstratas e enevoadas, como, por exemplo, as famosas teses, antítese e síntese de Hegel, só tiveram por efeito dar plena liberdade ao franco arbítrio para deduzir delas as conclusões mais contraditórias que é possível imaginar. Como ilustração diremos que delas tanto se pode deduzir, - o que, aliás, já foi praticamente feito, - o espírito revolucionário de Bakunine, a revolução de Dresden, o jacobismo revolucionário de Marx, como a sanção do existente de Hegel, que levou tantos autores a pretender a paz com a realidade, por outras palavras, a justificação da autocracia.⁵²⁸

A influência de Hegel e do idealismo alemão constituía as raízes epistemológicas de muitos revolucionários, em que suas concepções de mundo não ultrapassavam as elucubrações das pretensões alemãs no campo do pensamento. Todavia, mais do que uma fonte de pensamento, Hegel foi se introduzindo na cultura revolucionária de forma determinante. Hegel, por meio de suas formalizações sobre a dialética, permeou sua influência como pensamento básico de orientação, na tradição marxista e no começo do século XX

⁵²⁶ VILAIN, Eric. *A questão econômica*. In: GUÉRIN, Daniel; ROCKER, Rudolf; JOYEUX, Maurice. RAGON, Michel; BARRUÉ, Jean. *Anarquistas julgam Marx*. Brasília: Novos Tempos, 1986. p.133.

⁵²⁷ “Cuando se considera la obra de Kropotkin en su totalidad no se puede menos de admirar el ingente esfuerzo teórico que supone en él la búsqueda de fundamentos filosóficos para su doctrina social y para su acción revolucionaria. Este esfuerzo teórico no se encamina, como en Marx o en Bakunin, por los caminos de la filosofía germánica. Nada tiene que ver con Hegel ni con Kant, y ni siquiera toma muy en serie a la izquierda hegeliana y a Feuerbach. La formación de Kropotkin en disciplinas científico-naturales, como la geología y la geografía física, y el clima de cerrada reacción anti-hegeliana y anti-metafísica, propio de los ambientes intelectuales que frecuente en Rusia y en Europa Occidental, explican su posición filosófica, que llega a veces a ser veneración acrítica de la ciencia y absolutización ingenua de sus resultados, siempre provisionarios y parciales. La carencia de toda actitud dialéctica hace que la búsqueda de un fundamento para la ética y la filosofía social se concrete en un esfuerzo por establecer una perfecta continuidad entre el hombre como portador de los valores morales y la naturaleza animal, y, en términos generales, entre biología e historia”. CAPPELLETTI, Ángel. *El pensamiento de Kropotkin: ciencia, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx, 1978. p.52.

⁵²⁸ KROPOTKIN, Peter. *A questão social: o humanismo libertário em face da ciência*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre. p.43.

retomada por Lênin.⁵²⁹ Nesse sentido, Kropotkin estaria inaugurando outra etapa, não somente do anarquismo, mas do socialismo como um todo. Ernst Cassirer nos coloca que poucos sistemas políticos e ideológicos resistiram à influência de Hegel, mostrando a força desse axioma e sua durabilidade na história do pensamento ocidental.⁵³⁰

As orientações de Kropotkin fazem parte de uma ruptura em relação ao idealismo alemão e da filosofia alemã, em seus pontos de partida e impulso que se colocam como heranças epistemológicas para os revolucionários. Nos estudos de N. Hartmann, temos uma boa base sobre a desenvoltura desse pensamento, situado como idealismo alemão, que ultrapassa as considerações de Hegel, trazendo outros autores que muito contribuíram nas formalizações de conceitos e ideias que deram abertura para muitas formas de pensar que, aliás, já se libertaram dessas conjecturas, na maioria dos casos, mas ainda mantem suas bases, muitas vezes, vinculadas a essas raízes do idealismo alemão.⁵³¹ Sem a preocupação de fazer uma análise proporcional das partes, na busca de uma síntese como articulação dialética, o articulista russo, acaba promovendo uma divisão na maneira de pensar dos socialistas e anarquistas, fazendo esses serem menos dependentes dessas heranças do idealismo alemão e da articulação dialética.

A ideia de ciência em Kropotkin não está atrelada a concepção de dialética. A esquerda marxista, de maneira geral, tinha colocado a dialética como uma orientação fundamental de seu pensamento. Embora Leandro Konder nos traga essa ressalva, de que a dialética foi usada tanto na forma de pensar o marxismo como de aplicação prática, e dentro

⁵²⁹ Como José Paulo Netto coloca a problema: “Lênin não foi um ‘filósofo’ no sentido habitual da palavra. No entanto, a leitura destes cadernos sobre a dialética de Hegel revela que não estamos em face de um amador cultivado. O leitor se encontra na presença de um pensamento que, apreendido em toda a sua significação, na totalidade dos seus objetivos e dos seus interesses, suporta a comparação com as grandes obras filosóficas. Nestes simples cadernos se prolonga, vigorosamente, o pensamento dos fundadores do socialismo científico, Marx e Engels, que - não sendo empiristas - vinculavam a sua estratégia e os seus objetivos políticos a uma concepção de mundo. Através de Hegel, todas as aspirações filosóficas à unidade e à verdade, ao universal e ao concreto, são retomadas e expressas por Lênin com este dom de apreender na abstração o que ela possui de concreto e de atual, dom que foi uma das dimensões do seu gênio. Lênin, contudo, não mantém diante dos temas filosóficos a atitude especulativa de quem pretende contemplar o universo. E, menos ainda, uma postura dolorosa, de quem ‘sofre’ com o tormento das contradições do pensamento e do mundo - não é a angústia que mobiliza a sua reflexão. Lênin enfrenta esses temas como homem de ação revolucionária, que já experimenta praticamente os seus objetivos. A data destes trabalhos pode parecer surpreendente. Por que, em 1914, no início da devastação mundial, estando exilado e quase sozinho na defesa de suas posições políticas - depois do colapso da Internacional social-democrata, Lênin se põe a ler o mais nebuloso dos filósofos? Lênin não era o homem de uma ação sem verdade?”. LÊNIN, Vladimir I. *Cadernos sobre a dialética de Hegel*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. p.7.

⁵³⁰ “Poucos sistemas políticos resistiram a sua influência. Todas as nossas modernas ideologias políticas nos mostram a força, a durabilidade e a permanência dos princípios que foram pela primeira vez apresentados e definidos na filosofia de Hegel – na filosofia do direito e na filosofia da história”. CASSIRER, Ernest. *O mito do Estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976. p.253.

⁵³¹ HARTMANN, Nicolai. *A filosofia do idealismo alemão*. Lisboa: Gulbenkian, 1960.

desse desafio, de situa-la em uma materialização prática, acabaram deixando a de lado, e essa conduta, muitas vezes, negava o conceito de dialética. Onde muito se falava em dialética, mas pouco se aplicava.⁵³² Contudo, o materialismo é menos enfatizado do que a dialética, e o lado histórico é mais pontuado que o pensamento materialista, essas também são as considerações feitas por Foulquié sobre essa temática, diante do marxismo-leninismo.⁵³³ Onde a dialética é a raiz que possibilita os saltos históricos e materialistas. José Carlos Mariátegui não deixa de ressaltar, em uma de suas passagens, que a dialética de Trotsky era concebida por um parâmetro otimista em relação ao futuro do ocidente e da humanidade.⁵³⁴ Trotsky dizia que Herten anunciava Hegel como a álgebra da revolução. De sorte que passado essas noções hegelianas para o marxismo, a dialética materialista ganhava seu fundamento mais revolucionário e concreto segundo Trotsky.⁵³⁵ Pois a dialética, uma palavra, seria um conceito que supera o capitalismo, de alguma forma, percebemos que o idealismo hegeliano continua vivo como elemento ativo. Onde aqui se percebe que a dialética pode ser usada conforme nos convém, se tornando muito mais uma forma de pensar como gostaríamos de ver o mundo, do que uma constatação do movimento do mundo, em sua realidade, que respeita as formulações desse conceito em sua forma, enquanto rigor analítico que tal noção exige.

A tentativa de Marx de superar a dialética hegeliana invertendo-a de idealista para materialista, acabava trocando o mundo das idéias pela concepção das ações. Logo as ações subjagam as idéias. As manifestações simbólicas são formas para produzir sentido e as pessoas colocam isso através de seus atos. Substituir as manifestações simbólicas, idealistas, por um materialismo realista, acabou levando o mundo das idéias a permanecerem sem espaços, onde o agir substituía o pensamento crítico. E mesmo a idéia de práxis, parece que pouco dava conta desse problema, já que sempre temos como alicerce uma concepção cultural de mundo, que busca se totalizar em nome de um absoluto, uma espécie de monoteísmo lógico, onde não poderia haver dois deuses, teoria e prática, em um mesmo domínio. Então, era preciso colocar um ente em absoluto para subjugar o outro, uma forma de pensar promovida por essa herança cultural, de um processo histórico, que o idealismo alemão foi um ator protagonista. E muito do esquecimento do pensamento de Kropotkin, podemos dizer,

⁵³² KONDER, Leandro. *A derrota dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. pp.24-25.

⁵³³ “Mas, diz-nos Lenine, Marx e Engels sublinharam mais a *dialéctica* que o *materialismo*, e, tratando do materialismo histórico, insistiram mais sobre o lado *histórico* que sobre o lado materialista”. FOULQUIÉ, Paul. *A dialéctica*. Portugal: Publicações Europa América, 1978. p.57.

⁵³⁴ MARIÁTEGUI, José, Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.97.

⁵³⁵ TROTSKY, Leon. *Literatura e revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 88.

derivam de suas escolhas, apostas científicas e políticas. Sua recusa da dialética hegeliana como orientadora fundamental, norteia essas consequências. Seu esforço em romper com essa linguagem de pensamento, que acabou engolindo o marxismo⁵³⁶ e parte das posições, de forma geral, chamadas de esquerda, que seria uma das contribuições do revolucionário anarquista russo, quando estabelece seus métodos e teorias longe desse percurso.

Até mesmo no anarquismo, Kropotkin acabou promovendo rupturas que nem sempre agradaram os demais anarquistas; sua investida ao conhecimento da ciência não se deslocava de uma postura dentro da ação social, promovendo debates importantes para dentro do anarquismo, da ética a política.⁵³⁷ Embora as críticas colocadas à Kropotkin, por alguns anarquistas, esquecem que precisam ter certo conhecimento nessas áreas e estar embasados sobre o debate teórico científico, para poderem melhor sustentar suas ressalvas. O pensador russo estaria ligado à história da ciência como historiador, dentro dos problemas que este vivenciou para solucionar os limites que a ciência nos oferece, e as dificuldades que a história coloca nesses caminhos. Com isso, temos duas problemáticas fundamentais: de um lado, a construção da história da ciência e, de outro, a edificação da ciência, num jogo de construção mútua. Em princípio, Thomas Kuhn assim percebe essa dualidade como movimento que constrói o conhecimento científico.⁵³⁸

Dentro da história dos movimentos revolucionários do século XIX e, mais precisamente, da história da ciência, como Alfred North Whitehead a percebe: o século XIX tem uma diferença fundamental em relação aos outros séculos passados, por ter como sua obra o método da “invenção”; seria dentro dessa perspectiva que o pensamento de Kropotkin se torna uma abordagem fecunda diante dessas conclusões.⁵³⁹ Fazendo parte de um processo de descontinuidades em larga escala de um lado e de continuidade na herança do pensamento revolucionário anarquista de outro, que Kropotkin pode ser entendido. É nesse mesmo século

⁵³⁶ De forma direta José Paulo Netto coloca a questão: “Para ser curto e grosso: sem Hegel, Marx é impensável. Marx partiu da dialética de Hegel, recolhendo-a mediante uma crítica rigorosa e profunda; tomou-a como o movimento do real, ou seja, o automovimento efetivo da realidade, seja a natureza ou a história e a cultura (ainda que sua atenção básica tenha se voltado para a sociedade ou, na expressão de Lukács, para o ser social). Para Marx, pois, a dialética é objetiva. É importante destacar que o fato de só Hegel ter posto a dialética no centro da reflexão filosófica não significa que a dialética nasce com Hegel (...)”. NETTO, José Paulo. Entrevista: José Paulo Netto. *Trab.Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v.9 n.2, p.333-340, jul. /out. 20 11. p.335.

⁵³⁷ “Mas é difícil resolver quem, de Bakunin ou Kropotkin, tinha mais razão, não na ética profunda dos conceitos, mas no que, à luz da experiência, implica seu emprego prático”. LEVAL, Gaston. *Concepções construtivas do socialismo libertário*. In: MINTZ, Frank; BERTHIER René. *Autogestão e anarquismo*. São Paulo: Imaginário, 2002. p.15.

⁵³⁸ KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. pp.21-22.

⁵³⁹ “A maior invenção do século XIX foi a do método da invenção. Veio ao mundo um novo método (...) A transformação completa nasceu da nova informação científica. A ciência, concebida não tanto em seus princípios, mas mais em seus resultados, é um óbvio celeiro de ideias a serem utilizadas”. WHITEHEAD, Alfred North. *A ciência e o mundo moderno*. São Paulo: Paulus, 2006. pp.124-125.

XIX que o termo ciência popular surgiu, devido à industrialização e o empoderamento das pessoas e das massas sobre esse conhecimento. Onde a ciência, para o povo, passa a ser vista como ciência do povo. Bernardo Jefferson de Oliveira discute autores como L. Fleck e J. Touman que, colocam em questão a discussão da popularização da ciência, sendo autores que alimentaram esses dilemas culturalmente e defenderam esses pressupostos, de uma ciência da sociedade.⁵⁴⁰ Kropotkin pode ser resgatado dentro desse processo e seu cientificismo deveria ser visto e entendido dentro desses procedimentos, devido a sua ética anarquista. L. Fleck, J. Touman e Kropotkin seriam autores que solicitaram a ideia de uma ciência popular.

Ilustrando a questão, pensar a ciência sobre substantivos anarquistas acaba desmascarando as estratégias de dominação que se manifestam de forma resguardada. A ideia de uma ciência livre no capitalismo, seria uma forma equivocada de entender o problema, no sentido de perceber quais seriam as formas e substâncias internas que atuam sobre essa ciência. É como declarar que um conhecimento e território vinculado a este saber são de caráter internacional. Assumir essa ideia nos faz esquecer que nem todos os povos, e hoje, países, conseguem utilizar esse conhecimento na mesma proporção, e aceitar essas condições convalida as nações mais poderosas do mundo, porque elas, sim, podem investir nesse conhecimento ou território de forma determinante, em relação à produção científica e econômica. Dito de outro modo, quais os países podem melhor investir numa ciência promovida em um território (considerado neutro e de caráter internacional, sendo anunciado retoricamente como patrimônio de todos os povos) como no caso da Antártida: os Estados Unidos, a França, a Somália ou o Equador? Consideravelmente, vendo a questão dessa forma, os expostos direitos “humanos” acabam fazendo alguns humanos serem mais humanos que outros, e os ditos direitos internacionais e a ciência, como sendo patrimônio da humanidade, edificada sob uma sociedade capitalista, acaba sempre revelando seu funcionamento interno, que privilegia uma concentração ontológica dessas forças sociais e produtivas, que o poder constrói e transforma, afastando o povo e a sociedade desse processo. Por isso que para Kropotkin a ciência não deveria estar separada da sociedade, e coloca-la no seio do povo não a descaracteriza e sim a potencializa, em seu sentido descentralizado e ético, assegurando a construção de normas que passam por uma noção de justiça social e nomenclaturas do federalismo anarquista, que desconjuntam essas promessas das ideias “internacionalistas”, quando são usadas como pretextos de dominação.

⁵⁴⁰ OLIVEIRA, Bernardo, Jefferson de. *Os circuitos de Fleck e a questão da popularização da ciência*. In: CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão (org). *Ludwik Fleck: estilo de pensamento na ciência*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

Alan Chalmers também observa que o simples fato de colocar a ciência em uma atividade não separada de outros campos das articulações humanas, como o espaço político e social, não subvertem os objetivos da ciência.⁵⁴¹ Ademais, uma autora como Londa Schiebinger mostra a importância desse deslocamento epistemológico que possibilita a ciência de se renovar, e perceber aquilo que somente uma postura vinculada ao gênero feminino, nesse caso, pode possibilitar e ampliar o debate sobre o conhecimento científico.⁵⁴² Londa Schiebinger denuncia esse olhar sobre a ciência que tem sido construído de forma estreita para favorecer determinados grupos sociais e gêneros masculinos específicos, ignorando outras formas de entender a ciência diante de outros gêneros, também, “masculinos” e as mulheres de forma geral.

Ao fazer parte da história do anarquismo, Kropotkin seria uma ruptura criativa e inovadora se observarmos a questão por esse lado. Bachelard reconhece que as rupturas é um processo bastante importante para a história da ciência e sua constituição como método.⁵⁴³ Temos várias armadilhas para avaliar as continuidades na história, a estrutura das locuções e o pensamento linear exagerado, vindo das consequências relativas do pensamento positivista, atribuídas a Augusto Comte.⁵⁴⁴ O corte epistemológico segundo Carlos Henrique Escobar, pode ser um instrumento para pensar a descontinuidade entre ideologia e as ciências, como um caminho para analisar a estrutura específica da ciência enquanto aparato na produção de significados e conceitos, para ajudar a distinguir o “objeto real” do “objeto de conhecimento”.⁵⁴⁵ Podemos também identificar Kropotkin fazendo parte de um processo histórico em caminhos e abordagens de uma longa duração, dentro das propostas dos princípios anarquistas mais definidores. A longa duração é uma medida bastante discutida na história por Fernand Braudel.⁵⁴⁶ Essa longa duração Braudelianiana é trabalhada em condicionamentos carregados de noções atribuídas ao campo da geografia. Diante disso, não

⁵⁴¹ CHALMERS, Alan. *A fabricação da ciência*. São Paulo: UNESP, 1994. p.159.

⁵⁴² SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001.

⁵⁴³ “Por vezes, o epistemólogo continuísta engana-se, quando julga a ciência contemporânea a partir de uma espécie de continuidades das imagens e das palavras”. BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2010. p.200.

⁵⁴⁴ COMTE, Augusto. *Reorganizar a sociedade*. São Paulo: Editora Escala, 2007. p.88.

⁵⁴⁵ ESCOBAR, Carlos, Henrique. *Epistemologia das ciências hoje*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p.39.

⁵⁴⁶ “Entre os diferentes tempos da história, a longa duração apresentou-se, pois, como um personagem embaraçoso, complexo, frequentemente inédito. Admiti-la no seio de nosso ofício não pode representar um jogo simples. Acostumada à ampliação do estudo e da curiosidade, tão pouco se trata de uma escolha, de que a história seja a única beneficiada. Para o historiador, aceitá-la equivale a prestar-se a uma mudança de estilo, de atitude, de uma inversão de pensamento, a uma nova concepção do social. Equivale a se familiarizar com um tempo que se tornou mais lento, por vezes, até quase o limite da mobilidade”. BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença. p.17.

podemos esquecer que Kropotkin também era um geógrafo e a relação entre esses autores sob o conceito de longa duração ganha um destaque importante nesse caso.

Seria admirável perceber esses dois caminhos no pensamento de Kropotkin. De sorte que para se pensar as implicações que geraram suas ideias: de um lado a continuidade, de outro uma ruptura na forma de entender e conceituar a ciência, são requisitos que não precisam de uma hierarquização, mas na realidade atributos que se somam. Oportuno seria considerar que uma análise sobre Kropotkin, perpassa por esses caminhos sem necessariamente nos obrigar a fazer uma escolha entre as linhas de continuidades e descontinuidades, mas perceber que a riqueza de seu pensamento permanece num movimento que, não sendo dialético, conserva um arcabouço duradouro. Sendo que a dialética formalizada pela tradição hegeliana, muito mais exclui do que dialoga e conserva a vida em sua pluralidade, pois não pode haver dois absolutos, segundo Hegel.

A dialética para Gerard Lebrun se coloca como um otimismo silencioso que esconde suas raízes em um pântano ardiloso, onde muito mais se busca excluir do que incorporar.⁵⁴⁷ E seria justamente por não precisar ter um movimento que sintetiza e exclui uma das partes de seu pensamento, em nome de um absoluto racionalizado, de orientação dialética ao costume hegeliano. No caso, essa ambição que formaliza uma lógica que funcione acima de todas as lógicas, em nome de um progresso unificado não seria um caminho almejado pelo revolucionário.

Carlos Cirne Lima nos coloca as pretensões de Hegel, na busca de construir uma lógica acima das demais, que tem como intenção incorporarmos tudo, para muito silenciar o que está fora dessa conexão de pensamento.⁵⁴⁸ Kropotkin criou seu espaço epistemológico e métodos para a história, a ciência e a produção de conhecimento como um todo, não ficando situado e dependente, principalmente, do divisor de águas que Hegel fez nesse campo.

Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca nos mostram que Hegel trabalhou a dialética de tal maneira que outras formas de ver a dialética antiga foram esquecidas, se não vistas como elaborações, agora, secundárias em relação à contribuição dele sobre esse

⁵⁴⁷ LEBRUN, Gerard. *O avesso da dialética: Hegel a luz de Nietzsche*. São Paulo: Schwarcz, 1988. p.46.

⁵⁴⁸ “A dialética com seu ‘necessário progresso do pensamento’ está onipresente no sistema de Hegel; no último capítulo da Lógica do Conceito ela é também tematizada como método universal. Aí, entretanto, é tarde demais e não conseguimos pegá-la com firmeza e examiná-la com cuidado para descobrir como as muitas peças se encaixam, umas nas outras, formando uma unidade; no capítulo sobre a ideia absoluta tudo anda tão rápido, o movimento das esferas é tão suave e harmonioso, as mediações são tão convincentes que, diante disso, só resta a admiração e o espanto, sem palavras e quase sem conceitos. Colocados diante da ideia absoluta, a tentação que há é ou de aceitar tudo ou de rejeitar tudo”. CIRNE-LIMA, Carlos. *Sobre a contradição*. Porto Alegre: EDIPUC, 1996. p.74.

princípio.⁵⁴⁹ Para Hans-Georg Gadamer, Hegel tanto debate a elaboração da dialética grega antiga como estabelece uma história da dialética, segundo suas interpretações, inovando esse conceito, mas em diálogo profundo com os defensores e críticos dessa formulação conceitual.⁵⁵⁰

Reinhart Koselleck anuncia que a ciência histórica ganhou o estatuto de “ciência” no século XIX, tendo seu auge na Alemanha, onde o conceito de história ganha suas definições consistentes de argumentação e justificação.⁵⁵¹ Nessa mesma circunstância histórica, temos a formalização da dialética como conceito definidor no século XIX na Alemanha, o conceito de história acabou sendo construído sobre os mesmos parâmetros. Trazemos então, nessa conjuntura, a disciplina da história ganhando um papel importante no sentido cultural e das pretensões científicas, um condicionamento garantido pelas forças do Estado. José Carlos Reis nos coloca que a Alemanha produziu autores como Hegel e Ranke, em um mesmo contexto, onde temos a produção de uma história como disciplina, em seu sentido definidor, abordagens do campo da filosofia da história e da história considerada científica.⁵⁵²

O conceito de história passou por várias apropriações e sempre acaba sendo um conceito em disputa, assim como Jacques Rancière interpreta essas interlocuções.⁵⁵³ Kropotkin, dentro da história do anarquismo, faz uma história diferenciada de Bakunin, por exemplo, sem buscar enunciar estágios na história ou etapas da história da humanidade. Malatesta identifica que Bakunin em suas visões da economia política e de sua interpretação da história, estaria bem próximo das concepções de Marx.⁵⁵⁴

O pensador anarquista russo, não tentava formular e nem tinha a pretensão de inaugurar uma grande filosofia da história sistemática, mas sim de promover uma teoria revolucionária, aproximando teoria e ação, como Alexander Samis acaba aqui nos

⁵⁴⁹ “A própria expressão dialética nem sequer conservou seu sentido original. Em Hegel, no século XX, o termo se refere às contradições inerentes ao movimento de negação interna em que se manifesta o espírito. Já nos quadrantes da inversão marxista, reporta-se aos movimentos da realidade histórica”. PERELMAN, Chaïm; TYTECA-OLBRECHTS, Lucie. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.XII.

⁵⁵⁰ GADAMER, Hans-Georg. *La dialéctica de Hegel: cinco ensayos hermenéuticos*. Madri, 2000.

⁵⁵¹ KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christina; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.186.

⁵⁵² REIS, José, Carlos. *A história entre a filosofia e a ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.15.

⁵⁵³ RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. São Paulo: UNESP. pp.1-2.

⁵⁵⁴ “Eu fui Bakuniniano, como todos os camaradas de minha geração, infelizmente já distante no tempo. Hoje, depois de longos anos, não me considero mais como tal. Minhas ideias se desenvolveram e evoluíram. Hoje, penso que Bakunin foi muito marxista na economia política e na interpretação histórica”. MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. São Paulo: Novos tempos, 1990. p.130.

advertindo.⁵⁵⁵ Kropotkin apresentou a história e a ciência como tendo um papel político e ideológico, na medida em que são feitas as escolhas de pesquisas e temas a percorrer, Anderson Romário Pereira Corrêa assim o interpreta.⁵⁵⁶

Devido à ciência ter aberto caminhos para barbáries, que sem ela teria sido muito difícil de ter se construído, e se desenvolvido em larga escala na história, a credibilidade aos procedimentos científicos no final do século XX são vistos com certa desconfiança. A condição entendida por pós-moderna tenta se afastar daquilo que foi uma noção indiscutível no século XIX, a noção de progresso e verdade, em suas mais derivadas implicações sociais e históricas. Desse modo, essas tendências críticas a modernidade se arriscam a se configurar em nossos dias como uma cultura e não mais somente quanto uma interpretação da modernidade. Jean-François Lyotard anunciou esses pressupostos teóricos, em forma de debate, no começo da década de oitenta do século XX.⁵⁵⁷

Kropotkin percebeu a ciência como instrumento para ajudar a desenvolver a sociedade, não para organizá-la em um viés hierárquico, mas sim como um arremedo da cultura do povo, sem estar atrelada a nenhuma classe social especial e o Estado. O grande problema é que a ciência do século XIX e XX se tornou um sistema atrelado ao Estado e a classes sociais específicas, não sendo mais um meio, mas um fim da sociedade moderna e contemporânea, para dominar e subjugar interesses particulares desses cientistas sobre a sociedade; aliados a instrumentos que exercitam esse tipo de poder, para se justificar e executar seus programas políticos e sociais sobre a sociedade. Hilton Japiassu nos mostra os desencantos, em relação à ciência e das ideologias políticas diante de suas promessas, no século XX, para desenvolver a sociedade e a prosperidade coletiva.⁵⁵⁸

Uma caracterização mais geral desse processo ao nível filosófico e histórico foi colocada por Heidegger sobre o caráter da ciência, como Edgar Lyra também pontua.⁵⁵⁹ O filósofo alemão parece não deixar saídas para esse problema da ciência, quando percebe que a

⁵⁵⁵ SAMIS, Alexandre. *Introdução*. In; KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.30.

⁵⁵⁶ CORRÊA, Felipe; ROCHA, Bruno Lima; CORRÊA, Anderson Romário Pereira. *História por anarquistas*. Porto Alegre: Deriva, 2010. pp.77-78.

⁵⁵⁷ LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

⁵⁵⁸ “Portanto, foi todo um sistema de crenças e esperanças que, no decorrer do século XX, desmoronou como um castelo de areia. Depois dos horrores das guerras e dois regimes totalitários, nenhum porvir sorridente podia ser aguardado da ciência e das ideologias políticas. O homem não pode mais apostar tudo na verdade, no progresso ou na revolução para atingir a liberdade e a felicidade”. JAPIASSU, Hilton. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.96.

⁵⁵⁹ LYRA, Edgar. *Heidegger, história e alteridade: Sobre a essência da verdade como ponto de partida*. *Natureza Humana* 8(2): 337-356, jul.-dez. 2006.

metafísica dos gregos junto da técnica moderna estabelece um elo que explica que as origens da bomba atômica começaram nos poemas de Parmênides, na Grécia antiga.⁵⁶⁰ Dessa forma, Heidegger admite que as catástrofes proporcionadas pela ciência acabem demonstrando uma “natureza” cultural que define a sociedade ocidental desde sua gênese. Temos aqui uma crítica bastante esclarecedora para negar uma aposta na ciência produzida pela cultura ocidental.

Os anarquistas sempre foram atentos aos efeitos embrutecedores das ditas leis da razão ou da prática científica para governar a sociedade, como é o caso de Malatesta, outro anarco-comunista, que compreendia que a ciência poderia servir tanto para um bem quanto para um mal.⁵⁶¹ Esse movimento de uma ciência “mal” conduzida extravia uma vida pautada na liberdade, onde o ser humano possa se desenvolver sem ser muito atrapalhado por leis e deveres das lógicas padronizantes dos métodos científicos.

Por outro lado, Paul Feyerabend se utiliza de perspectivas anarquistas para mostrar as fragilidades do pensamento epistemológico da ciência, podendo nos demonstrar que um pensamento anarquista pode explicar como a ciência se constrói e ao mesmo tempo pode promover, com esse mesmo anarquismo, remédios críticos para os exageros criados pelas pretensões científicas. O pensamento anarquista ajuda a se fazer uma crítica à ciência, mesmo para aqueles que podem se utilizar desses recursos sem precisarem ser adeptos de uma ideologia anarquista, sem necessariamente se vincular a um projeto político do próprio anarquismo, mas em diálogo com ele, e seria sob esse ponto que explica a necessidade do anarquismo na ciência, e a forma como Paul Feyerabend se orienta, no caso, do seu anarquismo epistemológico.⁵⁶² Paul Feyerabend busca diferenciar o anarquismo político do anarquismo epistemológico.⁵⁶³ No entanto, em Kropotkin esses dois campos estão reunidos numa mesma construção, não separando o anarquismo como proposta política da sua teoria da ciência. O anarquismo epistemológico seria uma noção que foi desenvolvida depois da morte de Kropotkin, e ganha tal representação em autores que discutem a epistemologia na ciência,

⁵⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. *L'Express*, nº 954, 20-26 octubre de 1969. Traducido por Julio Díaz Báez. Revista Palos de la Crítica, nº 4 ½; abril septiembre de 1981 México.

⁵⁶¹ RICHARDS, Verno (org.) *Malatesta Pensamiento y acción revolucionários*. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 2007. pp.39-40.

⁵⁶² “Ocasionalmente, as leis de método científico ou o que um particular autor julga serem as leis de método científico chegam a integrar-se ao próprio anarquismo: ‘O anarquismo é um conceito geral, baseado em uma explicação mecânica de todos os fenômenos’, escreve Kropotkin. Seu método de investigação é o das ciências naturais exatas... O método de indução e dedução”. FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1977. pp.20-21.

⁵⁶³ FEYERABEND, Paul. *Ciencia y anarquia*. La Biblioteca Anarquista Anti-Copyright. Recuperado el 11 de octubre de 2015 desde www.theyliwedie.org, es.theanarchistlibrary.org. p.2.

como é o caso de Paul Feyerabend. Portanto, pensar uma ciência que busca se isolar da sociedade como atributo que dispensa seu caráter social e político é justamente o que Kropotkin buscou não perpetuar, escrevendo sempre contra essa forma de entender a ciência e nesse sentido seria uma visão totalmente contrária a de Paul Feyerabend.

A ciência pode ser anarquista em sua maneira de se construir, como forma de se pensar a si mesma, em aceitar suas irregularidades, dissensos, diálogos, na fuga de um ente fundador, em forma de mito organizador que traga alicerces protegidos, mas isso não significa que o anarquismo seja uma ciência. Ou seja, a forma de pensar a ciência como concepção, pode ser anarquista e isso não quer dizer que o conteúdo dessa produção seja anarquista. O anarquismo estaria pontuando criticamente todos aqueles mecanismos que desenvolvem os abusos de poder e uma disposição elitista para dentro da ciência. No caso, a relação entre a ciência, seus valores, a sociedade e os interesses do povo. Os métodos de análise podem buscar uma envergadura anarquista, no sentido de se perceber consciente de seu atributo subjetivista e ao mesmo tempo buscar uma ruptura rigorosa sobre os fatos construídos e idolatrados. A contingência pode ser vista como uma orientação plausível dentro dos estudos científicos.

Em cada ciência, quando levado o seu estudo a fundo, as suas últimas instâncias, chega-se, naturalmente, a um extremo limite, que não poderemos, em um dado momento, exceder. É precisamente essa contingência que mantém a ciência sempre juvenil, torna-a atraente.⁵⁶⁴

Kropotkin sugere a noção de contingência para se pensar a ciência e sua atração é justamente esse caráter inatingível. A ciência tem suas impossibilidades, que a tornam sedutora para o exercício de um pensamento aberto, na busca de sua emancipação para ultrapassar seus dogmas, criando o possível sobre o impossível. O inefável. A ciência tem sua imprevisibilidade ancorada no seu próprio movimento que, tanto suas descobertas quanto os limites para tais descobrimentos, acabam sendo um fôlego para inspirar sua existência. Nesse sentido, o anarquismo não seria um ápice acima da sociedade, mas ocuparia um lugar importante no pensamento moderno, sendo um pilar que ajuda a construir orientações sociais para a sociedade.

O anarquismo representa um ensaio de aplicação das generalizações científicas que o método indutivo-dedutivo das ciências naturais fornece para a apreciação das instituições humanas. Não só isso: o anarquismo, baseado nessas apreciações, é ainda um prognóstico certo dos aspectos da marcha futura da humanidade para a

⁵⁶⁴ KROPOTKIN, Peter. *A questão social: o humanismo libertário em face da ciência*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre. p.59.

liberdade, a igualdade e a fraternidade no sentido de obter a maior soma de felicidade para cada uma das unidades que compõem as sociedades humanas.⁵⁶⁵

O anarquismo de Kropotkin instrumentaliza a sociedade moderna dentro de seus quadros, trazendo uma perspectiva que se orienta em uma visualização para o futuro. Não que esse futuro venha esvaziado de sentido, mas inspirado sobre padrões que a humanidade construiu para os seres humanos. O anarquismo caminha na busca da liberdade, da igualdade e da fraternidade como orientação social. Os métodos de Kropotkin eram dedutivos, indutivos e materialistas. As ciências naturais lhe trazem um grande suporte para se pensar a ciência e a relação com a natureza e a humanidade.

Francis Bacon seria o grande autor da história moderna que mais influenciou na construção de uma ideia de progresso na ciência.⁵⁶⁶ Defendendo, Francis Bacon, uma epistemologia da ciência que buscava dominar a natureza, uma luta contra ela praticamente, uma exploração sem limites, em uma espécie de direito divino sobre o natural; aqui a ideia de progresso ganha sua orientação imperiosa, conforme Dagmar Manieri nos coloca.⁵⁶⁷ Kropotkin, com sua concepção de anarquismo comunista, foi base fundamental para filtrar aquilo que nas ciências exatas se tornaram categorias fixas e pouco dialogáveis, transferindo essas noções para uma visão humanista e ética, negando, de certa forma uma investida cega sobre a ideia de conhecimento e progresso científico, tão atribuído a seu contexto.

Essas problemáticas levariam a humanidade a esquecer de seu passado, não aqueles esquecimentos que seriam necessários para abrir novas lacunas. José Carlos Reis explicando Nietzsche: argumenta que o olvidar na história em certa medida é importante, para retomar a vida em suas mãos.⁵⁶⁸ Kropotkin, neste caso, se referia aos ditos esquecimentos que se formalizam através dos silenciamentos das alternativas científicas não despóticas. E seria nesse sentido que o militante e escritor revolucionário russo não deve ser esquecido, em sua contribuição fundamental.

A ciência para Kropotkin não deveria ser usada como dispositivo que busca hierarquizar a humanidade para violentá-la. Nesse sentido, resgatar o pensamento de Kropotkin nos ajuda a construir uma ciência engajada nas questões éticas e formalizações da bioética, mas também fornecendo ao cientista uma envergadura politizada e ligada a uma

⁵⁶⁵ Ibidem. p.170.

⁵⁶⁶ BACON, Francis. *O progresso científico*. São Paulo: UNESP, 2007. p.12.

⁵⁶⁷ MANIERI, Dagmar. *Teoria da história: a gênese dos conceitos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. pp.82-83.

⁵⁶⁸ REIS, José Carlos. *História da consciência histórica ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Editora Autêtica, 2011. p.174.

perspectiva revolucionária, para ser pensada dentro do campo científico como um todo, do laboratório a vida social.

2.3. O evolucionismo e o apoio mútuo

As perspectivas que ocasionaram as convergências científicas na história ocidental, da metade do século XIX em diante, tiveram o evolucionismo como uma grande narrativa. Lamarck, Darwin e Wallace foram autores que difundiram acepções para que esse conceito fosse formalizado. Mesmo os campos da ciência não identificados com essas descobertas, acabaram sendo influenciados por essa forma de pensamento. A ciência nesse período, parecia poder se escorar nas últimas descobertas de naturalistas como Darwin e Wallace. Kropotkin, dentro desse cenário, acabou utilizando o evolucionismo para dialogar com suas teorias anarquistas.⁵⁶⁹ Esses paradigmas, trariam ainda mais justificativas para que as ideias anarquistas fossem discutidas e se possível implementadas na sociedade.

Anton Pannekoek nos coloca que o impacto da teoria evolucionista foi determinante para a maioria dos campos científicos e revolucionários naquele período.⁵⁷⁰ Segundo Hobsbawm, Marx dispunha-se em dedicar o segundo volume do *Capital* a Darwin, e Engels em sua famosa frase escrita em seu túmulo louvava Darwin pela descoberta da lei da evolução na natureza orgânica e ele, Engels, teria feito o mesmo trabalho na história humana.⁵⁷¹ Embora podemos também destacar que essas aproximações não eram feitas pelos métodos, mas pelas suas similaridades em relação a suas concepções de mundo. Engels, em uma carta a Piort Lavrovich Lavroch, especifica essas questões, quando identifica que a doutrina darwinista de luta pela existência, na natureza, é a transposição pura e simplesmente da doutrina de Hobbes da *luta de todos contra todos*.⁵⁷²

Por parte do marxismo, um autor como Eduard Bernstein e seu revisionismo, estabeleceu uma polêmica para dentro da social democracia alemã (SPD). Eduard Bernstein se colocava contra uma noção de catastrofismo, pois via que essa noção trabalhava questões de forma bastante equivocada. Para ele o capitalismo, naquele momento, teria uma capacidade de adaptação maior do que suas crises cíclicas internas de uma suposta dialética. Nesse caso, a revolução não teria que esperar um momento apropriado, pois esse momento não viria estabelecido por uma crise do capitalismo. Sendo assim, sua obra *Evolutionary Socialism* de 1899, trazia a questão do evolucionismo para dentro do socialismo, de forma crítica aos

⁵⁶⁹ KROPOTKIN, Peter. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre. p.84.

⁵⁷⁰ PANNEKOEK, Anton. *Marxismo e darwinismo*. <http://www.marxists.org>.

⁵⁷¹ HOBSBAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia da Letras, 2012. p.212.

⁵⁷² ENGELS, F. *Carta a Piort Lavrovich Lavroch*. Londres, 12-17 de noviembre de 1875. Fuente: C. Marx & F. Engels, *Obras Escogidas, en tres tomos*, Editorial Progreso, Moscú, 1974, págs. 532-534, 569. Digitalización: Juan Rafael Fajardo, para el Marxists Internet Archive, marzo de 2001.

consensos já estabelecidos dentro do marxismo. Nesse caso, uma revisão da obra de Marx, se tornava necessário devido às interpretações apressadas sobre seus textos, pois ligeiramente aproximaram à ideia de crises do capital a noção de ruptura imediata. Eduard Bernstein, baseia-se em uma construção reformista da sociedade, que se justificava por essa forma de conceituar o evolucionismo, trazendo margens para se trabalhar a noção de que a sociedade mudava por meios de transformações lentas e graduais.⁵⁷³

Eduard Bernstein acabou, também, fazendo a mesma simplificação que ele mesmo acusava em seus companheiros, pois se as interpretações sobre o pensamento de Marx vêm pelo fato de juntar duas ideias tautológicas, que passam uma mesma informação, como a ideia de revolução e crise cíclica, onde as crises recorrentes do capitalismo não acarretariam a possibilidade de uma revolução dentro das atribuições que esses conceitos trazem, sendo cogitados como considerações equivalentes. Eduard Bernstein acabou fazendo a mesma simplificação, operando no mesmo plano, quando faz essa movimentação entre evolucionismo e reformismo político, onde um daria o suporte para conceituar o significado do outro em questão. No caso, Kropotkin não trabalharia o conceito de evolucionismo dessa forma tão esquemática e simplista. Eduard Bernstein colocou em suas abordagens o evolucionismo como conceito que explica uma realidade social, para que assim seja feito, ajudando a solucionar os problemas das classes operárias e a luta política de seu período na Alemanha.

Kropotkin acabou sendo um dos expoentes que não trabalhou o evolucionismo de forma que justificasse uma posição reformista da sociedade e isso não quer dizer que ele não admitia que determinadas mudanças não fossem feitas em longo prazo. Kropotkin seria o autor revolucionário, que mais teria se beneficiado dessas considerações inovadoras no campo das ciências naturais, utilizando esses conhecimentos para fazer uma crítica ao capitalismo. Numa época em que muitos tentavam aproximar o evolucionismo do capitalismo, em sua forma estrutural de organizar a sociedade e de entender a história. Kropotkin fazia um caminho diverso diante dessas tentativas e oportunizava a Darwin um caminho menos “cruel” no sentido político.

O revolucionário vislumbrava no evolucionismo uma finalidade que alimentaria as possibilidades de uma organização social anarquista, sendo que as tentativas de aproximar o funcionamento do capitalismo com a envergadura do evolucionismo, como proposta vigente, seriam muito mais uma estratégia de dominação das classes engajadas nas ideias

⁵⁷³ BERNSTEIN, Eduard. *Evolutionary Socialism*. Marxists Internet Archive, 1907.

“malthusianas”, em que a escassez se torna um exercício natural da sociedade e da natureza. Determinados processos de dominação, que se entrelaçam na cultura da sociedade, consolidam estímulos para organizar mecanismos sociais de formação ideológica, para subordinar grupos sociais, tornando-se um instrumento promissor na sociedade contemporânea. Kropotkin direcionou o conceito de evolucionismo para uma perspectiva fora da associação meramente feita com o capitalismo, caminho esse que estava sendo percorrido para que se pudesse justificar o sistema político e social vigente de tal contexto. O autor buscou ampliar essas análises, mostrando que uma descoberta científica e teórica pode estar ligada a uma negação da sociedade, em um processo de ruptura desta, e não necessariamente buscando se justificar como sistema social, reiterando o senso comum do contexto, estabelecido, onde ela foi criada. O autor russo fez uma interpretação sobre pressupostos do evolucionismo que foram silenciados. Bachelard nos coloca que os fenômenos científicos adormecidos podem ser o anúncio de uma realidade mais profunda.⁵⁷⁴ Kropotkin aproxima a localização do evolucionismo nas proximidades que ambientam a necessidade de uma sociedade a ser construída com a participação dos princípios do anarquismo.

Finalmente, a filosofia evolucionista, estudando as sociedades humanas sob o aspecto biológico, veio tão somente dar ganho de causa à concepção anarquista, chegando às mesmíssimas conclusões a que, pelo estudo da história e pela análise das tendências atuais, chegaram os revolucionários anarquistas e que se concretizam na seguinte afirmação que já não oferece dúvidas para quem pensa e estuda: que o progresso futuro da humanidade reside em tornar efetiva a socialização da riqueza e a integração do trabalho, aliadas, uma e outra, à expressão da mais completa liberdade individual.⁵⁷⁵

Vemos aqui que o evolucionismo, dentro de uma análise mais profunda, estaria anunciando uma tendência das sociedades humanas para o futuro. Isso não anunciaria que o evolucionismo tivesse uma ideologia anarquista, mas que suas conclusões se embasavam em uma sociedade ligada ao socialismo libertário. Ambas as propostas se aproximavam, pois partiam de um mesmo ponto de vista. Kropotkin colocava que os evolucionistas não estavam interessados em ir além do que as suas propostas anunciavam. A teoria evolucionista extrapolava seu campo específico, sendo que suas “inteligências” não estavam atreladas a uma vontade de fortalecer as massas para contribuírem nesse processo de emancipação social. Logo, estavam apenas tentando fazer ciência, mas os anarquistas permaneciam interessados em dar um sentido a isso, por meio de suas lutas, à sociedade, sendo que eles se encontram

⁵⁷⁴ “Até pelo contrário: um fenômeno adormecido é uma riqueza da substância que se economiza: é o sinal de uma realidade mais profunda, menos fugaz”. BACHELARD, Gaston. *A experiência do espaço na física contemporânea*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p.8.

⁵⁷⁵ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. pp.148-149.

mais dispostos a mudar a sociedade, em busca de um melhoramento possível no campo político e econômico.⁵⁷⁶

Kropotkin elaborou uma interpretação relacionando biologia, antropologia, sociologia, política, geografia, história, ciências exatas e o evolucionismo de maneira competente. Adaptando essas descobertas de modo a não se tornarem contraditórias com os ideais dos anarquistas e de seu comunismo, pelo contrário, acabou potencializando essas descobertas a terem mais sentido quando percebidas pelo viés revolucionário da ideologia socialista, do que um fenômeno, simplesmente, que pode ser adequado ainda mais a sociedade capitalista e seus interesses. Sobre esse aspecto, *Ajuda Mútua: um fator de evolução*,⁵⁷⁷ livro publicado em 1902, seria uma das suas obras mais importante sobre essas temáticas. Textos que o autor estava desenvolvendo há uma década antes dessa publicação. Kropotkin buscava potencializar e dar maior credibilidade para as orientações anarquistas na sociedade. E reconhecia que sua investida nas ciências naturais tinha um objetivo muito específico.

Decerto não desejareis mal se tomo inicialmente alguns exemplos elementares, colhidos, nas ciências naturais, para deles deduzir nossas ideias sociais - longe disso! Farei simplesmente sobressair melhor algumas relações, mais fáceis de compreender nos fenômenos averiguados pelas ciências naturais, do que procurando os seus exemplos apenas nos fatos tão complexos das sociedades humanas.⁵⁷⁸

Kropotkin não queria fazer das ciências naturais uma espécie de lugar seguro para as teorias anarquistas, nem mesmo fazer das ciências naturais uma envergadura para analisar as ciências humanas, mas sim buscava ele dar precisão a algumas relações que pareciam inevitáveis, não deixando de reconhecer a profundidade das ciências humanas. Devido a seu conhecimento em ciências exatas, ele poderia, por meio delas, comprovar algumas hipóteses. Para ele, as ciências exatas estavam se utilizando de métodos que estariam trazendo alicerces, se não mais confiáveis ao menos mais rigorosos para se pensar o mundo do conhecimento até aquele momento. A biologia não poderia explicar as causas sociais, mesmo a fisiologia humana tenha grande influência nas ações dos homens e mulheres.⁵⁷⁹ Ernst Mayr nos coloca que a biologia teria tido suas maiores definições como campo de estudo no século XIX.⁵⁸⁰ Poucos eram os autores, que tinham utilizado tais estudos, das ciências naturais, sem exagerar as noções e as categorias que estimulavam uma conceituação fechada dos elementos, longe da ideia da luta pela existência. A observação sobre os fenômenos das ciências naturais e das

⁵⁷⁶ Ibidem. p.154.

⁵⁷⁷ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009.

⁵⁷⁸ KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.16.

⁵⁷⁹ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos Revolucionarios II*. Barcelona: Tusquets Editor Iradier, 1977. p.65.

⁵⁸⁰ MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.53.

ciências humanas tinham suas diferenças, onde nas ciências humanas se ocupam dos fatores subjetivos e da cultura que influencia determinando resultado ou conclusão, já nas ciências naturais buscam-se os condicionantes na natureza menos influenciados pelos seres humanos e de difícil alteração, estabelecendo padrões mais rigorosos.

Teríamos, por exemplo, as posições do zoólogo Kessler, que iriam ao encontro das posições de Kropotkin.⁵⁸¹ A “competição” presente na natureza ajudou a exacerbar essa orientação em relação aos seres humanos, e dentro disso as consequências diante deste tipo de raciocínio, tinham se espalhado em todo o debate sobre o evolucionismo. Kessler, assim como Kropotkin, tinha tomado outro caminho diante desses fatos.⁵⁸² Ele era um seguidor de Darwin, em certa medida, e também havia percebido o apoio mútuo como orientação que predominava na natureza, mais do que a suposta luta entre os indivíduos. A exaltação dos vencedores e dos mais fortes era transferida à ideia de melhores adaptados para a vida na sociedade capitalista.⁵⁸³ Outros autores, mais se apropriaram das teorias de Darwin do que exatamente fizeram um diálogo sobre suas ideias, buscando apenas uma justificativa para sustentar a ideia de uma superioridade racial e cultural, sem procurar algo para além dessas construções.

O anarquista russo pôde fazer uma crítica a toda uma escola de pensamento que foi construída, assim como o próprio Darwin apresentava todo um percurso que legitimava essas interpretações, uma tomada tanto política quanto ideológica de seus pensamentos. Ou seja, construções que se colocavam como científicas, assim via Kropotkin, mas na realidade tinham um discurso que se explicava fora desse quadro, utilizando pouca ciência para legitimar suas operações mais seguras.

Por isso, quando os metafísicos nos falam hoje de atribuições que dão a Hegel de haver descoberto, ou pelo menos popularizado, a ideia de mutação, de evolução, esses senhores provam somente que a história das ciências naturais lhes é absolutamente estranha, e não só a sua história como até o alfabeto inicial dessas ciências e o método adotado no seu estudo. A ideia de evolução impunha-se em todas as províncias do saber humano. Era, pois, uma necessidade lógica aplicá-la à

⁵⁸¹ KROPOTKIN, Peter. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre. pp. 47-48.

⁵⁸² “De modo que la ayuda mutua dentro de la especie es –como lo ha señalado ya Kessler– el factor principal de lo que puede calificarse como desarrollo progresivo”. KROPOTKIN, Peter. *Orígenes y evolución de la moral*. Madrid: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.38

⁵⁸³ “Entre os seguidores científicos de Darwin, o primeiro – tanto quanto sei – a compreender o pleno significado da Ajuda Mútua *como lei da natureza e principal fator da evolução* foi um célebre zoólogo russo, o professor Kessler, [que foi] reitor da Universidade de São Petersburgo. Ele apresentou suas ideias em uma palestra proferida em janeiro de 1880, poucos meses antes de sua morte, em um congresso de naturalistas russos; mas, assim como muitas coisas boas publicadas apenas na língua russa, esse trabalho notável continua praticamente desconhecido”. KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.23.

interpretação, não só de todo o sistema natural do mundo, como ao estudo das instituições humanas, das religiões e das várias doutrinas éticas. Cumpria, posto que mantendo a ideia da filosofia positiva de Augusto Comte, alargá-la de modo a enquadrá-la no conjunto de tudo que vive e se desenvolve na terra.⁵⁸⁴

Kropotkin percebeu que existia um todo coerente para se defender acima de tudo, como um projeto social muito maior do que simplesmente evidências de algumas descobertas científicas. Por meio desses fenômenos coligados, teríamos um projeto de poder social para a história moderna, que se estabelecia pela legitimação de alguns autores de renome da época. Autores como Hegel e Comte traziam pilares conceituais para as investidas científicas da ciência natural. Spencer era um exemplo das formalizações sobre as ciências modernas, que seguiam as influências das “leis” do espírito de Hegel.⁵⁸⁵

O autor nos lembra, de que Spencer havia falado de evolução antes mesmo de Darwin, por volta de 1850.⁵⁸⁶ Mesmo Spencer fazendo críticas ao Estado,⁵⁸⁷ legitimava, uma ideia de luta pela existência concebida por meio da noção dos fortes sobrepujando os fracos, defendendo as justificativas do Estado como o grande arquiteto da organização social moderna, ainda mais quando se referia a importância das qualidades atribuídas aos “fortes” sobre os “fracos”, sendo então esse tipo de governo um exemplo de força superdotada.⁵⁸⁸ Embora Geoffrey Hawthorn, nos lembre que Spencer no seu livro *Princípios de Sociologia*, tinha poucas posições situando à luta pela existência, ele a salientava de forma contraditória: a discussão entre competição e as relações com o altruísmo, afirmando a competição em seu tempo e acreditando que no futuro o altruísmo seria o atributo social mais desenvolvido.⁵⁸⁹

Huxley seguiu Spencer nesse mesmo equívoco, de perceber os conflitos humanos em sua história como uma luta acirrada pela existência, no entanto são textos em forma de autoridade significativa, para serem desconstruídas através de meras críticas humanísticas, embora suas construções fossem bastante duvidosas. Era preciso e necessário um trabalho da mesma envergadura, para poder justificar uma versão contrária a esta. A opinião pública criava essas orientações; num contexto que a imprensa não dava nenhum tiro e nem usava a

⁵⁸⁴ KROPOTKIN, Peter. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre. p.54.

⁵⁸⁵ Ibidem. p.66.

⁵⁸⁶ “Herbert Spencer, antes que Darwin, en 1850, publicó su obra *Estática Social*, donde aparece ya la teoría de la evolución aunque ciertamente en una forma poco elaborada”. KROPOTKIN, Peter. *Origen y evolución de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.180.

⁵⁸⁷ KROPOTKIN, Peter. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre. p. 49.

⁵⁸⁸ KROPOTKIN, Peter. *O Anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. pp.148-149.

⁵⁸⁹ HAWTHORN, Geoffrey. *Iluminismo e desespero: uma história da sociologia*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982. p.105.

violência, mas executava outro dito de coerção social, através das forças de persuasão. Em Foucault esses elementos como fenômeno social e histórico são traduzidos em seu livro *A Ordem do Discurso*, onde os cursos das palavras se orientam sobre regras específicas em nome da manutenção dos regulamentos do poder.⁵⁹⁰ Devido a este pacto social que Kropotkin percebia, sendo assim, este, utilizava seus conhecimentos para ajudar a desconstruir esses poderes sociais dinâmicos e não exatamente para se colocar como um defensor das ciências naturais como aposta teórica.

Esta luta exacerbada pela existência identificada por Spencer e Huxley não existia nem entre os animais e nem mesmo entre os seres humanos, como afirma Kropotkin.⁵⁹¹ Spencer utiliza um antagonismo entre os conceitos de altruísmo e egoísmo ancorado em Augusto Comte.⁵⁹² Segundo Kropotkin, Spencer nos coloca que o altruísmo é construído por uma motivação egoísta: indivíduos que buscam construir uma sociedade próspera e organizada, dentro de conotações utópicas, ancoradas numa ideia de perfeição social, assim pensam, porque dentro dela poderiam ter uma maior proteção de sua vida e uma melhor realização de sua existência, já que os outros não lhe atrapalhariam e sim iriam contemplar seus desejos e gratificações que os demais podem lhe garantir e, se assim for, estão sendo impulsionados por motivações egoístas.⁵⁹³ Muito antes de Richard Dawkins,⁵⁹⁴ o pensamento evolucionista já articulava essas ideias em uma cultura prévia, como se o altruísmo obedecesse a um cálculo de interesse. O militante anarquista russo reconhecia essas relações entre egoísmo e altruísmo.⁵⁹⁵ Mesmo essas considerações sendo possíveis, não justificaria uma sociedade pautada numa epistemologia social somente identificada com pressupostos egoístas.⁵⁹⁶ Conforme Kropotkin, o ser humano, por meio da convivência, cria relações de afetividade e de manutenção da vida por interesse mútuo. A destruição da vida se produz por interesses egoístas e a manutenção da vida, em sociedade, por motivações altruístas.⁵⁹⁷ Onde a própria noção de sociedade é dependente de um “acordo” e esse apoio mútuo, é o que garante sua existência; agora se a sociedade vai ser regulada por inspirações egoístas, isso só poderia ser feito depois de uma negociação anunciada primeiramente pelo apoio mútuo.

⁵⁹⁰ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

⁵⁹¹ KROPOTKIN, Peter. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre. p. 46.

⁵⁹² KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.40.

⁵⁹³ KROPOTKIN, Piotr. *Anarco-comunismo: sus fundamentos y principios*. Madri: Tierra de Fuego/ La Malatesta Editorial, 2010. p.81.

⁵⁹⁴ DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: EDUSP, 1979.

⁵⁹⁵ KROPOTKIN, Piotr. *O principio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.51.

⁵⁹⁶ Ibidem. p.52.

⁵⁹⁷ Ibidem. p.135.

O apoio mútuo pode ser visto como contribuição para se construir uma política dos afetos. Autores brasileiros como Wladimir Saflate,⁵⁹⁸ no esforço de trazer novas contribuições à política de “esquerda”, busca nessas noções de “afetos”, o medo, uma temática que se relaciona com a política; no caso, se entendermos o altruísmo como uma narrativa que corresponde a uma iniciativa em parte afetiva. Wladimir Saflate procura desconstruir uma orientação que neutraliza as ações ativas de transformação social; baseado em um fio condutor, um debate na história do pensamento ocidental, que passa por Aristóteles, Hobbes, Espinosa, Freud, Foucault, Agamben e ainda outros, se aproximando de uma articulação que leva em consideração uma imagem de “apoio mútuo” como ação coletiva. Essas demandas também foram desenvolvidas muito antes por Kropotkin, sendo assim, Wladimir Saflate procura se orientar dessa forma para abrir novas perspectivas políticas.

Para Richard Dawkins os genes seriam os grandes comandantes da vida e da natureza. Embora assim seja aceito, em um debate atualizado hoje em dia, que a evolução biológica não tem uma linha de descendência privilegiada, com um fim projetado antecipadamente, como o próprio Richard Dawkins argumenta.⁵⁹⁹ Kropotkin pode ser resgatado dentro desse processo, em que suas ideias têm certa atualidade significativa sobre essas temáticas. O pensador anarquista conseguiu fugir das influências eugenistas, em certa medida, por um viés bastante satisfatório se pensarmos a influência esmagadora dessas ideias em sua época.⁶⁰⁰ No período de Kropotkin, todas essas afirmações eugênicas ganhavam um respaldo científico que conquistava a opinião pública. Essas descobertas aos poucos iam virando leis, capacitando os Estados e instituições a organizarem uma política de limpeza em nome de uma dita higienização social, no combate das doenças que prejudicavam a sociedade como um todo, sendo essas enfermidades um entrave para avanços qualitativos e quantitativos na sociedade.⁶⁰¹

As causas fisiológicas seriam as que menos influenciavam uma pessoa a ter condutas de criminalidade e terminar na prisão, como dizia Kropotkin.⁶⁰² Mas a eugenia

⁵⁹⁸ SAFLATE, Wladimir. *O circuito dos afetos, corpos políticos e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p.26.

⁵⁹⁹ DAWKINS, Richard. *A grande história da evolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.21.

⁶⁰⁰ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos revolucionários II*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.63.

⁶⁰¹ “A sociedade não tem direito algum de exterminar aquele cujo cérebro esteja enfermo e nem prender todos que tenham os braços mais longos que o normal”. KROPOTKIN, Pedro. *As prisões*. Campinas: Barricada Libertária. 2012. p.24.

⁶⁰² *Ibidem*. p.29.

seguia um caminho contrário. A história moderna, pois, desenvolveu mecanismos e aprimorou sua capacidade de punir e de estabelecer um controle social cada vez mais vigente, em sua pretensão de dominação edificada dos corpos na sociedade, Michel Foucault identificava assim esse processo.⁶⁰³

Kropotkin fez suas colocações em um período que houve o auge das ideias que associavam psicologia, antropologia, sociologia, medicina e a biologia da quarta metade do século XIX, em nome da eugenia. Essas teorias estavam em ápice de aceitação e influência nos vários setores do conhecimento científico, junto da opinião pública da sociedade europeia e da América do Norte; figuras como Madison Grant⁶⁰⁴ e Cesare Lombroso eram cultuadas naquele contexto.

Kropotkin foi um dos fundadores da *sociobiologia*, não sendo reconhecido por tal feito, devido a suas posições revolucionárias e anti-racistas, questões praticamente inconcebíveis para sua época. No entanto, Kropotkin não tinha uma hegemonia considerável neste campo, para conquistar tal feito e estabelecer um paradigma, como Thomas S. Kuhn visualiza tais procedimentos, no caso, do estudo da ciência e seus saltos qualitativos.⁶⁰⁵

Mas não é verdade que os intelectuais críticos ou progressistas tenham sempre insistido nessas estranhas ideologias. Peter Kropotkin, por exemplo, não sucumbiu a essa curiosa forma de irracionalidade. Seu livro *Ajuda mútua: um fator de evolução*, fundou a disciplina da sociobiologia – embora não seja reconhecido por essa realização, pois chegou a conclusões que são inaceitáveis pela doutrina dominante, inclusive as doutrinas daqueles ‘intelectuais de esquerda’ (...)⁶⁰⁶

Noam Chomsky identifica Kropotkin como um dos fundadores da disciplina da *sociobiologia*. Kropotkin se colocava na contramão das conclusões eugênicas e associações colocadas ao darwinismo social como a última revelação. O pensador russo devido a suas ideias anarquistas e comunistas colocou-se contra esse legado de conhecimento que servisse como instrumentos para validar uma ciência “falsificada”. Tais fenômenos podem assegurar um caráter provisório de um fato científico, como de costume a ciência trabalha, mas utilizar esses espaços para aproveitar e direcionar posições contra uma concepção de mundo que não estamos de acordo, seria uma das formas da ideologia descrever sua dinâmica para dentro do

⁶⁰³ “Objetivo deste livro: uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade”. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p.24.

⁶⁰⁴ GRANT, Madison. *The passing of the great race of the racial bases of European history*. New York: Charles Scribner's sons. 1916.

⁶⁰⁵ KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. p.67.

⁶⁰⁶ CHOMSKY, Noam. *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo: Imaginário: Sedição, 2004. p.147.

corpo científico. Nesse sentido o pensador visto aqui, estaria defendendo a “ciência” dos cientistas, utilizando a ciência contra a classe dos cientistas que fazem dela um elemento que busca sempre uma espécie de neutralidade ética e social.

Kropotkin buscava mostrar os principais fatores da evolução, mas sem sombra de dúvida, deixava claro seu posicionamento em uma abordagem que não tentasse definir a evolução restritamente.⁶⁰⁷ Suas análises percebiam os limites que as teorias de Darwin e Wallace tinham para se formarem com tanta invariabilidade de interpretação, e muito dessas ideias sugeridas a esses autores estavam sendo mal colocadas, forçando o posicionamento desses naturalistas a um conhecimento que estes, em realidade, não tinham elaborado.

En la propia naturaleza –ha dicho Darwin– podemos observar, al lado de la lucha mutua, una serie de otros hechos, cuyo sentido es completamente distinto, como el de ayuda mutua dentro de una misma especie; estos hechos tienen aún más importancia que los primeros para la conservación de la especie y su desenvolvimiento. Esta idea extremadamente importante, sobre la cual la mayoría de los darwinistas se niegan a fijar su atención. Y que Alfred Russell Wallace llegó a repudiar por completo, quise yo, por mi parte, desenvolverla y confirmarla con multitud de hechos en una serie de artículos dedicados a poner de relieve el valor enorme de la ayuda mutua para la conservación de las especies animales y de la Humanidad y, sobre todo, para su desarrollo progresivo y perfeccionamiento.⁶⁰⁸

Kropotkin entendia que a ajuda mútua permeava a construção da vida em suas várias formas, na busca da conservação das espécies. E ademais, essas ideias estavam sendo bastante desenvolvidas por Darwin e Wallace na construção de suas teorias, para que fossem colocadas de lado, já que seus textos muito asseguravam uma explicação da importância da ajuda mútua como manifestação da natureza e da vida. Darwin em suas influências tendia a desenvolver suas próprias bases sobre as concepções que levariam ao seu estudo diante da importância das populações, e a relação de equilíbrio que a natureza expressa, no que se chamava de “controle de excesso de população”. A categoria de luta entre os indivíduos da mesma espécie, pelos meios de subsistência, nunca atingiam uma importância sobre essas condições, em que a escassez material da vida destes meios se priorizava, sobre a questão da manutenção do excesso de população, para assim ser definido os mecanismos de competição entre as espécies.

⁶⁰⁷ “Este é um livro sobre a lei da Ajuda Mútua, vista como um dos principais fatores da evolução, e não sobre todos os fatores da evolução e seus respectivos valores. Era preciso que este primeiro livro fosse escrito para que se tornasse possível escrever um outro”. KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.17.

⁶⁰⁸ KROPOTKIN, Peter. *Origen y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. pp.16-17.

Todas essas questões levariam Kropotkin a desconfiar da relevância da competição em relação ao seu papel desempenhado na evolução.⁶⁰⁹ Malthus acaba sendo o pano de fundo a ser discutido, quando se pensava no conceito de população de Darwin nesta ocasião. Podemos dizer que desde 1838, diante de uma leitura casual, mas importante, do *Ensaio Sobre os Princípios da População* de Malthus, que essa influência transcurso sobre Darwin, em algumas lacunas abertas de seu pensamento, sob problemas que precisavam de uma definição mais “rigorosa”, a respeito do aspecto da luta pela existência e da seleção natural.⁶¹⁰

É a doutrina de Malthus aplicada com a mais considerável intensidade a todo o reino animal e vegetal, porque não há nem produção artificial de alimentação, nem restrição ao casamento pela prudência. Posto que algumas espécies se multiplicam hoje mais ou menos rapidamente, não pode ser o mesmo para todas, porque a terra não poderia comportar.⁶¹¹

Darwin, seguindo a influência de Malthus sobre o controle populacional, acabou percorrendo caminhos restritos para demonstrar e prescrever maior dinâmica a sua teoria, camuflando o lado criativo de seu pensamento. A luta pela existência passa a depender das dinâmicas populacionais das espécies, em um ambiente que torna a competição um fator, devido à falta de espaços e recursos de subsistências. Todas essas noções começam a ser promovidas sob essas passagens. Kropotkin percebe essa desconectada influência de Malthus, fazendo o próprio Darwin estabelecer esses conhecimentos para suas teorias. Pois Darwin buscou dar suporte a sua teoria recorrendo a Malthus e isso dificultaria suas descobertas mais significativas.

Em *A origem do homem*, Darwin escreveu algumas páginas memoráveis para ilustrar seu sentido próprio, o sentido amplo. Observou que, em inúmeras sociedades animais, a luta entre indivíduos pelos meios de subsistência desaparece, que essa luta é substituída pela *cooperação* e que essa substituição resulta no desenvolvimento de faculdades intelectuais e morais que assegura à espécie as melhores condições de sobrevivência. Ele sugeriu que, nesses casos, os mais aptos não são os mais fortes fisicamente, nem os mais astuciosos, e sim aqueles que aprendem a se associar de modo a se apoiarem mutuamente, fossem fortes ou fracos, pelo bem-estar da comunidade. “Aqueles comunidades”, escreveu ele, “que possuam o maior número de membros mais cooperativos seriam as que melhor floresceriam e deixariam a prole mais numerosa” (2.a ed. inglesa, p. 163). O termo, que se originou da estreita concepção malthusiana de competição de cada indivíduo contra todos os outros –, perdeu assim sua estreiteza na visão de alguém que conhecia a natureza.⁶¹²

⁶⁰⁹ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. pp.11-12.

⁶¹⁰ DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies: esboço de 1842*. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996. p.9.

⁶¹¹ DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1985. p.57.

⁶¹² KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.20.

Kropotkin procurou nos mostrar que Darwin poderia ter outros caminhos já anunciados por ele mesmo em sua obra, e que determinados desvios vinham da influência do malthusianismo, do seu círculo intelectual e das fontes disponíveis sobre suas descobertas. Ou seja, fazendo uma leitura mais atenta a seus textos, podemos destacar a diferença entre seus estímulos de análise e dos interlocutores que o ajudaram a consolidar suas descobertas.

O individualismo moderno, com esses recortes, se fortalecia como orientação teórica para se perceber o mundo e explicá-lo.⁶¹³ Portanto, Darwin teve o mesmo problema de outros autores quando ganham intérpretes ortodoxos. Ao invés do darwinismo ser pensado e ampliado como orientação teórica, na busca de complementar e continuar contribuindo com seu trabalho e sobre ele, se buscou fazer dele uma redução, uma “individualização”. Visto assim, o pensamento de Darwin acaba sendo disputado, promovendo a construção de um mito fundador, onde se solicita esse recorte dogmático sobre suas teorias.

Aconteceu com a teoria de Darwin o que sempre acontece com teorias que exercem qualquer influência sobre as relações humanas. Em vez de ampliá-la de acordo com suas próprias intuições, seus seguidores a estreitaram ainda mais. E, embora Herbert Spencer, partindo de linhas de raciocínio independentes, mas intimamente relacionadas com as darwinianas, tentasse ampliar o estudo daquela grande pergunta, “Quem são os mais aptos?”, principalmente no apêndice à terceira edição de *The Data of Ethics*, os inumeráveis seguidores de Darwin reduziram a noção de luta pela sobrevivência a seus limites mais estreitos. Estes acabaram por conceber o mundo animal como um mundo de perpétua luta entre indivíduos semi- famintos e sedentos do sangue uns dos outros. Fizeram a literatura moderna ressoar com o grito de guerra de “ai dos vencidos”, como se esta fosse a última palavra da biologia moderna. Elevaram a luta impiedosa por vantagens pessoais à condição de um princípio biológico ao qual também o homem deve se submeter, sob a ameaça de, caso contrário, sucumbir em um mundo baseado no extermínio mútuo.⁶¹⁴

Reduzindo o pensamento de Darwin, se chega a essa visão estreita, de que os mais aptos são os mais fortes e subsequentemente a isso a competição é o elemento essencial da natureza a vida humana, em sociedades. O evolucionismo de Darwin passa por uma percepção de evolução na acepção de “mudanças”, e não de um melhoramento garantido, no sentido evolutivo linear do termo, que nasce da luta competitiva como consequência básica. Pois é nesse ponto que Kropotkin conseguiu perceber a influência de Spencer e Malthus, que traduziram e nos forneceram um Darwin “capitalista”, uma tomada de posição, que resultava em um conceito chamado de darwinismo social, denominação muito mais empreendida por Spencer do que pelo próprio Darwin, que jamais pronunciou essas dinâmicas.

⁶¹³ Ibidem. p.79.

⁶¹⁴ Ibidem. p.21.

Kropotkin trabalhou e fortaleceu uma interpretação mais aberta de Darwin. A noção de escassez, que já era um atributo das epistemologias liberais e econômicas em Malthus, transformava-se agora em posturas que deveriam ser questionadas a fundo. O pensador revolucionário percebia que a ajuda mútua era um conceito que foi descartado e pouco estudado.⁶¹⁵ Dentro disso, ele tenta fazer um estudo mais detalhado e atento das passagens de Darwin e Wallace.

Entretanto, uma leitura atenta dos diferentes capítulos em que Darwin e Wallace tratam desse assunto logo nos faz concluir que a palavra “extermínio” não significa extermínio na plena acepção do termo. É evidente que a mesma observação que Darwin fez em relação à sua expressão “luta pela sobrevivência” também se aplica à palavra “extermínio”. Esta não pode ser, de forma alguma, entendida em seu sentido literal: deve ser compreendida “em seu sentido metafórico”.⁶¹⁶

Kropotkin, embora não se remetendo a essas denominações, acabou exercitando em seu método uma postura hermenêutica, diante de suas justificativas para elaborar suas críticas aos intérpretes de Darwin e Wallace. Na hermenêutica, o texto acaba sendo uma pergunta e não exatamente uma resposta. Esse método já havia sido colocado por Wilhelm Dilthey no século XIX, e desenvolvido com atribuições mais rigorosas por Hans-Georg Gadamer no século XX.⁶¹⁷ Kropotkin por meio de seu olhar de historiador “hermenêutico”, opera debates que estariam dentro das discussões sobre as metodologias historiográficas, contribuindo com esse tipo de orientação teórica para descrever problemas que anunciam, como se pode pensar e traduzir os passos de uma desconstrução histórica. Kropotkin assim visto, acaba se aproximando dos métodos que a hermenêutica exercita e desenvolve, mostrando sua capacidade de utilizar tais procedimentos como método histórico, contribuindo com uma tradição que começou com Wilhelm Dilthey, em seu formato moderno.⁶¹⁸ Nesse tipo de desenvoltura, procura-se compreender uma interpretação dada e ao mesmo tempo o

⁶¹⁵ Ibidem. p.43.

⁶¹⁶ Ibidem. p.59.

⁶¹⁷ “Para o historiador é uma suposição fundamental que a tradição deva ser interpretada num sentido diferente do que os textos exigem por si mesmos. Por detrás deles e por detrás da intenção de sentido, a que dão expressão, o historiador buscará as realidades de que são expressão involuntária. Os textos aparecem juntos a toda outra classe de materiais históricos, isto é, dos chamados restos. E também esses têm de ser interpretados, isto é, não devem ser compreendidos somente no que dizem (...) E o historiador interpreta os dados da tradição para chegar atrás do verdadeiro sentido, que, a um só tempo, se manifesta e se oculta neles. Nesse sentido, existe uma certa tensão natural entre o historiador e o filólogo que quer compreender um texto por sua beleza e verdade. O historiador interpreta direcionado a algo que não vem expresso no próprio texto e que absolutamente não precisa se encontrar na presumida orientação de sentido do texto”. GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997. pp.498-499.

⁶¹⁸ Vejamos assim: “Semelhante interpretação do mundo, que esclarece o seu ser multiforme mediante algo de mais simples, começa já na linguagem e desenvolve-se na metáfora, como representação de uma intuição por outra que lhe é afim, que num sentido qualquer a torna mais ilustrativa, na personificação que, ao humanizar, aproxima e torna compreensível, ou mediante o raciocínio por analogia que, em virtude da afinidade de algo conhecido, pode determinar o menos conhecido, e se aproxima assim já do pensamento científico”. DILTHEY, Wilhelm. *Os tipos de concepção de mundo*. Portugal: LusoSofia: Prees, 1997. p.14.

atuante tenta entrar nos conceitos e nas formas de colocar os problemas. Dessa maneira, podemos despertar o que se encontra escondido por preconceitos, entendendo-os, sob uma análise da linguagem, abrindo caminho para uma posição que investiga as representações dadas, que não podem ser meramente excluídas.

A noção de extermínio, como regulação sobre os elementos de seleção natural, não está ligada à questão da mudança do ambiente, que alteram o posicionamento das espécies, aumentando a influência da necessidade do aniquilamento das espécies como atributo que organiza a natureza.⁶¹⁹ Darwin acabou usando os meios linguísticos de sua época para explicar suas teorias. Às vezes esses problemas são colocados pelo fato de explicarmos teorias novas ainda utilizando instrumentos velhos para expressá-las. Nesse sentido, internalizamos novos fenômenos, aproximando esses atributos a velhas abordagens para credibilizar nossas descobertas, misturando e dificultando o sentido final de nossos conceitos. A produção de um neologismo também fica dependente de uma cultura estabelecida, para produzir novas palavras e sob elas novos sentidos.

Devemos investigar esses problemas para não cair na ilusão que essas ideias “novas” estão sendo reveladas em sua magnitude, numa proporção ideal entre conteúdo e forma, esquecendo que a forma, no caso, a linguagem cultural por onde ela é exposta, pode camuflar nossos conteúdos, preocupação essa que Kropotkin expõe.⁶²⁰ Quanto a isso, Mário Ferreira dos Santos nos coloca que a busca por uma retórica e eloquência adequada, para expressar nossas ideias e teorias, se constitui como um desafio, tanto para quem as leem quanto para quem as escreve.⁶²¹

A ajuda mútua é para Kropotkin o grande legado da teoria evolucionista. O apoio mútuo era uma grande manifestação da natureza operacionando a vida. A ideia de natureza ganha um destaque permanente nesse tipo de pensamento, sendo uma manifestação que se concluiu por uma diversidade aplicada a suas manifestações mais simples, às mais complexas, revelando um caráter variável.⁶²² Kropotkin percebeu que a natureza se orientava como fenômeno físico e filosófico ao estilo de Espinosa e do panteísmo de Giordano Bruno, em seu sentido artístico.

⁶¹⁹ “Certamente não é preciso acrescentar que, se admitirmos, como Spencer e todos os lamarckianos, e o próprio Darwin, a influência modificadora do meio ambiente sobre as espécies, torna-se ainda menor a necessidade de extermínio das formas intermediárias”. KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.60.

⁶²⁰ Ibidem. p.61.

⁶²¹ SANTOS, Mário Ferreira Dos. *Curso de oratória e retórica*. São Paulo: Logos, 1962. p.17.

⁶²² KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.42.

A natureza e a sociedade compartilhavam um mesmo mundo em questão, uma relação social intrínseca. A sociedade era vista como um todo, em um sentido monista do termo. Desse modo, Kropotkin se aproximava de Marx sobre o aspecto do monismo como concepção de mundo. Terence Ball em seu artigo: *Sobre “Hacer” História em Vico e Marx*, percebe o pensamento de Marx sobre esses parâmetros monistas.⁶²³ Nessa definição, em Kropotkin, a evolução era vista como uma ferramenta para se entender não somente o mundo natural, mas articulado com o mundo social e a história. A natureza, agora, oferecia respostas verificáveis. Ou seja, o ser humano poderia fazer sua interpretação da natureza e da sociedade numa mesma visão, observando o conjunto desse movimento.

O militante anarquista russo trabalha a ajuda mútua como uma espécie de pressuposto acima das regulações que fornecem uma luta de todos contra todos, tanto na natureza quanto na história humana. A nomenclatura que argumenta em prol de uma justificativa da prevalência da violência na história é questionada por Kropotkin, em um nível bastante contundente pelo viés do desenvolvimento do apoio mútuo, como base para desenvolver a natureza e a história da humanidade.⁶²⁴ O escritor russo não nega essa relação, entre as forças classificadas como: egoístas e competitivas, e as desvantagens que essas ações têm no exercício da manutenção da vida, mas que essas relações acabam reforçando as tendências e as necessidades do apoio mútuo e não ao contrário. Ora, o fato de uma sociedade se tornar libertária, não é pelo motivo dos seres humanos serem bons, altruístas e generosos em si, mas justamente por serem levados a uma tendência que privilegia a manutenção de suas vidas e a busca de concentração de poder para si mesmos, implicações que explicam todas as formas de violências, que são produzidas sem uma necessidade natural em nossa sociedade.

Uma autora como Ayn Rand, reforçando as tendências do egoísmo e adjetivando essas relações como uma manifestação virtuosa, acredita que defendendo essas posições estaria a beneficiar uma sociedade livre, ligada ininterruptamente aos direitos individuais.⁶²⁵ Esquecendo, ela, que o capitalismo tem uma propensão para fomentar uma preservação de si mesmo e não da sociedade que ele utiliza, para somente manter-se próspero diante de seus adversários. O capitalismo utiliza valores em seu nome e se constitui como um conteúdo vazio, que no máximo estimula comportamentos sociais. Dito de outro modo, o capitalismo

⁶²³ TAGLIACOZZO, Giorgio (org.). *Vico y Marx, afinidades y contrastes*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990. p.82.

⁶²⁴ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.37.

⁶²⁵ AYN, Rand. *Virtude do egoísmo*. Porto Alegre: Ortiz, 1991. p.119.

não tem compromisso com nenhum valor em si a não ser o “capital”, e muito menos com a liberdade das pessoas, como Ayn Rand ingenuamente acredita. Pois se o egoísmo é visto como parte de uma “natureza humana”, em certa medida, seria por esse mesmo motivo que não poderíamos entregar a sociedade e os governos para este dito “ser humano” capitalista, onde seu egoísmo deve ser restringido em seus poderes sobre os outros, sendo cada vez mais diminuídos e não aumentados e centralizados, pois não faria sentido entregar a sociedade sob o controle de poucas pessoas, já que o ser humano tende a utilizar as relações de poder em seu benefício próprio. E em última estância, é o apoio mútuo que cria as condições para uma competição, sendo a cooperação o elemento fundamental da natureza e da vida dos homens e mulheres em sociedade.⁶²⁶

Segundo Kropotkin, o próprio socialismo tem uma função altruísta e, teria sua expressão nas demonstrações da ajuda mútua, constatadas na humanidade por homens e mulheres, uma atividade plena na história.⁶²⁷ Essas duas tendências, as forças altruístas e as forças egoístas criam uma tensão em suas relações.

É a ação, a ação contínua, incessantemente renovada das minorias que opera esta transformação. A coragem, a dedicação, o espírito de sacrifício, são tão contagiosos quando a covardia, a submissão e o pânico. Que formas tomará a agitação? Todas as formas, as mais variadas, que lhe serão ditadas pelas circunstâncias, pelos meios, pelo temperamento.⁶²⁸

Kropotkin aceita as subjetividades que estão inseridas na construção da vida humana. A ideia de “natureza humana” aqui passa por esses paradoxos. Essas relações sociais podem ganhar adjetivações que mostram vinculações à conceitos atribuídos a uma sociedade virtuosa de um lado. Por outro, concebemos uma sociedade mergulhada em conexões medíocres, repetitivas e viciosas. Podemos dizer que as atitudes vistas como atribuídas de ação e seu contrário são amplamente distribuídas na sociedade. Por isso, as minorias ativas acabam tendo um papel importante que direciona a sociedade. Embora também saibamos que quem acaba decidindo as relações de poder na sociedade e na história são as pessoas que se

⁶²⁶ “É evidente que seria totalmente contrário a tudo que sabemos da natureza se os seres humanos fossem exceção a uma regra tão geral. Não pode ser verdade que uma criatura tão indefesa em seus primórdios como o ser humano tenha se protegido e evoluído por meio de uma competição temerária por vantagens pessoais, sem consideração pelos interesses da espécie e não por meio do apoio mútuo, como outros animais”. KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.72.

⁶²⁷ “Todos os grandes movimentos históricos tiveram esse traço distintivo; o socialismo está nesse caso para a nossa geração. Quem nada sabe a respeito costuma chamar seus seguidores de “agitadores mercenários”. Mas a verdade é que – falando só do que sei pessoalmente –, se eu tivesse mantido um diário nos últimos 24 anos e descrito nele toda a devoção e altruísmo que encontrei no movimento socialista, quem o lesse teria a palavra “heroísmo” constantemente nos lábios. Mas os homens dos quais eu teria falado não eram heróis; eram homens comuns, inspirados por uma ideia grandiosa”. KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. pp.211-212.

⁶²⁸ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: imaginário, 2005. p.208.

utilizam desse arremedo de maneira inerte, muitas vezes, tento um apoio mútuo discreto; essas formas de participação social se hegemonomizam de maneira bastante eficiente, devido a sua força colaborativa quantitativa. Kropotkin entende as forças de submissão e libertação em um mesmo conflito, mobilizadas por estímulos culturais e das circunstâncias de um determinado contexto histórico, sendo demandas desse mesmo processo histórico.

O estudo das forças que possibilitam a submissão à autoridade, já tinham sido colocadas por Etienne De La Boétie, no século XVI, em seu livro *Discurso da Servidão Voluntária*, muitos antes dos evolucionistas que defendiam um darwinismo situado no campo de uma engenharia social capitalista.⁶²⁹ Etienne De La Boétie buscou estudar esse fenômeno de forma crítica, denunciando essas forças que favorecem uma suposta servidão, sem precisar apelar para um ponto de vista que procura descaracterizar outras formas de ver o problema. Agindo diferentemente de Etienne De La Boétie, defensores das atribuições egoístas na sociedade, como assim formalizavam certos autores do século XIX, no caso de: Malthus, Spencer, A. Huxley e Francis Galton discursavam apelando para noções que não visavam aberturas para outros pontos de vista, em relação aos mecanismos vinculados a orientações egoístas. Etienne De La Boétie se posicionou, nesse caso, a favor da luta pela liberdade, mas buscou entender esse problema em sua profundidade e, seria dentro desse sentido que Kropotkin denuncia as atitudes dos darwinistas sociais de sua época, que buscavam muito mais defender uma posição evolucionista autoritária antecipada, do que estudar os problemas das relações que orientam a condição humana e os lados que envolvem todas essas questões.

Aquilo que Etienne De La Boétie buscava entender em sua época, sobre a servidão voluntária, como comportamento social, antes mesmo de um desenvolvimento da sociologia e da psicologia do século XIX; seria essa força que leva a nos subjugarmos diante de comportamentos, denominados hoje, de posições voluntárias submetidas ao egoísmo, e isto acaba sendo um foco de estudo em nossa contemporaneidade. A servidão voluntária seria um problema para definir as relações de altruísmo, complexificando a questão, já que podemos ver a própria ideia de resignação como um apoio mútuo, em seu sentido ampliado, manifestando, em primeira estância, a manutenção da vida; ao invés da luta pela libertação de determinados padrões, tanto colocados pela sociedade quanto pela natureza, preferindo, na maioria das vezes, uma conduta renunciada e apática diante da vida.

⁶²⁹ BOÉTIE, Etienne De La. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Estudos feitos por Richard Dawkins, sobre o aspecto da biologia, por exemplo, tentam responder a esse antigo dilema. Em seu livro *Gene Egoísta*, Richard Dawkins, entende as motivações genéticas do egoísmo como replicadores inconscientes e cegos. Todavia, Richard Dawkins não busca legitimar essas ações egoístas, como os autores que dialogavam com Kropotkin em seu período; mesmo ele assumindo posições muito parecidas com esses autores, se não idêntica em alguns pontos. Richard Dawkins busca nos atribuir uma atitude que procura nos insurgir contra esses condicionamentos biológicos, já que o ser humano tem capacidade para isso, na procura de cultivar um altruísmo mesmo que seja uma atitude pouco disponível na natureza, segundo ele e, sobre as questões dos genes exclusivamente, não descartando esses comportamentos altruístas, manifestados em suas relações sociais.⁶³⁰

A evolução pode percorrer caminhos e direções diversas. Influenciadas pelas circunstâncias, essas sociedades podem ser construídas por princípios considerados tanto regressivos como progressivos, em que a mudança pode ser vista como positiva ou negativa, situando uma transformação qualitativa contingente. É nesse contexto que podemos situar uma possível relação entre biologia e cultura, uma aproximação difícil de distinguir esse elo, que estabelece o ponto dessa suposta divisão que define aonde termina a cultura e começa a biologia e vice-versa. O evolucionismo caracterizado pelos anarquistas perderia suas formatações progressivas no sentido linear. Anarquistas como Kropotkin e Reclus diminuíram esse impacto teleológico da teoria evolucionista. Reclus coloca a seguinte questão:

Todavia, as revoluções não são necessariamente um progresso, assim como as evoluções nem sempre são orientadas para a justiça. Tudo muda, tudo se move na natureza, em um movimento eterno, mas, se pode haver progresso, pode também existir retrocesso, e se evoluções tendem para um desenvolvimento da vida, há outras que tendem para a morte.⁶³¹

Reclus aqui nos ajuda a desconstruir essa ideia arrolada ao pensamento anarquista tanto como ao pensamento evolucionista, onde esses campos acabam vendo a “revolução”

⁶³⁰ Vejamos: “É possível que ainda outra qualidade única do homem seja a capacidade de altruísmo verdadeiro, desinteressado e genuíno. Eu espero que sim, mas não vou discutir o assunto nem especular a respeito de sua possível evolução mêmica. O que estou argumentando agora que mesmo que olhemos para o lado escuro e assumamos que o homem é fundamentalmente egoísta, nossa capacidade consciente de previsão - nossa capacidade de simular o futuro na imaginação poderia nos salvar dos piores excessos egoístas dos replicadores cegos. Pelo menos temos o equipamento mental para promover nossos interesses egoístas a longo prazo e não simplesmente aqueles a curto prazo. Podemos ver os benefícios a longo prazo de participar de uma "conspiração de pombos" e podemos nos reunir para discutir maneiras de fazer com que a conspiração funcione. Temos o poder de desafiar os genes egoístas de nosso nascimento e, se necessário, os memes egoístas de nossa doutrinação. Podemos até discutir maneiras de cultivar e estimular o altruísmo puro e desinteressado - o que não ocorre na Natureza e que nunca existiu antes em toda história do mundo. Somos construídos como máquinas gênicas e cultivados como máquinas mêmicas, mas temos o poder de nos revoltarmos contra nossos criadores. Somente nós, na Terra, podemos nos rebelar contra a tirania dos replicadores egoístas”. DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: EDUSP, 1979. pp.127-128.

⁶³¹ RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002. p.29.

como um ato em si, constituído de temáticas otimistas em exagero. As noções de progresso não estão na contramão da palavra retrocesso. A evolução não é necessariamente boa, ela pode ser acomodativa, ao tom biológico retardatário, tendência essa que pode se transformar e evoluir para a condição da morte.

Em um dos pontos mencionados a cima, associado a uma dinâmica da psíquica humana; o evolucionismo biológico aproxima-se de condicionantes psicológicos nesses termos. Essas implicações que anunciam uma orientação para a o impulso para a morte foi sugerida por Sigmund Freud, em seu conceito de “pulsão de morte”, onde o autor tenta trabalhar esses fenômenos que buscam explicar essa condição para a destruição da vida, e de outro lado às forças para sua manutenção. Pois se a natureza cria suas sabotagens internas, o ser humano desenvolve a autodestruição, a guerra, a escravidão, a opressão, o suicídio e todos aqueles condicionantes que estão relacionados à morte de si mesmo como a morte dos outros. Exemplificamos essas passagens, quando Freud ao responder a uma carta de Einstein, em 30 de julho de 1932, que lhe perguntava sobre as origens da guerra e seus porquês; Freud na tentativa de responder a tal questão adentrava nas explicações sobre a “pulsão de morte”.⁶³² Questões que Oswaldo Giacoia Junior aprofundou no livro *Além do Princípio do Prazer* de Freud, onde o autor desenvolve essa noção, problematizando esse dualismo da vida humana, o instinto em nome da morte e da vida. Ou seja, Freud recorre à biologia para legitimar suas demonstrações sobre a vida psíquica e o papel da morte nesse processo, confrontando o monismo pulsional de C. G. Jung.⁶³³

O importante seria destacar a relevância do pensamento de Kropotkin e sua força, que possibilita ao pensamento evolucionista uma relação íntima com os processos psicológicos, sociais e revolucionários de uma sociedade. As noções que perpassam os conceitos de evolução, progresso e ciência em Kropotkin não estariam vinculadas aos convencionalismos que esses conceitos sofrem, com sua devida justificativa. Kropotkin e Reclus dedicaram-se a essa temática, ajudando a desconstruir esse caráter rígido que o evolucionismo direto ou indiretamente acabou sugerindo a se pensar, um evolucionismo progressista e otimista.

Contudo, alguns anarquistas conseguiram alargar essas nomenclaturas, trabalhando essa noção de progresso de forma exagerada, marca central do século XIX, e

⁶³² VENTURA, Deisy de Freitas Lima; SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. *Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?* Santa Maria: FADISMA, 2005.

⁶³³ GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Além do princípio do prazer: um dualismo incortenável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

embora tivessem suas justificativas, devido o impacto que essa teoria trouxe, sendo eles homens e mulheres de seu tempo, também buscavam a defesa da “revolução” em um sentido amplo, em nome da humanidade. Seria nesse sentido que a revolução era vista como um passo mais emancipador do que um caminho restritivo para a humanidade, e era por meio destas perspectivas que a evolução poderia ser desenvolvida. A própria noção de luta pela existência, dando lugar aos mais aptos, é uma discussão ampla. Kropotkin admitia que essa questão não devesse ter um enfoque taxativo, do termo em questão, pois as condições favoráveis à vida eram ao mesmo tempo uma busca de assegurar a sua manutenção. Existiam diferentes forças que desenvolviam novas formas de vida, para adquirir outros modos de sustentação dessa mesma vida em outros patamares, pois a transformação que faz uma revolução, poderia também estar a serviço da manutenção da vida e vice-versa. Por isso, nessa acepção, tanto um arremedo progressivo ou regressivo, como *Cogito, ergo sum* (penso, logo existo) no sentido de mudanças, que trazem progresso ou retrocesso, nos visualizam que uma transformação nunca está necessariamente garantida como êxito triunfal.⁶³⁴

A modificação era uma característica bastante considerada por Kropotkin, tudo estava em constante mudança na natureza, e a acomodação poderia ser vista como uma lenta adaptação através dos tempos.⁶³⁵ Bakunin também reconhecia que determinadas mudanças na humanidade viriam a se desenvolver através de séculos.⁶³⁶ Kropotkin se utiliza do estudo da antiguidade da humanidade para formalizar uma história da evolução. Percebia que nos povos chamados de “primitivos” tanto os exploradores quando as suas populações no seio do povo, utilizavam-se da ajuda mútua para promoverem seus interesses sociais.⁶³⁷ Seria oportuno destacar aqui, que a ideia de “primitivo” no autor não busca uma figura que trabalha tal noção sobre formas pejorativas, mas sim a toma enquanto definição de “primitivos” no sentido de primeiros povos e primeiras experiências humanas, assim como Levi-Strauss iria trabalhar essa orientação no conjunto de sua obra, quando se remete a esses conceitos. Kropotkin não deixa de evidenciar que o que sabíamos sobre a vida primitiva e antiga entendida no século XVIII, estava caracterizado, em certo sentido, por uma visão idealizada da vida selvagem, talvez em resposta à influência das formalizações de Hobbes naquele contexto. Como cultura, esses pressupostos foram trabalhados de forma exagerada na divinização desses modelos

⁶³⁴ KROPOTKIN, Peter. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932. pp.147-148.

⁶³⁵ KROPOTKIN, Peter. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre. p. 52.

⁶³⁶ BAKUNIN, Mikhail. *A ciência e a questão vital da revolução*. São Paulo: Imaginário, 2009. p.43.

⁶³⁷ KROPOTKIN, Peter. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net.1945. p.58.

sociais. Mesmo essas considerações serem admitidas como medidas metafísicas, tanto nas idealizações de Hobbes quanto as de Rousseau, eram constatadas, pelo autor, como falsas sobre a vida “primitiva”. Essas coletividades tinham suas características próprias atreladas a seus valores, que foram construídas pelas escolhas e motivações particulares, conduzidas por sua cultura moral e ética, posições essas que caracterizavam essas sociedades.⁶³⁸ E pouco ainda se sabia dessas vidas chamadas de primeiras manifestações da vida social da humanidade, admitia Kropotkin.⁶³⁹ Mesmo esses dados sendo amplos, ainda não eram satisfatórios para abranger todos os caracteres da vida antiga nos primórdios da humanidade. Entretanto, dentro dos conhecimentos anunciados, muita coisa poderia ser considerada como saber adquirido.

A própria ideia de família, poderia se constatar, viria depois da noção de “tribo”, sendo desenvolvida posteriormente a esses eventos coletivos e em seus aspectos gerais denominadas de clãs.⁶⁴⁰ Anunciamos então que o clã nasceu antes da família. Todos esses nativos, como os australianos e os africanos, estariam em níveis de igual desenvolvimento, e toda a maneira de colocar uma hierarquização dos povos poderia ser bastante precipitada, pois essas vidas também se diferenciavam em sua variedade sem exatamente construir diferenciações qualitativas para hierarquizar esses povos e coletividades. Kropotkin obtinha uma preocupação em não forçar essas nomenclaturas, que sua época oferecia em quantidade bastante expressiva, para justificar um exercício de dominação.⁶⁴¹

A sociedade moderna parecia ter bastante dificuldade em identificar as práticas de ajuda mútua em suas instituições, mas ainda existiam muitas manifestações dessa cultura cotidiana na vida humana, como o escritor russo nos alerta.⁶⁴² Questão essa bastante importante de se perceber, já que a própria ideia de instituição se torna pouco justificável se ela não for trabalhada dentro de noções de apoio mútuo e de cooperação. A ajuda mútua é vista por Kropotkin como um condutor de progresso em melhor sintonia do que a guerra desenfreada.⁶⁴³ Embora as lutas e as destruições esmaguem populações dentro de processos de escravizações em um exercício de dominação, essas atividades, de alguma forma, sempre privilegiaram minorias. No entanto, mesmo assim, os hábitos e os ditos costumes da ajuda

⁶³⁸ Ibidem. p.59

⁶³⁹ Ibidem. p.51.

⁶⁴⁰ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.77.

⁶⁴¹ Ibidem. p.81.

⁶⁴² Ibidem. p.182.

⁶⁴³ Ibidem. p.197.

mútua continuavam prevalecendo sobre as relações humanas.⁶⁴⁴ Os homens e as mulheres são um resultado de seus instintos e de sua educação cultural numa relação que permeia gerações.⁶⁴⁵ Segundo Kropotkin, as espécies que não conservam relações de apoio mútuo acabam sofrendo um processo de decadência e extinção na história evolutiva.⁶⁴⁶

A noção de cooperação é enfatizada não no sentido de eliminar as relações contrárias à ajuda mútua na natureza, mas de afirmar que muito dela foi responsável para o desenvolvimento dos seres humanos que julgamos conhecer, privilegiando um ser social, para que deste particular se construa uma sociedade digna de suas características mais inebriantes. Assim como o próprio Darwin também caracterizava as relações de apoio mútuo, para explicar as manifestações e os fenômenos que possibilitaram o desenvolvimento da história animal, um processo que resultou na espécie humana.⁶⁴⁷

O evolucionismo de Kropotkin busca uma identidade completamente diferente do darwinismo social, se avaliarmos os aspectos das afinidades mútuas entre os seres humanos. Estes, sempre foram vistos e interpretados por meio de seus conflitos sociais, uma visão naturalizada, na luta gratuita entre os seres, na luta de classes e na luta pela sobrevivência. O “conflito” e a “luta” ganham vários conceitos, mas sempre refletem o mesmo significado de forma latente; temos uma relação de força e de disputa de poder constante. Essa visão apresenta uma relação bastante significativa e intuída na história, descrevendo uma explicação de credibilidade relevante entre os historiadores e afins que defendem tal visão histórica como concepção e método. O pensador anarquista tentou colocar que não é exatamente o conceito de conflito, este tão vasto, e que atrai tanto os historiadores de imediato, mas seria a relação de apoio mútuo entre humanos que estabelece a sua construção social e cultural na história, em que o conceito de conflito não excluiu a necessidade da cooperação em grande escala, como avalia Maurício Tragtenberg.⁶⁴⁸ Vejamos como Kropotkin percebe tais procedimentos:

Na prática da ajuda mútua, que remonta aos primeiros passos da evolução, encontramos a origem evidente e indubitável de nossas concepções éticas; e podemos afirmar que, no progresso ético do homem, a ajuda mútua – e não a luta de uns contra os outros – tem o papel principal. Em seu avanço, mesmo no momento

⁶⁴⁴ Ibidem. pp.199-200.

⁶⁴⁵ Ibidem. p.216.

⁶⁴⁶ Ibidem. p.230.

⁶⁴⁷ “Darwin compreendeu que macacos não sociais jamais poderiam ter evoluído até a condição de hominídeos e, por isso, tendeu a concluir que o ser humano descende de alguma espécie comparativamente fraca, mas sociável, como o chimpanzé, e não de outra espécie mais forte, mas avessa à vida em sociedade, como o gorila”. Ibidem. p.74.

⁶⁴⁸ TRAGTENBERG, Maurício. *Kropotkin*. São Paulo: L&PM, 1987. p.14.

presente, vemos também a melhor garantia de uma evolução ainda mais grandiosa de nossa espécie.⁶⁴⁹

Temos aqui as investidas teóricas do autor, em grande parte, modeladas pelos pressupostos da ajuda mútua e sua relação com a sociedade. A mobilização pela construção de uma coletividade comprometida com valores que possam avançar para emancipações éticas seria um dos legados da evolução como princípio, que orienta e transforma a sociedade. Essa noção de ajuda mútua, parte de uma constatação da realidade histórica vivenciada naquele contexto, onde o autor identifica essas ações para dentro de todos os movimentos de luta e de transformação sociais de seu período, relações humanas de intensa solidariedade combativa. Todas essas abordagens nos levam a pensar que os aspectos que sustentam o apoio mútuo é condição básica para produzir todos os níveis da vida. O que define a força de um movimento social e sua luta são as articulações de apoio mútuo que o sustentam e o explicam, sendo assim, seria esse movimento que possibilita uma ação transformadora; sem isso, o escritor russo percebe os limites e desajustes desses movimentos, que se dizem emancipatórios na história.

Kropotkin identificou a relação em que e como os seres humanos construíram sua herança, desprovida de um processo somente trágico, independentemente dos governos que estavam sobre suas cabeças: as relações entre os seres humanos ganham um caráter mútuo necessário para a construção da humanidade, que trabalha sempre “unida”, embora esse trabalho quase sempre fosse desenvolvido fora dos padrões e princípios de uma sociedade socialista e anarquista. Pois, o que Kropotkin sustentava não seria o de entender qual o conteúdo dessa analogia, mas a forma dessa relação, pois as civilizações se construíram por meio das mãos dos seres humanos em seu conjunto, dentro de seus vários segmentos e relações. Essa situação histórica foi pouco estudada, pois perceber as desigualdades e a violência que a sociedade se desenvolveu não nos leva imediatamente a legitimar tais medidas escravistas, opressivas da humanidade, pelos grupos autoritários e elitizados na história que a modelaram segundo seus interesses. No entanto, seria importante destacar como essas formas de mobilidades sociais se construíram, independentes dos seus modelos sociais.

Algumas escolas socialistas procuram fazer tal generalização sem perceber que dentro desse discurso temos uma ideologia que se manifesta de maneira antecipada em suas narrativas, dificultando a busca de compreenderem os fenômenos históricos, que não estejam vinculados a conceitos que demonstram relações somente de lutas e conflitos, fortes e fracos,

⁶⁴⁹ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.234.

e escravos e senhores. O evolucionismo é visto em Kropotkin dentro desses parâmetros, que complexificam a noção de apoio mútuo como Emma Goldman nos coloca.⁶⁵⁰ Kropotkin formulou seus estudos, visualizando os modelos básicos que os homens e mulheres poderiam construir, para salientar uma vida livre entre seres humanos em nome de uma coletividade “comunal”. Ou seja, esse revolucionário russo é um autor comunitário.

Kropotkin sinalizou o evolucionismo em outro sentido, pois os homens e mulheres na história foram esmagados pelo lamentável papel do Estado em sua história recente e muito de seus avanços eram senão transcrevidos pelo Estado, para que dentro disso ele se tornasse um espelho da realidade, refletindo sua justificativa teórica de existência. O escritor russo relacionou a sociologia, a geografia e a biologia de sua época, estudando a história com indicativos interdisciplinares, um pensamento sempre em construção.

Luciana Badin reconhece que uma vez transferido o pensamento de Darwin ao campo social, pelo viés kropotkiniano, essas nomenclaturas darwinistas acabaram ganhando uma conceituação cooperativa das relações humanas, uma dimensão relacional e menos centralizadora.⁶⁵¹ A maioria das analogias que foram feitas e baseadas no darwinismo, para explicar questões raciais foram deficientes em todos os sentidos, fazendo muito mais cultura comum do que “ciência”, trabalhando a ideia de raça como unidades objetivadas. Michael Banton, nesse caso, nos ajuda a assim proceder.⁶⁵² Kropotkin daria a Darwin um conteúdo de tolerância entre os seres humanos, se distanciando bastante das interpretações feitas do darwinismo naquele contexto. A. N. Whitehead havia colocado que o próprio conceito de natureza é de extrema complexidade,⁶⁵³ mas os eugenistas não tinham outra preocupação, a não ser de conceituar a natureza por um viés estreito que vislumbrasse interesses políticos e econômicos da sua época.

Kropotkin, com essas iniciativas, acabou colaborando para vários ramos, das discussões sobre o evolucionismo e suas posições políticas embutidas nesse cenário, perpetuando uma inserção politizada sobre o meio ambiente e seus entrecosques. O evolucionismo foi, praticamente, refém dessas ideias eugenistas em sua maioria, ideias que eram consideradas como humanistas, podendo enganar facilmente um progressista apressado.

⁶⁵⁰ GOLDMAN, Emma. O indivíduo, a sociedade, e o Estado: e outros ensaios. São Paulo: Hedra, 2007. p.39.

⁶⁵¹ “Uma vez transportada a teoria darwinista para o terreno das ciências sociais, sinaliza Kropotkin a luta de todos contra todos na compreensão da vida em sociedade. Perdeu-se de vista, nessa análise unilateral, uma dimensão elementar da vida humana, a dimensão relacional – solidária, e ratificou-se a necessidade da expansão da tendência centralizadora, representada na sociedade moderna pela figura do Estado”. BADIN, Luciana. Nos caminhos da utopia. Rio de Janeiro: E-PAPERS, 2003. p.93.

⁶⁵² BANTON, Michael. A ideia de raça. Lisboa: Edições 70, 1977. pp.116-117.

⁶⁵³ WHITEHEAD, Alfred North. *O conceito de natureza*. São Paulo: Martins fontes, 1994.

Tais problemas ainda são bem presentes em nossa sociedade, pois quando temos lutas contra as minorias “sociológicas” e conflitos sociais é preciso se ancorar em epistemologias eugênicas, obrigando a opinião pública a se manifestar em um debate sobre a bioética, como Habermas assim percebe essas movimentações no século XXI.⁶⁵⁴

Ademais, sobre essas desenvolvimentos podemos situar alguns estudos do livro *The Bell Curve: intelligence and class structure in american life*,⁶⁵⁵ na década de noventa do século XX, onde nesta obra formulada por especialistas, em trabalhos nas áreas da medicina e biologia, defenderam posições eugênicas muito parecidas com as quais Kropotkin combateu, a mais de cem anos atrás. Esse conceito pode ter outros nomes, mas acaba sempre mantendo o mesmo conteúdo enquanto interesse social e político. A tese do livro é simples, tenta “provar” por meio de pesquisas, que os negros e descendentes de negros de origens latino americanas, eram menos inteligentes do que os americanos considerados brancos. Essas ideias sempre tentam justificar um problema social e histórico através de explicações sobre as hereditariedades, onde a origem genética explica todos esses fatores sociais. As conclusões dessas ideias acabam mostrando um conteúdo que servem a fins políticos. Kropotkin acaba, nesse ponto, sendo um autor bastante atual por dois motivos: primeiro, ele denuncia a substância política dessas construções, em segundo lugar o autor demonstra os equívocos dessas orientações, denominado da biologia a medicina e do evolucionismo a cultura, utilizando seus próprios conhecimentos, das ditas ciências exatas.

Sabemos que o conceito de raça foi formulado para justificar uma dominação política e cultural. Por esses motivos à ideia de “espécie” na biologia foi transferida para as ciências sociais pela noção de “raça”, através da antropologia, para determinar e explicar os grupos humanos. As “raças”, na biologia, podem ser vistas dentro de uma espécie, essa forma de pensar tenta criar uma “taxonomia” da espécie humana, para classificar os seres humanos e hierarquiza-los. Paul Gilroy, assim entende o problema; a formulação da raciologia, diante de suas consequências históricas e sociais são medidas que acabaram produzindo um beco sem saída, até para aqueles que se defendiam dessas formulações.⁶⁵⁶ O conceito de “raças humanas” hoje é visto como inexistente pelos geneticistas, o ser humano pertence a uma só espécie. As ciências sociais usam o conceito de raça com outro sentido do que o atribuído na biologia, pois usam tal denominação para poder identificar e denunciar essas práticas raciais,

⁶⁵⁴ HABERMAS, Jürgen. *O futuro da natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.84.

⁶⁵⁵ HERRNSTEIN, Richard J; MURRAY, Charles. *The Bell Curve: intelligence and class structure in american life*. United States of America: The Free Press, 1994.

⁶⁵⁶ GILROY, Paul. *Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007. pp.31-32.

que tem como objetivo sustentar um processo de dominação sobre grupos humanos, classificando-os para melhor dominá-los. Essas medidas oportunizaram ao campo da disciplina da história e das ciências sociais a formularem um conceito político e histórico, para melhor definir esses fenômenos históricos, de uma época em que essas ideias eram cultuadas como verdadeiras, onde ainda hoje a palavra cultura humana é compreendida como sinônimo de raça humana, por grande parte da população mundial, um discurso que busca hierarquizar seres humanos, ancorados em pressupostos biológicos. Por esses motivos, que Sergio D. J. Pena tenta banir o conceito de raça na medicina. Sergio D. J. Pena, argumenta que há um amplo consenso entre antropólogos e geneticistas, que do ponto de vista biológico, não podemos sustentar a ideia de raças humanas, sendo que essas formulações seriam construções sociais.⁶⁵⁷

Hoje temos estudos mais abertos sobre a dificuldade e a complexidade do pensamento evolucionista, que anunciam o caminho aberto por Kropotkin e outros. Temos diversos autores que publicaram estudos sobre a evolução, de forma bastante aprofundada, no século XX, como John Maynard Smith, que trabalha as forças que agem sobre o aspecto seletivo, que vão sendo responsáveis pela evolução no sexo,⁶⁵⁸ inclusive, sua difundida teoria dos jogos. Assim como W. D. Hamilton, Paul Sherman, V. Wynne-Edwards e Richard Dawkins e tantos outros.

O que Kropotkin chamava de apoio mútuo, conceitualmente, paralelamente hoje, o pensamento evolucionista chamam essas condutas de características altruístas na sociedade e na natureza, noção que se contrapõe às narrativas egoístas. Conceito esse de “egoísmo”, no sentido político, ainda muito parecido com a proposta liberal de sociedade, onde pouco se sabe desse conceito se não for ancorado em uma visão vinculada ao darwinismo social, atributo esse, que Kropotkin tanto combateu.⁶⁵⁹ W. D. Hamilton, percebeu como uma das orientações mais impactantes na *sociobiologia* contemporânea, no caso, a complexificação do altruísmo no campo da genética evolutiva. W. D. Hamilton, nesse sentido, encontra em Kropotkin um dos seus maiores correspondentes, chegando a conclusões análogas sobre o altruísmo e o apoio mútuo. W. D. Hamilton em suas análises pode evidenciar, a propósito, a presença do apoio mútuo como orientação indispensável para a construção da vida e das suas

⁶⁵⁷ PENA, Sergio D. J. *Razões para banir o conceito de raça da medicina brasileira*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 321-46, maio-ago. 2005.

⁶⁵⁸ SMITH, John, Maynard. *A evolução do sexo*. São Paulo: UNESP, 2012. p.197.

⁶⁵⁹ CAPPELLETTI, Angel. *El pensamiento de Kropotkin: ciencia, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx. 1978, p.37.

relações com a sociedade, onde este destaca traços genéticos do altruísmo na seleção de parentesco.⁶⁶⁰

Seria oportuno destacar que devido aos rechaços as noções de “apoio mútuo” e altruísmo nesse campo, essas ideias de W. D. Hamilton tiveram bastante resistência para serem aceitas, devido à cultura dessas atribuições epistemológicas egoístas predominarem nesses estudos. Mesmo quando W. D. Hamilton obtinha os dados suficientes para sustentar essas análises, como admite Eva Jablonka e Marion J. Lamb, elas foram parodiadas.⁶⁶¹ W. D. Hamilton é considerado um dos biólogos evolutivos mais originais do século XX, apresentando soluções que “resolveram” problemas antigos dessa ciência.

Se deslocarmos o apoio mútuo epistemologicamente, para buscar entender os paradigmas do final do século XX, sobre os microorganismos e as bactérias, na busca de tentar alcançar aquilo que Stefan Cunha Ujvari observa, podemos encontrar posições satisfatórias a primeiro momento.⁶⁶² Stefan Cunha Ujvari nos coloca que essas descobertas, que trazem a resistência das bactérias sobreviverem em condições ambientes adversas, onde muitos especialistas duvidariam de suas capacidades cooperativas, de manter a vida em situações quimicamente e fisicamente surpreendentes, acaba nos mostrando a potencialidade dessas operações na natureza. Esses microorganismos tem uma disposição de adaptação que vai além das habilidades humanas para destruir a vida destes, e parece que as epistemologias egoístas não conseguiriam explicar essas condições, pois os organismos acabam cooperando, trabalhando em conjunto. Ou seja, uma forma articulada, que se reproduz antes mesmo de buscarem um estímulo pessoal, em relação a um sistema que garante sua sobrevivência, instigando um interesse particular que afete essa força coletiva. Concluimos em parte, que se transferirmos essas ideias de operações dinâmicas em um conjunto cooperativo, que explicam à natureza e o mundo biológico dos microorganismos, se chegará a conclusões muito próximas às de Kropotkin, em relação ao apoio mútuo. Ou seja, as orientações

⁶⁶⁰ HAMILTON, W. D. *The Genetical Evolution of Social Behaviour*. London: The Galton Laboratory, University College. J. Theoret. Biol. (1964) ‘7, 1-16.

⁶⁶¹ “A princípio os evolutivos matemáticos disseram que não. Seus argumentos eram tão fortes que os selecionistas de grupo tendiam a ser ridicularizados e acusados de analfabetismo matemático. Mais tarde, porém, diferentes equações com diferentes postulados mostraram que afinal a seleção entre grupos era possível. Outros abordaram de forma diferente o problema de por que o altruísmo e os genes a ele subjacentes não tendem a desaparecer. Bill Hamilton, um dos biólogos evolutivos mais originais da segunda metade do século XX, apresentou uma resposta que de início foi considerada uma alternativa viável à seleção de grupo. Ele percebeu que os beneficiários da maior parte dos comportamentos altruístas tendem a ser aparentados com o próprio indivíduo altruísta”. JABLONKA, Eva; LAMB, Marion J. *Evolução em quatro dimensões: DNA, comportamento e a história da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.45.

⁶⁶² UJVARI, Stefan Cunha. *A história e suas epidemias: a convivência dos homens com os microorganismos*. São Paulo: Senac, 2003. pp.12-13.

epistemológicas egoístas precisam negociar seu caráter de veracidade com as relações altruístas.

Dentro dessas discussões, na vida em sociedade, não seria o mais apto e nem o mais forte ou o considerado mais esperto e hábil, em relação a articulações técnicas, que seria o mais próspero entre homens e mulheres, mas sim o que sabia cooperar. A biologia, em nossos dias, como Ernst Mayr coloca, estimula uma abordagem que privilegia a compatibilização das partes em um processo conjunto, fugindo de essencialismos, em que o que se destaca seria uma equilibração das partes em uma “unificação”; a “ajuda mútua” na natureza aqui é identificada como orientação metodológica de trabalho.⁶⁶³ Ernst Mayr, atualmente considera a relação entre a sucessão comum e a posição humana, dentro desse cenário, uma evidência; a participação do altruísmo, para definir a origem dessas capacidades humanas, que formalizam nossos ancestrais antropóides, são modalidades que não podem ser mais recusadas, mesmo nós sabendo que a evolução tenha, também, adquirida capacidades em desenvolvimentos únicos.⁶⁶⁴

O altruísmo seria a conduta que explicaria em parte a vida, sendo que a história da biologia social sempre buscou sustentar o contrário. Nesse sentido, W. D. Hamilton acabou diminuindo ainda mais o impacto do darwinismo social e das teorias que muito nessas ideias buscam se sustentar, não somente como teoria científica, mas também para formalizar medidas do corpo político, social e ideológico na sociedade.⁶⁶⁵ Um caminho aberto por Kropotkin, que em sua época, por mais que não tivesse meios de comprovação de suas teorias, hoje elas podem ser avaliadas como aberturas para esses caminhos evidenciados na ciência atual. Portanto, o papel do altruísmo e do apoio mútuo: na natureza, na sociedade humana e a tensão entre essas relações. Nesse aspecto, Kropotkin foi muito produtivo no sentido de combater seus adversários, que aproximavam Darwin do capitalismo,⁶⁶⁶ utilizando

⁶⁶³ MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.155.

⁶⁶⁴ MAYR, Ernst. *Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004. p.61.

⁶⁶⁵ “Ideias desenvolvidas inicialmente por William Hamilton (1936-2000) contribuíram de modo fundamental para explicar a evolução do altruísmo. (*The Genetical evolution of social behaviour, I and II. Journal of Theoretical Biology, 7:1-52, 1964*). Hamilton propôs que o indivíduo altruísta está aumentando indiretamente as chances de seus genes serem frequentes na próxima geração, na medida em que auxilia na sobrevivência de seus parentes, que compartilham com ele uma maior proporção dos genes do que os demais membros da população. Esse mecanismo ficou conhecido como seleção por parentesco”. EL-HANI, Charbel Niño; MEYER, Diogo. *Evolução e o sentido da biologia*. São Paulo: UNESP, 2005. pp.83-84.

⁶⁶⁶ MAIA, A. C. do Amaral. *O ostracismo e os contratos administrativos. Direito e biologia evolutiva*. Brasília v. 40 n. 159. Jul-set. 2003.

os seus métodos: materialistas, indutivos e dedutivos à observação da natureza, vinculado a procedimentos anarquistas.

A relação entre história, natureza e as consequências sociais e filosóficas que essas tensões culturalmente despertam, sobre nossa espécie, é tema bastante atual hoje em dia. Muito das conjunturas históricas e políticas que tentam explicar a cultura humana, nesses últimos séculos e as possibilidades para o século XXI, em um sentido profundo, passam por esses debates. Um autor que estuda essas relações seria o historiador Yuval Noah Harari, discutindo esses temas em dois livros: *Sapiens: uma breve história da humanidade* e *Homo Deus: uma breve história do amanhã*.⁶⁶⁷ Esse pensador tenta visualizar quais foram os caminhos que a humanidade vem sofrendo. As rápidas mudanças que a sociedade destaca hoje não permite que a maioria desses seres humanos possa acompanhar e assimilar todas essas transformações. Diante desses fatos, Yuval Noah Harari tenta explicar que os modelos de sociedade nestes últimos quinhentos anos, em processos como o das navegações, a escravidão moderna, a revolução industrial e posteriormente as dinâmicas do liberalismo e, suas derivações, o socialismo e outros modelos, ambos, articularam mudanças do padrão de vida da humanidade em um processo de caráter radicalizado e revolucionário.⁶⁶⁸ No século XXI, alguns patamares alcançados, a níveis de massas, promovidos por esses séculos anteriores, começam a serem vistos como não necessários, devido aos fatores altamente tecnológicos que buscam dispensar, de maneira geral, grande parte da humanidade se possível for. Tudo aquilo que a revolução industrial incorporou e mobilizou, hoje pode ser dispensado. Ou seja, a mão de obra humana pode ser abandonada por uma mão de obra tecnológica, promovida por robôs e máquinas. Segundo o autor, esse processo já estaria em funcionamento.

Yuval Noah Harari sustenta que a desigualdade, a liberdade, em seu sentido ampliado, podem ser um dos temas mais discutidos nos séculos que virão, devido a uma forte tendência elitizada na forma de produzir a vida humana, tanto como conhecimento quanto de necessidades culturais, que são manipuladas, em grande medida, devido ao encantamento e o deslumbramento que o ser humano acaba tendo diante das tecnologias, que estão em um

⁶⁶⁷ HARARI, Yuval, Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

⁶⁶⁸ Vejamos alguns dos impactos que esse estudo destaca: “Três importantes revoluções definiram o curso da história. A Revolução Cognitiva deu início à história, há cerca de 70 mil anos. A Revolução Agrícola a acelerou, por volta de 12 mil anos atrás. A Revolução Científica, que começou há apenas 500 anos, pode muito bem colocar um fim à história e dar início a algo completamente diferente. Este livro conta como essas três revoluções afetaram os seres humanos e os demais organismos”. HARARI, Yuval, Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2015. p.8.

processo de desenvolvimento acelerado em nosso contexto histórico.⁶⁶⁹ Aonde a técnica tem chegado antes da ética. Portanto, os preços e riscos a se pagar para garantir a manutenção de uma vida confortável e mais segura, se justificam diante de qualquer tomada de consciência estabelecida e problematizada pelo campo da bioética. Lembramos que essas questões, ao estilo crítico, já estavam sendo colocadas por Heidegger, de como concebemos a manipulação da técnica em nossa sociedade contemporânea, situando quais os caminhos que colocam a subordinação do humanismo diante da técnica a tecnologia, e o ser criado por essa tensão, que corrói a dita imagem do ser humano.⁶⁷⁰

Temos uma sociedade que está sendo organizada por um capitalismo cada vez mais fanático, acreditando que através dessa engenharia social possam vir uma redenção igualitária, produzida pelo desenvolvimento da técnica, em seu sentido mais avançado. Nessa forma de efetuar a produção tecnológica, se elimina a circulação de um pensamento que tenta situar e melhorar as formas de distribuição desse conhecimento adquirido. As consequências dessas apostas podem ser diagnosticadas em alguns pontos por Byung-Chul Han, em *A sociedade do cansaço*,⁶⁷¹ e as alterações, desafios, impactos e enfermidades que o campo da comunicação tecnológica tem produzido, neste começo do século XXI.

As ideias de Kropotkin serviram e servem ainda hoje como um instrumento crítico contra os exageros à que o mundo capitalista se converteu, para manter seu sistema de ideias e de manutenção da sociedade, em seu processo de justificativa como trajetória histórica. As relações entre ciência, história da humanidade, biologia, natureza, ética, sociedade, fazem e mobilizam elevações e desafios. No caso, medidas que trazem uma complexificação que o autor não só abriu caminhos a se pensar, como aproximou o anarquismo desse debate, que não pode ser visto como medida política secundária. Se aprofundando sobre a natureza e como ela age sobre os seres humanos, Kropotkin promove um repertório para se pensar que não agimos somente por escolhas racionais, científicas e culturais, pois se existe um acúmulo histórico da ação racional e cultural, também temos o desenvolvimento da natureza em um processo que chamamos de evolucionismo.

Darwin em seu livro *A expressão das emoções do homem e nos animais*, já havia apontado e feito uma abertura para se compreender e estudar essas relações, abordando

⁶⁶⁹ Em uma de suas passagens o autor coloca algumas de suas posições: “Nosso mundo moderno se orgulha de reconhecer, pela primeira vez na história, a igualdade elementar entre todos os humanos, porém pode estar prestes a criar a sociedade mais desigual de todas”. Ibidem. p.422.

⁶⁷⁰ HEIDEGGER, Martin. *The question concerning technology*. New York: Harper, 1977.

⁶⁷¹ HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

caminhos que estabelecem uma orientação que aproxima história humana e biologia, cultura e evolucionismo, onde herdamos algumas das expressões comportamentais dos nossos antepassados, de forma geral.⁶⁷² Temos aqui um paradoxo bastante evidente e um tema ainda não resolvido, basta acompanharmos as meditações que entrelaçam a relação entre espécie humana e de tudo que está sobre ela e por causa dela. Um Autor como Giorgio Agamben⁶⁷³ especula e norteia caminhos sobre essas relações; o *bíos* e o *zoé*, uma tensão que Kropotkin situou em sem tempo, a relação entre natureza e sociedade, o sujeito político e o animal socializado. Hoje temos intervenções sobre esse assunto, em seu modelo atual, mas em nada original, pois seria um problema antigo, a não serem as colocações intersubjetivas dos agentes em questão e suas descobertas sobre essas relações.

Se entendermos que o evolucionismo não é um progresso continuado e a ciência um processo linear, o pensamento de Kropotkin se torna vivo e investigável. Embora, que, muitos dos críticos do evolucionismo, sem perceber, são os primeiros a serem contra essas conjecturas que colocamos aqui. Pois, digamos, não percebem que aceitam um descontínuo na cultura e na história, mas preferem sempre se posicionar ao tom crítico ligado a essa estrutura simplista que o evolucionismo e o positivismo estabelecem, em seu sentido mais “comum”, preferindo se atualizar nos debates científicos somente com o material disponível do presente, negando o passado e vendo nele nada mais que algo superado; e se possível, estão sempre deslumbrados com as análises que o futuro logo proporcionará. Sendo assim, acabam não compreendendo a contradição que estão promovendo, para poder negar o evolucionismo como conceito.

O autor russo fez sua intervenção nessas disputas por onde a ciência passa e deixa sua autoridade para nós muito mais consumi-la do que pensar sobre ela. Kropotkin é uma voz anarquista na ciência e no evolucionismo. O compromisso dessa ideologia não existe por capricho ou como mercadoria que possa ser encontrada disponível em uma prateleira de supermercado, por onde podemos consumir como quisermos. O anarquismo não pode ser apropriado e reduzido a interesses pessoais ou de um grupo social da sociedade; ou seja, ele não foi feito para isso, pois ele pode trazer instrumentos que contribuam para a história da humanidade em sua manutenção, anunciando uma radicalização social e revolucionária, devido àquelas condições impostas que não podemos mais deixar existir, sem receber uma espécie de contenção ética e política.

⁶⁷² DARWIN, Charles. *A expressão das emoções do homem e nos animais*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

⁶⁷³ AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

2.4. A revolução como condição

A palavra revolução deriva do latim *revolutio, revolutus e revolvere*, simbolizando atos de dar voltas, noções que trazem a mudança de um percurso. Copérnico seria o autor que popularizou essa noção em seu livro *De revolutionibus orbium coelestium* (Sobre as revoluções dos corpos celestes). Como podemos ver o termo provém da astronomia e das ciências naturais. Somente no século XIX que esse conceito começou a ser reformulado ao interesse social e histórico. Um autor como Ricardo Oliveira da Silva, nos auxilia para assim procedermos.⁶⁷⁴

A revolução foi um tema central na vida de Kropotkin do início ao fim. Para Kropotkin a sociedade vive relações complexas desde seus tempos primitivos, e a revolução seria o clímax na história. O revolucionário russo fazia vários apelos públicos para a sociedade, na busca de fomentar uma revolução necessária, devido aos entraves criados pela sociedade moderna. A questão da revolução em Kropotkin acaba se articulando de alguma forma com todo o seu pensamento, um modelo praticamente ontológico de suas posições, que seriam sempre a favor desse fenômeno histórico.

O seu livro *A Grande Revolução*,⁶⁷⁵ publicado em 1909, seria um grande estudo histórico, em que Kropotkin pôde, a partir da história, construir elementos para compreender esse fenômeno que foi a Revolução Francesa. As revoluções burguesas até as revoluções do século XIX e a própria Revolução Russa, proporcionaram a Kropotkin um campo de experiência sobre o fenômeno da revolução na história, de como ela pode ser pensada e problematizada. Todos esses movimentos obtinham manifestações que auxiliaram o pensador revolucionário russo para construir suas interpretações e participações nesses movimentos, do campo que foram compreendidos da teoria a prática. Nesse sentido, Kropotkin pode ser visto como um grande investigador dos fatos revolucionários na história moderna, podendo auxiliar quem nessa temática se aprofundar.

Quem sabe a leitura dos textos de Kropotkin ajudará a combater as ilusões liberais e democratizantes enunciadas pela ‘Nova República’ com a cumplicidade de uma

⁶⁷⁴ SILVA, Ricardo Oliveira Da. *Revolução, história e tempo*. História: Debates e Tendências – v. 15, n. 1, jan./jun. 2015, p. 251-267.

⁶⁷⁵ Volin nos mostra que a revolução tem raízes geralmente desconhecidas, e várias tendências são identificadas pelos autores que a estudam em suas diferentes épocas que atravessam os séculos e períodos históricos. Volin reconhece que Kropotkin em sua obra *A grande revolução* descobriu problemas novos até então despercebidos por esses estudiosos, como elementos vagos e generalizados, agora, ganhavam uma substância mais evidente. VOLIN, La *Revolucion desconocida*. Buenos Aires: Ediciones F.O.R.A. 1974. p.15.

autodenominada ‘esquerda’, cujo conceito de revolução está restrito à apropriação privada dos cargos públicos e é de fato uma ‘revolução burocrática’ à brasileira.⁶⁷⁶

Maurício Tragtenberg nos coloca que os textos de Kropotkin podem desmascarar ilusões políticas, essas tão importantes, para sustentar grande parte de liberais, democratas e de uma “esquerda” que mais se preocupa em se autodenominar como esquerda, do que executar medidas que possam falar por elas mesmas. A revolução pode ser vista dentro desse quadro da história moderna, como um meio para fomentar novas estruturas sociais. Auxiliadas tanto pela sociedade quanto por autores e pensadores que começaram a elaborar teorias novas sobre como a sociedade poderia funcionar.⁶⁷⁷

Kropotkin propõe aos historiadores estudar esses fenômenos, não deixando de caracterizar os períodos que antecedem as revoluções.⁶⁷⁸ Estas revoluções tiveram em suas noções, mais significativas, um conteúdo social que deu impulso embora vago e pouco preciso, mas sem dúvida determinante para as elucubrações das teorias socialistas, que vão sendo elaboradas conforme o passar dos séculos.⁶⁷⁹ A própria revolução teria um caráter geral, tendo pontos de ligação que manifestam relações sociais, a serem visualizadas como experiências, que mostram uma sequência de movimentos, que se alteram e ao mesmo tempo se assemelham.⁶⁸⁰ Os anarquistas, às vezes, são vistos como revolucionários espontâneos, na busca de construir uma sociedade de forma apressada, mas na realidade eles estariam muito mais preocupados em não suprimir o tempo necessário para suas construções.

Não esqueçamos que não é com uma revolução de um ou dois dias que conseguiremos transformar a sociedade no sentido do comunismo anarquista: uma insurreição de curta duração pode derrubar um governo para colocar outro no lugar. Pode substituir um Napoleão por um Jules Favre; mas nada muda nas instituições fundamentais da sociedade.⁶⁸¹

A revolução não poderia ser romantizada e nem mesmo imposta. A revolução, para Kropotkin, coloca-se como a construção de vários setores sociais da sociedade em seu sentido horizontal. Ou seja, ela precisa ser aprofundada e não consegue fazer isso sozinha sem a participação de outros setores da sociedade, que têm que estar mais bem desenvolvidos para executar determinadas funções, criando fatores para uma emancipação social. A revolução precisa de um cunho moral e autêntico.⁶⁸² As estruturas das sociedades precisam ser construídas em suas proporcionalidades e, para isso, devem se construir os laços sociais e

⁶⁷⁶ TRAGTENBERG, Maurício. *Kropotkin*. São Paulo: L&PM, 1987. p.17.

⁶⁷⁷ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. pp.9-10.

⁶⁷⁸ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.213.

⁶⁷⁹ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. p.17.

⁶⁸⁰ KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.45.

⁶⁸¹ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.81.

⁶⁸² *Ibidem*. p.34.

econômicos para tal desenvolvimento.⁶⁸³ A revolução precisa de um elo solidário entre as forças sociais que a constroem, e para que essa construção se torne algo distribuído no campo interno da revolução, muito de seu apoio externo precisa ser construído primeiro,⁶⁸⁴ pois a revolução precisa dessa adesão mesmo não podendo contar com ela.⁶⁸⁵

Kropotkin enfatiza a participação do povo, para que a revolução possa ser construída dentro dos fatores que a colocaram em pauta. O povo não pode ser, somente, visto como o lugar de atuação dos revolucionários, mas serem eles parte do povo. Compreendendo que o povo na história das revoluções desenvolve seu senso criativo e ativo; ou seja, a revolução nos sugere novas formas de vida que germinam dentro desses processos.⁶⁸⁶

Esse fenômeno social precisa de diversas forças, que vão compondo o caráter das iniciativas criadoras, que designam novas formas de realizar e se conduzir, e isso acaba entrando em confronto com as velhas formas históricas da revolução. Esse critério exige que os anarquistas sejam parte daquilo que não se compromete com os governos e sim com essa construção de cunho cultural no meio do povo e não articulando suas demandas sob um governo provisório ou mesmo de um governo revolucionário. Sendo assim, os anarquistas se tornam praticamente uma força da revolução.⁶⁸⁷

A ideia de um “governo revolucionário” perderia seu sentido, pois existe uma contradição entre essas manifestações, no caso, entre governo e revolução. No entanto, o exercício de um discurso dialético tenta nos vender essa contradição como um posicionamento meritório. Desse modo a ideia de revolução fica refém da noção de governo. Para Kropotkin esses enunciados escondem e malogram uma atitude menos transformadora sobre essas questões, mas seria também uma tentativa equivocada no sentido de fazer uma política emancipatória.⁶⁸⁸

Para Kropotkin, o povo, de alguma forma, não era visto como um meio, no contexto da revolução. Os anarquistas, em geral, têm uma preocupação em respeitar as construções populares no sentido de levar em consideração sua força. O pensador russo chega

⁶⁸³ Ibidem. p.134.

⁶⁸⁴ KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.44.

⁶⁸⁵ KROPOTKIN, Pedro. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. p.32.

⁶⁸⁶ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos Revolucionarios I*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.213.

⁶⁸⁷ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos Revolucionarios II*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.77.

⁶⁸⁸ “Um Governo revolucionário”! Eis duas palavras que soam de modo bem estranho aos ouvidos daqueles que se dão conta do que deve significar a revolução social e do que significa um governo. “Duas palavras que se contradizem, destroem-se, uma a outra”. KROPOKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.186.

a perceber que sem a participação do povo a revolução fracassaria.⁶⁸⁹ E tanto os despotismos como as ditaduras, trariam consequências inevitáveis, quando postas quanto modelo ideológico, pois em pouco tempo essas formalizações, por terem sua raiz na violência, no autoritarismo e na intimidação, não conseguiriam prosperar por muito tempo.⁶⁹⁰ Podemos destacar os conflitos dentro do bloco comunista, as violentas disputas e agitações nos Bálcãs entre Stalin e Tito, os expurgos contra o trotskismo e demais correntes comunistas, que buscavam uma participação mais autônoma proclamada por interesses locais, nacionais e internacionais, em relação à centralização excessiva instaurada pela União Soviética na *Guerra Fria*. Osvaldo Coggiola nos oferece essas leituras, de uma história pouco conhecida e ignorada em grande medida.⁶⁹¹

A revolução acaba eclodindo de tal forma que poucos conseguem acompanhar seu ritmo quando ela acontece. O caráter popular da revolução precisa encontrar ecos para ter um caminho a seguir, antes que os desvios que neutralizam os ganhos do povo nesse processo tomem a frente.⁶⁹² Todas essas possibilidades que favorecem o povo só poderiam ser construídas por meio de uma organização desse próprio povo sobre si mesmo. Isso consiste em que a revolução traz uma necessidade de ser organizada pelas pessoas do povo.⁶⁹³ Bakunin também reconhecia que uma força espontânea vinda do povo são incomparavelmente maior que a dos governos sobre ela, mas admitir isso não significa entender que ela é uma força real suficiente contra os comandos que estão contra o povo.⁶⁹⁴

Kropotkin percebe que todas as revoluções acontecidas nestes últimos séculos seriam lideradas pelo povo, sendo ele o elemento substancial desses movimentos.⁶⁹⁵ A própria revolução seria um legado como saldo de experiências de uma época. Ela sempre se torna um modelo que orienta as condutas revolucionárias no campo teórico e prático, sinalizando uma trajetória política.⁶⁹⁶

⁶⁸⁹ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.196.

⁶⁹⁰ KROPOTKIN, Pedro. *Folletos Revolucionarios II*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.79.

⁶⁹¹ COGGIOLA, Osvaldo. *Imperialismo e guerra na Iugoslávia: radiografia do conflito nos bálcãs*. São Paulo: Xamã, 1999. pp.68-69

⁶⁹² “O pobre fez o mesmo que o rico, e mais do que o rico, pela revolução. Tudo mudou em torno do rico; só ele (o pobre) ficou na mesma situação, e com a revolução só alcançou o direito de se queixar da sua miséria”. KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. p.386.

⁶⁹³ *Ibidem*. p.166.

⁶⁹⁴ BAKUNIN, Mikhail. *A ciência e a questão vital da revolução*. São Paulo: Imaginário, 2009. p.67.

⁶⁹⁵ KROPOTKIN, Peter. *A questão social o humanismo libertário em face da ciência*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, p.167.

⁶⁹⁶ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. p.227.

Kropotkin destaca, nesse sentido, o fato da revolução nos Estados Unidos ter influenciado a Revolução Francesa, em seus fundamentos constitucionais, contribuindo de forma profunda, tanto como impulso nos revolucionários para se “fazer” a revolução, quanto em seus ideais e programas políticos atrelados aos direitos a serem conquistados. Uma revolução tem uma conexão direta com o exterior, aonde as revoluções vão se complementando e usufruindo de suas próprias experiências.⁶⁹⁷

Kropotkin tenta nos colocar que a revolução, para ser efetiva precisa exercer um caráter igualitário, resolvendo o problema dos consumos básicos, no caso, o pão, no sentido de evitar a miséria que nos conduz a pretextos que acabam silenciando-a, corroendo seus ideais em nome de esforços mais oportunistas.⁶⁹⁸ O militante russo destaca as forças locais no processo da revolução, numa articulação de ações que em rede se reproduzem, combinando potencialidades de troca, tanto de produtos como de orientação estrutural.

A revolução, em certos momentos da história, se torna uma necessidade, um esforço que tenta conduzir a humanidade a outros caminhos.⁶⁹⁹ Esse valor do povo, diz Kropotkin, deve ser levado em consideração efetiva dentro dos quadros revolucionários. Entretanto, A revolução não pode ser vista como um impulso inesgotável, pois o povo não é sozinho o elo definitivo nesses processos, ele de alguma forma produz uma noção que podemos chamar de calculista, numa relação de esforço e benefício, já que a revolução é um processo que instaura uma relação íntima com a vida e a morte, e as condições que possibilitam uma transformação, mas ao mesmo tempo procuram uma manutenção das forças em sua resignação “conservadora”.

O que apavora um grande número de trabalhadores e os afasta das ideais anarquistas é essa palavra *revolução*, que lhes faz entrever todo um horizonte de lutas, combates e sangue vertido, que os faz temer a ideia de que um dia eles poderão ser forçados a ir para as ruas e combater um poder que lhes parece um colosso invulnerável contra o qual é inútil lutar violentamente, e que é impossível vencer. As revoluções passadas, que se voltaram todas contra seu objetivo e o deixaram sempre tão miserável quanto antes, contribuíram em muito também para tornar o povo cético em relação a uma nova revolução.⁷⁰⁰

Muitas vezes, a revolução é assimilada pelos trabalhadores e trabalhadoras como um grande esforço que pode desencadear grandes perdas, sem exatamente garantir a conquista de seus ideais e de melhoras consideráveis e proporcionais às energias executadas. A revolução é um processo bastante desgastante, em que a disputa entre vários grupos se tornam

⁶⁹⁷ Ibidem. pp.29-30.

⁶⁹⁸ KROPOTKIN, Pedro. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. p.25.

⁶⁹⁹ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. p.34.

⁷⁰⁰ KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.39.

um legado bastante corruptivo, para que possa estimular o povo a participar desses movimentos. Os próprios revolucionários, às vezes, criam um ambiente bastante desfavorável para atrair o povo às revoluções, pois acabam assumindo maneiras que mais chamam atenção de grupos bastante violentos e de pessoas com temperamentos sectários, sem nenhuma preocupação com as consequências dessas atitudes. Colocando, no caso, a revolução a ser vista como um ato imoral em si mesmo, de uma luta baseada na conquista do poder, transformando outras formas de ver a revolução, a não ser essa de cunho “imoral”, como sendo propostas menores e idealistas. Trotsky, muito desses contextos se valeu para legitimar seus argumentos a favor da revolução.⁷⁰¹

Todas essas disputas internas e externas da revolução acabam neutralizando os ideários revolucionários para se hegemonizar no seio do povo, que acaba sempre desconfiando das revoluções como um acontecimento que resolveria em grande parte seus problemas. Kropotkin percebe que todas essas dificuldades estão estabelecidas para se realizar uma revolução. Cada época tem suas dificuldades ou facilidades para inflamar o povo e ajudá-lo a revoltar-se.⁷⁰² O atuante mostra os limites das assembleias nas revoluções, diante de seus estudos sobre a Revolução Francesa.⁷⁰³ Tendo suas oscilações em movimentações rápidas e mudanças graduais a revolução tem uma circulação que se transfigura como um ato de ruptura com seu contexto, sendo a revolução uma evolução que busca acelerar as mudanças históricas de um período.⁷⁰⁴

As revoluções também se desgastam, e o povo junto a ela também entra em um processo de corrosão pelo simples fato de seus esforços irem perdendo sua força, a energia do povo vai submergindo espaço para outros setores da revolução. Assim, podemos acompanhar essas tendências dentro das revoluções, aonde alguns grupos vão ganhando recintos e ocasionando rumos alternativos, devido tanto as disputas internas de poder quanto a ocupação dos espaços enfraquecidos ou esvaziados.⁷⁰⁵ Kropotkin, muitas vezes, é acusado de ser um autor otimista, postura que simplifica e neutraliza seu pensamento que se conduz sobre temáticas de uma amplitude diferenciada, e parece que tais formulações não encontram ecos

⁷⁰¹ “A própria revolução é o produto da sociedade dividida em classes, da qual ela leva necessariamente a marca. Do ponto de vista das “verdades eternas”, a revolução é, naturalmente, “imoral”. Mas isso significa apenas que a moral idealista é contrarrevolucionária, isto é, encontra-se a serviço dos exploradores”. TROTSKY, Leon. *Moral e revolução: a nossa moral e a deles*. Rio de Janeiro: 1978. p.35.

⁷⁰² KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.40.

⁷⁰³ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. p.259.

⁷⁰⁴ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos Revolucionarios II*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.126.

⁷⁰⁵ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. p.327.

em suas passagens, que refutam essa afirmação de forma bastante significativa. Sobre a questão da revolução podemos observar suas ressalvas:

Nos meios revolucionários, tende-se em demasia a considerar a revolução como uma grande festa, durante a qual tudo se arranjará por si mesmo da melhor forma possível. Todavia, na realidade, no dia em que as antigas instituições tiverem desmoronado, no dia em que toda essa imensa máquina – que, bem ou mal, supre as necessidades cotidianas da maioria – cessar de funcionar, será preciso que o próprio povo encarregue-se de reorganizar a máquina quebrada.⁷⁰⁶

Kropotkin, nesse sentido, condiciona um comprometimento responsável com essa tarefa chamada de “revolucionária” e tudo que implica tal construção. A empolgação e a agitação fazem parte do processo, mas não seria suficiente para organizar mudanças profundas na sociedade em que esta revolução se instala. Para o pensador anarquista, a “revolução” começa depois da revolução. A luta dos primeiros dias e meses não é suficiente para implantar a missão revolucionária.⁷⁰⁷

É necessário, entre os anarquistas, uma maturidade que seja compatível com as transmutações revolucionárias e o compromisso que ela exige, pois depois de suas elucubrações sociais, diante da sociedade, pouco se pode voltar atrás e tentar refazer os caminhos e desvios que ela acabou tomando. Nesse ponto Kropotkin segue as mesmas advertências de Bakunin.

Sonham com revoluções violentas nas quais estariam longe, isso é óbvio, de desempenhar o último papel, de combates sobre as barricadas, de terror, de decretos salvadores promulgados por eles; e eles próprios fremem à simples idéia de que serão terríveis. Essas pessoas divertem-se brincando inocentemente de revolução. Sempre enfatuados de orgulho e, inclusive, de vaidade, são, no começo de sua carreira, relativamente sinceros; confundindo a exaltação da juventude com o ardor do coração, a frase pomposa com o pensamento, e confundindo o ardor do temperamento com energia e vontade, eles começam comumente por crer de maneira séria neles próprios. Em seguida, seu entusiasmo atenua-se, mas o vazio do pensamento e o hábito da ênfase não os abandonam; e, enfim, tornam-se histriões e retóricos incorrigíveis.⁷⁰⁸

Bakunin estava atento a este espírito aventureiro e retórico de alguns revolucionários, inspirados por um temperamento juvenil. Tanto Kropotkin quanto Bakunin não negavam que esses valores estavam permutados nas fileiras revolucionárias, onde “parecer” seria mais importante do que “ser”. Sentimentos recalcados e ressentimentos transcorridos por uma máscara da vaidade, eram problemas que antecipavam os limites desses ditos revolucionários.

⁷⁰⁶ KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.113.

⁷⁰⁷ KROPOTKIN, Pedro. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. p.11.

⁷⁰⁸ BAKUNIN, Mikhail. *A ciência e a questão vital da revolução*. São Paulo: Imaginário, 2009. p.27.

Engels em 1873 reconhecia que a revolução era um dos acontecimentos mais autoritários que existia na história, e que negar esse atributo pela forma antiautoritária seria um equívoco por parte dos socialistas não “realistas”.⁷⁰⁹ O exemplo bolchevique coloca sentido a essas passagens de Engels, e as consequências dessa concepção de revolução. Murray Bookchin identifica essas posições na história dos bolcheviques, fenômenos de uma trágica orientação que foi imposta como verdade.⁷¹⁰ Murray Bookchin argumenta também nesse mesmo sentido de Bakunin e Kropotkin, sobre esse ponto, pois percebe que muitos revolucionários, diante de seus grupos, acabaram sendo vítimas de seus próprios métodos, atitudes que se voltaram contra eles mesmos. Se a regra imposta é a luta entre os revolucionários mais fortes sobre os mais fracos, sempre novas artimanhas e grupos são estabelecidos. Esse exercício perverso e descontrolado acaba afastando noções e atitudes que permeiam as considerações de um apoio mútuo como salienta o escritor russo, incentivando um culto; a trapaças, ameaças, conspirações e um ódio gratuito, uma cultura da violência e do autoritarismo.

Guy Debord pôde observar, de forma concisa, esses semelhantes fenômenos, anunciados por Bakunin e Kropotkin diante dos ditos comportamentos revolucionários em nossa sociedade contemporânea, desenvolvendo e aprofundando tais noções.⁷¹¹ Os meios de comunicação, a mídia, a imprensa e a engenharia social que pode ser exercida através desses códigos, fornecem uma lógica estética que padroniza todas as linguagens em uma só atuação, tornando esses princípios como ente prioritário, que desmobiliza qualquer outra forma de ação, que não fica dependente dessas composições de lutas, onde a imagem prevalece e determina toda a fonte de luta social e comportamental desse dito ser “revolucionário”.

Pois se na hora de fazer a revolução, os revolucionários preferem ficar com o espetáculo de seus status e, logo em seguida, deixá-la na mão daqueles que com mais paciência vão ganhando espaço, podendo corrompê-la sem nenhuma intromissão responsável,

⁷⁰⁹ ENGELS, F. *De la autoridade*. Escrito: De octubre de 1872 a marzo de 1873. Primera edición: Em diciembre de 1873 en el *Almanacco Repubblicano per l'anno 1874*. Esta edición: Marxists Internet Archive, noviembre de 2000.

⁷¹⁰ “Los bolcheviques fueron trágicas víctimas de su propia ideología y pagaron con sus vidas, en gran número, a lo largo de las purgas de los años treinta. Es ridículo pretender extraer de esta revolución en la escasez las normas de una sabiduría única. Lo que podemos aprender de las revoluciones del pasado es lo que todas las revoluciones tienen en común, y sus profundas limitaciones en comparación con las enormes posibilidades que actualmente se nos presentan”. BOOKCHIN, Murray. *¡Escucha, marxista!* La Biblioteca Anarquista Anti-Copyright. Recuperado el 22 de octubre de 2015 desde colección de anarquismoenpdf.tumblr.com. Publicado originalmente como *Listen, Marxist!*. Extraído de la segunda edición del libro *El anarquismo en la sociedad de consumo (Post-Scarcity Anarchism)*, editado por Editorial Kairós. Traducción de Rolando Hanglin. es.theanarchistlibrary.org. 1971. p.12.

⁷¹¹ DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. São Paulo: EbooksBrasil.com, 2003.

então a revolução se torna um modelo excêntrico de transformar a realidade. Kropotkin já denunciava esses fenômenos em seu contexto:

O comunismo anarquista, como o resultado inevitável das tendências atuais, rumo para esse ideal ao qual devemos contribuir, em vez de dizer: Sim, a anarquia é um excelente “ideal”, e, em seguida, virar-lhes as costas. E se a próxima revolução não conseguir realizar esse ideal por inteiro, tudo o que for feito a seu favor restará; tudo o que for feito contrariamente estará condenado a desaparecer um dia. Regra geral. Uma revolução popular pode ser vendida, mas é ela que dá a palavra de ordem no século de evolução que lhe sucede.⁷¹²

O anarquismo comunista deveria contribuir com as tendências que se manifestam enquanto orientações comprometidas em seu sentido efetivo para construir a revolução. Não basta se satisfazer com ideias, era necessário participar desses processos de maneira intensa, pois a revolução pode não realizar um ideal por inteiro: é necessário um trabalho de construção que fomente seu desenvolvimento, que deve se espalhar diante da sociedade. A revolução não se transforma em um processo garantido, ela pode ser comprada ou vendida. Em geral, o povo e demais classes que favorecem a revolução não podem sustentá-la por muito tempo, pois muitos buscam voltar a uma espécie de ordem.⁷¹³ Entretanto, Kropotkin reconhece que a revolução estabelece uma palavra de comando no século que ela se realiza, trazendo uma estrutura por onde a história acaba passando nesse período. A dinâmica da influência marxista sobre as revoluções do século XX pode ser explicada dentro desses parâmetros, onde a Revolução Russa motivou os cursos revolucionários que viriam nesse período.

A ideia de revolução como modelo de evolução em Kropotkin não seria um movimento linear disciplinado, trazendo-nos um evolucionismo escapista garantido e perpétuo. O pensador russo coloca que, na revolução, é preciso se estabelecer uma relação da teoria a prática e enfatiza a importância da teoria revolucionária, não para nos oferecer uma amplitude da realidade, na busca de nos proporcionar um programa completo, mas no sentido de anunciar caminhos prévios. Tudo que se constrói numa geração pode ser perdida na outra, e a manutenção desse elo é o que fortalece o saldo de uma revolução. A teoria pode nos trazer caminhos para desenvolver a revolução em linhas gerais, em que aos poucos podemos ver o que pode ser ainda usado ou renovado.⁷¹⁴ A teoria nos traz uma capacidade de construção, que exerce uma função determinante nas revoluções, conservando através dos textos um conteúdo de princípios e ideias que atravessam o tempo, ou seja, um saldo cultural e histórico.

⁷¹² KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.97.

⁷¹³ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. p.557.

⁷¹⁴ KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005. pp.228-229.

Mas não é bastante demolir. É preciso também saber construir, e é por se não ter pensado nisso que o povo foi sempre logrado em todas as revoluções. Depois de demolir, abandonava o cuidado de reconstruir aos burgueses, que, eles, possuíam uma concepção mais ou menos nítida do que queriam realizar, e constituíam então a autoridade a seu favor.⁷¹⁵

Nessas passagens, Kropotkin demonstra sua preocupação em construir as referências teóricas necessárias, para não diminuir nem silenciar as tendências criativas de uma revolução, mas oferecer a ela aquilo que lhe foi prometido, no sentido de deixar um legado para que a revolução florescesse no sentido do povo e das classes menos desfavorecidas. Ademais, as revoluções, às vezes, enfraquecem-se, deixando ainda mais espaço para aqueles que já têm seus lugares garantidos, pelos seus recursos e privilégios que também foram construídos pelo exercício da teoria, possibilitando a eles ter, se não o poder revolucionário, que é exercido pelo povo, o poder que vem de suas teorias de propor e ter sempre um caráter propositivo no sentido de encaminhar a revolução e seus desdobramentos, em um caminho concreto ou prático. Kropotkin admite que as revoluções, além do povo, são protagonizadas por minorias ativas que, dentro da revolução, acabam tendo um papel central.

E não digam que esses conspiradores e essas reuniões eram pouco numerosos. E que os revolucionários – pelo menos aqueles que estavam decididos a agir – também não eram muito menos numerosos. Em todos os tempos e em todos os partidos, os homens de ação foram uma ínfima minoria.⁷¹⁶

Kropotkin nos aponta que essas minorias revolucionárias têm uma presença definida, articuladas com o povo promovem consequências que aos poucos podem ser aceitas por uma maioria, pois as minorias carregam dentro de si a capacidade da ação e destreza dentro dos fatos que são construídos por elas mesmas.⁷¹⁷ O militante revolucionário russo também aponta que nas revoluções constituídas temos a formação de um dualismo, que se imperou a partir da Revolução Francesa: tivemos o avanço das forças populares contra as forças do antigo regime, e dentro dessa formulação, esses seguimentos executam uma dualidade, porque alguns querem continuar a fazer transformações, enquanto outros querem garantir esses acúmulos para próximos embates, motivados pela conjuntura. E, essas movimentações nem sempre são operadas com uma negociação que busca harmonizar os interesses de cada parte. Devido ao caráter enfático e exaltado de uma revolução, essas disputas se tornam acirradas e, por vezes, sangrentas.⁷¹⁸

⁷¹⁵ KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000. pp.59-60.

⁷¹⁶ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. pp.262-263.

⁷¹⁷ *Ibidem*. p.272.

⁷¹⁸ *Ibidem*. p.209.

Quem triunfou na Revolução Francesa foi uma parte da burguesia, que aliada com o povo em um dado momento, oportuno, se colocou contra o antigo regime. Ao mesmo tempo, depois da conquista do “poder” ela foi paulatinamente estabelecendo seu regime contra o povo, a tal ponto de mais ou menos até 1848 a burguesia não precisava ser mais revolucionária, abandonando esse projeto. Ou seja, desse processo surgem todas aquelas tendências, que agora estão definitivamente contra a burguesia, em nome do socialismo, do anarquismo, e do comunismo e, ora, possivelmente a título da revolução.

A revolução vista desse modo seria um conceito geral aplicado a esse fenômeno histórico e social. Identificamos alguns fatos para termos o entendimento sobre esse princípio, e da presença dessa dualidade e outros caminhos que se explicam em parte da seguinte forma: o período do terror da Revolução Francesa, os campos de concentração na Rússia no período revolucionário, o esmagamento sobre os Sovietes e as outras formas de conceberem a Revolução na Rússia, a divergência entre os anarquistas na Revolução Espanhola, onde uns acabaram tendo uma atitude mais moderada diante da revolução, em relação aos outros anarquistas que queriam continuar a fazer essas modificações sem passar por modelos provisórios. Esse ponto de vista procura destacar não somente os êxitos das “revoluções”, mas aquilo que ela traz como ações que se convertem em consequências que neutralizam seu processo social inicial, a serem desenvolvidos em uma longa duração histórica. No entanto, dessa expressão geral, podemos também tentar abrir caminhos para entender os conflitos e disputas que todas as revoluções acabam manifestando. Os continuísmos desses processos históricos reforçam as categorias de uma realidade histórica sobre esse “dualismo”, criando um conhecimento que fica sujeito, obrigatoriamente, a ter um fundo teórico comum, nos possibilitando a diagnosticar os fundamentos dessas origens, ligadas ao que chamamos de uma tradição que se estrutura e se estabelece. Carlos Henrique Escobar nos auxilia para fazer essas desenvolvimentos.⁷¹⁹

Sendo assim, o povo cerca seus inimigos e, seus adversários, esses grupos, cercam o povo, pois sabem que esse confronto, na maioria das vezes, é inevitável. Kropotkin aceita essa dualidade estabelecida, mas não deixa de enfatizar que essa maneira de ver dos historiadores, muitas vezes, reduz e camufla identidades mais profundas da revolução, que representam partes significativas desse processo. Esse posicionamento não pode desconsiderar determinados conflitos, vistos como menores, que perdem seu sentido por

⁷¹⁹ ESCOBAR, Carlos, Henrique. *Epistemologia das ciências hoje*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p.20.

personificações que são justificáveis, mas não podem encobrir todas as manifestações da revolução.⁷²⁰

O autor anarquista nos aponta que uma reforma tem sempre um compromisso atrelando o presente e o passado. Entretanto, a revolução teria uma convenção com o presente e o futuro, visando uma evolução que joga para frente na história o pacto de conquistar; no caso, as demandas que a reforma não consegue promover o suficiente para agradar os “revolucionários” e a sociedade de maneira geral. Essas mudanças acabam se realizando em um período que fornece aos séculos seguintes um legado, que favorece a revolução, em cima das promessas que a revolução anterior não cumpriu. Sendo assim, as revoluções têm essa ligação cultural e histórica. Kropotkin entende a palavra “leis” históricas no sentido de uma cultura da revolução, que se articula com a história dessas revoluções modernas, um legado empírico. Dentro desses pressupostos, as revoluções têm se desenvolvido, pelo menos até aquele contexto, como o próprio Kropotkin aceita.⁷²¹ É nesse sentido que o pensador anarquista russo explica que a Revolução Francesa estaria ligada a outras revoluções, pois as revoluções seguintes tentaram reformular e teorizar questões que preparavam uma espécie de revanche revolucionária, que se organizava para tal propósito, enquanto um futuro sempre almejado ligado ao presente, como um amanhã que se realiza.

O revolucionário anarquista russo insiste nesse procedimento de análise, quando nos explica que a palavra *socialismo* foi uma manobra para disfarçar a palavra *comunismo*, palavra esta que era perigosa de ser usada, pois aquele que fazia coro dessas ideias estava condenado a ser perseguido, isso quando não assassinado. Por esses motivos, as sociedades secretas comunistas eram muito mais consequência de uma perseguição do que uma estratégia, e assim se comportavam para se defender, não sendo, no caso, um procedimento teórico, uma ideologia consciente de suas articulações, sendo muito mais uma forma de resistência do que um engajamento programático a favor das sociedades secretas e conspiratórias.⁷²² Entretanto, essas necessidades e medidas de resistência trouxeram e facilitaram o desenvolvimento de métodos conspirativos, para dentro dessas agrupações revolucionárias, correndo o risco de atraírem pessoas que mais se identificam com grupos conspirativos e sectários, do que realmente uma ideologia comprometida com uma trajetória revolucionária. Um autor como Auguste Blaqui poder ser explicado dentro dessas abordagens.

⁷²⁰ KROPOTKIN, Pedro. *A grande revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935. p.353.

⁷²¹ *Ibidem*. pp.598-599.

⁷²² *Ibidem*. pp.601-602.

Para Kropotkin, a Revolução Francesa seria a mãe dos comunistas, dos anarquistas e dos socialistas de nossa época. Embora ele trabalhe essas noções como implicações que podem lhe servir enquanto categorias fixas sobre a revolução, ele aceita que cada revolução tem suas variantes, que acabam lhe fornecendo seu caráter original e especial, que está longe de uma história dogmática: característica que não podem ser justificadas pelas causas e efeitos somente, sem aceitar arremedos mais complexos.⁷²³

Os movimentos socialistas nunca se colocaram contra a revolução, apenas pensavam em executá-la de forma diferente. Os processos revolucionários vistos dentro dos setores marxistas e anarquistas defendem tais posições que possam ocasionar em longo, médio e curto prazo o desenvolvimento da revolução. Se observarmos esta questão, podemos perceber que, o que os diferencia em relação à revolução seria uma percepção sobre o tempo e de como nos colocamos em analogia a ele. Sobre esse ponto, abrimos uma discussão que alimenta a ideia que as diferenças entre anarquistas e marxistas estão situadas não somente por suas estratégias e táticas distintas, mas em uma concepção de mundo “diferenciada” em sua temporalidade conceitual.

Mesmo dentro de cada escola revolucionária, havia várias divergências acirradas na forma de criar estratégias e táticas para esses acontecimentos. Os marxistas têm suas diversas escolas, que tentam melhor compreender as possibilidades que levam à revolução, e mesmo quando ela não está perto de acontecer, acabam buscando caminhos para nunca neutralizar as forças que desencadeiam esses fenômenos.⁷²⁴ Os anarquistas sempre foram menos metódicos do que os marxistas em relação à revolução. Sob esse ponto de vista, buscaram caminhos sempre menos etapistas no sentido duro do termo, em que se colocam etapas e sistemas a serem vistos como verdades inquestionáveis, para determinado momento. Temos diversos autores que, por mais que tenham suas ideologias socialistas, marxistas e anarquistas diferenciadas, ou que simplesmente foram revolucionários, acabaram tendo sempre uma aproximação relevante, tanto dentro das interpretações teóricas quanto práticas em relação a revolução.

Às vezes as escolas derivadas do socialismo não conseguem explicar por que existe uma disputa ferina entre essas propostas, já que seus fins são idênticos e, na maioria das

⁷²³ Ibidem. pp.602-603.

⁷²⁴ Neste estudo Pierre e Monique Favre, no livro *Os marxistas depois de Marx*, busca se analisar os diversos campos e interpretações que foram feitas pelos marxistas na Europa. A expansão doutrinária, os revisionismos e o impacto da Revolução Russa sobre os marxistas, trazendo limites e novas formas para se levar a diante; como propostas que dariam maior êxito para a causa revolucionária.

vezes, fazem parte de um mesmo movimento revolucionário, na busca de uma emancipação da sociedade capitalista. Como exemplo, podemos citar algumas autoras e autores tão diversos, mas com um mesmo “propósito”, em certa medida: como Marx, Engels, Simon, Blanqui, Blanc, Cafiero, Proudhon, Bakunin, Babeuf, Kautsky, Bernstein, Plekhanov, Lênin, Gramsci, Pannekoek, Trótski, Rosenberg, Louise Michel, Bukharin, Guérin, Lehning, Stalin, Rosa Luxemburgo, Emma Goldman, Malatesta, Malon, Makhno, Martov, Gorelik e ainda muitos outros de extraordinária importância. A divergência mais conhecida seria entre anarquistas e marxistas, principalmente a partir dos processos revolucionários do século XIX em diante.

A tradição libertária do comunismo – o anarquismo – tem sido duramente hostil à tradição marxista desde Bakunin, ou o que vem a ser mesmo, desde Proudhon. O marxismo, e ainda mais o leninismo, têm sido igualmente hostis ao anarquismo como teoria e programa e o menosprezam como movimento político.⁷²⁵

Hobsbawm nos traz esses desdobramentos históricos sobre as divergências que pontuam marxistas e anarquistas. Lênin dizia que o que os separavam dos anarquistas é que estes, em sua maioria, pensam e escrevem para o futuro e pouco conhecem do presente. Ao mesmo tempo, Kropotkin lamentava dizendo: os bolcheviques nos mostraram como não se deve fazer uma revolução.⁷²⁶ Cornelius Castoriadis chega às mesmas conclusões que Kropotkin, evidentemente, mesmo sem cita-lo, quando diz semelhante frase: a história monstruosa do marxismo-leninismo mostra o que um movimento de emancipação não pode e não deve ser.⁷²⁷ Parece que a análise anarquista, já no começo da revolução, acaba esgotando um discurso crítico sobre ela, uma espécie de “fim da crítica” sobre esse tema no século XX, onde os julgamentos posteriores recombina os fundamentos de análises estabelecidos pelos autores mais proeminentes dessa concepção de mundo.

Mas de fato sabemos que, apesar das divergências, quando os anarquistas, marxistas e o “povo” e outras ideologias trabalharam juntos, conquistaram muito mais coisas do que a história tende a nos apresentar. Contudo, as divergências são sempre mais atraentes e criam um interesse histórico maior. Poucos são os historiadores atentos a perceberem, que ambos conquistaram mais “juntos” do que separados, se formos ver o sentido desses grupos terem nos deixado, como legado histórico, suas experiências. Esses caminhos podem ser explicados pela falta de uma perspectiva epistemológica na história como o apoio mútuo, para

⁷²⁵ HOBBSAWM, Eric J. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973. p.67.

⁷²⁶ JOLL, James. *Anarquistas e anarquismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1977. pp.205-206.

⁷²⁷ CASTORIADIS, Cornelius. *A criação histórica o projeto de autonomia*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 1991. p.30.

se observar a história e colocar a ela novas interpretações. Reconhecer esses limites não nos faz perder de vista que todas as consequências e divergências entre marxistas e anarquistas são “definidoras”. De sorte que não poderiam ter desencadeado outros caminhos além desses já formatados na história, devido suas concepções de mundo diferenciadas, que se manifestam muito mais em suas estratégias e táticas de luta, do que seus ideais que são abundantemente parecidos se não idênticos. Portanto, como já anunciamos, é preciso desenvolver se essas atribuições entre marxistas e anarquistas estão sendo sustentadas por uma diferença temporal em relação ao mundo. Uma concepção de mundo que se distanciou profundamente, que por assim ser criam estratégias diferentes de luta, ou se são lados de uma mesma moeda, uma cultura diversificada, mas que produz os mesmos códigos internos de uma mesma tradição. Necessitamos compreender se uma metodologia estratégica consegue modificar ideais e mais que isso, acaba construindo uma cultura nova que rompe com suas origens, devido aos seus métodos se transformarem em um conteúdo cultural.

O caso mais emblemático é o da Revolução Russa, que pode nos trazer essas ressalvas inconciliáveis, dessas concepções de mundo e ideologias revolucionárias. Rudolf Rocker nos comenta o fato de que o governo soviético não teria sequer hesitado ao silenciamento de uma parte significativa da cultura revolucionária anarquista, quando do fechamento do *Golos Truda*, que se ocupava principalmente das edições das obras de Kropotkin; essa passagem é sem dúvida uma das comprovações mais cabais dos rumos do Estado socialista implementado naquele país.⁷²⁸ Portanto, reconhecemos que uma construção teórica, como essa, não pode ser esvaziada de sentido, e todas as atitudes que mobilizam uma interpretação da revolução, automaticamente, mobilizam forças sociais que, juntas ou não, podem determinar processos conflituosos.

Quando Bakunin iniciou uma disputa de ideias e ideais com Marx, sua posição política não convergia em impulsionar uma prioridade ao campo de luta junto do Estado, da luta parlamentar e das instituições burguesas do século XIX. Automaticamente, isso é visto como uma recusa dos anarquistas na política de maneira geral, como se não houvesse como se fazer política eficiente por outros meios. Já que Bakunin não queria privilegiar uma disputa política com o Estado, intensificando sua atenção às iniciativas populares e de base, para fortalecer o movimento revolucionário. Isso já bastou para ser interpretado e desqualificado como apolítico.⁷²⁹ Embora Bakunin quando funda a *Aliança Internacional da Democracia*

⁷²⁸ ROCKER, Rudolf. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007. p.38.

⁷²⁹ BERTHIER, René; Éric Vilain. *Marxismo e anarquismo*. São Paulo: Imaginário, 2011. p.85.

Socialista, tinha em seu programa a efetivação de vários pontos referente à igualdade, a liberdade e inclusive ao sufrágio universal, não negando a importância desse último ponto. Agora fazer dessas atribuições a forma básica de transformação social que seria o limite dessas abordagens que Bakunin não buscava corroborar.⁷³⁰ Lembramos que a própria biografia de Bakunin, como coloca Ángel Cappelletti e Arthur Lehning,⁷³¹ anunciam um pensamento em movimento, onde o autor se mostrava aberto e sempre renovando seu repertório político e estratégico, se colocando como anarquista somente no final de sua vida; diferentemente de Kropotkin que estabeleceu sua trajetória de forma mais “unificada”, em relação às definições do seu anarquismo.⁷³² Retomando, de outro lado, quando os marxistas escolhem um método ligado à manutenção do Estado, mesmo que essa estratégia fracasse como falhou inúmeras vezes, isso não significa diretamente uma recusa da luta revolucionária, como assim interpretam os anarquistas de maneira geral.

Um dos problemas mais importantes dessas escolhas estratégicas seria o fato dos marxistas ficarem refém de uma concepção que conceitua o termo política como sendo um ato de votar, onde o voto simboliza a parte mais significativa de uma iniciativa cidadã. A política assim vista fica atrelada a ideia do voto, neutralizando todas as outras formas de conceber a vida política, reduzindo essas noções a uma posição conservadora dentro da sociedade, onde os marxistas precisam ter que assumir posturas “anarquistas” para poder romper com esse modelo reiterado por eles mesmos.

No caso dos anarquistas, seu compromisso com a revolução e a radicalização os torna “carentes”, de uma intervenção social em longo prazo e de uma conexão com seu meio social, principalmente quando o contexto não é favorável a uma revolução, estimulando uma lógica impaciente em seus adeptos. Ou seja, facilitando um isolamento e a perda de um vetor social importante em suas lutas, contribuindo para uma posição que faz com que o anarquista se empolgue com pequenos avanços que carregam a aparência de uma radicalização, fazendo esse atuante esquecer o movimento da conjuntura histórica que não funciona por meio de blefes.

Ambas as escolas marxistas e anarquistas tem seus pontos fracos, mas é como o marinheiro que reclama do movimento das marés, o mar não vai se adaptar a seus interesses e

⁷³⁰ BAKUNIN, Mikhail. *Catecismo revolucionário – Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Imaginário, 2009. pp.22-23.

⁷³¹ LEHNING, Arthur. *Conversaciones con Bakunin*. Barcelona: Anagrama, 1978.

⁷³² CAPPELLETTI, Ángel. *Evolução do pensamento filosófico e político de Bakunin*. Piauí: GEAPI, 2014.

sua falta de habilidade em lidar com os ventos dos oceanos. Não estamos sugerindo uma adaptação dessas escolas em relação ao mundo a sua volta, mas apenas indicando que elas busquem fugir dos becos sem saídas que elas mesmas podem criar, e isso é bem diferente do que estar inserido em uma mera contradição, pois os seus adversários, mais pontuais, só têm a ganhar com essas mobilizações. Não podemos esquecer que aceitar a ideia de contradição e se descansar quanto a ela, é também mobilizar para si as forças que trazem a noção de impossibilidade de mudar algo, ou um estado de coisas.

No século XX, podemos observar iniciativas que utilizam a ideia de revolução em uma orientação de cima para baixo, como é o caso da defesa de uma revolução conservadora defendida por um grande jurista chamado Carl Schmitt.⁷³³ A participação da cultura jurista na Alemanha, que serve como exemplo de continuísmo, que liga o Estado fundado por Bismarck, no século XIX, a algumas tendências do *nacional-socialismo* de Adolf Hitler e Joseph Goebbels no século XX, não estão vinculados a Kant, Fichte, o idealismo alemão junto a Hegel, mas seus pressupostos encontram-se bem mais próximos, como arremedo cultural e ideológico, da *Escola Histórica* alemã. O próprio Marx, formado em direito, faz suas críticas ferinas as concepções dessa escola jurídica.⁷³⁴ Pois Kant colocou a razão como sendo expressão do indivíduo, Hegel anuncia essas tendências da razão no Estado e na história, já a *Escola Histórica* colocou naquilo que se pronuncia como *volksgeist*; o direito e a lei vêm do povo, da cultura, onde o fundamento significativo aqui é o nacionalismo, o *espírito do povo*.

O conteúdo revolucionário pode obter vários formatos, fomentando consequências que fazem o conceito de revolução ser transformado em modelos diferenciados. Hermann Rauschning em seus dois livros *The voice of destruction*⁷³⁵ e *Germany's revolution of destruction*⁷³⁶ reconhece algumas dessas deturpações, onde se perde o fio condutor do processo, podendo nos levar a aprovar e a lutar por posições que no fundo nós rejeitamos, nos colocando contra nossas próprias causas, no caso, um arranjo confuso, doentio e enlouquecedor. Posição que Hermann Rauschning pode vivenciar na própria pele, pois conseguiu abandonar seu empossado papel dentro do partido nazista alemão, ainda a tempo, onde o autor reconhece que pouco entendia da natureza desse movimento, e quando se deu por conta do que realmente se passava já estava extremamente comprometido com o partido, situação que somente a fuga lhe proporcionava alguma redenção.

⁷³³ ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (org). *O pensamento alemão no século XX Volume I*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.100.

⁷³⁴ MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Biotempo, 2005. pp.146-147.

⁷³⁵ RAUSCHNING, Hermann. *The voice of destruction*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1940.

⁷³⁶ RAUSCHNING, Hermann. *Germany's revolution of destruction*. New York: William Heinemann, 1938.

Nesse sentido podemos dizer que a revolução pode não ter uma identificação com os ideais anarquistas, seguindo outro caminho, não ficando dependente das categorizações que os anarquistas fazem dessas noções, sendo que a história do século XX reforça essas explicações sobre o estudo do conceito de revolução. Anatol Gorelik nos lembra de que a revolução quando conduzida por politikeiros, que buscam através desses processos, impulsionados por promoções dentro dela, seriam atribuições que reiteram e reforçam a ignorância das massas, endossando a luta pela conquista do poder, que por assim serem, as consequências não podem ser outras do que as terríveis imputações sanguinárias em desenvolvimento.⁷³⁷

Hannah Arendt ao pensar a revolução, em alguns de seus pontos, passa por dentro dessas observações colocadas por Anatol Gorelik. Quando a autora ressalta que os revolucionários do século XIX e do século XX, estavam em contraste agudo em relação aos seus predecessores do século XVIII, pois as revoluções do século XIX e do século XX atraíam desesperados em níveis cada vez maiores, devido às condições de miséria absoluta: pessoas desesperançosas, “infelizes”, sem opção de ter o que pensar e comer.⁷³⁸ A dita razão e a crítica, não entram onde a conduta do cotidiano é a fome. Exemplificamos aqui a grande fome na Rússia, antes e após a revolução de 1917.⁷³⁹ Deste modo, essas condições facilitavam uma aliança das massas a qualquer grupo social que estabeleça um discurso “próspero”, junto de pequenos resultados ao povo, sem que com isso atue uma crítica aos meios utilizados que se usou para alcançar essas provisórias conquistas. Diante dessas consequências, o revolucionário russo não deixava de destacar que um dos primeiros passos da revolução era a aquisição do pão e das necessidades básicas de sobrevivência.⁷⁴⁰

Kropotkin seria um revolucionário que tentava tanto fugir desses atalhos, que as promessas da conquista ao poder colocavam, mas que com o tempo iriam se desgastar diante do peso da história, criando frustrações irremediáveis, quando não fazem da luta revolucionária uma conduta que aceita todas as condições que tal termo coloca, sem pensar nas consequências dessas investidas e apostas a longo prazo. Todas essas questões reiteram

⁷³⁷ MINTZ, Frank (org). *Anatol Gorelik. El anarquismo em la revolución rusa*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2007. p.129.

⁷³⁸ ARENTD, Hannah. *Da revolução*. Brasília: UNB, 1990. p.177.

⁷³⁹ O autor aqui escreve um artigo chamado: *A Fome na Rússia*, escrito em Roma, agosto de 1921, e publicado originalmente em *El tempo*, Lima, 17 de novembro de 1921, conforme coloca Luiz Bernardo Péricás. MARIÁTEGUI, José Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.45.

⁷⁴⁰ KROPOTKIN, Pedro. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. p.4.

uma cultura do desespero, para dentro das iniciativas revolucionárias, e o capitalismo tem se beneficiado muito desses processos.

Autores como Kropotkin nunca deixaram de acreditar na revolução, se concebermos sua obra como um todo. Embora Malatesta tenha reconhecido que Kropotkin tinha confessado a ele, certa vez, que somente os dois acreditavam na revolução ao tom “empolgado” do termo, em sua definição imanente.⁷⁴¹ Se dermos importância a essas colocações, podemos diminuir esse estigma que anunciam Kropotkin como um pensador confiante no sentido otimista, esquecendo, às vezes, que essas colocações seriam pontuais e em determinados casos, inseridas num contexto, em que ele por sua envergadura conquistada, naquele período, sabia da influência de suas colocações públicas, para ajudar o movimento revolucionário a se desenvolver mesmo que em condições não favoráveis.

Kropotkin, mesmo antes da Revolução Russa, apostava que num futuro próximo a “verdadeira” revolução seria feita por um socialismo libertário, como Daniel Guérin não deixa de nos lembrar desse fato.⁷⁴² Não que outras formas de revolução não ocorressem, mas o socialismo libertário poderia ter mais êxito em triunfar, devido ao seu caráter ético e estratégico. O articulista russo se colocou contra uma revolução em forma de ditadura violenta. Por mais que a história possa nos oferecer esses caminhos, ela acaba sendo um modelo imposto pela força, e não um padrão social construído dentro de um humanismo anarquista, que está além da cultura ocidental; autores como Kropotkin se esforçaram em fazer essas aberturas, para assimilar outras culturas vigentes.

Kropotkin percebeu que a revolução poderia triunfar e ele mesmo pôde vivenciá-la. Teríamos um nível insuportável de exploração capitalista em processo, que estava em seu desenvolvimento pleno, facilitando um comportamento revolucionário. A humanidade poderia criar maneiras de neutralizar uma revolução, mas ela era inexorável na história, como sustenta o autor russo. A burguesia, ao contrário, identificou-se por completo com o privilégio de classe e os direitos dos Estados. Kropotkin, realmente, passou grande parte de sua vida militando pela revolução, pois sua definição de revolução estava intimamente ligada às ações cotidianas de sua existência. A revolução não tinha como ser adiada, pois ela daria a linha crítica do século, colocando as bases e direcionando as revoluções que se anunciavam.

⁷⁴¹ JOLL, James. *Anarquistas e anarquismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1977. In: MALATESTA, Errico. *Studi Sociali*, 15 de abril 1931; reimpresso em E. Malatesta, *Scritti scelti*, ed. C. Zaccaria y G. Berneri (Nápoles 1947). p.326.

⁷⁴² GUÉRIN, Daniel. *O futuro pertence ao socialismo libertário*. Rio de Janeiro: Germinal, 1980. p.19.

Após a Revolução de Outubro, o papel do partido bolchevique ganhou mais espaços, colocando agora o Estado não mais a favor da aristocracia russa, mas do partido que governava o Estado para a sociedade. O poder dos Sovietes foi estancado pelas manobras de Lênin e dos bolcheviques, buscando o caráter centralizador, abatendo a democracia operária em nome da ditadura do partido. O afastamento progressivo dos Sovietes é concluído em mais ou menos 1920, quando o “controle”, sendo assim, da revolução, tomam caminhos autoritários definitivos. Kropotkin se posicionou contra a ideia da centralização das forças revolucionárias no Estado e seria um crítico ferrenho do socialismo autoritário de via marxista. Ele criticava tanto o modelo da social democracia, estimulada pela luta política marxista representativa, como o modelo revolucionário que permeou a utilização do Estado como modelo de emancipação social.

Percebem-se equívocos de Marx na utilização da noção de *Ditadura do Proletariado*, que deriva de Blanqui e da própria história embrionária do socialismo e do movimento operário. Marx acaba mantendo essa tradição entre os revolucionários, que poderia haver uma ditadura “boa”. Lênin estaria mais ligado a Blanqui do que a Marx em relação à maneira de utilizar a “ditadura do proletariado”.

É mister esclarecer que o conceito de ‘ditadura do proletariado’ é de Blanqui e foi desenvolvido por Lênin num sentido mais blanquista que marxista, como notou Rosa Luxemburgo em ‘A revolução russa’. Embora Marx tenha utilizado o conceito ‘ditadura do proletariado’ na crítica ao programa de Gotha, o fez raramente depois. Entre a definição marxista e a leninista do conceito há uma diferença básica: Marx caracteriza como ‘ditadura do Proletariado’ uma forma de sociedade, enquanto Lênin caracteriza-a como forma de governo.⁷⁴³

Sobre esse tema, as interpretações de Mauricio Tragtenberg eram semelhantes às feitas a Lenin por Rosa Luxemburgo,⁷⁴⁴ mas em outro contexto. Essas explicações muitas vezes não chegam a serem totalmente verificadas, por falta de um estudo mais aberto e menos ideológico sobre a história do socialismo, que ainda é tema oneroso entre os estudiosos dessa matéria. Rudolf Rocker quando adverte da posição de Lênin; que reconhecia a si mesmo, estar pronto para os compromissos de ordem econômica, mas nenhum ente seguro no campo político, ou seja, esse modelo já demonstrava que não haveria obstáculos para uma quinada a “direita” em suas posições políticas se necessário.⁷⁴⁵

⁷⁴³ TRAGTENBERG, Maurício. *Socialismo ou estadismo?* Prefácio; ROCKER, Rudolf. *As ideias absolutistas no socialismo*. São Paulo: Ebooksbrasil, 2002. p.11.

⁷⁴⁴ ROSA, Luxemburg. *Organizational Questions of the Russian Social Democracy*. www.marxists.org.

⁷⁴⁵ ROCKER, Rudolf. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007. p.38.

Diante dessas problemáticas, também surgem às relações entre: a história, os interesses de classe, o jogo ideológico, às interpretações de textos e o campo da linguagem. Marx, na sua época, via nas palavras algo que apenas dariam nome a um conceito, percebia a linguagem apenas como trâmite de expressões que dão significados aos objetos, sem que dentro dessas palavras permaneça uma forte influência psicológica, social, cultural, ideológica e histórica.

Denominamos uma posição infeliz de Marx, que os ditos marxistas não perceberam. A meu ver, as consequências dessas formulações e as implicações que elas trazem são ignoradas, pois não se revertem em posições sólidas teoricamente; de sorte que ainda hoje muitos preferem fugir desse fato e atribuir os seus “fracassos” políticos e estratégicos, utilizando justificativas que as condições históricas estabelecem. Essa expressão soa bem aqui, para designar o limite muito mais produzido por aqueles que se serviram do século XIX, que não teve o século XX para estudar, onde muitos preferem reiterar caminhos do século XIX, para construir o século XXI, esquecendo a herança do século XX.

A expressão *Ditadura do Proletariado* pode ser vista dentro desses parâmetros como exemplificação. Jacques Rancière percebe que a história de um corpo político é ameaçada por uma indisposição das palavras, que reflete uma doença da política, onde determinadas palavras não designam nada, a não ser uma disputa embusteira pouco construtiva.⁷⁴⁶ Visto de outro modo, Rudolf Rocker situa a origem da ideia de ditadura e o sentido atribuído a ela uma noção da ala burguesa da Revolução Francesa, para “beneficiar” o proletariado. Desse modo, essa noção não seria uma construção da história do socialismo, ligada a seus princípios, mas sim se coloca como uma herança da “direita” no processo de conduzir uma sociedade, uma construção social que foi transferida, por alguns revolucionários, que deram origem a tradição marxista, ao setor de interesse da revolução a favor do proletariado, a “esquerda”.⁷⁴⁷

A análise da linguagem como transmissão de cultura, reproduzindo modos de vida discriminatórios, sob as perspectivas sociais, vem apenas a ser usadas intensamente no século XX, quando a linguagem é estudada em suas performances, sendo colocada em cheque e nos revelando seus conteúdos mais internos; temos essas aberturas sendo feitas por pensadores como G. Frege e as discussões sobre o que permeia a separação entre referência e sentido, que

⁷⁴⁶ RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. São Paulo: UNESP, 2014. p.29.

⁷⁴⁷ ROCKER, Rudolf. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007. p.85.

vão se complexificando e nos oportunizando outros significados sobre a linguagem.⁷⁴⁸ Richard Rorty nos coloca esses pressupostos que envolvem *the linguistic turn*, nas primeiras décadas do século XX, numa tradição que envolve a filosofia analítica e o estudo da linguagem.⁷⁴⁹ Segundo Mário Maestri e Florence Carboni a linguagem pode revelar manifestações culturais, que reproduzem uma concepção de mundo, sustentada por um cotidiano das relações sociais e históricas.⁷⁵⁰ Sabemos da dificuldade de atribuir a Marx o papel de iniciador de um caminho que desencadeava em um processo antidemocrático por meio da *Ditadura do Proletariado*, sendo esse tema nunca algo essencial em seus textos, como Arthur Lehning reconhece.⁷⁵¹ No entanto, Marx deixou caminhos abertos para serem percorridos; aberturas ideológicas, um corpo doutrinário, substancial, trazendo um fio condutor, ou o que podemos chamar: as possibilidades para a construção de uma tradição.

Em Lênin a utilização de tal conceito, *Ditadura do Proletariado*, ganha uma consequência criadora, por vezes drástica e justificadora de interesses particulares de um partido no governo em nome do socialismo, sendo esse um único grupo que continha a consciência de classe proletária, contra uma maioria camponesa e analfabeta que perdia seu direito de construir a sua história, ficando altamente dependente daqueles que possuíam a “verdadeira” consciência de classe. A democracia pertencia, somente, ao comitê central do partido.

Kropotkin defendia a liberdade e atribuía a sua importância, de tal modo, não como um valor único em si, que colocaria a igualdade em segundo plano, mas devido às consequências de uma tomada de posição ditatorial, que vinha das estratégias que culminam uma *Ditadura do Proletariado*, colocada por Lênin e seus adeptos, que não deixavam espaço para a liberdade. E ainda mais que isso, quando os anarquistas se posicionavam em relação à liberdade, oportunisticamente Lênin trabalhava essa noção nos mesmos termos que a posição liberal em frente a esse conceito, embora “sabia” que os anarquistas defendem outro tipo de

⁷⁴⁸ Gottlob Frege iniciou aquilo que seria a conversão da matemática inicialmente em trabalhos que inauguraram à lógica e as semânticas modernas, abrindo espaço e caracterizando aquilo que ficou conhecido como a filosofia analítica, que teve seus desdobramentos em pensadores que seguiram Frege nesta tradição, criando o campo de estudo sobre a linguagem, autores como: Whitehead, B. Russell, Moore, Wittgenstein e ainda outros. FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: EDUSP, 2009.

⁷⁴⁹ RORTY, Richard. *The Linguistic Turn: Essays in Philosophical Method*. Chicago: University of Chicago Press, 2014.

⁷⁵⁰ MAESTRI, Mário; CARBONI, Florence. *A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p.105.

⁷⁵¹ “Al leer los escritos de Marx y de Engels, resulta difícil formarse, pues no difinen claramente el papel Del partido em el proceso revolucionário ni el carácter de la dictadura, y nada dicen acerca de la forma que actuara esa dictadura para suprimir al Estado”. LEHNING, Arthur. *Marxismo e la anarquismo em la Revolución Rusa*. Buenos Aires: Luta libertaria 1971. p.13.

liberdade, no entanto era uma tática importante agir assim, para poder desclassificar os anarquistas e impor seu programa de forma absoluta. Voltando, a filosofia política marxista acabou concentrando essa estrutura do igualitarismo, organizada por uma estância superior, que faz transcender, na busca de resolver tais prerrogativas sociais acusando e, conseqüentemente, diminuindo a noção de liberdade prometida ao socialismo e o comunismo.

O partido bolchevique era a vanguarda, e não dependia dos reflexos do movimento da sociedade, eles manifestavam os interesses do povo, fazendo dessas medidas um pretexto para um autogoverno ao estilo democrático de conteúdo socialista. Podemos reforçar essas análises, por meio do ex-bolchevique Arthur Rosenberg, em sua obra *Historia del Bolchevismo*, em que salienta esses mesmos pontos críticos aos direcionamentos colocados pelo partido bolchevique, no poder e suas manobras, em cima daquilo que chamaram a *Ditadura do Proletariado*.⁷⁵² O partido, deveria ser constituído através de uma centralização gigantesca, sem ter em seu meio organizações independentes do ambiente popular, embora saibamos que as revoltas na Rússia até aquele momento detinham um fomento que se organizava e se potencializava de baixo para cima.

Rudolf Rocker destacava que o centralismo tinha se tornado uma maldição, pois tal procedimento não fornecia uma potencialização das forças e sim funcionava paralisando essas forças de baixo para cima.⁷⁵³ Essa ideia de acumulação das forças produtivas se alimentava no mito aristocrático da condução do poder, e estaria sendo vítima dessa orientação, onde reunir as forças produtivas capacitava uma transformação organizada. Mergulhada na ilusão desse modelo, que estaria se constituindo uma das fraquezas mais significativas das teorias revolucionárias, quando se nutrem dessas concepções. Essas metodologias ganharam força dentro do comunismo, a partir da Revolução Russa, agravando ainda mais essas divergências sobre a questão da revolução em relação aos anarquistas. Onde os marxistas querem centralizar para organizar, já os anarquistas preferem descentralizar organizando.

Os marxistas trabalhavam para centralizar o poder e os anarquistas viam nisso o núcleo central da questão da revolução, onde a descentralização de poder é necessária devido à centralização ocasionar os abusos e despotismos. E mais do que isso, não cria nenhum meio que neutralize e possa buscar corrigir essas mazelas. Essa forma de conduzir a revolução, legitimada por essa mesma centralização que o capitalismo estimula, não oportunizando uma

⁷⁵² ROSENBERG, Arthur. *Historia del Bolchevismo*. México: Pasado y Presente, 1977. pp.95-96.

⁷⁵³ ROCKER, Rudolf. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007. p.132.

postura de resistência a essas relações de poder, na medida em que centralizamos essas forças, vemos não ser mais possível reagir contra essa energia monstruosa. O apoio mútuo de Kropotkin é uma forma de denunciar essas posições e os fenômenos que a revolução nos fornece como consequência problemática.

Kropotkin se colocava contra esses caminhos, que se prometiam muito iluminar teorias socialistas e comunistas para um futuro promissor, uma divisão criativa feita por Lênin. Leandro Konder nos lembra de que no começo do século XX, as realizações de Lênin pareciam uma práxis adequada diante das complexas formulações de Marx, e sendo assim essa convicção se generalizava de tal forma que não seria oportuno procurar em Marx o que não tivesse sido traduzido por Lênin, e isso se tornou uma forma bastante comum de avaliar essas relações.⁷⁵⁴ Os limites dessas apostas logo se concretizaram; onde que, para se defender o marxismo, foi preciso primeiramente “salvar” a dialética, como assim Leandro Konder procede, depois, é claro, das consequências do marxismo-leninismo avaliadas no final do século XX. Embora, entendemos que a gênese do autoritarismo do marxismo passe pela dialética e se alimenta nela, e nos parece que depois do recorte que Maquiavel fez na política, os marxistas, de maneira geral, não queriam mais discutir sobre como combinar ética com política. Pois de certa forma, melhorar o marxismo e tirá-lo dessa crise, que foi instaurada, definitivamente, a partir das análises do *XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética* em 1956, conduzido por Nikita Khrushchov,⁷⁵⁵ seria mais que oportuno, então, tentar “salvar” o marxismo não pela dialética, mas sim pela ética. No entanto, o debate brasileiro, em um determinado momento refletiu sobre essas tendências e dificuldades, gerando uma discussão entre Gérard Lebrun,⁷⁵⁶ José Arthur Giannotti,⁷⁵⁷ Paulo Arantes⁷⁵⁸ e ainda outros, sobre qual o papel da dialética nessas tramas teóricas e revolucionárias.

As consequências da história do socialismo no século XX colocam a necessidade do problema, pois esses recortes feitos por Lênin realmente tinham sido absorvido por grande parte dessa tradição revolucionária. Lembramos que Kropotkin já havia colocado esse

⁷⁵⁴ KONDER, Leandro. *A derrota dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p.152.

⁷⁵⁵ PCUS. Mikhail Kilev Khrushchov e a desagregação da URSS - Ensaio analítico sobre o relatório de Nikita Khrushchov apresentado à sessão secreta do Comitê Central do PCUS em 25 de Fevereiro de 1956: Dedicado aos veteranos da Grande Revolução Socialista de Outubro. Para a História do Socialismo www.hist-socialismo.net. 2008.

⁷⁵⁶ LEBRUN, Gérard. *O avesso da dialética: Hegel a luz de Nietzsche*. São Paulo: Schwarcz, 1988.

⁷⁵⁷ GIANNOTTI, José Arthur. *Lebrun o único em suas propriedades*. Recebido para publicação em 9 de dezembro de 2011. Novos estudos, CEBRAP, 92, março 2001. p.133-141.

⁷⁵⁸ ARANTES, Paulo. *O ressentimento da dialética*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

movimento histórico, onde a revolução da o norte funcional das investidas culturais e políticas do século em que ela se manifesta, e Lênin seria um dos resultados desse fenômeno.

Esse legado deixado por Lênin pode ser colocado por Adelmo Genro filho e Tarso Fernando Genro quando dizem que: Lênin em *Um passo adiante*, já formulava, como em parte em *Que Fazer?* Que o partido nascia de cima para baixo, e deveria funcionar dessa maneira, porque na sua constituição seria preciso privilegiar a iniciativa política, da consciência disciplinada e da teoria que organiza a realidade. Essa tese tinha por base o reconhecimento, que a burguesia era superior em meios e poder, de sorte que o partido teria de ser composto por elementos que admitissem esse tipo de organização. Ou seja, somente assim poderia ter chances para derrotar a burguesia, uma disciplina consciente, uma atitude de direção centralizada.⁷⁵⁹

Em Hannah Arendt todas essas considerações e formulações de luta e condução da sociedade, em sua transformação sob o pretexto da palavra “disciplina” organizada e consciente da realidade, escondia-se significações mais profundas. Onde os meios ao poder e suas investidas, vendidas como condições de luta formidável e aplicada, se mostram manifestações exageradas. O problema pode ser colocado da seguinte forma:

A história ensina que a subida ao poder e à posição de responsabilidade afeta profundamente a natureza dos partidos revolucionários. A experiência e o bom senso tinham o direito de esperar que o totalitarismo no poder perdesse aos poucos o ímpeto revolucionário e o caráter utópico, que o afã diário de governar e a posse do verdadeiro poder moderassem as pretensões do movimento e destruíssem gradualmente o mundo fictício criado por suas organizações.⁷⁶⁰

Hannah Arendt tenta explicar como a natureza dessas relações tem funcionado, independentemente das promessas e esforços feitos pela revolução. Existem problemas fundamentais que permeiam essa relação difícil entre o revolucionário e a revolução, como sendo manifestações diferentes. Portanto, alguns dos limites dessas propostas, estariam sendo o primeiro ato de ação que estabelece a noção dessa suposta subida ao poder e de sua gerência. Nos parece que o poder não trabalha contra o poder, mas em sua manutenção. A crítica de Hannah Arendt colocada aqui, nesse aspecto, são desenvolvimentos muito próximas, senão idênticas, que partem de um mesmo campo analítico da questão, das críticas que Bakunin desenvolveu contra Marx, situando os limites das apostas do revolucionário alemão e

⁷⁵⁹ GENRO, Tarso Fernando Herz; GENRO FILHO, Adelmo. *Lênin: coração e mente*. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p.33.

⁷⁶⁰ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Schwarcz, 2009. p.340.

seus seguidores, que por serem adeptos do autor, na maioria dos casos, tinham dificuldades de perceber essas relações sutis, e ao mesmo tempo definidoras, de sua teoria da história.⁷⁶¹

Cornelius Castoriadis iria mais longe, identificando as criações históricas perpetuadas ao processo revolucionário daquele contexto, que trazem os bolcheviques, e mais precisamente Lênin, como um dos articuladores mais importantes do processo histórico denominado de totalitarismo. Cornelius Castoriadis faz a seguinte leitura sobre esses fatos:

Não falaremos de bolchevismo, mas de totalitarismo em seu lugar, ou do totalitarismo bolchevique. Mas é evidente que se trata de uma criação. É uma criação social-histórica. Mas e aí mesmo há um artesão de gênio, que foi Lênin, bem entendido. Foi Lênin quem criou o totalitarismo, de uma só mão. Todo o totalitarismo já está contido no *Que fazer?* de 1902-03.⁷⁶²

Podemos identificar que o “totalitarismo” aqui visualizado por Cornelius Castoriadis, como sendo uma das consequências diretas dessa teoria, um partido que reproduz a lógica de cima para baixo, em suas convicções mais significativas de cunho político e cultural. Lênin, segundo Cornelius Castoriadis é o grande arquiteto dessa concepção política, onde o revolucionário bolchevique trabalhou os elementos fundamentais de um tipo de totalitarismo.⁷⁶³ Lembramos que Noam Chomsky identifica Lênin como um dos maiores inimigos do socialismo, pois todas as suas atitudes foram feitas em nome do socialismo, e ao mesmo tempo criava um sistema contra o socialismo.⁷⁶⁴ Podemos dizer que poucas ideologias escaparam dessa lógica totalitária, que se manifestou na Europa do começo do século XX até sua metade, onde poucos sistemas políticos não tiveram sua versão totalitária.

No caso do anarquismo, como movimento histórico, desse período, não podemos incriminá-lo, de ter tido uma forma totalitária, como grande parte das ideologias que se desenvolveram até a metade do século XX; nem de longe estamos habilitados a acusá-lo de ter participado dessas tramas do poder, pois ele tanto alertou quanto lutou contra esses caminhos, sendo marginalizado, silenciado e por vezes esmagado. No entanto, essas passagens não servem para serem usadas como elementos de vangloriação de si mesmo, de uma vaidade errante, orgulhosa, e nem como um possível refugio seguro, diante desses perigos que as relações de poder nos trazem, ofuscando nossos passos; pois acreditar que estamos longe de reproduzir valores que o totalitarismo nos forneceu, sendo que são essas

⁷⁶¹ BAKUNIN, Mikhail. *Escritos contra Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001.

⁷⁶² CASTORIADIS, Cornelius; ROUANET, Paulo, Sergio; CHAUÍ, Marilena; ROSENFELD, Denis. *A criação histórica*. Porto Alegre: Artes e Ofício Editora, 1992. p.105.

⁷⁶³ CASTORIADIS, Cornelius. *A criação histórica o projeto de autonomia*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 1991. pp.25-26.

⁷⁶⁴ CHOMSKY, Noam. *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo: Imaginário: Sedição, 2004. p.81.

mesmas atitudes que nos aproximam dele, em sua forma silenciosa e perspicaz, nos legando consequências, seguramente, monstruosas a posteriori.

As vanguardas podem ser importantes, mas não podem impulsionar suas lutas de forma preponderante, excluindo outras formas de pensar a história e a revolução, para que assim não naufraguemos numa história formulada por heróis. No caso, uma história conservadora ligada a uma política populista permeada de nomenclaturas heroicas, nos trazendo uma concepção de mundo muito semelhante às percepções de Thomas Carlyle sobre a história, como Ernst Cassirer nos anuncia em suas passagens.⁷⁶⁵ Portanto, essas visões de mundo que submetem à história as vanguardas, encontram respaldo em autores como Thomas Carlyle.

O contexto de guerra anterior à Revolução Russa e após a revolução asseguraram pretensões e caminhos anunciados pelos bolcheviques. O pretexto de estarem em um contexto de guerras, seria uma justificativa que foi incorporada pela maioria do movimento comunista da época na Rússia, proporcionando medidas bastante autoritárias para além da conta.⁷⁶⁶ No entanto, seria importante destacar que as posições que se assemelham a ter como método uma posição de liderança sobre os movimentos sociais, não devem ser vistas somente por um juízo de valor que as classifique como posições autoritárias. Hobsbawm também assim percebe que de fato, as classes afastadas dos diversos privilégios, que uma situação cultural e econômica vantajosa oferece, acabam tendo maiores dificuldades para promover suas lutas sociais, e uma condição de classe favorecida pode não determinar processos, mas pode facilitar a construção de lutas e promover o movimento revolucionário disponibilizando recursos de vários níveis; tomando como exemplo a Revolução Francesa.⁷⁶⁷ Agora, fazer desses argumentos, conceitos, livros, legitimando uma luta de cima para baixo, como fez Lênin, que seria o limite dessas propostas comunistas, que um anarquista como Kropotkin não buscava validar. Essas concepções reduzem o movimento revolucionário a ficarem refém e dependente das axiologias que a palavra esperança carrega, num ponto que neutraliza a ideia de crítica e de realidade. Portanto, a devida expectativa de resolver determinados problemas tomando uma

⁷⁶⁵ “(...) Thomas Carlyle, a 22 de maio de 1840, iniciou as suas conferências sobre heróis, o culto do herói e o heroico na história”. CASSIRER, Ernst. *O mito do Estado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. p.207.

⁷⁶⁶ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos Revolucionarios II*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.89.

⁷⁶⁷ “‘O povo’, identificado com a ‘a nação’ era um conceito revolucionário; mais revolucionário do que o programa liberal-burguês que pretendia expressá-lo. Contudo, era também uma faca de dois gumes. Visto que os camponeses e os trabalhadores pobres eram analfabetos, politicamente simples ou imaturos, e o processo de eleição, indireto, 610 homens, a maioria desse tipo, foram eleitos para representar o Terceiro Estado”. HOBBSAWM, Eric. J. *A Revolução Francesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p.21.

atitude não proporcional ao tamanho dessa dificuldade, se torna uma ilusão política e histórica.

As revoluções da modernidade reforçavam esses métodos, que colocam certa hierarquia centralizada desde cima do partido, colocando o “povo” na ponta desse processo. Em relação a todos os passos dados após essas revoluções modernas, seria ainda mais difícil continuar a insistir numa metodologia que protagonizasse as bases em detrimento de uma elite dentro do processo revolucionário, pelo simples fato de ser entendido, que somente pequenos grupos estão realmente preparados para continuar essa revolução. Mas é compreendido também que as condições pós-revolucionárias trariam dificuldades para a permanência de medidas autoritárias como orientação básica, em que essas metodologias deslocavam os interesses da base do movimento, sendo que esse condicionamento se torna um desafio que supera as formalizações teóricas dadas à revolução.

Hannah Arendt nos fornece essas orientações, sobre o malogro das revoluções em seu período pós-revolucionário e a dificuldade para desencadear procedimentos que não caíam nas garras do terror e suas interlocuções.⁷⁶⁸ Onde essas relações provocam um consenso forçado que só pode ser estabelecido, segundo Rudolf Rocker: através da mentira que foi sempre um caminho de regras curtas implacáveis, onde toda essa condição diplomata não pode ser banida da pretensa “diplomacia proletária”.⁷⁶⁹ Uma diplomacia em nome do terror a conspiração política. Daniel Guérin, concordando com Isaac Deutscher, no que tange essa equação que o bolchevismo estabelece; um conflito entre marxismo e jacobismo, uma formulação que nunca foi resolvida por completo nem por Lênin e tampouco por Trotsky.⁷⁷⁰ Ora, é sobre essas medidas, em forma de silêncio consentido, que as conseqüências históricas se articulam.

Podemos colocar apenas um exemplo de como essas manobras revolucionárias buscavam mais uma aparência de continuação da revolução, do que um processo de emancipação, onde a retórica revolucionária funcionou muito mais para manipular o imaginário social do povo. As palavras eram trabalhadas dentro de uma cultura revolucionária, para manter o poder em seu lugar, onde quem articulava essas medidas não era o povo, mas um grupo em seu lugar. O compromisso com a revolução acabava se tornando uma técnica de governar, um elitismo, assim como “sempre” foi, um ato atribuído a

⁷⁶⁸ ARENDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Ática: 1990, p.185.

⁷⁶⁹ ROCKER, Rudolf. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007. p.38.

⁷⁷⁰ GUÉRIN, Daniel. *Marxismo y socialismo libertário*. Buenos Aires: Proyección, 1964. p.50.

poucos. Arthur Lehning coloca uma das passagens, em espécie de desabafo, de Trotsky, em um de seus registros sobre esses malogros da Revolução Russa, em forma dialogada, vejamos:

Hemos tomado el poder, al menos en Petrogrado... Es preciso formar el gobierno. Algunos miembros del Comité Central celebramos una sesión improvisada en un rincón de la sala.

– ¿Cómo los denominaremos? - se pregunta Lenin en voz alta -. Ministros, no; es una palabra gastada, que a nadie le gusta. Entonces propongo:

– Podríamos llamarlos comisarios, ¡pero ya hay demasiados comisarios! ¿Altos comisarios, tal vez? No; ‘altos’ suena mal. ¿Y Comisarios del Pueblo?

– ¿Comisarios del Pueblo? Sí, podría ser - aprueba Lenin -. ¿Y el nombre del gobierno?

– Soviet, soviet, naturalmente... ¿Por qué no Soviet de los Comisarios del Pueblo?

– Soviet de los Comisarios del Pueblo - repite Lenin -. ¡Perfecto!⁷⁷¹

Todas essas questões faziam a revolução tomar outros rumos, nos permitindo compreender como foram construídos esses Sovietes pelos bolcheviques. Lênin se articulava sobre essas posições, pelo simples fato de desconfiar e ser em certa medida pessimista em relação à capacidade das massas de se organizarem politicamente, como Daniel Guérin nos informa.⁷⁷² Ora, o problema não era esse, de seu desconforto em relação à capacidade das massas, mas o que através dessa justificativa Lênin construiu como sistema, para garantir esses princípios. Nesse sentido Lênin legitimava a burguesia, quando não formulou suas teorias influenciadas por justificativas que as elites sempre usaram contra as massas. Segundo Jorge Grespan, a ideia de uma centralização política como forma de governar, percorria por séculos, sendo uma tradição que viria desde o Império Romano que, se manifestou nas monarquias europeias, na Revolução Francesa, no direito “natural” e na ideia de soberania que ela sustenta.⁷⁷³ A versão socialista desse modelo viria a ser construído a partir da Revolução Russa, um método que formulava a concentração dos meios de produção em um ponto específico, onde tudo partia deste ente e obedecia a essa lógica, complexificando a questão, por meio desse aspecto, Lênin e Stalin, desse modo, produziam muito mais cultura “antiga” do que política “nova” e revolucionária.

Bakunin sempre salientou esses limites que ferem as massas, (o povo seria como o cão que corre atrás do bastão que o golpeia e serve para espancá-lo) um fenômeno que estabelece um paradoxo: de um lado o povo odeia o governo, mas consegue ao mesmo tempo admirar os altos cargos administrativos e militares dessas esferas governamentais, lhes

⁷⁷¹ LEHNING, Arthur. *Marxismo e la anarquismo em la Revolución Rusa*. Buenos Aires: Luta libertaria 1971. p.121.

⁷⁷² GUÉRIN, Daniel. *Marxismo y socialismo libertário*. Buenos Aires: Proyección, 1964. p.87.

⁷⁷³ GRESPAN, Jorge. *Revolução Francesa e iluminismo: a crítica radical do espírito das luzes críticas, éticos românticos uma nova ordem social*. São Paulo: Contexto, 2008. pp.26-27.

oferecendo sentimentos voluntaristas em relação a essa forma de poder.⁷⁷⁴ Mas agora, aderir a um sistema, que neutraliza ainda mais a capacidade do povo, seria uma forma de castigar os limites que historicamente foram construídos para que as coisas assim sejam feitas, uma legitimação social que Bakunin jamais pensou em organizar contra o povo, se aprofundarmos seu legado.

Kropotkin tinha uma preocupação, de transformarem a revolução em um conceito vazio, que aos poucos, através de táticas ligadas a uma noção sempre apelativa, carregariam uma desmoralização dessas iniciativas perante as pessoas que mais precisam se articular sob essa concepção de mundo, que a revolução fornece. Ou seja, atitude necessária às classes mais desfavorecidas da sociedade, que precisam de uma transformação profunda de valores políticos, sociais e culturais, para que possam sair dessa situação histórica humilhante.

Kropotkin se colocaria contra essas dificuldades, na busca de contribuir com uma teoria que não perdesse de vista que a revolução não deveria submergir seus elos com a cultura e a natureza, pois estaria nela a solução para amenizar essas dificuldades, às vezes usadas como pretextos contra “o povo”. Kropotkin se alocaria contra uma revolução ao estilo jacobina, atrelada a um comunismo estatal, pois essas medidas acarretariam consequências catastróficas para dentro do ideário revolucionário socialista, facilitando as propostas e medidas já consolidadas na sociedade, e obrigando esses movimentos sempre a privilegiar não as alternativas socialistas, mas as iniciativas burguesas capitalistas, ou outras designações conforme o contexto, mas conduzida sempre por esses mesmos valores, no caso; os grupos mais poderosos, em seus mecanismos de manutenção social e de uma organização do trabalho feita pelos “donos” da economia e da política.

J. Ellul percebe que a orientação leninista privilegiaria teorias capitalistas, ele admirava autores como Taylor, na forma de gerir a economia e a organização do trabalho, nos mostrando que as contribuições dos socialistas, revolucionários e anarquistas não seriam consultadas.⁷⁷⁵ A experiência histórica nos levanta dois lados sob essa questão: de um lado, os ideais da Revolução Francesa encontraram suporte nos processos do capitalismo industrial, trazendo certo sentido às apostas leninistas sobre esse fenômeno, sendo que o próprio Marx deixava posições satisfatórias para seguir um caminho ancorado nas vantagens que o mundo industrial traria para a luta proletária. De outro lado, o império napoleônico, sendo assim,

⁷⁷⁴ BAKUNIN, Mikhail. *A ciência e a questão vital da revolução*. São Paulo: Imaginário, 2009. p.77.

⁷⁷⁵ “Ora, Lenin, é preciso não esquecer, tinha uma admiração ilimitada por Taylor (pois é, Taylor, a besta-fera dos anarco sindicalistas franceses, era o modelo para Lenin!)”. ELLUL, Jacques. *Mudar de Revolução*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p.54.

pôde liquidar com as tendências radicais, através dos pretextos de ordem econômica na Revolução Francesa, consolidando sobre isso consequências sob o ponto de vista estratégico, atingindo o setor social e político da sociedade. Herbert Marcuse nos ajuda, nesse ponto, para podermos sustentar essas colocações.⁷⁷⁶

Segundo Wilczynsky, esses fatos históricos fizeram com que algumas reivindicações propriamente comunistas fossem colocadas de lado. Existiam quadros comunistas que se opunham a Lênin, sobre esse ponto precisamente; autores como A. C. Shliapnirov, S. P. Medvedev e M. Kollontai eram desfavoráveis a uma posição que restringisse a economia e os sindicatos diante da burocracia do partido, se estabelecendo sob a tutela do Estado.⁷⁷⁷ Dessa forma, a intervenção política passa por cima dos sindicatos e sua gestão administrativa fica sendo planejada não pelos trabalhadores e trabalhadoras, que ficam reféns de uma burocracia, mas são organizados por uma centralização lenta e desnecessária.

A obra de Kropotkin sob o aspecto da questão da revolução se colocava contra essas tendências que a posição leninista trouxe para dentro do comunismo, que acabou se totalizando de tal maneira que outras formas de colocar essa relação entre política, economia e revolução foram sendo petrificadas em uma visão restrita, uma concepção que não deixava margem para posições criativas nesses setores, uma espécie de golpe de Estado que foi sendo efetivado após a revolução. Os bolcheviques perpetuavam o terror por causa dos “contrarrevolucionários” e a história também é irônica, pois eles é que podem ser vistos como os contrarrevolucionários hoje.

Bertrand Russell reconhece que o próprio Kropotkin foi vítima dessas medidas, pois ele deixava caminhos promissores para organizar o trabalho de acordo com as técnicas da produção de base para assim fugir de uma burocratização da revolução e da economia, negando a utilização dos métodos de um “capitalismo de Estado”. Já que a Revolução Russa não teve êxito como experiência a ser seguida, como salienta Kropotkin repetidas vezes; ressalvas, essas, feitas já no início da revolução.⁷⁷⁸ Bertrand Russell coloca assim a questão:

A possibilidade de aperfeiçoamento técnico nos métodos de produção é, creio, tão grande que, pelo menos nos séculos futuros, não haveria barreira inevitável ao progresso no bem-estar em geral pelo aumento simultâneo dos bens e diminuição das horas de trabalho. Esse assunto foi estudado por Kropotkin que, seja o que for que se pense de suas teorias gerais de política, é notavelmente esclarecedor, concreto e convincente em tudo que diz sobre as possibilidades da agricultura. No principal,

⁷⁷⁶ MARCUSE, Hebert. *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.18.

⁷⁷⁷ WILCZYNSKI, J. *A economia socialista*. São Paulo: Vertice, 1987. p.104.

⁷⁷⁸ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos Revolucionarios II*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.88.

socialistas e anarquistas são produtos da vida industrial, e poucos deles tem algum conhecimento prático sobre o assunto da produção de alimentos. Mas Kropotkin é uma exceção. Seus dois livros, *A Conquista do Pão e Campos, Fábricas e Oficinas*, estão plenos de dados pormenorizados, e, mesmo fazendo grande concessão por uma visão otimista, penso não se poder negar que eles demonstram possibilidades em que poucos de nós, de outro modo, teríamos acreditado.⁷⁷⁹

Os livros *A Conquista do Pão e Campos e Fábricas e Oficinas* de Kropotkin, colocam alguns caminhos socioeconômicos; articulados a uma posição que não perdia de vista o campo revolucionário. Mais do que isso, essas contribuições legitimam teoricamente os argumentos que trouxeram a longa história do movimento operário na luta pela diminuição de sua carga horária de trabalho, para oito horas diárias. Nesses aportes de Kropotkin, ele oferece formas de organizar o trabalho produtivo, em suas demandas qualitativas e quantitativas, buscando oferecer cargas horárias de trabalho em torno de cinco a seis horas por dia, sem perder o rendimento que as tecnologias de sua época proporcionavam. Ou seja, facilitando uma relação que contribui com os aspectos teóricos, de como a revolução pode se desenvolver, em seu processo proferido como um todo, tanto no presente quanto em seu legado posterior, para a manutenção de sua construção sobre o tempo e a história.

Muitas dessas experiências ficaram como legado das revoluções em seus êxitos e fracassos. Na Revolução Espanhola, os trabalhos teóricos de Kropotkin foram materializados, ajudando a organizar uma revolução protagonizada pelas bases do movimento, trazendo elementos não só políticos como orientações socioeconômicas. Essas desenvolvimentos podem ser assinaladas de tal forma:

O triunfo das organizações da classe trabalhadora criou um clima revolucionário e até uma certa situação revolucionária temporária da Catalunha, no levante e em partes de Aragão. Durante vários meses as forças armadas dessas regiões foram, em geral, milícias controladas pelos anarquistas. As fábricas foram em grande parte tomadas pelos trabalhadores e dirigidas pelos comitês da CNT, enquanto centenas se dividiram ou coletivizavam a terra, e muitos tentaram organizar comunidades libertárias do tipo defendido por Kropotkin.⁷⁸⁰

George Woodcock identifica às contribuições de Kropotkin nesse setor, que seria anterior à revolução e posterior a revolução, como tendo direcionamentos propositivos. Frank Mintz detalha algumas dessas contribuições de Kropotkin; muito lido na Espanha nesse período, em pontos que trazem a influência do autor sobre as dinâmicas econômicas, onde a riqueza é organizada de tal forma que dificulta as gritantes diferenças salariais.⁷⁸¹

⁷⁷⁹ RUSSELL, Bertrand. *Caminhos para a liberdade*. São Paulo: Companhia Nacional, 1955. p.92.

⁷⁸⁰ WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas volume II: o movimento*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p.152.

⁷⁸¹ MINTZ, Frank. *Autogestão e anarcosindicalismo: análises e críticas relativas à Espanha, 1931-1990*. São Paulo: Intermezzo, 2016. p.134.

Vemos aqui uma preocupação de fazer as teorias revolucionárias serem utilizadas sobre as práticas revolucionárias. No entanto, esse raciocínio parece óbvio, mas nem sempre as revoluções teriam se servido dessa coerência. Visto por este ângulo, seus equívocos são muito mais internos do que externos, onde colocar a dificuldade do problema na “teoria” e na suposta força dos seus adversários pode estar encobrindo uma atitude que no fundo não diminui suas incoerências internas, contidas nesse tipo de movimento revolucionário. Segundo J. Ellul, é conciso em não esquecer que a sociedade soviética, depois da revolução de 1917, saiu não de Marx, mas de sua utopia que foi proclamada como forma definitiva e “justa”.⁷⁸²

Segundo Kropotkin a teoria revolucionária era de grande importância. Nesse sentido, Kropotkin estaria para além da ideia de revolução em Bakunin, de destruição criativa. Embora a teoria revolucionária anarquista seja bastante enfatizada em Bakunin, como muito bem sustenta Felipe Corrêa.⁷⁸³ Em Kropotkin, no entanto, a teoria revolucionária anarquista ganha nova característica, trazendo abordagens inovadoras que assinalam as tendências anarquistas comunistas sob o aspecto da teoria à sua manifestação prática. Fazendo um parêntese, lembramos aqui que a necessidade da teoria revolucionária também era enfatizada por Lênin.⁷⁸⁴ Kropotkin via que era preciso formular uma capacidade não só teórica, mas que após a revolução, ela mesma, possa assegurar dentro de si uma capacidade de se desenvolver. O caráter construtivo que a própria revolução oferecia, deveria fornecer tanto a capacidade de destruir como de construir, uma atividade mútua que não dispensasse esses objetivos. Jean Préposiet também entende o autor russo nesses mesmos termos.⁷⁸⁵

As revoluções do período moderno acabaram formando ciclos históricos e oferecendo caminhos para a sociedade; quando temos uma crítica social expressiva, a revolução acaba se manifestando, de alguma forma, e nem sempre se colocando de forma “clássica”, pois carrega dentro de si sempre seu poder criativo, como vista pelos historiadores em geral. Kropotkin tentou oferecer uma teoria e um vocabulário novo para se pensar a revolução e as maneiras que desencadeassem uma atitude social transformadora na história. A revolução atua sobre ela mesma e seria esse caráter que conserva sua complexidade e sua

⁷⁸² ELLUL, Jacques. *Mudar de Revolução*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p.56.

⁷⁸³ CORRÊA, Felipe. *Teoria bakuniniana de Estado*. São Paulo: Intermezzo/ Imaginário, 2014.

⁷⁸⁴ “Tal era o pensamento de Marx, e eis que há entre nós pessoas que, em seu nome, procuram diminuir a importância da teoria! Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário”. LÊNIN, V. L. *Que Fazer?* São Paulo: Hucitec, 1979. The Marxists Internet Archive. p.25.

⁷⁸⁵ PRÉPOSIET, Jean. *História do anarquismo*. Lisboa: Edições 70. p.312.

força, um fenômeno social e histórico que não pode ser revelado por inteiro, em um conceito definitivo.

2.5. A História em Peter Kropotkin

Kropotkin não seria apenas um historiador, seus trabalhos são diversos e sua visão da história está sempre dialogando com outro seguimento agregado. Sua concepção da história está distribuída em suas várias modalidades de pensamento. Trabalhamos diversos conceitos colocando sempre em destaque a perspectiva histórica que pode ser atribuídas a eles, por aquilo que o pensamento do historiador anarquista russo nos oferece, para que assim seja feito.

A história em Kropotkin é o lugar por onde a humanidade constrói a sua existência. O autor pensa a história em seu contexto e para além dele, percebendo que até aquele momento a história tinha se desenvolvido em nossa civilização dividida em duas tendências. Essas tradições seriam: as forças que se constroem em certa contrariedade, uma em relação à outra. As tendências que se manifestam sobre uma nomeação que podemos chamar de autoritária e outra que denominamos de libertárias. Logo, essas implicações são vistas por Kropotkin como evidências dinâmicas da história.⁷⁸⁶

Conforme René Berthier, Kropotkin tem uma visão da história vinculada a um antagonismo entre forças libertárias, federalistas, descentralizantes, cooperativas e tendências que buscam o autoritarismo, a servidão o Estado e a centralização excessiva.⁷⁸⁷ Percebemos aqui certo dualismo permanente nessa interpretação. Mas anunciamos que esse dualismo funciona dentro de um monismo. Sabemos que o dito monismo como concepção de mundo tem uma longa tradição, nas passagens de Ernest Haeckel algumas dessas definições estão sendo colocadas em seu formato histórico.⁷⁸⁸ Kropotkin, então, seria um autor que estabelece uma visão dualista para explicar o seu conceito da história, caracterizando um monismo sobre essas atribuições, onde o movimento na história não tem um fim e, o fim só tem sentido quando busca o movimento. Ao longo de suas colocações visualizamos dois eixos, que são anunciados isoladamente só por motivos analíticos, pois o conjunto dessa unidade nos fornece uma tomada de posição no espaço e no tempo, que nos permite entender o autor dentro de uma investida revolucionária “organizada”, em seu sentido processual da história, tomando

⁷⁸⁶ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.91.

⁷⁸⁷ BERTHIER, René. *Do federalismo*. São Paulo: Intermezzo, 2016. pp.37-38.

⁷⁸⁸ Vejamos: “A nossa concepção monista do universo pertence, pois a esse grupo de sistemas filosóficos que designam, sob um outro ponto de vista, com os nomes de mecanistas ou panteístas. Por mais diferentes que sejam expressas nos sistemas de um Empédocles e de um Lucrecio, de um Espinoza, ou de um Bruno, de um Lamarck, ou de um Strauss, subsistem no entanto as ideais fundamentais comuns da unidade cósmica, da solidariedade inseparável da força e da substância, do espírito e da matéria ou, como também se pode dizer, de Deus e do mundo. (...) Permitam-nos, para exata apreciação do monismo, que do alto das considerações filosóficas-históricas, lancemos primeiramente uma vista do conjunto sobre o desenvolvimento histórico do conhecimento humano da natureza.” HAECKEL, Ernest. *O monismo*. São Paulo: eBooksBrasil, 2002. pp.12-13.

por procedimento o apoio mútuo como base fundamental. Essa característica dualista e mecânica atribuída ao pensamento de Kropotkin passam a ser desconsideradas, quando observamos suas teorias em forma de unidade; que por ser assim percorre um caminho que estabelece várias tendências e múltiplos movimentos que denunciam esse caráter binário de observar o mundo.

Kropotkin se orientava pelos caminhos conceituais disponíveis que o repertório de sua época proporcionava, e isso dificultava a formulação nítida de problemas que o preocupavam. O revolucionário russo preferia deixar, em alguns casos, um espaço criativo para orientações teóricas, um campo aberto, preferindo contribuir com um neologismo anarquista como movimento, do que criar um repertório sistemático de cunho individual que dispensa o movimento de um coletivismo. Por esses motivos, sua noção de monismo pode ser confundida com certo dualismo, que foi um gênero literário político de colocar os problemas de sua época, mas cabe a nós perceber outros caminhos mais profundos no conjunto de suas orientações.

Desse modo, perceber o conjunto das forças sociais e históricas dependente de uma combinação dualista, é não perceber que o que constrói essa aparência é nosso lado inerte de perceber a realidade, pois esse movimento facilita nossa compreensão desse arremedo, agora fazer desse “método” um olhar definitivo sobre o conceito de história em Kropotkin, é também não entender que a ideia de unidade seria mais pluralista e revestida de movimento do que a primeiro momento nos parece, e o dito dualismo mecânico, sim, seria uma visão mais “conservadora” diante dos movimentos sociais e históricos. Dito de outro modo, o pensamento histórico de Kropotkin não é orientado por uma definição mecânica, como em outros postulados de seu pensamento, que podem sugerir essa abordagem, embora esse mecanicismo seja operado em condições secundárias e pontuais em seus conceitos, não oferecendo um conjunto de ideias em sua obra, sendo que o próprio mecanicismo não seria um pensamento de mão única, pois ele apresenta várias concepções e pontos de vista.

Essas articulações sobre a história podem ser conceituações que podem explicar a história, seu desenvolvimento, suas rupturas emancipatórias, que se estabelecem por meio de revoltas, reformas e revoluções. Kropotkin tem uma teoria da história que se constrói por meio de suas definições e recortes sobre o anarquismo e mais precisamente o anarco-comunismo. Para Kropotkin, a história não tem sido uma evolução continuada. A evolução na história tem seu sentido de emancipação, que tanto começa como recomeça em suas

descontinuidades no tempo, que variam de região para região.⁷⁸⁹ Trabalhando com uma noção de história que estaria caminhando para horizontes em certa medida emancipatórios, o evolucionismo, aceitando a noção de recomeço, em um elo descontinuado, que o pensamento de Kropotkin pode ser também interpretado. Embora semelhante, seu pensamento não partilhava exatamente da noção de outro revolucionário, que percebia a história como uma noção cíclica, conforme Louis-Auguste Blanqui. Esse revolucionário seria propulsor do blanquismo, uma orientação revolucionária, de partido de vanguarda, que se constituía de estratégias consideradas elitistas, conspiratórias e vanguardistas para conquistar a revolução.

Independentemente de suas concepções políticas, Blanqui anunciava o que seria uma visão da história circular, anunciando uma teoria da história de um *eterno retorno*.⁷⁹⁰ Sua visão estava ancorada numa interpretação vinculada a uma cosmologia, relacionando o universo, a astronomia, e o mundo que obedece a esse movimento.⁷⁹¹ A noção de história em Blanqui está ancorada na ideia social de revolução vindo da Revolução Francesa e no juízo de revolução produzido pela ciência, pensamento esse inaugurado por Copérnico, quando este percebe o conceito de revolução como sendo um movimento circular, um heliocentrismo. Thomas Kuhn nos auxilia a observar esses aspectos diante da revolução copernicana.⁷⁹² Para Blanqui o universo é um círculo cujo centro está em todos os lugares e sua circunferência não está em nenhum lugar.⁷⁹³ De certa forma, Blanqui estabelece no século XIX, a abertura de um ponto de vista que anuncia a história como desencadeadora de eventos que se reproduzem, numa circular interminável, anunciando a ideia de criação e destruição, assim como Nietzsche iria trabalhar aprofundando esse conceito, seguindo Blanqui neste ponto, para quando pensa a história sob essa atividade, em sua obra *Gaia da Ciência*.⁷⁹⁴ A noção de *eterno retorno* não seria uma concepção nova na história, desde os gregos como Heráclito⁷⁹⁵ e a filosofia do estoicismo, que este pensamento vem sendo colocado no mundo ocidental.

⁷⁸⁹ KROPOTKIN, Peter. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.92.

⁷⁹⁰ “Ideias e representações que parecem adiantar uma província da filosofia de Nietzsche sobre o eterno retorno, quando este assume a visão das coisas que se repetem ao infinito, modificada, todavia, pelo vigor do pensamento trágico, que Blanqui não alcançou”. LUCCHESI, Marcos. *Apresentação*. In: BLANQUI, Louis-Auguste. *A eternidade pelos astros*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016. p.10.

⁷⁹¹ O eterno retorno em Balqui: “Pois todos os mortos da matéria retornam à vida, independentemente de sua condição. Se a noite do túmulo é longa para os astros que chegaram ao fim, aparece o momento que sua chama reacente como um relâmpago”. BLANQUI, Louis-Auguste. *A eternidade pelos astros*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016. p.59.

⁷⁹² KUHN, Thomas. *A revolução copernicana: a astronomia planetária no desenvolvimento do pensamento ocidental*. Portugal: Edições 70, 2002.

⁷⁹³ BLANQUI, Louis-Auguste. *A eternidade pelos astros*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016. p.13.

⁷⁹⁴ NIETZSCHE, F. *Gaia da Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

⁷⁹⁵ KESSIDI, Théohar. *As origens da dialética materialista: Heráclito*. Lisboa: Prelo, 1976. pp.191-192.

A interpretação de uma história vista sob o ponto de vista cíclico não é uma exclusividade do pensamento ocidental, outras culturas como as constituídas nas Américas junto dos povos “originários” desses territórios, trabalhavam nesse mesmo sentido. Paul Gendrop, em seus estudos sobre a civilização *Maia* nos auxilia para sustentar essas leituras epistemológicas.⁷⁹⁶ Outro autor que vai de encontro a essas concepções seria Mircea Eliade, quando percebe que os Índios, da América, em seus mitos, em sua maioria, obtinham uma teoria cíclica que sustentava essas concepções de mundo.⁷⁹⁷ Segundo Mircea Eliade a ideia de *eterno retorno* também pode ser observada como forma de explicar o tom dramático e catastrófico da história, oportunizando uma interpretação resignada sobre ela, onde essa abordagem foi apreciada por elites intelectuais como meio de aliviar aqueles que sofriam de maneira direta a pressão da história sobre suas cabeças, no caso, as classes desfavorecidas.⁷⁹⁸

Bakunin alertava que quem buscasse estudar a história facilmente poderia desenvolver interpretações “desesperadoras”. Percepção que Walter Benjamin⁷⁹⁹ buscou destacar em seu sentido inteligível e dramático, por encontrar na história uma voz impiedosa, ardilosa, cruel e que dificulta perceber narrativas que alimentam a ideia de que se possa construir uma integridade virtuosa que venha ser estabelecida pelas atividades humanas em seu sentido geral, devido à tradição que se desenvolveu sobre os explorados e exploradas. Uma posição importante. No entanto, Bakunin deixou evidente que não deveríamos cair em desespero, por mais pavorosa e assustadora que a história seja ela também promove e transcursam em sentidos de benefícios, melhoramentos, orientações para desenvolver e realizar. Seria nesse sentido, um caminho supostamente aberto por Bakunin; se levarmos em consideração certa unidade que essa tradição do pensamento anarquista nos sugere. Ou seja, Kropotkin buscou construir um olhar que não nos coloque nas garras desse imobilismo da ação na história.

⁷⁹⁶ GENDROP, Paul. *A civilização Maia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

⁷⁹⁷ Alguns exemplos para essa abordagem: “A maioria dos mitos americanos sobre o Fim incluem quer uma teoria cíclica (como entre os Astecas), quer a crença de que a catástrofe será seguida de uma nova Criação, quer, finalmente (em certas regiões da América do Norte), a crença numa regeneração universal efetuada sem cataclismo”. ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. pp.44-45.

⁷⁹⁸ O autor coloca assim: “E mais: pelo fato de os acontecimentos históricos dependerem de ciclos e situações astrais, eles se tornam inteligíveis e previsíveis, já que, assim, eles adquirem um *modelo* transcendental; as guerras, a fome e a maldade generalizada, provocadas pela história contemporânea, eram, no máximo, uma repetição de um arquétipo, ele próprio determinado pelas estrelas e por normas celestiais, das quais nem sempre estava ausente a Vontade Divina. Assim como acontecera no fim da antiguidade, estas novas expressões do mito do eterno retorno eram, acima de tudo, apreciadas no seio das elites intelectuais, e serviam como meio especial de conforto daqueles que sofriam de maneira direta as pressões exercidas pela história”. ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1991. pp.141-142.

⁷⁹⁹ BENJAMIN, Walter. *On the Concept of History*. Gesammelte Schriften. Suhrkamp Verlag. Frankfurt am Main, 1974, folk.uib.no/hlils/TBLR-B/Benjamin-History.

Muitas pessoas quando se deparam com “problemas” que derivam da história a seu cotidiano particular, acreditam que essa dificuldade deve ser solucionada, por completo, e que sua função no mundo seria somente essa. Por conseguinte, essas interpretações acabam esquecendo que os ditos “problemas” são os que estabelecem a necessidade do movimento, dando o ritmo para as mudanças sociais e históricas, criando os conjuntos das atitudes, do indivíduo ao coletivo, que transformam a sociedade e vão modificando a história. Agora, acreditar nos limites de intervenção social é também negar a possibilidade de uma transformação individual. Essas ideias geralmente então ancoradas em epistemologias egoístas e pessimistas, para imobilizar as pessoas, se tornando uma “utopia” ainda maior do que as ditas utopias que inspiram as transformações sociais e históricas. O indivíduo não muda o mundo, ele muda sua vida e é isso que lhe permite sua intervenção na história. O revolucionário russo era contrário a esse negativismo, que alguns historiadores perpetuavam quando trabalham a história como um bloco pouco permeável.

Frank Mintz assenta quais seriam as motivações para uma negação das contribuições de Bakunin e Kropotkin para a sociedade, entendendo que esses autores definem grande parte dos interesses do povo e dos procedimentos para serem efetuados nesse árduo trabalho, que consiste em transformar a sociedade profundamente, sendo revolucionários que pontuam quais seriam os maiores inimigos, adversários e as dificuldades desse processo de emancipação social, que não admite “falhas” e “vacilos” permanentes.⁸⁰⁰ O apoio mútuo seria uma forma de perceber uma história que não se justificasse pelo autoritarismo e o conservadorismo, noções que estão impregnadas em grande parte dessas concepções de mundo, buscando sustentar um arcabouço de interesses que, segundo Kropotkin, desmobilizam uma visão revolucionária diante da história.

O pensador russo ao refletir sobre a história, com suas noções que se estabelecem sobre fenômenos de apoio mútuo e atitudes em contrapartida a eles, percebe uma história que repete padrões, que são variáveis, mas que ajudam a movê-la, transformando seu conteúdo interno, na busca de estabelecer saltos qualitativos para a história, um processo em certa medida “mecanicista”. O egoísmo e o altruísmo nos forçam a agir sobre esses padrões fazendo-nos repetir estruturas históricas. Esses pressupostos estão ligados diretamente à história da natureza que conhecemos. E Kropotkin se aproxima desta noção de *eterno retorno*

⁸⁰⁰ Vejamos algumas de suas conclusões: “Só a ignorância da história da Europa central e eslava e uma vontade de criar uma classe dirigente podem explicar essa renúncia de todas as ideias de Bakunin e de Kropotkin”. MINTZ, FRANK. *Autogestão e anarcosindicalismo: análises e críticas relativas à Espanha, 1931-1990*. São Paulo: Intermezzo, 2016. p.157.

se pensarmos em suas elucubrações que se ancoram nas ciências naturais no sentido epistemológico do termo.⁸⁰¹

A manifestação do apoio mútuo e de sua negação seria um modelo que se reproduz na história. Ao invés de alimentar a ideia de *eterno retorno* na história, Kropotkin prefere sustentar as manifestações de apoio mútuo. Ou seja, abrindo caminhos para as várias formas de perceber esse fenômeno como paradigma complexificado. Outra diferença de Kropotkin sobre essa noção colocada por Blanqui e Nietzsche, de *eterno retorno*, está no sentido de buscar ver na história um lugar onde se procura romper com nomenclaturas que se repetem num determinado período e, nesse sentido, a solução para esse problema de uma história cíclica é o exercício da revolução junto da liberdade e da igualdade, em sua destreza ancorada no apoio mútuo. E a ajuda mútua, até então, não teria chamado a atenção dos historiadores, que estavam estimulados e treinados a perceber outros padrões na história. Onde podem variar os historiadores, mas esses buscam sempre, de alguma forma, um final trágico para denominar seus conceitos históricos.

Sempre existiram os adeptos de uma visão pessimista da humanidade. Eles a conheceram, mais ou menos superficialmente, a partir de sua própria e limitada experiência; aprenderam da História aquilo que os analistas, sempre atentos às guerras, à crueldade e à opressão, falaram dela e pouco mais que isso, e concluíram que a humanidade não passa de um agregado frouxo de seres sempre prontos a lutar entre si, só sendo impedidos disso por alguma autoridade.⁸⁰²

Os historiadores sempre teriam visto a história com noções preconcebidas, pelas suas ideias que influenciam esses conceitos, por estarem presos em uma visão pessimista da realidade. Destacando sempre o que está como problemático, sem buscar perceber o que teria funcionado na história e que sirva tanto de exemplo como de procedimento de aposta. A história construída assim estaria sempre preocupada em legitimar uma sociedade que promove as noções de autoridades, pois de tal modo, se a história é marcada por um fim trágico, ela seria entregue nas mãos dos autoritários, pois, somente eles saberiam conduzi-la, porque entenderiam de seus desdobramentos mais profundos.

As exemplificações do historiador revolucionário russo reúnem dados para mostrar a ajuda mútua para além das questões temporais e espaciais e que, antes dele, estavam condenadas a serem vistas como experiências sempre menores. As comunidades aldeãs dos nativos das Américas e dos índios Tupis no Brasil, aos quais Kropotkin se refere, estariam fadadas a terem sempre uma história menor, permeada de justificações que valorizam em

⁸⁰¹ KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.27.

⁸⁰² KROPOTKIN, Peter. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.73.

menores níveis essas agrupações.⁸⁰³ O dito pessimismo ou mesmo o pressuposto que dele deriva é, muitas vezes, elaborado em suas predileções concebidas sob os aspectos “teatrais” do discurso histórico. O militante revolucionário russo critica esta posição histórica, dizendo que essas concepções fazem um manuseio equivocado dos documentos, pois exageram os lados que colocam a vida sob o aspecto de uma grande guerra, que está alocada em suas várias temporalidades.

Kropotkin acabou utilizando métodos hermenêuticos de análises, para denunciar visões estreitas da realidade histórica. Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck divergem, concordam, dialogam, estabelecendo a importância desses métodos para se pensar os conceitos históricos. Hans-Georg Gadamer percebe a história pela hermenêutica, consolidada por ele e, a relação entre a história e a linguagem, como forma de pensar a ciência, de maneira geral, a partir do ser humano. Reinhart Koselleck busca ver na hermenêutica os fundamentos aplicados a disciplina da história, em formulações mais rígidas para possíveis transcendências desse campo, pois a hermenêutica pode neutralizar as formas de perceber experiências históricas conceituadas, que estão além de uma interpretação.⁸⁰⁴ O historiador russo trabalhou sua hermenêutica nos dois sentidos colocados por esses autores, mas de uma forma, até então, menos esquemática e conscienciosa, sendo mais uma noção do que um conceito definido, onde suas perspectivas anunciam uma hermenêutica abordada por elementos anarquistas. Uma hermenêutica anarquista. Aproximações e nomeações que Jesse S. Cohn estabelece, sobre uma razoável justaposição entre esses dois campos e as consequências dessa possível fusão.⁸⁰⁵

Segundo Kropotkin a vida das massas não seria o foco de estudo para esses historiadores preocupados mais com suas catástrofes, como se uma história sobre o povo fosse uma história preconcebida, pois o conflito é visto como um exercício permanente da vida, dizendo-nos que o que mantém a vida seria a tragédia compreendida no passado e esperançosamente esperada no futuro.⁸⁰⁶ Para o articulista anarquista era preciso libertar a história de seus historiadores que, por meio das suas interpretações estatistas, fornecem um legado que oficializa uma história comum permeada de atributos, que se justificam por si

⁸⁰³ Ibidem. p.119.

⁸⁰⁴ KOSELLECK, Reinhart; GADAMER, Hans-Georg. *Historia y hermenéutica*. Barcelona: Paidós, 1997.

⁸⁰⁵ COHN, Jesse. S. *Anarchism and the crisis of representation: hermeneutics, aesthetics, politics*. United States of America: Selinsgrove: Susquehanna University Press, 2006. p.21.

⁸⁰⁶ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.101.

mesmos, diante de aspectos apocalípticos.⁸⁰⁷ O anarquismo como uma das facetas da história, teria esses atributos que gesticulam uma relação com a ajuda mútua, e a busca do estudo deste fenômeno acaba não chamando a atenção dos historiadores burgueses.⁸⁰⁸ Para Kropotkin, negar a “anarquia” em seus arcabouços teóricos e normativos, que são dados para explicar a sociedade e construir meios emancipatórios a esta, é também recusar o apoio mútuo como fenômeno histórico.

A História, tal como foi escrita até agora, é quase inteiramente uma descrição dos modos e meios pelos quais a teocracia, o poder militar, a autocracia e, mais tarde, o domínio das classes mais ricas têm sido promovidos, estabelecidos e mantidos. As lutas entre essas forças compõem, na verdade, a substância da História. Podemos então tomar como ponto pacífico o conhecimento do fator indivíduo na História humana – mesmo que haja muito espaço para um novo estudo do assunto segundo as linhas acima mencionadas. Por outro lado, o fator da ajuda mútua foi totalmente ignorado até agora, ou simplesmente negado, ou mesmo transformado em objeto de escárnio de escritores das gerações presentes e passadas. Por isso é necessário mostrar, antes de mais nada, a importância do papel que esse fator desempenha na evolução, tanto no mundo animal quanto nas sociedades humanas. Só depois que isso tiver sido plenamente reconhecido será possível proceder a uma comparação entre os dois fatores. É evidente que, por qualquer método mais ou menos estatístico, é impossível fazer um cálculo, mesmo que grosseiro, de sua importância relativa. Todos sabemos que uma única guerra pode produzir mais mal – enquanto dura e depois – do que centenas de anos de ação ininterrupta do princípio de ajuda mútua pode produzir o bem.⁸⁰⁹

A história tem sido construída por fatos que justificam sua própria percepção de mundo. Para Kropotkin a “verdade” histórica não teria chegado a uma relação de disputa entre essas concepções de mundo. Uma história descrita em padrões sociais ainda tinha pouca relevância, o fator da ajuda mútua na história teria sido ainda ignorado. Por isso o autor anarquista chama atenção para se mostrar o apoio mútuo como condição de evolução na história, tanto no mundo animal quanto nas sociedades humanas. O artífice russo aqui, não nega as interpretações, junto de leituras históricas e teóricas que sugerem uma história de cunho dramático, diante dos homens e das mulheres, tanto do passado quanto de seu futuro próximo, apenas aponta para aquilo que ainda não se realizou na história, como medida de perspectiva e interpretação.

A *Escola de Frankfurt* dentro de seus vários autores e gerações, onde promovem um debate bastante considerável para se pensar os limites de uma postura emancipatória na história, de cunho iluminista, devido às condições que estamos inseridos e, sem ser exatamente contra essas atitudes, seriam visões da história bastante anunciadas em nosso

⁸⁰⁷ KROPOTKIN, Peter. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre. pp. 162-163.

⁸⁰⁸ KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.71.

⁸⁰⁹ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.231.

século XX, sobre o ponto que narra uma cultura da indústria e as possibilidades para uma superação da sociedade das “mercadorias” ao modo capitalista.⁸¹⁰ Kropotkin reconhece que as emancipações históricas podem ser fluentemente destruídas com muito mais facilidade do que construídas, por meio do tempo e das gerações. Para o revolucionário os fenômenos construídos pela história, que, através dos séculos, se adaptam, vão se equilibrando, entre outros acontecimentos que dura um instante e vão se contrabalançando; essas finitudes são evidências factuais, mas isso não faz o autor aqui reiterar uma posição dramática em relação à historicidade como conceito.⁸¹¹

Muitos foram os autores que fizeram uma interpretação da história denunciando as suas catástrofes, nos deixando uma visão, se não realista muitas vezes, anunciam os germes de uma visão pessimista e nostálgica da história. Walter Benjamim tentava superar os caminhos dados à história, por um marxismo ortodoxo e um progressismo otimista ilimitado dessas teorias, tentando superar esses limites, trazendo novos conceitos para se pensar a história dos oprimidos, sendo um autor, como coloca Michel Löwy, bastante complexo para as reduções para o qual seu pensamento, acaba sendo direcionado.⁸¹²

Não seria uma falta de desacordo que levaria Kropotkin a não perceber uma interpretação da história mais vinculada a um bom senso menos empolgado e, em certa medida, um olhar em tom menos otimista, mas sim a busca de uma orientação que procura equilibrar o debate sob uma perspectiva menos unilateral. Segundo o escritor revolucionário, o altruísmo e o egoísmo eram fatores que deveriam ser estudados em uma mesma proporcionalidade, para assim serem entendidos de forma mais elaborada e esquematizada. O pensador russo tenta transformar a história em um ato político intervindo nas relações de poder da sociedade, sem deixar de lado a natureza e a sua relação com a evolução, um evolucionismo percebido não como um fato garantido, mas como um lugar que nos possibilita construir uma busca na história.

O escritor anarquista russo via como necessário fazer um maior estudo sobre o fenômeno da ajuda mútua na história, já que em seu contexto era uma noção negada e pouco estudada. O autor anarquista pode ser também visto como uma reação às atitudes conservadoras de sua época e aos revolucionários estatistas, que se utilizavam das

⁸¹⁰ WIGGERSHAUS, Rolf. *Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico e significação política*. São Paulo: Difel, 2002.

⁸¹¹ KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.25.

⁸¹² LÖWY, Michael. *A filosofia da história de Walter Benjamin*. ESTUDOS AVANÇADOS 16 (45). Palestra feita pelo autor em 28 de janeiro de 2002 na sede do Instituto de Estudos Avançados da USP.

formalizações estratégicas de processos ditatoriais em prol de uma história emancipada, justificados por uma história que foi construída de forma trágica, ardilosa e catastrófica. E sendo assim, portanto, seus métodos estavam justificados e aprovados pelo simples fato de ser uma atitude “realista” diante da história; e muito daquilo que poderia ser evitado passa a ser chamado de condições necessárias da história.

Essa tendência do ser humano à ajuda mútua tem para Kropotkin uma origem remota na humanidade, entrelaçada com o processo de manutenção da vida, sendo a história o lugar por onde todas essas vinculações se colocam.⁸¹³ Como anarquista: Kropotkin anunciava suas visões sobre o futuro, uma análise de conjuntura histórica, baseado nos dados que lhe proporcionam observar a vida de sua época.⁸¹⁴ E dentro disso, podemos fazer uma abordagem histórica que não seja somente crítica, mas que demonstre os pontos por onde o povo acaba sendo afastado das demandas sociais mais significativas para construir sua vida. Ou seja, a crítica só pode ter sentido quando decifrou parte do movimento da “realidade”, para assim poder intervir sobre ela. Em nosso mundo moderno, o povo acaba sendo excluído das discussões que anunciam os grandes temas que envolvem sua vida em coletividade. Kropotkin insiste em uma história sobre o ponto de vista do povo, uma história social.⁸¹⁵ E mesmo o povo, não contaria sua história somente falando de suas guerras e perdas, mas sim apontaria princípios não somente trágicos em suas trajetórias, mas enfatizariam também seu lado criativo e seus momentos de satisfação coletiva e sua luta pela liberdade. Para Kropotkin, as colaborações na história ganham um significado profundo, que vai da vida política social aos fenômenos da natureza.

Não se pode ser egoísta sem fazer mal a alguém ou a todos. A razão disso é que o homem é um ser essencialmente sociável; que sua vida se compõe de fios inumeráveis que se continuam visível e invisivelmente na vida dos outros; que, enfim, ele não é um ser interior, mas uma parte integrante da humanidade. Não há linha de demarcação entre homem e outro, nem entre indivíduo e sociedade: não há meu e teu moral, assim com não há teu e o meu econômico. Além de nossa própria vida, vivemos um pouco da vida dos outros e da humanidade.⁸¹⁶

Kropotkin trabalha com uma noção de história integrada ao estilo panteísta, onde todos fazem parte de um mesmo mundo e natureza. Nesse sentido tanto a riqueza quanto a pobreza nos indicam a participação de todos nessa construção social da sociedade. O atuante denuncia uma história feita para os reinos e reis e tenderia a ser direcionado a construir a

⁸¹³ KROPOTKIN, Peter. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009. p.179.

⁸¹⁴ KROPOTKIN, Pedro. *Folhetos Revolucionários I*. Barcelona: Tusquets Editor, 1977. p.189.

⁸¹⁵ *Ibidem*. p.210.

⁸¹⁶ KROPOTKIN, Peter. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. p.50.

história das comunidades, por fim, dos indivíduos em sua cultura local.⁸¹⁷ Kropotkin insistia para que a história tivesse inovações metodológicas profundas. De sorte que o revolucionário percebia que determinadas atitudes, que os historiadores teriam que tomar em seus procedimentos teóricos e metodológicos, se tornavam desafios que o seu contexto apresentava. Acreditava que em um futuro próximo da história, como disciplina, os historiadores poderiam fazer essas aberturas. Assim como fizeram por outros caminhos. José Carlos Reis nos coloca que essas contribuições foram feitas por autores como Febvre, Bloch e Braudel.⁸¹⁸

O historiador para Kropotkin deve ser comprometido com as forças políticas que impulsionam a sociedade, não podendo se afastar dessas responsabilidades ativas da coletividade, por menos engajado que seja o historiador mais privilégios estaria garantindo às forças que estão em prevalência e dominância na sociedade. Essas atitudes estariam, de um lado, impulsionando sua emancipação ou justificando a manutenções retardatárias da história. O apoio mútuo atua pela cultura, é um elo produtivo da sociedade, sem precisar consultar a consciência racional da humanidade. Os mecanismos que colocam o povo em um processo de marginalização não param de funcionar na sociedade e na história, e estão em um movimento duradouro e sem descanso. Nesse sentido o historiador é um ser ativo.

E se guerra ainda não eclodiu, é sobretudo, talvez, porque a alta finança acha vantajoso que os Estados se endividem sempre cada vez mais (...) A sua duração é apenas uma questão de tempo, que já se pode estimar por anos e não mais por séculos. Uma questão de tempo – e de energia de ataque de nossa parte! Os preguiçosos não fazem história: sofrem-na!⁸¹⁹

A história para Kropotkin é construída conforme a relação de força que impulsiona suas demandas. Muitas ideias podem morrer pela falta de uma atividade que possa colocar essas iniciativas em diálogo com as forças sociais. O autor não nega o papel do conceito de guerra e suas acepções na história, que formulam caminhos e consequências dentro dela, mas em primeiro lugar ele faz um esforço para destacar essa energia construída sobre nós que estabelece o fazer histórico, contra as forças que tornam possíveis uma resignação espectral que adormece o povo e a sociedade como um todo.

Todos os percursos percorridos por Kropotkin anunciam objetivos para uma luta social. Os círculos aqui discutidos pelo autor, que passam pelas esferas, no caso: a moral, a

⁸¹⁷ KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.26.

⁸¹⁸ REIS, José Carlos. *Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

⁸¹⁹ KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000. p.38.

ética, a ciência, o evolucionismo, a política, a natureza e a revolução na história. Todos esses campos organizam condutas para possibilitar uma transformação que possa conduzir uma nova vida ao ser humano. As preocupações do historiador anarquista russo, sobre esses temas, podem orientar maneiras de luta e o papel que essas estâncias têm em nossa vida. Um movimento social, uma organização “política”, uma minoria ativa, quando formulada e inspirada pelo anarquismo comunista, levando em consideração seu pensamento, que funciona como um alerta; cria e permite uma força ativa aos becos sem saídas, que a história condiciona e convida.⁸²⁰

No anarquismo uma função política, dentro dessas esferas mencionadas, por mais que possa parecer uma atribuição mais importante do que outras, aos olhos de quem as vê de longe, não buscam absorver um poder pessoal, individual, nas pessoas que exercem essa responsabilidade. Detalhes esses que podem parecer pouco mais colocam uma diferença fundamental diante de uma organização política marxista e liberal, que não tem o interesse de distinguir cargos das relações de poderes, que estão atreladas a eles, por isso facilitam uma intervenção ditatorial, autoritária, oportunista e corrupta, porque não desenvolveram mecanismos que deem conta dessas adjetivações substanciais burocráticas. Temos aqui, um poder consentido e acumulado que é usado em benefício próprio, quando essas movimentações querem ser colocadas em prática por esse indivíduo, que se aproveita de seu cargo ou função e os utiliza com a devida justificativa, que essas atribuições de poder carregam, devidos as suas legitimações teóricas refletirem essa cultura dada, criando consequências hierárquicas para lugares que esses acordos não foram estabelecidos. Por todos esses motivos, que as preocupações de Kropotkin se mostram atuais e fazem sentido. A história do marxismo e do liberalismo, que aqui mencionamos, tem vários desses exemplos empilhados em processos construídos no século XX.

O historiador revolucionário russo tentou deixar um material que permita avançar sobre essas problemáticas, porque elas têm um papel histórico que ele mesmo pode presenciar tanto no comunismo de sua época como de seu possível desenvolvimento no futuro, todos esses movimentos por mais diferentes que possam parecer carregam uma raiz e estavam

⁸²⁰ Temos aqui uma das conclusões de Kropotkin diante de seus trabalhos: “Já vimos dos capítulos precedentes por que série de considerações de ordem histórica, etnológica e econômica, bem como os ensinamentos da vida moderna, foram os anarquistas levados a uma concepção da sociedade muito diferente da que visam, como, ideal, todos os partidos políticos autoritários”. KROPOTKIN, Peter. *A questão social: o anarquismo em face da ciência*. São Paulo: Prometheu, 1936. p.129.

destinados a “fracassar”, por não compor esses elementos aqui abordados, ao longo desse trabalho, situados pelo autor aqui estudado.

Portanto, naquele contexto, Kropotkin entende que uns estavam conscientes desse processo e outros ainda não tinham entendido as consequências diretas dessas estratégias e formas de organização, nas lutas de cunho revolucionário. Esses comportamentos nos mostram e sugerem novas formas de conduzir o gênero humano em seu processo de luta na história. Os tópicos históricos fornecem um pensamento que pode possibilitar caminhos produtivos, que se marcam pelo ato de ação e participação, em seu atributo ativo e passivo, gerando as condições para a construção de uma historicidade.

O pensador anarquista russo anuncia as consequências tanto das forças sociais quanto dos padrões que elas acabam criando, muitas vezes, para o espanto dessa própria sociedade. Quem tem sua parcela diminuída das instâncias políticas e sociais acabam sendo conduzidos ainda mais por quem participa de forma garantida em suas projeções políticas. As relações mútuas são abordagens desenvolvidas por Kropotkin, para compreender a história como medida e orientação que a transforme. O escritor russo, em suas abordagens contribui para os campos de uma teoria da história como aqui privilegiamos esse enfoque, entretanto suas concepções podem ser deslocadas para o campo da história social em um processo mútuo. Kropotkin elaborou noções e conceitos que pensam a história como vínculo ativo e passivo da sociedade a natureza.

3. Considerações finais

Estabelecemos questões que situam o pensamento de Kropotkin sobre determinados temas que perpassam sua trajetória na história. Em um primeiro momento, fizemos uma contextualização biográfica, como caráter de apresentação, por um período que começa da metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, um momento de grandes transformações na história ocidental.

Destacamos alguns pontos de sua biografia, identificando os motivos que construíram suas escolhas pessoais e teóricas, imbuídas de uma cultura revolucionária e crítica da sociedade. Primeiramente, pode-se observar a participação de Kropotkin em eventos que marcaram a tradição revolucionária anarquista. Kropotkin teve uma formação bastante abastada para poder pensar os problemas sociais de sua época. O militante russo pode contribuir para se pensar o anarquismo e suas concepções de mundo em relação aos setores sociais que essas ideias percorrem, em seu sentido ético e moral, devido às experiências revolucionárias que estavam em curso. A questão da moral e da ética é desenvolvida em Kropotkin por setores críticos e propositivos diante dessas problemáticas, em grande parte, devido as consequências diretas da Revolução Russa.

Em um segundo momento, trabalhamos a perspectiva que analisa as construções históricas trabalhadas pelo Estado, seu papel dentro da história e sobre suas influências nas relações humanas. O Estado no qual vivemos nesses últimos séculos é visto como uma percepção de nossa realidade histórica permanente e de origem recente. As contribuições e teorias que formulam uma filosofia social, que buscam fornecer uma organização da sociedade, não deixam de ter sempre em suas narrativas uma proteção do Estado ou de uma crítica que nunca o dispensa como um todo, criando uma dependência que é naturalizada tanto por revolucionários como conservadores. Todos dizem como o Estado deveria funcionar, mas poucos falam de outra forma de organização social que funcione sob outra espécie de governo. E mesmo o engodo liberal, quando anuncia seu discurso sobre o Estado mínimo, muito se utilizou do Estado em sua formação e ainda se utiliza dessa prerrogativa para manter seu monopólio econômico. Os liberais buscam substituir o Estado para se colocarem em seu lugar, utilizando os mesmos mecanismos repressores de orientação social. Portanto, todos acabam aceitando sua necessidade histórica, como instituição indispensável ou como exemplo para efetuar as relações de poder na sociedade. Um fim da história colocado sobre o aspecto do Estado. O escritor russo faz crítica ao Estado como organização social vigente, tanto em

seu tempo quanto no passado. Kropotkin busca contribuir para uma derrocada do Estado como instituição permanente na história. As federações anarquistas seriam uma das respostas de Kropotkin contra o Estado.

A ciência em Kropotkin ganha um destaque bastante diferenciado se comparamos com outros anarquistas de renome. O autor russo aposta numa ciência que busque fugir das amarras do Estado e das diversas classes que, de alguma forma, monopolizam seu conhecimento, dificultando que essa atividade seja desenvolvida no seio do povo e da sociedade. A ciência vista pelo revolucionário é um produto das relações humanas, onde não devia ter a intervenção de um agente externo sobre essas construções. Kropotkin não promove uma ciência que se oriente sobre os seres humanos, controlando a vida humana por meio de poderes autoritários, que negam uma distribuição do conhecimento adquirido, legado esse que pertence a toda a sociedade e não somente a uma classe especializada, que pode comprar o exercício dessas faculdades, para melhor gerir seus interesses políticos sobre outras classes. A ciência moderna é um recurso da vida humana e o anarquismo poderia ajudar a pensar a ciência, e como esse atributo poderia tanto se desenvolver internamente quanto campo de estudo e construção epistemológica e, ao mesmo tempo, ir buscando corrigir os desvios que anunciam uma postura autoritária e pouco libertária. A formação de Kropotkin pode oferecer uma visão da ciência sobre vários setores.

As ciências naturais ganham um destaque em suas abordagens, não pelo fato de Kropotkin privilegiar este campo de forma determinante, mas buscava anunciar o que dentro da ciência natural poderia ser útil para desconstruir as visões que se apropriaram dessas construções. A ciência natural foi, na maioria dos casos, percebida sob o interesse das classes privilegiadas, que fazem dessa doutrina um exercício permanente de poder e dominação. O revolucionário russo pode trazer novos pressupostos para se pensar as ciências naturais e sua relação com as ciências humanas. O autor pensa o evolucionismo por meio do apoio mútuo e transferido ao campo da natureza a história. Logo percebe-se que o apoio mútuo acaba sendo o grande arremedo que sustenta as raízes de todas as relações da vida humana e animal. O apoio mútuo é visto como um fator social e da natureza mais vantajoso para uma sociedade. A ciência poderia mostrar as vantagens do apoio mútuo em relação às contestações egoístas que são naturalizadas na sociedade, como sendo um único caminho para a sobrevivência da espécie humana.

A revolução em Kropotkin seria uma alternativa para aprimorar e trazer a possibilidade de uma emancipação, pois a revolução é uma necessidade que se impera diante dos entraves criados pela história em seu desenvolvimento. A revolução social pode fazer rupturas sobre estruturas que já não seriam hegemônicas na sociedade, restabelecendo outra faceta da história. Nem toda a revolução, admite Kropotkin, consegue executar seus programas inteiramente, pois a busca pela liberdade e seus desdobramentos é um movimento constante na história. Diante disso, a teoria e a prática revolucionária seriam instâncias que promovem um mesmo horizonte.

A história em Kropotkin não é vista como um campo somente de batalha, pois a ajuda mútua garante a construção dos processos acumulativos que se orientam pela participação de todos, e não desencadeado por uma minoria inteligente, que funciona para si mesma, na busca da manutenção de sua própria existência. A história depende e procede em cima das alterações humanas e sua relação com a natureza. A revolução em Kropotkin é vista como uma manifestação das mais significativas na história. Os aspectos que traduzem e desenvolvem as forças que mobilizam um salto emancipatório, devem ser considerados como os atributos a serem investidos, por uma demarcação de cunho revolucionário no meio das atribuições políticas da sociedade. O pensador russo é visto aqui dentro desses parâmetros, que constroem uma atitude politizada do historiador, ampliando esse comportamento em suas diversas formas de ação e situação. O anarquismo comunista pode ser essa força social que refere e ataca os problemas históricos do ponto de vista crítico e revolucionário, sem suprimir o tempo em nome de uma promessa apressada da dinâmica da história, pois a construção da história não deve ser imposta, mas sim construída.

O axioma de Kropotkin, embora silenciado pelos diversos fatos e construções históricas do século XX, e pelos outros programas políticos que seguiram em disputa e vigência, pode ser visto como uma teoria que foi camuflada. O pensamento de Kropotkin pode ser uma grande contribuição para se pensar os diversos setores da sociedade, colaborando para perspectivas de um pensamento histórico, como disciplina, saber adquirido, orientação política e cultural.

4. Fontes de Peter Kropotkin

KROPOTKIN, Peter. *Anarchism: its philosophy and ideal*. San Francisco: Free Society, 1898.

_____. *Ethics: Origin and Development*. George G. Harrap & Co., LTD., London, Calcutta, and Sydney 1924.

_____. *Fields, factories, and workshops: or industry combined with agriculture and brain work, with manual work*. London, Edinburgh, Dublin and New York, Thomas Nelson & Sons, 1912.

_____. *Ideals and Realities in Russian Literature*. New York: Alfred A Knopf, 1915.

_____. *Ideals and Realities in Russian Literature*. Retrieved on February 27 th, 2009 from wardmac.pitzer.edu New York: Alfred A Knopf, 1915. Theanarchistlibrary.org.

_____. "Inherited Variation in Plants," *The Nineteenth Century*, October, 1914.

_____. "Inherited Variation in Animals," *The Nineteenth Century*, November, 1915.

_____. *In Russian and French Prisons*. London: Ward and Downey; 1887.

_____. *Memoirs of a Revolutionist*. New York: Houghton, Mifflin, 1889.

_____. *Mutual aid: A factor of evolution*. New York: New York University press, 1972.

_____. "Mutual Aid Among Animals." *The Nineteenth Century*, November 1890.

2010.

_____. "Mutual Aid Among Barbarians", *The Nineteenth Century*, January 1892.

_____. "Mutual Aid in the Mediæval City." *The Nineteenth Century*, August, September 1894.

_____. "Mutual Aid Amongst Modern Men." *The Nineteenth Century*, January, 1896.

_____. "Mutual Aid Amongst Ourselves," *The Nineteenth Century*, June 1896.

_____. "Mutual Aid Among Savages", *The Nineteenth Century*, April 1891.

_____. "The ethical needs of the present day". *The Nineteenth Century*, August, 1904.

_____. "The Morality of Nature", *The Nineteenth Century*, March 1905.

- _____. *The State: Its Historic Role*. London: Freedom Press, 1946.
- _____. *The Terror in Russia*. London: Methuen & Co, 1909. 4th Ed.
- _____. "The Theory of Evolution and Mutual Aid," *The Nineteenth Century*, January, 1910.
- _____. *Anarco comunismo: sus fundamentos y principios*. Madri: Tierra e fogo, 2010.
- _____. "Campos, fábricas y talleres". Digitalización: KCL. Traducido del inglés por Fermín Salvochea, 1898. Actualmente se está traduciendo esta obra en cinco idiomas, siendo la versión española la primera en ver la luz.
- _____. *El Estado*. Quito: Difunde la idéia, 2001.
- _____. *Folletos revolucionários I*. Barcelona: Turques Editor, 1977.
- _____. *Folletos revolucionários II*. Barcelona: Turques Editor, 1977.
- _____. *La conquista del pan*. Buenos Áries: Anarres, 2005.
- _____. *La grand Revolucion Francesa*. Buenos Aires: Proyección, 1976.
- _____. *La moral anarquista*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008.
- _____. *Los tiempos nuevos: 1894*. La Biblioteca Anarquista Anti-Copyright Recuperado el 8 de mayo de 2015 desde materialesfopep.wordpress.com Traducción de Juan J. Rubio. es.theanarchistlibrary.org.
- _____. *Memorias de un revolucionário*. Chantal López y Omar Cortés. Primera edición cibernética, enero del 2006.
- _____. *Origem y evolucion de la moral*. Buenos Aries: Americalee, 1945.
- _____. *Origem y evolucion de la moral*. Madri: Chantal López y Omar Cortés. Libro corregido por Iddunne. Colaboradora de www.pidetulibro.cjb.net. 1945.
- _____. *A anarquia sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- _____. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Organização Simão, 1953.
- _____. *A grande Revolução*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935.

- _____. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Paulo: Senhora, 2009.
- _____. *A questão social: o anarquismo em face da ciência*. São Paulo: Prometheu, 1936.
- _____. *Carta a Vladimir Illich Lenin 4 de marzo de 1920*. Escrito: 4 de marzo de 1920
Primera edición: En ruso, en *Zvezda* n. 6, 1930. Edición electrónica: Marxists Internet
Archive, 1999. Digitalización y HTML: Juan R. Fajardo.
- _____. *As prisões*. Campinas: São Paulo: Barricadas Libertária, 2012.
- _____. *O anarquismo*. São Paulo: Edições Unitas, 1933.
- _____. *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia – seu ideal e seus
princípios econômicos*. São Paulo: Unitas Limitada, 1932.
- _____. *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- _____. *O humanismo libertário e a ciência moderna*. Rio de Janeiro: Mundo Livre.
- _____. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.
- _____. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, Ícone, 2005.

5. Referências gerais

- ADORNO, T. W. *Mínima moralia*. Lisboa: Edições 70, 1951.
- AIRES, Mathias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens e carta sobre a fortuna*. São Paulo. Editora Escala.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, UFMG, 2002.
- ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (org). *O pensamento alemão no século XX Volume I*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. *O pensamento alemão no século XX Volume II*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Porto: Edições Afrontamento, 1976.
- _____. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ARANTES, Paulo. *O ressentimento da dialética*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- ARENDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Ática: 1990.
- _____. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Schwarcz, 2009.
- ARCHINOV, Piotr. *História del movimiento Makhnovista (1918-1921)*. Bueno Aires. Tupac Ediciones/ La Malatesta. 2008.
- ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- _____. *El arte de la retórica*. Buenos Aires: Eudeba, 2005
- ARON, Raymond. *O espectador engajado: entrevistas com Jean-Louis Missika e Dominique Wolton*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. *O marxismo de Marx*. São Paulo: Arx, 2003.
- ARVON, Henri. *A revolta de Kronstadt*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- AVRICH, Paul. *The Russian Anarchists*. Libcom.org.
- AYN, Rand. *Virtude do egoísmo*. Porto Alegre: Ortiz, 1991.
- BACON, Francis. *O progresso científico*. São Paulo: UNESP, 2007.

- BABEUF, Gracus; SIMON, Henri de Saint; FOURIER, Charles; BLANQUI, Auguste. *Os socialistas pré-marxistas*. São Paulo. Editora Global, 1980.
- BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- _____. *A experiência do espaço na física contemporânea*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- _____. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- _____. *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Rio de Janeiro: Contra ponto 2004.
- _____. *Estudos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural/Victor Civita, 1979.
- BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BADIN, Luciana. *Nos caminhos da utopia*. Rio de Janeiro: E-PAPERS, 2003.
- BALDWIN, Roger. *Kropotkin's Revolutionary Pamphlets*. New York: Dover Publications, 1970.
- BAKUNIN, Mikhail. *A ciência e a questão vital da Revolução*. São Paulo: Imaginário, 2009.
- _____. *Catecismo revolucionário – Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Imaginário, 2009.
- _____. *Escritos contra Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001.
- _____. *Estadismo y anarquia*. Buenos Aires. Libros Anarres. 2008.
- _____. *La Libertad*. Buenos Aries. 1977. Agebe, 1977.
- _____. *O socialismo libertário*. São Paulo: Global, 1979.
- _____. *Sobre el patriotismo*. Recuperado el 20 de abril de 2013 desde miguelbakunin.wordpress.com Artículos publicados originalmente en el periódico ginebrino Le Progrès durante 1869. es.theanarchistlibrary.org.
- BALANDIER, Georges. *Antropologia política*. Barcelona: Edicions, 1969.
- BANTON, Michael. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70. 1977.
- BASTOS, Miguel, A. *Murray N. Rothbard: os fundamentos do anarco-capitalismo*. Bruxelas, 2012.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70. 2008.
- _____. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

- BAYER, Osvaldo. *Anarquistas expropriadores*. São Paulo: Luta Libertária. 2004.
- BAZARIAN, Jacob. *O problema da verdade teoria do conhecimento*. São Paulo: Editara Alfa-Omega, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *On the Concept of History*. Gesammelte Schriften. Suhrkamp Verlag. Frankfurt am Main, 1974, folk.uib.no/hlils/TBLR-B/Benjamin-History.
- BERGSON, Henri. *Memória e vida*. São Paulo: Editora WMF, 2011.
- BERKMAN, Alexander. *El ABC del comunismo libertario*. Buenos Aries: La Malatesta; Tierra de fuego, 2009.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Schwarcz, 1986.
- BERNARDO, João. *Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta*. 2015.
- BERNERI, Camillo. *Humanismo y anarquismo*. Madri: Catarata, 1998.
- _____. *Pensamento e batalha*. Porto Alegre: Edições Combate, 2009.
- BERNSTEIN, Eduard. *Evolutionary Socialism*. Marxists Internet Archive, 1907.
- BERTHIER, René; VILAIN, Éric. *Autogestão e anarquismo*. São Paulo: Imaginário, 2002.
- _____. *Do federalismo*. São Paulo: Intermezzo, 2016.
- _____. *Marxismo e anarquismo*. São Paulo: Imaginário, 2011.
- _____. *Poder, classe operária e “Ditadura do Proletariado”*. São Paulo: Imaginário, 2010.
- BETELLA, Gabriela Kvacek. *Os rapazes da Rua Panisperna e os Centomila Majorana: os fatos e as versões literária e audiovisual*. Revista Fronteira Z – nº 10 – junho de 2013.
- BIBLIOTECA VIRTUAL NOAM CHOMSKY. Galeon.hispavista.com/bvchomsky/textos.
- BLANQUI, Louis-Anguste. *A eternidade pelos astros*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.
- BOBBIO, Norbert. *Qual socialismo? Discussão de uma alternativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- BOÉTIE, Etienne De La. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BOFF, Leonardo. *Ética e moral a busca de fundamentos*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BOOKCHIM, Murray. *Anarquismo, crítica e autocrítica*. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. *¡Escucha, marxista!* La Biblioteca Anarquista Anti-Copyright. Recuperado el 22 de octubre de 2015 desde colección de anarquismoenpdf.tumblr.com. Publicado originalmente como *Listen, Marxist!*. Extraído de la segunda edición del libro *El anarquismo en la sociedad de consumo (Post-Scarcity Anarchism)*, editado por Editorial Kairós. Traducción de Rolando Hanglin. es.theanarchistlibrary.org. 1971.

_____. *Municipalismo libertário*. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____. *The ecology of freedom: The emergence and dissolution of hierarchy*. United States of America: Cheshire Books. 1982.

_____. *Textos dispersos*. Lisboa: SOCIUS, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2004.

_____. *Sobre o Estado: cursos no collège de la France (1989-92)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1987.

_____. *Gramáticas das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

BURCKHARDT, Jacob. *O Estado como obra de arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAFIERO, Carlo. *Anarquía y comunismo*. Recuperado el 26 de julio de 2013 desde laalcarriaobrera.blogspot.com Texto presentado en el Congreso de la Federación del Jura de la AIT celebrado en 1880 en La Chaux-de-Fonds. Se publicó por primera vez en el periódico ginebrino Le Révolté. La Biblioteca Anarquista. es.theanarchistlibrary.org.

_____. *Compêndio de O Capital*. São Paulo: Centauro, 2001.

CAHM, Caroline. *Kropotkin and the rise of revolutionary anarchism (1872-1886)*. New York: Cambridge University Press, 1989.

CAPPELLETTI, Ángel. *El pensamiento de Kropotkin: ciencia, ética y anarquía*. Madri: Zero-Zyx, 1978.

_____. *El pensamiento de Malatesta: Idealismo ético y socialismo libertário*. Montevideo: Ediciones Recortes: 1994.

_____. *Etapas del pensamiento socialista*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2007.

_____. *Evolução do pensamento filosófico e político de Bakunin*. Piauí: GEAPI, 2014.

CARNAP, Rudolf. *Empirismo, semântica e ontologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CASSIRER, Ernest. *O mito do Estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

CASTORIADIS, Cornelius. *A criação histórica: o projeto de autonomia*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 1991.

_____. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____; ROUANET, Paulo, Sergio; CHAÚÍ, Marilena; ROSENFELD, Denis. *A criação histórica*. Porto Alegre: Artes e Ofício Editora, 1992.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHATELET, François. *História das ideias políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CICERÓN. *La invención retórica*. Madrid: Gredos, 1997.

CIRNE- LIMA, Carlos. *Sobre a contradição*. Porto Alegre: EDIPUC, 1996.

CIVIT, Jesús. *La revolución en Kropotkin: Estudio desde la sociología fenomenológica*. Caracas: Universidade Católica Andrés Bello, 2006.

CHALMERS, Alan. *A fabricação da ciência*. São Paulo: UNESP, 1994.

CHOMSKY, Noam. *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo: Imaginário: Sedição, 2004.

_____. *O lucro ou as pessoas?* São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Tradução para o inglês; Michael Howard e Peter Paret. Tradução do inglês para o português; Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, 1984. www.egn.mar.mil.br.

COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- COHN, Jesse. S. *Anarchism and the crisis of representation: hermeneutics, aesthetics, politics*. United States of America: Selinsgrove: Susquehanna University Press, 2006.
- COGGIOLA, Oswaldo (org). *Escritos sobre a Comuna de Paris*. São Paulo: Xamã, 2002.
- _____. *Imperialismo e guerra na Iugoslávia: radiografia do conflito nos Bálcãs*. São Paulo: Xamã, 1999.
- COLOMBO, Eduardo. *Análise do Estado como paradigma de poder*. São Paulo: Imaginário: 2001.
- _____. *Democracia e poder: escamoteação da vontade*. São Paulo: Intermezzo, 2016.
- _____. *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário. 2005.
- CORRÊA, Felipe. *Reforma e revolução*. São Paulo: Faísca publicações libertárias, 2006.
- _____. *Teoria bakuniniana de Estado*. São Paulo: Intermezzo/ Imaginário, 2014.
- _____; ROCHA, Bruno Lima; CORRÊA, Anderson Romário Pereira. *História por anarquistas*. Porto Alegre: Deriva, 2010.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1985.
- _____. *A origem das espécies: esboço de 1842*. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil. 1996.
- _____. *A expressão das emoções do homem e nos animais*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- DAVIS, Angela. *Mulher, Raça e Classe*. Tradução Livre. Plataforma Gueto_2013.
- DAWKINS, Richard. *A grande história da evolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *O gene egoísta*. São Paulo: EDUSP, 1979.
- DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. São Paulo: EbooksBrasil.Com, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DESCARTES, René. *Meditações sobre a filosofia primeira*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- DÍAZ, Carlos. *Max Stirner uma filosofia radical do eu*. São Paulo: Imaginário, 2002.

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. *Os tipos de concepção de mundo*. Portugal: LusoSofia: Prees, 1997.

DUMONT, Louis. *O individualismo uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURKHEIM, Emile. *O suicídio*. Lisboa: Presença, 1982.

EINSTEIN, Albert. *A teoria da relatividade: sobre a teoria da relatividade e especial e geral*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

EIZIRIK, Marisam, Faermann. *Foucault um pensador do presente*. Ijuí: Unijuí. 2002.

ERVIN, Lorenzo Kom' Boa. *Anarquismo e revolução negra e outros textos do anarquismo negro*. Brasil: Sunguilar, 2015.

ESCALES, Vanina. Prefácio: *El anarquismo sin el feminismo es una ética finita*. GUZZO, Cristina. *Libertarias em America del sur De la A a la Z*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2014.

EL-HANI, Chardel Niño; MEYER, Diogo. *Evolução e o sentido da biologia*. São Paulo: UNESP, 2005.

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1991.

_____. *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

ELIAS, Norbet. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

_____. *A solidão dos moribundos: seguido de "envelhecer e morrer"*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Os alemães: A luta poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização Volume II*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ELLUL, Jacques. *Mudar de Revolução*. Rio De janeiro: Rocco, 1985.

Encyclopedie Anarchiste. *Seize (le manifeste des)*. <http://www.encyclopedie-anarchiste.org/articles/s/seize.html>.

ENGEL, Parcal; RORTY, Richard. *Para que serve a verdade?* São Paulo: UNESP, 2008.

ENGELS, F. *Socialism Utopian and Scientific*. Written: Between January and March of 1880; Source: Marx/Engels Selected Works, Volume 3, p. 95-151; Publisher: Progress Publishers, 1970; First Published: March, April, and May issues of *Revue Socialiste* in 1880; Translated: from the French by Edward Aveling in 1892 (authorised by Engels) Transcription/Markup: Zodiac/Brian Baggins; Online Version: Marx/Engels Internet Archive (marxists.org) 1993, 1999, 2003. www.marxists.org.

_____. *Carta a Piort Lavrovich Lavroch*. Londres, 12-17 de noviembre de 1875. Fuente: C. Marx & F. Engels, *Obras Escogidas, en tres tomos*, Editorial Progreso, Moscú, 1974, págs. 532-534, 569. Digitalización: Juan Rafael Fajardo, para el Marxists Internet Archive, marzo de 2001.

_____. *De la autoridade*. Escrito: De octubre de 1872 a marzo de 1873. Primera edición: Em diciembre de 1873 en el *Almanacco Repubblicano per l'anno 1874*. Esta edición: Marxists Internet Archive, noviembre de 2000.

_____; KAUTSKY, K. *O socialismo jurídico*. São Paulo: Boitempo, 2012.

ESCANDE, Renaud. *O livro negro da Revolução Francesa*. Lisboa: Aletheia, 2010.

ESCOBAR, Carlos, Henrique. *Epistemologia das ciências hoje*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

ESPINOZA, Bebedictus. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. *Tratado da reforma do entendimento*. Lisboa: Edições 70.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FAUTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.

FELICIO, Vera Lucia G. *A imaginação simbólica nos quatro elementos bachelardianos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FELIZARDO, Joaquim José. *As duas grandes revoluções*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

FERNANDES, Florestan. *Marx, Engels, Lênin a história em processo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- _____. *Os Tabus da História*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2003.
- FEYERABEND, Paul. *A ciência em uma sociedade livre*. São Paulo: UNESP, 2011.
- _____. *Ciencia y anarquia*. La Biblioteca Anarquista Anti-Copyright. Recuperado el 11 de octubre de 2015 desde www.theyliewedie.org, es.theanarchistlibrary.org.
- _____. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- FLORENZANO, Modesto. *As revoluções burguesas*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Genealogia del racismo*. La Plata: Altamira, 1976.
- _____. *La vida de los hombres infames*. La Plata: Autamira, 2008.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições, Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir; nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOULQUIÉ, Paul. *A dialética*. Portugal: Publicações Europa América, 1978.
- FOURNIER, M. *Marcel Mauss ou a dádiva de si*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, n. 21, p. 104-112, fev. 1993.
- FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. São Paulo: Edição Standard Brasileira, Vol. XIII, Editora IMAGO, 1974.
- GADAMER, Hans-Georg. *La dialética de Hegel: cinco ensayos hermenéuticos*. Madri, 2000.
- _____. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GARAUDY, Roger. *Marxismo do século XX*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1967.
- GARCIA MORIYÓN, Félix. *Del socialismo utópico al anarquismo*. Buenos Aires: Libros Anarres. (KROPOTKIN: 1977, II, p. 130). 2008.
- GAY, Peter. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GENDROP, Paul. *A civilização Maia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- GENRO, Fernando Tarso; FILHO, Adelmo Genro. *Lênin coração e mente*. São Paulo: Expressão Popular: 2003.

_____. *Política & modernidade*. Porto Alegre: Ortiz, 1990.

GIACCOIA JUNIOR, Oswaldo. *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GIANNOTTI, José Arthur. *Lebrun o único em suas propriedades*. Recebido para publicação em 9 de dezembro de 2011. *Novos estudos*, CEBRAP, 92, março 2001. P. 133-141.

GILROY, Paul. *Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007. pp.31-32.

GIRÓN, Álvaro. *Evolucionismo y Ética Pedro Kropotkin*. Dpto. H^a Ciencia, I.I-I., CSIC. 231-248.

GOLDMAN, Emma. *O individuo, a sociedade e o Estado e outros ensaios*. São Paulo. Imaginário, 2007.

GOMBIN, Richard. *As origens do esquerdismo*. Lisboa, Dom Quixote, 1972.

GORELIK, Anatol. *El anarquismo em la Revolución Rusa*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *La Revolución Contra el Capital*. Escrito: 1917 Primera Edición: Aparecido en Avanti, edición milanesa, el 24 de noviembre de 1917. Reproducido en el Il Grido del Popolo el 5 de enero de 1918 Digitalización: Aritz Esta Edición: Marxists Internet Archive, año 2001.

GRANT, Madison. *The passing of the great race of the racial bases of European history*. New York: Charles scribner's sons. 1916.

GRANGER, G. G. *O irracional*. São Paulo: Editora UNESO, 2002.

GRESPLAN, Jorge. *Revolução Francesa e iluminismo: a crítica radical do espírito das luzes críticas, éticos românticos uma nova ordem social*. São Paulo: Contexto, 2008.

GROUP, Etc. *Tecnologia atômica a nova frente das multinacionais*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GUÉRIN, Daniel. *El anarquismo*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008.

_____. *Marxismo y socialismo libertário*. Buenos Aires: Proyección. 1964.

_____. *O futuro pertence ao socialismo libertário*. Rio de Janeiro: Germinal, 1980.

_____. *Para un marxismo libertário*. Buenos Aires: Proyección, 1969.

GUILLAUME, James. *A Internacional. Documentações e recordações 1*. São Paulo: Imaginário, 2009.

GUIMARÃES, Renato (org). *Lênin no poder (1917-1923) textos pós-revolução de V.I. Lênin*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

GURIAM, Waldemar. *O bolchevismo: introducción al comunismo soviético*. Madri: Rialp, 1956.

GURVITCH, Georges. *Proudhon*. Lisboa: Edições 70, 1983.

GUYAU, Jean-Marie. *A irreligião do futuro: Estudos sociológicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HABERMAS, Jürgen. *A ética da discussão e a questão da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *La lógica de las ciencias sociais*. Madri: Tecnos, 1996.

_____. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. *O futuro da natureza humana*. São Paulo: Martins fontes, 2004.

HAMILTON, W. D. *The Genetical Evolution of Social Behaviour*. London: The Galton Laboratory, University College. J. Theoret. Biol. (1964) '7, 1-16.

HAMON, Thierry. *Aux origines de la suppression des corporations par la revolution francaise: les conceptions de guy-charles le chapelier (père) sur la reforme des communautes de metier bretonnes, a travers un memoire inedit de 1782*. (Université de Rennes I): Guy-Charles Le Chapelier et la question corporative. *Revue Historique de Droit Français et Etranger*, Sirey, 74ème année, 1996, n° 4, pp. 525-566.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HARARI, Yuval, Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

_____. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HARTMANN, Nicolai. *A filosofia do idealismo alemão*. Lisboa: Gulbenkian, 1960.

HAWTHORN, Geoffrey. *Iluminismo e desespero: uma história da sociologia*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982.

- HEACKEL, Ernest. *O monismo*. São Paulo: eBooksBrasil, 2002.
- HEGEL, G. W. F. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. *Fenomenologia do espírito*. São Paulo: Vozes, 2002.
- _____. *Princípios da filosofia do direito*. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.
- HEIDEGGER, Martin. *L'Express*, nº 954, 20-26 outubro de 1969. Traducido por Julio Díaz Báez. *Revista Palos de la Crítica*, nº 4 ½; abril septiembre de 1981 México.
- _____. *The question concerning technology*. New York: Harper, 1977.
- HERNANDEZ, Luis Blanco. *Pedro Kropotkin*. Madri: Fundación Emmanuel Mounier, 2010.
- HERRNSTEIN, Richard J; MURRAY, Charles. *The Bell Curve: intelligence and class structure in american life*. United States of America: The Free Press, 1994.
- HITLER, Adolf. *Minha luta*. In Livros.Net.
- HOBBS, Thomas. *Os pensadores: Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico*. São Paulo: Abril Cultura. 1888.
- HOBBSAWM, Eric. J. *A Revolução Francesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- _____. *Era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- _____. *Nações e nacionalismo desde 1780 e 1914*. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1990.
- _____. *O novo século*. São Paulo: Schawarcz, 2000.
- _____. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- _____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- HONNETH, Axel. *Luta pelo reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HUXLEY, Julian. *Ensaio de um humanista*. Rio de Janeiro: Labor, 1977.
- HYPPOLITE, Jean. *Introdução à filosofia da história de Hegel*. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Lisboa, Edições 70, 1995.
- JABLONKA, Eva; LAMB, Marion J. *Evolução em quatro dimensões: DNA, comportamento e a história da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- JANKÉLEVITCH, Vladimir. *O paradoxo da moral*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

IBÁÑEZ, Tomás. *La naturaleza humana: Un concepto excedentário en el anarquismo*. Recuperado el 7 de noviembre de 2015 desde portaloaca.com. Publicado originalmente en la revista *Réfractons*, nº 33, noviembre de 2014. Traducción del autor para la revista *Erosión* N° 5 (segundo semestre de 2015). es.theanarchistlibrary.org.

JAPIASSU, Hilton. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JEANSON, Francis. *El problema moral y el pensamiento de Sartre*. Buenos Aires. Ediciones Siglo veinte. 1968.

JOLL, James. *Anarquistas e anarquismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. São Paulo: Escala, 2007.

_____. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANTOROWICZ, Ernst. *Os dois corpos do rei*. São Paulo: Schwarcz, 1998.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estavam; MORAIS, Marcus Vinícius de. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra Volume I*. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

KESSIDI, Théohar. *As origens da dialética materialista: Heráclito*. Lisboa: Prelo, 1976.

KOSELLECK, Reinhart. *Passado e futuro: contribuição da semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____; MEIER, Christina; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O Conceito de história*. Autêntica Editora, 2013.

_____; GADAMER, Hans-Georg. *Historia y hermenéutica*. Barcelona: Paidós, 1997.

KOSMINSKY, Y. *O professor Toynbee e sua filosofia da história*. São Paulo: Argumentos, 1967.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

_____. *A revolução copernicana: a astronomia planetária no desenvolvimento do pensamento ocidental*. Portugal: Edições 70, 2002.

LACOSTE, Jean. *A filosofia no século XX*. Campinas. SP: Papyrus, 1988.

KONDER, Leandro. *A derrota dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

- LE BON, Gustave. *The psychology of socialism*. Ontário, Canada: Batoche Books, 2001.
- _____. *The psychology of Revolution*. Ontário, Canada: Batoche Books, 2001.
- LEBRUN, Gérard. *O avesso da dialética: Hegel a luz de Nietzsche*. São Paulo: Schwarcz, 1988.
- _____. *O que é o poder*. São Paulo. Brasiliense. 2007.
- LEFEBVRE, Henri. *O pensamento de Lenine*. Lisboa: Moraes Editores, 1969.
- LEHNING, Arthur. *Conversaciones con Bakunin*. Barcelona: Anagrama, 1978.
- _____. *Marxismo e la anarquismo em la Revolución Rusa*. Buenos Aires: Luta libertaria, 1971.
- LENIN, Vladimir I. *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*. Rio de Janeiro: Vitória, 1960.
- _____. *Cadernos sobre a dialética de Hegel*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- _____. *Que Fazer?* São Paulo: Hucitec, 1979. The Marxists Internet Archive.
- _____. *Estado e revolução*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.
- _____. *Obras completas tomo VII: setiembre de 1903 – diciembre de 1904*. Madri: Akal Editor, 1976.
- _____. *Obras completas tomo XVIII*. Madri: Akal Editor, 1976.
- _____. *O imperialismo etapa superior do capitalismo*. Campinas São Paulo: FE/UNICAMP, 2011.
- _____. *Últimos escritos (testamento político) & Diário da Secretária*. Belo Horizonte: Aldeia Global, 1979.
- LEVAL, Gaston. *Bakunin fundador do sindicalismo revolucionário a dupla greve de Genebra*. São Paulo: Imaginário, 2007.
- _____. *Concepções construtivas do socialismo libertário*. In: MINTZ, Frank; In: MINTZ, Frank; BERTHIER René. *Autogestão e anarquismo*. São Paulo: Imaginário, 2002.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. Portugal: Presença, 2003.
- LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. São Paulo: Ícone, 2013.
- LÓPEZ, Fábio López. *Poder e domínio*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2001.
- LÖWY, Michael. *A filosofia da história de Walter Benjamin*. ESTUDOS AVANÇADOS 16. Palestra feita pelo autor em 28 de janeiro de 2002 na sede do Instituto de Estudos Avançados da USP.
- LUKÁCS, Georg. *El asalto a la razon*. México: Fondo d Cultura Economica, 1959.
- LUTA LIBERTÁRIA (org). MALATESTA Errico; FABBRI, Luigi. *Anarco comunismo italiano*. São Paulo: Expressão e Arte Editora.

LUXEMBURGO, Rosa; LÊNIN. *Partido de massas ou partido de vanguarda? Polêmica Rosa, Lênin*. São Paulo: Ched Editorial. 1981.

_____. *Revolução Russa*. Petrópolis: Vozes. 1991.

VILAIN, Eric. *A questão econômica*. In: GUÉRIN, Daniel; ROCKER, Rudolf; JOYEUX, Maurice. RAGON, Michel; BARRUÉ, Jean. *Anarquistas Julgam Marx*. Brasília: Novos Tempos, 1986.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

LYRA, Edgar. *Heidegger, história e alteridade: Sobre a essência da verdade como ponto de partida*. *Natureza Humana* 8(2): 337-356, jul.-dez. 2006.

MACIEL, Maria Lucia; ALBAGLI, Sarita (orgs). *Informação, conhecimento e poder: mudança tecnologia e informação social*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MAGALHÃES, Fernando. *O passado ameaça o futuro - Tocqueville e a perspectiva da democracia individualista*. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 12 (1): 141-164, maio de 2000.

MAIA, A. C. do Amaral. *O ostracismo e os contratos admirativos direito e biologia evolutiva*. Brasília a. 40n. 159. Jul-set. 2003.

MAQUIAVEL. *O Príncipe*. Porto Alegre: L&PM. 1998.

MAKHNO, Nestor; ALEXANDRE, Skirda, BERKMAN, Alexandre. *Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia*. São Paulo: Imaginário, 2001.

MALATESTA, Errico. *Anarquistas socialistas e comunistas*. São Paulo: Imaginário 2014.

_____. *Escritos revolucionários*. São Paulo: Novos tempos, 1990.

_____. *Studi Sociali*, 15 de abril 1931; reimpresso em E. Malatesta, *Scritti scelti*, ed. C. Zaccaria y G. Berneri (Nápoles 1947).

MALON, Benoît. *A Internacional sua história e seus princípios*. São Paulo. Imaginário. 2014.

MANIERI, Dagmar. *Teoria da história: a gênese dos conceitos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARABLE, Manning. *Malcolm X, uma vida reinvenções*. São Paulo: Companhia da Letras, 2013.

MARCUSE, Hebert. *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1978.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MAESTRI, Mário; CARBONI, Florence. *A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Biotempo, 2005.

_____. *Liberdade de imprensa*. Porto Alegre: L&M, 2006.

_____. *O capital: crítica da economia política volume I tomo I*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. *O capital: crítica da economia política volume I tomo II*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. GUESDE, Jules. *The Programme of the parti Ouvrier*. www. Marxists. Org.

MARX & ENGELS. *Anarquismo*. São Paulo. Editora Acadêmica. 1997.

_____. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Obras escolhidas volume I*. Rio de Janeiro: Vitória, 1961.

_____. *Textos filosóficos*. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

MAXIMOFF, Grigori Petrovich. *Sindicalistas na Revolução Russa*. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.

MAYR, Ernst. *Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

_____. *O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MBAH, Sam; IGARIWEY, I. E. *African anarchism the history of a movement*. Arizona: See Sharp Press, 1997.

MCQUINN, Jason. *Desmoralizando el moralismo: la futilidad de los valores fetichizados*. Recuperado el 3 de marzo desde columnanegra.net El presente texto fue publicado originalmente en *Anarchy: A Journal of Desire Armed #58 Fall-Winter 2004–2005*. Traducido por Columnanegra.net. es.theanarchistlibrary.org.

MECHOSO, Juan Carlos. *A estratégia do especificismo: entrevista a Felipe Corrêa*. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2015.

MENEZES, Djacir. *Hegel e a filosofia soviética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1958.

_____. *Proudhon, Hegel e a dialética*. Rio de Janeiro: 1966.

- MERLEAU-PONTY, Maurície. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- _____. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital rumo a uma teoria de transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MICHELET, Jules. *O Povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MINTZ, Frank (org). *Anatol Gorelik. El anarquismo em la revolución rusa*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2007.
- _____. *Autogestão e anarcosindicalismo: análises e críticas relativas à Espanha, 1931-1990*. São Paulo: Intermezzo, 2016.
- MONTEFIORE, Simon Serbag. *Os Romanov 1613-1918*. São Paulo: SCHWARCZ, 2016.
- MOREAU, Joseph. *Espinosa e o Espinosismo*. Lisboa: Edições 70, 1971.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORRIS, Christopher W. *Um ensaio sobre o Estado moderno*. São Paulo. Landy Editora, 2005.
- MUSTO, Marcello. *Trabalhadores, Uni-vos! Antologia da I Internacional*. São Paulo. Boitempo, 2014.
- NAIVA, Ricardo. *Verdade racionalidade e relativismo em H. Putnan*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- NETTO, José Paulo. *Entrevista: José Paulo Netto*. Trab.Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v.9 n.2, p.333-340, jul. /out.20 11.
- NETTLAU, Max. *Comunismo Autoritário y comunismo libertario*. La Biblioteca Anarquista. 1928. Recuperado el 28 de diciembre de 2013 desde klibertaria.comyr.com Digitalización KCL. es.theanarchistlibrary.org.
- _____. *História da anarquia ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008.
- NEUMANN, Elisabeth. *La espiral del silencio. Opinión pública: nuestra piel social*. Barcelona: Paidós, 1995.

- NEWMAN, Saul. *From Bakunin to Lacan: anti-authoritarianism and the dislocation of power*. Citeseerx.ist.psu.edu. 2001.
- NICOLELIS, Miguel. *Muito além de nosso eu: a nova neurociência que une cérebro e máquinas e como ela pode mudar nossas vidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Da utilidade e do inconveniente da história para a vida*. São Paulo: Editora Escala, 2008.
- _____. *Gaia da Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Páginas de autobiografia*. Lisboa: Guimarães Editores, In *Ecce Homo*, trad. De José Marinho. Lisboa: Guimarães Editores, 1977.
- _____. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Hedra, 2008.
- Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri. *Anarquistas no sindicato: um debate entre Nevo Vasco e João Crispim*. São Paulo: Terra Livre, 2014.
- OLDEROGGE, O. *Migrações e diferenciações étnicas e linguísticas*. In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África: metodologia é pre-história da África*. Brasília, UNESCO, 2010.
- OLIVEIRA, Bernardo, Jeferson de. *Os circuitos de Fleck e a questão da popularização da ciência*. In: (org) CONDÉ, Mauro, Lúcio, Leitão. *Ludwik Fleck: estilo de pensamento na ciência*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.
- ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- PANNEKOEK, Anton. *Los consejos obreros*. Primera publicación: En la revista *International Council Correspondence* (Vol. II No. 5, abril 1936). Edición digital: (En ingles) Endpage.com / (En castellano) Círculo Internacional de Comunistas Antibolcheviques, 2005 Versión al castellano: Traducido del inglés por el Ricardo Fuego para el Círculo Internacional de Comunistas Antibolcheviques, 2005. Esta edición: Marxists Internet Archive, mayo de 2006. www.marxists.org.
- _____. *Marxismo e darwinismo*. <http://www.marxists.org>.
- PCUS. *Mikhail Kilev Khruchov e a desagregação da URSS - Ensaio analítico sobre o relatório de Nikita Khruchov apresentado à sessão secreta do Comité Central do PCUS em 25 de Fevereiro de 1956: Dedicado aos veteranos da Grande Revolução Socialista de Outubro*. Para a História do Socialismo www.hist-socialismo.net. 2008.

- PELERMAN, Chaïm; TYTECA-OLBRECHTS, Lucie. *Tratado da Argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. XII.
- PECORATO, Rossano. *Nilismo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2007.
- PENA, Sergio D. J. *Razões para banir o conceito de raça da medicina brasileira*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 321-46, maio-ago. 2005.
- PEREIRA, Julio Cesar R. (org). *Popper as aventuras da racionalidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- PETITFILS, Jean-Christian. *Os socialistas utópicos*. São Paulo: Círculo do Livro. 1977.
- PIERRE; FAVRE Monique. *Os marxismos depois de Marx*. São Paulo: Àtica, 1991.
- PLATÃO. *A república*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.
- PLEKHANOV, George. *Arte e a vida social*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- _____. *O papel do individuo na história*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- POINCARÉ, Henri. *A Ciência e a hipótese*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- POPPER, Karl. *A miséria do historicismo*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- PRÉPOSIET, Jean. *História do anarquismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- PROUDHON, Pierre Joseph. *Carta de P.J. Proudhon a Karl Marx (17 de mayo de 1846)*. Recuperado el 23 de marzo de 2013 desde La Alcarria Obrera. es.theanarchistlibrary.org.
- _____. *El principio federativo*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2008
- _____. *Filosofia da miséria Tomo I*. São Paulo: Editora Escala, 2007.
- _____. *Solução do problema social*. São Paulo: Imaginário, 2014.
- QUESNAY, François. *Economia*. São Paulo: Ática, 1984.
- QUIGLEY, Carrol. *A evolução das civilizações*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- RAGO, Margareth; GIMENEZ, Renato Aloizio de Oliveira (Org). *Narrar o Passado, repensar a história*. Campinas, SP: UNICAMP/ IFCH, 2014.
- RAMACCIOTTI, Bárbara Luchesi. *Espinosa e Nietzsche: conhecimento como afeto ou paixão mais potente?* Cadernos Espinosanos, São Paulo, n.31, p.57-80, jul-dez 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. São Paulo: UNESP, 2014.

- RANKE, Leopold Von. *Historia de los papas en la época moderna*. México: FCE, 1943.
- RAUSCHNING, Hermann. *Germany's revolution of destruction*. New York: William Heinemann, 1938.
- _____. *The voice of destruction*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1940.
- RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- RAYNAUD, J-M. *Apelo à unidade do movimento libertário*. São Paulo: Imaginário, 2003.
- REIS, José Carlos. *História da consciência histórica ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- _____. *Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Editora Ática, 1994
- _____. *Tempo, história e evasão*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1994.
- RÉMOND, René. *O antigo regime e a Revolução 1750-1815*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- _____. *O Século XIX, 1815-1914*. Editora Cultrix, São Paulo, 1990.
- RIKOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: São Paulo: UNICAMP, 2007.
- _____. *Ética e moral*. Covilhã: Lusofia Press, 2011.
- RICHARDS, Vernon (org.) *Malatesta pensamiento y acción revolucionários*. Buenos Aires. Tupac Ediciones, 2007.
- RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002.
- ROCKER, Rudolf. *Anarcosindicalismo Teoría y practica*. Madri. Tierra Libertad. 2009.
- _____. *As ideias absolutistas no socialismo*. São Paulo: Ebooksbrasil, 2002.
- _____. *Nacionalismo y cultura*. La Biblioteca Anarquista. 1936. Recuperado el 18 de junio de 2013 desde [antorcha.net.es.theanarchistlibrary.org](http://antorcha.net.es/theanarchistlibrary.org).
- _____. *Nacionalismo y cultura*. Buenos Aires: Mercantali, 1942.
- _____. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2000.
- RODRIGUES, Edgar. *ABC do sindicalismo revolucionário*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2004.

ROHDEN, C. S. *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ROSENBERG, Arthur. *Historia del Bolchevismo*. México: Pasado y Presente, 1977.

ROTHBARD, Murray, N. *A anatomia do Estado*. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises, 2012.

ROUANET, Paulo Sergio. *Mal estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RUSSELL, Bertrand. *A última oportunidade do homem*. Lisboa: Guimarães Editores, 2001.

_____. *Caminhos para a liberdade: socialismo anarquismo e sindicalismo*. São Paulo: Companhia Nacional, 1955.

_____. *Ética e política na sociedade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. *Retratos de memória e outros ensaios*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1958.

SAFLATE, Wladimir. *O circuito dos afetos, corpos políticos e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015

SAGRERA, Martin. *Explosión poblacional, econômica y política: Malthus, Marx y Suramérica*. Buenos Aires: Ediciones La bastilla. 1974.

SANTOS, Mário Ferreira Dos. *Análise dialéctica do marxismo*. São Paulo: Logos, 1953.

_____. *Curso de oratória e retórica*. São Paulo: Logos, 1962.

SAMIS, Alexandre. *Moral pública & martírio privado*. Rio de Janeiro: Achiamé: 1999.

_____. *Negras tormentas o federalismo o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo. Hedra, 2011.

_____. *Pavilhão negro sobre pátria Olivia: sindicalismo e anarquismo no Brasil*. In: COLOMBO, Eduardo. (org). *História do operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004.

- SANTILLÁN, Diego Abad de. *Organismo econômico da Revolução: A autogestão na Revolução Espanhola*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- _____. *Le Marxisme et la Personalité Humaine*. Paris: Editora A. Colin, 1968.
- SCHELLING, F. W. *A essência da liberdade humana*. Petropolis, RJ: Vozes, 1991.
- SCHIENBIGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001.
- SCHLESENER, Anita Helena. *Revolução e cultura em Gramsci*. Curitiba: UFPR, 2002.
- SCHLESINGER, M. Ludwig. *El Estado de los Soviets*. Barcelona: Labor, 1932.
- SCIASCIA, Leonardo. *Majorana desapareceu*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- SCRUTON, Roger. *As vantagens do pessimismo*. Lisboa: Quetzal, 2011.
- _____. *Pensadores da nova esquerda*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- SEARLE, John R. *Intencionalidade*. São Paulo: Martins fontes, 2002.
- SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1993.
- SHATZ, Marchal L. *Jan Waclaw Machajski: A radical critic of the Russian Inteligencia and socialism*. Steven. Sep. 22, 2010: 10:53. Lib.com.org
- SHUB, David. *Kropotkin & Lenin*. Australia: Bastard Press, 2005.
- SILVA, Ricardo Oliveira Da. *Revolução, história e tempo*. História: Debates e Tendências – v. 15, n. 1, jan./jun. 2015, p. 251-267.
- SILVEIRA, Eder. *A cura da raça*. Passo Fundo: UPF, 2005.
- SMITH, John Maynard. *A evolução do sexo*. São Paulo: UNESP, 2012.
- SOREL, George. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- STALIN, J.V. *Anarquismo ou socialismo?* Primeira Edição: Dos jornais "Akhali Droeba" (Tempos Novos) nº. 5, 6, 7 e 8, de 11, 18 e 25 de dezembro de 1906, e de 1º. de janeiro de 1907. "Tchveni Yskhovreba" (Nossa Vida), nº. 3, 5, 8 e 9, de 21, 23 e 28 de fevereiro de 1907. "Dro" (O Tempo), nº. 21, 22, 23 e 26, de 4, 5, 6 e 10 de abril de 1907. Transcrição: Partido Comunista Revolucionário HTML: Fernando A. S. Araújo, maio 2006.
- STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.
- SYLVAIN, Marechal. *El Manifiesto de los iguales*. Omegalfa, 2015.
- TAGLIACOZZO, Giorgio (org.). *Vico y Marx, afinidades y contrastes*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

- TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins fontes, 1992.
- _____. *Las leys sociales*. Barcelona. Casa Editorial Sopena.
- _____. *Leis de imitação*. Porto: Portugal. RÉ S editora. 2000.
- THOMPSON. E. P. *A miséria da teoria ou planetário de erros: uma crítica a teoria de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- TOCQUEVILLE, Alexis De. *A emancipação dos escravos*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- _____. *Igualdade social e liberdade política*. São Paulo: Nerman 1988.
- _____. *O antigo regime e a revolução*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- TAMBOSI, Orlando. *O declínio do marxismo e a herança hegeliana: Lucio Colletti e o debate italiano (1945-1991)*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.
- TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Faísca, 2007.
- _____. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1974.
- _____. *Kropotkin*. São Paulo: L&PM, 1987.
- TRÓTSKY, Leon. *A história da Revolução Russa O triunfo dos Sovietes, Volume III*. Rio De janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. *A revolução permanente*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- _____. *Literatura e revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. *Moral e revolução: a nossa moral e a deles*. Rio de Janeiro: 1978.
- UJVARI, Stefan Cunha. *A história e suas epidemias: a convivência dos homens com os microorganismos*. São Paulo: Senac, 2003.
- VACCARO, Salvo. *Foucault e o anarquismo*. Rio de Janeiro: Achimaé, 1995.
- VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e Anticlericalismo*. São Paulo. Imaginário, 2000.
- VASSILEV, Pano. *Ideia dos Sovietes*. São Paulo: Imaginário, 2008.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo. Martins Fontes. 1996.
- VEBLLEN, Thorstein. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1980.
- VENTURA, Deisy de Freitas Lima; SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. *Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?* Santa Maria: FADISMA, 2005.

- VICENTE, M. M. *História e comunicação na ordem internacional*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p.214. ISBN 978-85-98605-96-8.
- VICO, Giambattista. *Princípios de (uma) ciência nova*. São Paulo: Editora Abril, 1979.
- VINCIGUERRA, Lorenzo. *Spinoza in French Philosophy today*. 2009.
- VIRILIO, Paul. *O Espaço crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- VESENTINI, José William. *Teoria e método: Piotr Kropotkin*. São Paulo. AGB Nacional/AGB São Paulo. p. II. 1986.
- VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. *História do mundo contemporâneo: Da Pax Britânica do século XVIII ao Choque das Civilizações do século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- VOLIN. *La revolucion desconocida*. Buenos Aires: Ediciones F.O.R.A. 1974.
- WIGGERSHAUS, Rolf. *Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico e significação política*. São Paulo: Difel, 2002.
- WILCZYNSKI, J. *A economia do socialismo*. São Paulo: Vértice, 1987.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- _____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: USP, 1968.
- WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.
- _____. *Estudos políticos Rússia 1905-1917*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- WEBER, Thadeu. *Hegel: liberdade, Estado e história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- WHITEHEAD, A. N. *A ciência e o mundo moderno*. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. *O conceito de natureza*. São Paulo: Martins fontes: 1994.
- _____. *Simbolismo o seu significado e efeito*. Lisboa: Edições 70, 1955.
- WOLKMER, Antônio Carlos. *História do direito no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense, 2003.
- WOLFF, Kurt H. (org). *From Karl Mannheim*. United States of American: New Brunswick, 1993.

WOLLMANN, Sergio. *O conceito de liberdade no Leviatã de Hobbes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

WOODCOCK G. *História das ideias e movimentos anarquistas volume I*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. *História das ideias e movimentos anarquistas volume II*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____; AVAKUMOVIC. I. *Peter Kropotkin: From Prince to Rebel*. Montréal: Black Rose Books, 1990.

ZANOTTI, Gabriel. *Epistemologia da economia*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1997.

ZINOVIEV; BUKHARINE; BORDIGA; LENINE; TROTSKY. *A questão parlamentar*. Lisboa: Antídoto.

ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012.